FEDERICO MOCCIA

Sou louco por você

Traduções e Digitalizações

Planeta

Esta obra foi digitalizada/traduzida pela Comunidade Traduções e Digitalizações para proporcionar, de maneira totalmente gratuita, o benefício da leitura àqueles que não podem pagar, ou ler em outras línguas. Dessa forma, a venda deste e-book ou até mesmo a sua troca é totalmente condenável em qualquer circunstância.

Você pode ter em seus arquivos pessoais, mas pedimos **por favor que não hospede o livro em nenhum outro lugar**. Caso queira ter o livro sendo disponibilizado em arquivo público, pedimos que entre em contato com a Equipe Responsável da Comunidade – tradu.digital@gmail.com

Após sua leitura considere seriamente a possibilidade de adquirir o original, pois assim você estará incentivando o autor e a publicação de novas obras.

Traduções e Digitalizações
Orkut - http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=65618057
Blog – http://tradudigital.blogspot.com/
Fórum - http://tradudigital.forumeiros.com/portal.htm
Twitter - http://twitter.com/tradu_digital
Skoob - http://www.skoob.com.br/usuario/mostrar/83127

sou louco
por você

sou louco por você

A CONTINUAÇÃO DE

TRÊS METROS ACIMA DO CÉU

Federico Moccia

Step volta à Roma depois de dois anos em Nova York, para onde viaja a fim de esquecer um grande amor.Tenta retomar a vida, encontrar amigos, arranjar um emprego, voltar a se relacionar com a família. Porém, ele logo percebe que algo mudou dentro de si, mas não sabe ao certo o que é. Quando conhece Gin, uma garota de 19 anos, linda e irreverente, vê suas esperanças se renovarem e volta a acreditar que conseguirá se envolver e se apaixonar. Mas não é fácil esquecer Babi e, quando se depara com ela, sente como se todo o seu mundo cambaleasse... É possível reviver a magia do primeiro amor? Será que conseguimos mudar o rumo de nossa própria história?

Para Gin,

Teu sorriso me contou essa história.

Para a avó Elisa e a tia Maria, que cozinhavam.

Um

Eu quero morrer.

Foi isso que pensei quando fui embora. Quando peguei um avião, há apenas dois anos atrás. Queria acabar com tudo. Sim, um simples acidente era o melhor. Para que ninguém tivesse culpa, para que eu não tivesse que me envergonhar, para que ninguém procurasse um motivo...

Lembro-me que o avião se moveu durante toda a viagem. Havia uma tempestade e todos estavam tensos e assustados. Eu não. Eu era o único que sorria. Quando você está mal, quando você vê tudo preto, quando não tem futuro, quando não tem nada a perder, quando... cada instante é um peso enorme e insustentável. E ofega o tempo todo. E você gostaria de se libertar de qualquer maneira. De qualquer forma. Da mais simples e mais covarde, sem deixar novamente para amanhã esse pensamento: "Ela não está". Já não está. E então, simplesmente, você também não quer estar.

Desaparecer. *Puf.*

Sem muitos problemas, sem incômodos. Sem que ninguém tenha que dizer: "Oh, você já soube? Sim, exatamente ele... Você não sabe como foi..."

Sim, essa pessoa contará seu final, cheio de quem sabe quais e quantos detalhes se inventará algo absurdo, como se te conhecesse de sempre, como se só ele soubesse quais eram seus problemas. É estranho... Se talvez nem sequer você tenha tido tempo de entendê-los. E já não pode fazer nada contra essa gigantesca boca a boca[1]. Que desagradável.

Sua memória será vítima de um imbecil qualquer e você não poderá fazer nada para remediar. Sim, esse dia eu queria ter encontrado um desses mágicos: que colocam um lenço sob uma pomba recém-aparecida e, *puf,* de repente, desaparecem. Desaparecem e pronto. E você sai satisfeito do espetáculo. Talvez você tenha visto dançarinas mais gordas do que o devido,

[1] No original, boca-oreja, que é quando passamos informações de forma verbal.

tenha sentado em uma dessas cadeiras antigas, um pouco duras, em uma sala mal situada, no melhor dos casos em um sótão qualquer. Sim, também cheira a mofo e umidade. Mais uma coisa é certa: você nunca se pergunta para onde a pomba foi. No entanto, nós não podemos desaparecer tão facilmente.

O tempo passou. Dois anos. E agora degusto uma cerveja. Lembrando-me do quanto eu teria gostado de ser essa pomba, sorrio e me sinto um pouco envergonhado.

— Gostaria de outra?

Um comissário de bordo em pé ao lado de seu carrinho de bebidas sorri para mim.

— Não, obrigado.

Olho pela janela. Nuvens tingidas de rosa são atravessadas, leves, ligeiras, infinitas. Um pôr do sol distante. O sol, dando seu último aceno. Não posso acreditar.
Estou voltando. A-27, esse é o meu lugar no avião. Fila da direita imediatamente atrás das asas no corredor central. E estou voltando. Uma linda aeromoça sorri novamente enquanto passa perto. Muito perto. Parece enviada pelo Nirvana:

"If she comes down now, oh, she looks so good..."

Usa um perfume leve, um uniforme perfeito, uma camisa quase transparente até o ponto de deixar aparecer seu sutiã de renda. Caminha para cima e para baixo pelo avião, sem problemas, sem preocupações, sorrindo.

"If she comes down now..."

— Eva é um nome bonito.

— Obrigada.

— Você é um pouco como a primeira Eva, você me tenta...

Fica um momento em silêncio, olhando-me. Tranquilizo-a.

— Mas é uma tentação lícita. Poderia me dar outra cerveja?

— É a terceira...

— É claro, se continua passando assim por meu lado... Bebo para esquecer.
Sorri. Parece realmente divertida.

— Conta sempre o que os passageiros bebem ou sou eu, que ficou

gravada na sua memória?

— Você decide. Note que sou o único que pediu cerveja.

Ela sai, mas antes de ir, sorri novamente. Depois empurra alegremente enquanto se afasta. Coloco minha cabeça no corredor. Pernas perfeitas, meias grossas de compressão, escuras, e sapatos sérios do uniforme como as outras. O cabelo preso, com uma dupla trança enredada com algo mais, e de um loiro com mechas.

Para.

Vejo-a falar com um senhor da minha fila que está um pouco mais a frente. Escuta seu pedido. Sempre concorda, sem falar. Depois diz algo rindo e o tranquiliza. Vira uma última vez para mim antes de ir. Olha para mim. Olhos verdes.

Uma virada ligeira. Uma sombra de cor ébano e algo de curiosidade. Estendo meus braços. Desta vez sou eu quem sorri. O senhor diz algo mais. Ela responde com seriedade e depois se afasta.

— Muito bonita esta aeromoça.

A senhora ao meu lado se intromete em meus pensamentos. Atenta e sorridente, olhos apertados por trás de óculos grossos. Cinquenta anos bem usados, não como seus dois brincos, muito grandes, igual ao azul pesado que usa em suas pálpebras.

— Sim, uma *gnocca*.

— O quê?

— É uma *gnocca*. Em Roma, dizemos isso de uma aeromoça como essa. Realmente dizemos muito mais, mas não me parece apropriado comentar.

— *Gnocca*... — Sacode sua cabeça. — Nunca ouvi falar.

— *Gnocca*... às vezes bonita *gnocca*. É uma expressão simpática roubada do macarrão. Você sabe como são os nhoques, certo?

— Sim, claro. Já ouvi falar e comi um monte de vezes.

Ri, divertida.

— Perfeito, você gostou?

— Muitíssimo.

— Vê, então é fácil. Quando se diz que uma menina é uma *gnocca*, quer dizer que está "boa", como os nhoques que você comeu.

— Sim, mas acho estranho pensar nela como um nhoque. Isso me parece... como é que se diz?... isso é grosseiro!

— Não! Você tem que pensar nesses nhoques que levam molho quente por cima, com tomate doce, esses que se desfazem na boca, que quase se pregam até que a língua tem que despregá-los do paladar.

— Sim, eu entendi. Parece que você gosta muito de nhoques.

— Bastante.

— Você come frequentemente?

— Em Roma, com muita frequência. Em Nova York não provei da comida italiana... o que eu sei? Por princípios, talvez.

— Que estranho, dizem que há um montão de restaurantes italianos ótimos.

Oh, olhe, está voltando a... *gnocca*.

A senhora ri, divertida, e aponta para a aeromoça, que chega sorrindo com um copo de cerveja. É tão bonita que parece quase saída de um anúncio.

— Diga que ela é uma *gnocca*, e verá como ela gosta.

— Você acha que eu...

— Não, asseguro que é um elogio.

— Então, digo?

— Diga.

A aeromoça chega e me oferece uma pequena bandeja com o copo encima de um monte de guardanapos.

— Aqui está sua cerveja. Não posso servir nada mais por que estamos prestes a aterrissar.

— Não se houvesse pedido. Estou começando a esquecê-la, mas não é fácil.

— Ah, sim... Bem, obrigado.

Provo a cerveja.

— Está muito boa, obrigado, perfeita, fria no ponto certo. Além disso, trazida por você, que parece a cerveja do anúncio.

— Responda-me uma curiosidade. Qual é a primeira coisa que esquecerá?

— Talvez como você está vestida...

— Não gosta do nosso uniforme?

— Muito. É que a imaginei de uma maneira diferente... Ela me olha, perplexa, mas não lhe dou tempo para responder.

— Você ficará muito tempo em Roma?

— Alguns dias... Setembro em Roma é uma maravilha. Quero passear e fazer compras; talvez encontrar algo que não esquecerei.

— Oh, estou certo. Encontrará a roupa perfeita para você. Por que você é... como dizer?... como se diz?

Eu viro para a senhora sentada ao meu lado.

— Por favor, ajude-me.

A senhora parece um pouco sem graça, mas depois diz:

— Você é uma... *gnocca*!

A aeromoça olha para ela, perplexa, por um instante, e depois olha para mim. Levanta a sobrancelha e, de repente, começa a rir. Menos mal. Tudo saiu bem. Até eu rio.

— Oh, muito bem, senhora, isso é exatamente o que eu teria dito! A aeromoça, chamada Eva, se afasta, sacudindo sua cabeça.

— Apertem os cintos, por favor.

Sua parte traseira se move perfeitamente como todo o resto. Perfeita como as asas de uma borboleta, uma borboleta pronta para ser caçada. Havia um verso de uma música que me fazia enlouquecer quando eu estava nos Estados Unidos, um verso em inglês de alguns anos atrás...

"I'm gonna keep catching that butterfly…", da banda *The Verve.*

Tento lembrá-la inteira, mas não consigo. Uma voz me distrai. A senhora está mexendo em algo, e não faz exatamente em silêncio.

— Ugh, nunca consigo encontrar o cinto nessas aeronaves. Ajudo a mulher, que estava literalmente sentada encima.

— Aqui está, senhora, aqui debaixo.

— Obrigada, mas não consigo entender para que isso serve. Não é como se nos mantivessem muito presos, por assim dizer.

— Ah, isso não, certamente.

— Sim, quero dizer... que se nós fossemos jogados, não seria como em um carro.

— Não, como ir em um carro precisamente, não... Está nervosa?

— Estou morrendo de nervosa. Ela olha para mim e se arrepende de ter usado essa expressão.

— Mas, senhora, o destino é o destino.

— O que quer dizer?

— O que eu disse.

— Sim, mas o que quer dizer?

— Você entendeu muito bem.

— Sim, mas esperava não ter entendido. Os aviões me dão pânico.

— Não sabia.

Vejo-a muito preocupada enquanto sorri para mim com a boca pegajosa. Sorvo minha cerveja e decido me divertir.

— E pensar que a maioria dos desastres aéreos acontecem no momento da decolagem ou...

— Ou?

— Na aterrissagem, quer dizer, daqui a pouco.

— Mas, o que está dizendo?

— A verdade, senhora, sempre devo dizer a verdade. Eu tomo um grande gole de cerveja e do canto do meu olho, percebo que ela me olha fixamente.

— Por favor, diga-me algo.

— O que quer que eu diga, senhora?

— Distraia-me, não me deixe pensar no que poderia... Aperta minha mão com força.

— Está me machucando.

— Oh, desculpe-me.

Afrouxa um pouco, mas não solta. Começo a contar-lhe algo. Pedacinhos da minha vida um pouco confusos, enquanto me lembro.

— Então, quer saber por que fui embora? — A senhora assente. Não consegue articular uma palavra.

— É uma longa história... — Assente com ainda mais vigor; só quer escutar qualquer coisa, para poder se distrair. Tenho a sensação de falar com um amigo, com meu amigo...

— Chamava-se Pollo, isso. Nome estranho, não é? — A senhora não sabe se deve dizer sim ou não, o que seja para que eu continue falando.

— Ele é o amigo que perdi há mais de dois anos. Estava sempre com sua namorada Pallina. Uma pessoa encantadora, olhos vivazes, sempre alegres, com caráter, de brincadeira fácil e afiada... — Escuta em silêncio, com olhos curiosos, quase hipnotizados por minhas palavras. É estranho... como às vezes você se sente mais cômodo com uma pessoa que não conhece, e fala de si mesmo com mais liberdade. Sendo sincero. Talvez por que não interesse sua opinião.

— Eu, no entanto, estava com Babi, a melhor amiga de Pallina.

Babi. Eu conto tudo... Como a conheci, como comecei a rir, como me apaixonei, como a perdi... Só se percebe a maravilha do amor quando o perde. Talvez alguém se sinta assim quando vai ao psicanalista; é algo que sempre me perguntei. Mas, dessa maneira, consegue ser realmente sincero? Eu tenho que perguntar a alguém que já tenha experimentado. Penso enquanto falo. Faço pequenas pausas de vez em quando. A senhora, divertida e curiosa, se interessa; agora já está mais calma, e inclusive soltou minha mão. Esqueceu da tragédia do avião. Agora, ela se interessa pela minha.

— E você voltou a falar com Babi?

— Não, eu conversei com meu irmão de vez em quando. E, algumas vezes, com meu pai. Mas não com muita frequência, por que as ligações de Nova York saem caras.

— Você se sentiu sozinho?

Conto-lhe algo vago. Não consigo dizer. Senti-me menos sozinho do que em Roma. Depois, inevitavelmente, falei da minha mãe. Mergulho à fundo e quase me diverte ofender os princípios da mulher.

Minha mãe traiu meu pai. Eu a peguei com o cara que morava em frente.

Quase não acreditou. A notícia fez com que ela se esquecesse de tudo.

O avião? Nem sequer se lembra de que estar em um avião. Faz-me mil perguntas... Quase não consigo acompanhá-la. Como pode ser que nos interessemos tanto pelo assunto dos outros? Temas picantes, detalhes proibidos, atos quase obscuros ou pecados vis. Talvez por que assim, só escutando, não se suja. A senhora parece desfrutar e, ao mesmo tempo, sofrer

com meu relato. Não sei se é sincera; na verdade, não me interessa.

Conto tudo sem problema. A violência que usei com o amante da minha mãe, meus silêncios em casa, nunca ter contado nada para meu pai nem para meu irmão. E depois, o julgamento. Minha mãe sentada ali, na minha frente. Ela, em silêncio; ela, que não teve coragem de admitir o que tinha feito. Ela, que não pode confessar sua traição para justificar minha violência.

E eu ali, sereno, quase rindo do juiz, que me culpava de um ato para mim tão natural: machucar um imbecil que tinha violado o ventre da mulher que me gerou.

A senhora me olha com a boca aberta. Podemos dizer de mil maneiras... Mas uma coisa é brincar como fez Benigni quando saltou sobre a Càrra. Aqui, no entanto, se tratava da minha mãe.

A mulher percebe. Repentinamente, volta a ficar séria. Silêncio. Então, tento desestressar:

— Como diria Pollo, a minha *Beautiful* está, eu adoro essa música! No lugar de se escandalizar, ri; agora já é cúmplice.

— E depois? — pergunta-me com curiosidade pelo próximo capítulo.

Eu sigo falando sem problemas, sem rodeios. Minha história é impagável. Explico por que fui aos Estados Unidos, quis ir embora com a desculpa de fazer um curso de desenho gráfico...

— É fácil estar em uma grande cidade... É melhor mudar sua vida de forma radical. Novas realidades, pessoas novas e, sobretudo, nenhuma recordação. Um ano de conversas difíceis em inglês, ajudadas pela presença de algum outro italiano encontrado casualmente. Tudo muito divertido, uma realidade cheia de cores, música, sons, tráfego, festas e novidades. Um barulho imenso envolto em um silêncio. Nada do que as pessoas te dizem tem a ver com ela, poderia evocá-la, dar-lhe vida novamente. Babi... Dias inúteis para deixar descansar meu coração, meu estômago, minha cabeça. Babi. Impossibilidade total de voltar, de estar um momento debaixo de sua casa, de encontrá-la na rua. Babi. Em Nova York não há perigo... Em Nova York não há espaço para Battisti: "E se volta a minha mente é só pensar que não está, que estou sofrendo inutilmente por que sei, eu sei, eu sei que voltará". Falsos acordes para tentar evitar todos os lugares que conhece e ela também

frequenta, Babi. A senhora sorri.

— Eu também conheço essa canção. Cantarola muito ruim.

— Sim, é essa. Tento dar minha pequena contribuição para a interpretação de *Corrida*. Mas o avião me salva. *Sta-tu-p*. Um ruído seco e metálico. Um movimento rígido e uma pequena sacudida no avião.

— Meu Deus, o que é isso? A senhora se lança sobre minha mão direita, a única livre.

— É o trem de pouso, não se preocupe.

— Mas, como não vou me preocupar? Sempre faz tanto ruído? Parece que se soltou...

Não muito longe, a aeromoça e os outros membros da tripulação ocupam assentos livres e alguns estranhos assentos laterais perto das saídas. Procuro Eva, a encontro, mas ela não olha para mim. A senhora tenta se distrair sozinha.

Consegue. Solta minha mão em troca de uma última pergunta.

— Por que acabou?

— Por que Babi foi embora com outro.

— Como? Tua namorada? Com tudo que você me contou?

Agora ela se diverte mais colocando seu dedo na ferida. O avião e sua aterrissagem passaram para segundo plano. E me enche de perguntas até não deixar nenhuma; e, além disso, presa em um arrebatamento, começa a me pressionar. E vai direto ao ponto. "Desde que a deixou, fez amor com outra mulher?" E ainda mais ao fundo, como os *Stukas* nos desenhos animados, Linus, o barão vermelho: "Voltaria com ela?" Paciência e seus tiroteios: "É possível que a perdoe?" "Você já falou com alguém?" Ou a cerveja subiu para minha cabeça ou ela e suas perguntas estão fazendo com que minha cabeça gire. Ou a dor desse amor ainda não esquecido. Já não entendo nada. Só sinto a batida do motor do avião e a turbina girando ao contrário com o processo de aterrissagem. Tenho uma ideia, que pode me salvar deste interrogatório...

— Olha as luzes da pista. Não conseguiremos — digo, rindo, adorando novamente esse jogo.

— Oh, meu Deus, é verdade, ali estão...

Olha assustada pela janela o avião e suas asas, que quase roçam o chão e

ondeiam indecisas. Ela agarra minha mão direita. Olha para fora outra vez. Ainda no último momento lança sua cabeça para trás no assento e empurra as pernas para frente, como se quisesse frear com os pés. Crava suas unhas na minha mão.

Com um suave rebote, o avião toca a terra. Em seguida, as turbinas dos motores começam a girar ao contrário e a enorme massa de aço treme enlouquecida em todos os seus assentos, inclusive no da senhora. Mas ela não se dá por vencida. Fecha os olhos com força e treme segurando minha mão.

— O comandante informa que chegamos a Roma *Fiumicino.* A temperatura exterior...

Uma tentativa de aplauso começa no fundo do avião, apagando-se quase em seguida. Isso já não está na moda.

— Bom, conseguimos.

A senhora suspira: — Graças a Deus.

— Talvez nos encontremos novamente.

— Oh, sim, eu gostaria muito de falar com você. Mas é verdade tudo isso que você me contou?

— Tão certo quanto que você apertou minha mão. Eu mostro minha mão direita e a marca das suas unhas.

— Oh, sinto tanto.

— Não se preocupe.

— Meu Deus...

— Não, de verdade, não tem importância.

Alguns celulares começam a tocar. Sorrisos de tranquilidade após a aterrissagem. Quase todos abrem os compartimentos acima dos assentos e tiram bolsas com presentes trazidos dos Estados Unidos, mais ou menos inúteis, e dispostos a entrar na fila e sair o quanto antes. Depois de horas imóveis no avião, onde alguém se vê obrigado a fazer um balanço dos anos passados até o momento, volta-se para a vontade de não pensar, aos falsos pensamentos, a carreira para o objetivo final.

— Adeus.

— Obrigada, boa noite.

Aeromoças, mais ou menos bonitas, nos cumprimentam na saída do

avião. Eva, com um comportamento profissional e um sorriso estampado, cumprimenta todos, perfeita.

— Obrigado pelas cervejas.

— É meu trabalho.

Sorri, talvez com mais naturalidade.

— Se tiver algum problema... — entrego meu cartão. Ela o olha perplexa: é meu número de Roma.

— Este cartão foi meu exame no curso de desenho gráfico.

— E foi bem?

— Ficaram todos muito contentes. Eles acharam incrível dividi-la em azul e branco.

— É bonito.

Ela coloca em seu bolso. Não quis dizer que sou de Lazio. Depois, desço as escadas. Vento quente. Setembro. São apenas oito e meia e o sol se põe. Pontualidade britânica. É bonito caminhar outra vez, depois de ter voado durante oito horas. Subimos no ônibus. Olho a multidão. Alguns chineses, um americano robusto, um cara que não deixa de escutar um desses Samsung YP — T7X de 512 MB que também vi em Nova York. Duas amigas de férias que já não conversam, cansadas pela longa convivência. Um casal apaixonado. Riem, dizem sempre algo mais ou menos útil, e brincam. Invejo-os ou, melhor dizendo, gosto de olhá-los. Minha companheira de viagem, a senhora rechonchuda que agora sabe sobre tudo da minha vida, se aproxima. Olha para mim e sorri, como se estivesse dizendo: "Conseguimos, hein?" Assinto.

Quase me arrependo de ter-lhe contado tudo. Depois me tranquilizo: não voltarei a vê-la. Controle de passaportes. Algum pastor alemão, vigilante, passeia nervosamente para cima e para baixo procurando um pouco de coca ou erva. Cachorros insatisfeitos nos olham com bons olhos, contentes de se manter em forma. Um policial abre distraidamente meu passaporte. Depois muda de ideia, solta erroneamente uma página, a recupera e olha com mais atenção. Meu coração se acelera um pouco. Nada, não lhe interesso. Devolve-me, fecho e coloco no bolso. Recupero minha bagagem. Saio livre, estou de novo em Roma.

Passei dois anos em Nova York e tenho a sensação que foi ontem que

fui embora. Caminho veloz para a saída. Cruzo com pessoas que arrastam malas, com um cara que corre ofegante para um avião que talvez perca. Além da cerca de contenção, parentes esperam alguém que não chegou. Garotas bonitas e ainda bronzeadas pelo verão aguardam seu amor ou quem quer que seja. Com os braços cruzados, passeando ou quietas, com olhos inquietos ou tranquilos, seja como for, esperam.

— Táxi, você precisa de um táxi? — Um falso taxista vai ao meu encontro fingindo ser honesto. — Faço um bom preço.

Não respondo. Entende que não sou um bom negócio e me deixa em paz. Olho ao meu redor. Uma senhora bonita, elegante, com um vestido claro e um colar de ouro no pescoço, sustenta tranquila meu olhar. É bonita. Sorrio para ela. Ela esboça uma resposta mínima que ainda assim diz tudo. Queria trair, mas não pode, seu desejo de liberdade. Depois olha para outra parte, desistindo. Continuo observar ao meu redor. Nada. Que estúpido. E o que eu esperava? O que estou procurando? É por isso que voltei? Então, não entendi nada, ainda não entendi nada. Sentindo-me como um cretino, me dá vontade de rir.

●●●

— Já deveria ter chegado.

Escondida atrás de uma coluna, no silêncio, mais com o coração a mil por hora, fala em voz baixa para si mesma. Talvez para tapar o ruído de seu coração, que na verdade está batendo a duas mil por hora. Depois, se arma de coragem. Respira fundo e lentamente aparece.

— Ali está. Eu sabia, eu sabia!

Quase salta de alegria.

— Não posso acreditar... Step. Eu sabia, eu sabia, estava certa de que voltaria hoje. Não posso acreditar. Minha mãe, é verdade que emagreceu muito. Mas sorri. Sim, me parece que está bem. É feliz? Talvez tenha ficado bem fora. Muito... mas, será que sou uma imbecil? Agora tenho ciúmes. Mas, por acaso tenho direito? Nenhum. Então? Minha mãe, quão ruim eu estou. Na verdade, estou terrível, muito mal. Quer dizer, estou muito feliz. Muito. Ele

voltou. Não posso acreditar. Meu Deus, está olhando para cá!

Esconde-se outra vez por trás da coluna. Um suspiro. Fecha os olhos, apertando-os com força. Permanece apoiada com a cabeça no frio mármore branco, com as mãos abertas contra a coluna. Silêncio. Respira fundo. Fiuuuu. Inspira.

Fiuuuuu. Expira...

Volta a abrir os olhos. Precisamente nesse momento passa um turista que a olha perplexo. Ela esboça um sorriso para fazê-lo acreditar que está tudo normal. Mas não há dúvidas que não está.

— Diabos, ele me viu, eu sei. Meu Deus, Step me viu, eu sei. Volta a olhar. Nada. Step já passou, como se não tivesse visto nada.

— É claro, que imbecil. Além disso, e se tivesse me visto?

●●●

Aqui estou, estou de volta. Roma... Fiumicino para ser exato. Caminho para a saída. Atravesso as portas de cristal e saio para a rua, em frente aos táxis. Mas precisamente, neste momento, experimento uma estranha sensação. Parece que alguém está me observando. Viro-me de uma vez. Nada. Não há nada pior que alguém que espera algo... e não encontra nada.

Dois

O sol está tingido de laranja e há algumas nuvens esparsas aqui e ali. Uma lua já pálida no céu se esconde entre os últimos galhos de uma árvore frondosa. Ruídos estranhamente distantes de um tráfego um pouco nervoso. De uma janela ouve-se algumas notas de uma música lenta e agradável, o som de um piano que melhora com o tempo. Esse mesmo garoto, mais velho, prepara os próximos exames para a especialização. Um pouco mais abaixo, as linhas brancas do campo de tênis resplandecem sob a palidez da lua e o fundo de uma piscina vazia que espera tristemente como em todos os anos o próximo verão. Desta vez foi esvaziada muito cedo por um porteiro muito rigoroso. No primeiro andar do prédio, entre plantas cuidadas e limites assinalados por uma cerca de madeira, uma menina ri.

— Daniela, você já terminou com o telefone? Você tem um celular, seu pai o recarrega praticamente todo dia! Por que usa sempre o fixo?

— Mamãe, você por acaso não sabe que aqui não tem cobertura? Só na sala, e lá está você para ficar me escutando!

— É que nós também vivemos nessa casa.

— Certo, mamãe. Estou falando com Giuli. Vou acabar de lhe contar uma coisa e desligar.

— Mas vocês se viram essa manhã no colégio. O que pode ter acontecido desde então, hein? O que você tem para contar? Daniela tapa o auricular com a mão.

— Embora seja a coisa mais estúpida do mundo, eu gostaria de ser quem decide se devo contar algo para todo mundo ou não, certo?

Daniela se vira, dando as coisas para Raffaella pensando que tem de alguma maneira a razão. Sua mãe dá de ombros e se afasta. Daniela comprova pelo canto do olho se foi deixada sozinha.

— Giuli, você ouviu? Tenho que desligar.

— Então, como ficamos?

— Nos vemos lá.

— Não... não falava sobre isso!

— Ei, está decidido — Daniela olha preocupada ao seu redor. — Este não é um bom momento para conversar, com todos passeando pela casa.

— Mas, Dani, é uma coisa muito importante! Não pode dizer assim... friamente!

— Escuta, não podemos conversar diretamente na festa?

— Bem, como você quiser. Então nos vemos lá dentro de quinze minutos. Certo?

— Certo, tchau.

Dani desliga o telefone. Às vezes, Giuli é impossível. Não entende que às vezes precisa de mais meia hora. Tenho que estar perfeita, lindíssima.

Na vida, acontece poucas vezes que alguém tenha que se preparar para uma noite como essa. Além disso – ri para si mesma — nunca acontece. De um modo geral, "isso" acontece quando menos espera. Depois vai até seu quarto, indecisa pela primeira vez sobre que roupa interior colocar. Sente-se diferente, estranhamente insegura. Depois se tranquiliza. É normal sentir-se assim, uma pessoa não pode ter certeza de como será na primeira vez que fizer amor. Respira fundo. Está certo. A única coisa que tenho certeza é que farei essa noite e com ele. Raffaella cruza-se com ela no corredor precisamente neste momento.

— Daniela, posso saber o que você está pensando?

— Em nada, mamãe... bobagens.

— Então, se são bobagens, pense em algo mais importante!

Por um instante, Daniela quer contar tudo. Sua decisão é importante e sobre tudo irrevogável. Depois pensa melhor e percebe que acabaria mal.

— Certo, mamãe, tem razão.

No fim, não vale à pena discutir com ela. Sorriem. Depois Raffaella olha para o relógio de pêndulo que está na sala.

— Oh, não tem jeito. Eu tinha pedido para que seu pai chegasse antes: temos que ir na casa dos Pentesi, que vivem em Olgiata. Mas não há nem sequer uma vez que me dê uma satisfação...

Três

- Stefano!

Diante de mim, no meio da rua, é o meu irmão. Sorrio.

— Olá!

Eu estou contente de vê-lo. Eu quase me emociono, mas eu não posso demonstrar isso muito.

— Como você está? Não sabe o quanto pensei em você!

Ele me abraça com força. Estou feliz. Lembro-me do último Natal que passamos juntos, antes de partir. Lembrei-me da massa que ele havia preparado e ele pensou que eu gostei...

— Se divertiu a baixo dos EUA?

Ele pega uma mala da minha mão. A mais leve, claro.

— Sim, me diverti. Mas o que é "a baixo"?

— Nada, só uma maneira de falar.

Meu irmão agora conhece maneiras diferentes de falar. Os tempos mudam. Eu o vejo feliz, sorrindo. Está sereno. Eu realmente o amo. Mas não gosto nada disso. Lembra-me o Johnny Stecchino[2].

— Do que está rindo?

— Nada.

Eu o olho melhor. Camisa engomada, calças marrom escuro, paletó xadrez e finalmente...

— Perdeu a gravata, Paolo?

— Bem, não vou usá-la no verão. Estou mal?

Nem sequer espera uma resposta.

— Aqui estamos nós. Olhe o que eu comprei...

Alarga o braço para mostrar, o que ele acredita ser a sua glória.

---

[2] *Johnny Stecchino: Filme Italiano*

— Audi A4, modelo mais recente. Gosta?

Como dizer não a esse entusiasmo?

— Bom, não é mau. Aperta um botão. O alarme emite um sinal sonoro. Paolo abre o porta-malas.

— Coloque as malas aqui.

Jogo as malas e uma pequena mochila que ele coloca ordenada.

— Mais devagar!

Então, eu tenho uma ideia.

— Será que eu posso experimentar?

Ele olha para mim. Seu rosto muda de expressão. O coração aperta. Mas o amor por seu único irmão o faz ceder.

— Claro, aqui.

Ele sorri com esforço e me dá as chaves. Que idiota. Nunca entregaria as chaves a um irmão como eu. Especialmente se for um Audi A4 como aquele. Ligo o carro. Cheira a carro novo, perfeito, só um pouco apertado. Saio com o carro.

— Ele conduz bem.

Ele parece preocupado e coloca o cinto. Talvez porque voltei a Roma. Eu quero gritar, de alguma forma me livrar destes dois anos de silêncio. Acelero. O Audi A4 grita, treme, rugindo no asfalto quente. Paolo agarra a janela com as duas mãos.

— Eu sabia! Porque você sempre faz isso?

— Você sempre diz isso quando dirijo!

— Quero dizer que você nunca tem calma!

Acelero, viro um pouco, quase acariciando o volante.

— Você está bem?

Paolo se arruma no banco.

— Nunca há um momento de tranquilidade com você.

— Vamos lá, você sabe que eu estava brincando. Não fique ai se preocupando, eu mudei.

— Outra vez? Quanto você mudou?

— Não sei, voltei a Roma para descobrir.

Ficamos em silêncio.

— Posso fumar aqui?

— Eu prefiro que não.

Coloquei o cigarro na boca e puxei o botão do queimador.

— Mas veja, continua o mesmo?

— Você está enganado.

— Você mudou, mas para pior.

Eu o olho e sorrio. Eu o amo. E talvez ele tenha realmente mudado. Está mais maduro, mais humano. Traguei o Marlboro e ofereci a ele.

— Não, obrigado.

Em resposta abre um pouco a janela. Ele volta a ser otimista.

— Sabe, eu estou saindo com uma mulher...

Meu irmão é sete anos mais velho que eu e incrível como às vezes parece uma criança. Aquelas que tem prazer em dizer as coisas. Decido lhe dar atenção.

— Bonitinha?

— Bonitinha? Ela é linda! Alta, cabelos loiros... Você precisa conhecer! Chama-se Fabiola, trabalha com decoração, gosta de ir aos mesmos lugares...

— Claro, claro...

— Não acredita né? Você é um incrédulo!, na verdade você é incrível. Gosta dessa expressão? Ela usa sempre!

— Sou o que? Uma menina rara... Agora entendo porque vocês são bons juntos.

— É, estamos afinados.

Afinados... O que significa isso? Afinação está ligado a música, ou pior, com os circuitos. O amor, porém, é quando você não respira, quando é absurdo, quando você perde, sempre é bom, mas fora de sintonia é uma loucura... Quando a ideia de vê-la com outro o faz atravessar o oceano.

— Se você gostar dela, isso é o importante. Além disso... - tento terminar da melhor maneira possível — Fabiola é um bom nome.

Tentativa ruim, mas não encontrei outra. Basicamente, eu não me importo, se eu lhe disser que é horrível fará diferença. Paolo precisa da opinião de todos. O maior erro que pode ser cometido. Além disso, como estão todos? Ele quase leu meus pensamentos.

— Papai está saindo com alguém, você sabe?

— Como se ninguém me diz?!

— Mônica, uma mulher bonita. Cinquenta anos, muito bem conservada. Ela revolucionou a casa. Trocou alguns móveis, rejuvenesceu...

— Papai também?

Paolo ri como um louco: — Muito bom!

Meu irmão e seu entusiasmo idiota. Antes era assim? Tudo parece diferente depois de retornar...

— Você precisa saber, eles moram juntos.

Acelero, disputo com um Dodge. Ele acelera e ultrapassa, sem sinalizar. Freio tudo. Paolo coloca as pernas na frente e tenta segurar. O carro volta ao normal.

— Tudo bem. Na América nunca poderia fazer isso.

— Voltou para brincar com o meu carro?

— Como está a mamãe?

— Bem.

— O que quer dizer "bem"?

— O que significa "como está"?

— Não se faz de difícil. É um lugar calmo? Está com alguém? Você a vê? Você a vê ou escuta com o papai? Não posso fazer a ultima pergunta: — Ela perguntou por mim?

— Perguntou muitas vezes de você. Queria saber se você ligava de Nova York, como estava o curso e etc.

— E você?

— Eu disse a ela que sim. Que esse curso foi bom e que estranhamente você não brigou com ninguém. Inventei algumas coisas.

— Tipo?

— Que você saia a dois meses com uma garota italiana. Se ela houvesse dito que estava saindo com uma americana... Acho que você não entendeu.

— Me avise quando devo rir. É também piadista?

— Então eu disse a ela que você desfrutou muito a noite, não usou drogas, porém, tinha muitos amigos. Em resumo, você não tinha a intenção de voltar, mas você estava certo. Fiz bem?

— Mais ou menos.

— Você quer dizer... ?

— Comecei a sair com os americanos e nos entendemos muito bem.

Não tive tempo de rir, frear e virar a direita. Para baixo do anel viário, pneus cantando. Um velho carro funde a buzina atrás de mim. Eu sigo a curva como se nada tivesse acontecido. Paolo se arruma no banco.

— Você não deu seta.

Dirijo um tempo em silêncio. Paolo olha muitas vezes para fora, para em seguida voltar para mim, tentando atrair a minha atenção.

— O quê?

— Como terminou o julgamento?

— Eu fui perdoado.

— O que você quer dizer?

Eu me viro e seguro alguns segundos o seu olhar. Parece calmo, sereno. Eu não minto, embora possa ser um grande ator. Paolo é um bom irmão, mas entre seus méritos, não sabe ser hipotético.

— Eu fui perdoado. Só isso. Você não sabe dessas coisas? Sabe aquelas anistias para impostos ou de construção que são feitas apenas quando você vai para alguma eleição? Então, esse é um dos casos que são esquecidos.

— Sabe, há muito tempo me pergunto porque você acertou o cara que morava do outro lado de nós.

— E sobreviveu a esta incrível questão? Nos Estados Unidos, não duraria um dia. Não há tempo para perguntas.

— Mas como estou em Roma, pensei sobre isso entre um cappuccino e um lanche e cheguei a uma conclusão.

— Não me diga! Então...?

— Que o nosso vizinho importunava nossa mãe e você, não sei como, descobriu e BUM! Mandou para um hospital... Permaneci em silêncio. Paolo olhava-me. Queria poder evitar seu olhar.

— Mas tem algo que não entendo... Mamãe estava no julgamento e não disse nada, não disse o que aconteceu, o que ele disse ou porque fizeste isso. Se tivesse dito, o juiz entenderia.

Paolo, o que realmente sabe Paolo? Olhei para ele um momento, então

virei meus olhos para a rua. Linhas brancas no chão, uma após a outra, abaixo do Audi A4. O barulho da rua. O Audi A4 macio, levantando e abaixando a cada desnível. As rachaduras são visíveis, mas não prejudicam. É justo dizer a verdade? Colocar uma pessoa sob uma luz diferente. Paolo quer a mamãe como ela é. O que ele pensa. O que ele quer acreditar que é.

— Porque me pergunta isso, Paolo?

— Para saber...

— Não vai voltar às contas, certo?

— Bem, sim...

— Como contador você é um pesadelo!

Giovanni Ambrosini é o nome do nosso vizinho, eu descobri apenas no processo. Não, o último nome eu descobri primeiro. Estava escrito em sua porta. Ele a abriu de cuecas. Eu fui até lá para, educadamente, pedir que abaixasse a música. Então meu coração parou. Pela fresta da porta eu vi seu rosto. Aquele olhar que nos uniu, nos dividiu para sempre. Nunca esquecerei. Nua como eu nunca havia visto, linda como eu sempre amei... Minha mãe. Entre os lençóis de outro. Não lembro nada, exceto o cigarro na boca. E seus olhos. Com o desejo de consumir algo após aquele cigarro e, finalmente... Para mim. Olha, meu filho... Esta é a realidade, esta é a vida. Ainda arde os ferimentos do meu coração. E então, Giovanni Ambrosini. Levei-o para fora de sua casa pelo cabelo e o larguei no chão. Eu quebrei as duas maças do rosto com um soco. Ele tentou segurar-se no corrimão da escada e eu continuei a lhe bater, acertando o calcanhar em sua orelha direita, no rosto, costelas, mãos, é até piegas. Essas mãos que a tocaram. E... Basta. Basta. Chega. Eu não posso. Ele nunca pode saber. Olho para Paolo. Respiro profundamente. Calma. Mais profundo. Calma e mentiras.

— Desculpe, Paolo, mas as vezes as coisas não se encaixam. Essa bagunça. Aquilo acabou. Mamãe não tem nada pra fazer. Parece satisfeito. Gosta de ouvir essa versão. Olha pela janela.

— Oh, eu não te disse algo.

Eu olhei preocupado.

— O quê?

— Me mudei. Estou sempre na Farnesia, mas agora tenho um attico[3].

Finalmente uma notícia tranquilizadora.

— Bonito?

— Um mês. Você tem que ver. Hoje à noite você dorme no meu apartamento, certo? O número do telefone ainda é o mesmo. Consegui manter graças a um amigo que trabalha na Telecom.

Ele sorria convencido do seu pouco poder. Graças a Deus que manteve o mesmo número. Foi o número que coloquei no meu cartão de visitas. O que eu entreguei para a aeromoça. Para Eva, a gnocca. Eu sorrio para mim mesmo. Corso Francia, Vigna Stelluti, para cima a Piazza Giochi Delfici. Passo à frente da faixa Colajanni, o atalho que leva a praça Jacini. Uma moto para subitamente ao sinal de STOP.

Uma garota. Meu Deus, é ela. Cabelos louros, longos, abaixo do capacete. Também usa uma viseira. Pega o iPod na jaqueta azul como seus olhos.

Sim, parece ela... Reduzo. Ela sacode a cabeça com a batida da música e sorri. Eu paro. Ela segue. Eu a deixo ir. Gira alegremente em frente ao nosso carro. Ela agradece com os lábios...

Meu coração abranda. Não, não era ela. Mas as lembranças me assombram. Como quando você está na água, no mar, no inicio da manhã e está frio. Alguém te chama e você começa a caminhar, porém vem uma onda inesperada. E então, sem querer, eu me encontro afogado em algum lugar, em qualquer dia de dois anos atrás. É noite. Seus pais estão fora. Ela me liga. Pede-me para vê-la. Subo as escadas. A porta está aberta. Abro lentamente.

— Babi... Você está ai? Babi?

Não escuto nada. Fecho a porta. Ando pelo corredor. Passo na ponta dos pés pelos quartos. Uma música suave sai do quarto de seus pais. Estranho, ela disse que eles estavam no Circeo. Pela porta aberta surge uma luz ofuscante. Abro a porta. Pela janela, de repente, ela aparece, Babi. Vestindo roupas da sua mãe, uma blusa de seda bege claro, transparente e desabotoada. Abaixo vejo um vislumbre de um sutiã de cor creme. Depois uma longa saia com desenhos de caxemira. Seu cabelo está trançado. Sorri. Está segurando

[3] [N/T: Um tipo de apartamento; tradução livre: sótão]

uma taça de champanhe. Ela agora serve um pouco para mim. Deixa a garrafa em um balde cheio de gelo que está sob a penteadeira. Sobre as velas e o perfume de rosas silvestres que gradualmente nos envolve. Suporta um pé sob a cadeira. A saia é levantada, revelando presa, em sua perna, metade coberta com uma malha fina de cor mel, com ligas. Babi esperando por mim com duas taças em suas mãos e seus olhos mudam de repente. Como se houvesse crescido de repente.

— Me tome como se fosse ela... Ela, que não te ama. Ela que, diariamente me deixa louca tentando nos separar...

Passa a taça. Eu a bebo toda num gole só. O champanhe é frio, é bom, é perfeito. Depois lhe dou um beijo intenso com o desejo de experimentar. Nossas línguas com gosto de champagne, entorpecidas, perdidas, bêbadas, anestesiadas...

De repente elas acordam. Passo a mão pelos cabelos que me prendem. Mantenho sua cabeça perdida entre as minhas mãos... Perdidamente minha. Seus beijos se tornam mais urgentes. Parece ser dona da minha boca, parecendo querer entrar dentro de mim, me comer, devorar meu coração. O que está fazendo? Para. É seu. Babi me olha. Na realidade, é muito parecida com sua mãe. E eu tenho medo da intensidade que nunca vi. Então pega uma de minhas mãos e a coloca debaixo da saia. Depois a leva para cima, acima... Com as suas pernas. Deixa a cabeça cair para trás, de olhos fechados. Seu sorriso escondido. Um suspiro alto e claro. Pega a minha mão e a leva, lentamente, para a calcinha dela. Aqui.

A distância é pouca e eu perco os dedos em seu prazer. Babi suspira ainda mais forte. Babi abaixa minhas calças com pressa, como nunca. E docemente encontrar. Ela para. Ela olha em meus olhos. Lambe minha boca, me morde, com fome. Me come. Apoia-se, empurra-me, com a testa contra a minha. Sorrisos. Suspiros. Começa então a mover a sua mão para cima e para baixo com fome, seus olhos perdidos nos meus. Então, a calcinha, me dá um ultimo beijo macio e acaricia meu queixo com a mão. Ela se põe na cama de quatro e levanta sua saia. Ela se apoia na cabeceira e vira-se pra mim.

— Step, me pegue com força, como se fosse com a minha mãe mas não me machuque... eu quero muito, juro!

Parece incrível. Mas eu faço. Eu obedeço. Então ela começa a gritar como nunca, e eu quase desmaiei de prazer, de desejo, o absurdo da situação, do amor que não achava ser possível. Ainda sinto prazer por esta memória e me falta o ar...

— Uh Step!

— Sim?

De repente volto pra mim. É Paolo.

— O quê? Você parou no meu da rua!

— O quê?

— Me surpreende tanta gentileza sua. Nunca vi algo parecido: dar preferência para uma garota que nem sequer conhece! Inacreditável! Os Estados Unidos realmente lhe fizeram bem, ou realmente mudou. Ou...

— Ou?

— Essa garota se parecia com a outra.

Ele vira para mim e me encara.

— Hey... Não esqueça que somos irmãos...

— É exatamente isso que me preocupa... É uma piada, caso não tenha entendido.

Paolo ri. Olho para trás tentando buscar controle. O encontro.

Em seguida, respiro fundo. Mais fundo. A dor de saber que essa maré alta nunca me deixará.

Quatro

O z4 é um carro incrível. Daria qualquer coisa pra tê-lo. Claudio Gervasi está enfrente a Porta Pinciana, parado diante do mostruário de uma concessionária BMW. O olha como se fosse um menino, extasiado, ansioso e desgostoso porque não pode ter um.

Se Raffella descobrir o que ele anseia, teria problemas. E sim, se descobrir de todo o resto, o mataria. Prefere não pensar. Não saberá nunca. E a essas alturas, como já tinha chegado ali, valia a pena entrar. Não há nada de mais em ter um desejo. Ou isso também está incluído na lista dos pecados capitais?

Claudio tenta a convencer a si mesmo. Tão pouco me importo de nenhuma maneira, só quero saber como seria a troca hipoteticamente. Eu poderia fazer um bom preço na minha Mercedes 200, tem alguns quilômetros, mas esta em bom estado; dá uma volta ao redor do carro examinando-o.

Examinando essa pequena rachadura, culpa de Babi e Daniela e sobre tudo, de como estacionam sua vespa. Vejamos o que me dizem. Em seguida se aproxima de um jovem impecável, com uma gravata bonita azul como seu traje com o paletó ajustado e calças com fechos perfeitos, com a volta que acompanha seus mocacins escuros e simples, mas perfeitamente engraxado. Precisamente como esse carro. De perto, parece ser ainda mais bonito, é azul céu e pálido e o interior um pouco mais escuro, com os acabamentos de cor bege claro e preto que com suavidade do forro de cada peça, do volante ao cambio. Irresistível.

— Boa tarde. Posso ajudá-lo?

— Sim, queria saber o preço desta BMW. É o z4, certo?

— Por certo, senhor. Então, *full optional*, com chaves ABS e travas, naturalmente de ligação. Vejamos, senhor, você é um sortudo, estamos em promoção. Para você seria quarenta e dois mil euros. Euro a mais, euro a

menos, se entende.

Seguramente mais. Menos mal que sou sortudo e que esta em promoção. Então o vendedor, vê um ar de desapontamento e sorri para ele.

— Olhe, esse é o carro de James Bond. Claudio não acredita no que vê.

— Precisamente esse?

— Não, não, este não! — O vendedor o olha tentando averiguar se ele esta brincando—. Entre outras coisas, creio o que eles usaram nesse filme foi um z3, o BMW da serie anterior e teve que destruí-lo ou vendê-lo em um leilão. Mas este em particular foi usado em Ocean's Twelve ou era Eleven? Agora não me lembro. De todos os modos, o levaram, George Clooney, Matt Damon, Andy Garcia, Brad Pitt e agora você. Claudio esboça um sorriso

— Talvez...

O vendedor percebe que esta a frente de um indeciso. Não conhece a verdade. Tem diante uma sombra enorme, um holograma terrível, uma projeção com laser, Claudio envolta nos pensamentos de sua mulher. O rapaz decide ajudar o cliente em potencial com algumas informações.

Da uma volta ao redor do carro dando dados: velocidade, consumo, prestações de todos os tipo e naturalmente a possibilidade leasing.

— A propósito... — antes do último dado, Claudio recupera a esperança-, No caso, vocês compram carro antigo, não?

— Claro por certo. Embora atualmente o negócio de automóvel, não é muito dinâmico, senhor. Claudio não teve dúvidas.

— Você pode dar uma olhada? Tenho-o aqui.

— Claro, vamos vê-lo. Claudio sai da loja acompanhado pelo vendedor.

— Aqui está, é esse.

Mostra orgulhosa sua Mercedes 200 cinza escuro metalizado. O rapaz está atento agora, serio, minucioso. O vê tocando de vez em quando, comprovando eventuais processos de reparação enganosamente ocultos. Claudio tenta tranquiliza-lo.

— Tem passado sempre por todas as revisões e a pouco troquei as rodas.

O vendedor da uma volta ao redor do veículo e vê o outro lado, o estrago da vespa. Então, Claudio tenta distraí-lo.

— E precisamente na semana passada fizeram uma revisão completa. Mas a um vendedor como esse não se escapa nada.

— Sim, mas tem um bom golpe, hein?

— Bom, minhas filhas. Eu lhes disse mil vezes estacionassem a vespa na parede, mas não o fazem.

O vendedor balança os ombros como quem diz "E eu o que posso fazer?"

Ah... — Claudio fica sem palavras. Esperava pelo menos o dobro.

— Mas é de 99.

— A verdade é que eu pensava que era de 2000; de todos os modos, eu confirmo o preço que te disse. Te parece bom?

— Se me parece bom? A você parece bem. Teria que pagar trinta e sete mil e quinhentos euros a mais. — Mas Claudio decide não pensar mais.

— Sim, bem... claro.

— Então, ficamos assim. Se precisar, já sabe onde estamos. — O jovem vendedor aperta sua mão com força, seguro de mais o menos o convencerá. Depois lhe entregou um cartão com o seu nome e o logo da BMW. Claudio o observa ir a pé. Quando o vendedor esta perto da loja e já não consegue vê-lo, Claudio rasga o cartão e joga na lixeira.

Só faltava Raffaella encontrar a prova do crime. Sobe na sua Mercedes e apoia as mãos no volante.

Querida, você sabe que não te traí nunca! Então pega o telefone, olha ao redor e escreve uma mensagem. Envia e naturalmente o apaga em seguida. E finalmente, como último gesto de grande liberdade, acende um Malboro.

Cinco

– Já chegamos, Step, é o 237. Espera, vou abrir o portão. Estacione-o aqui. O número 6 é o meu. — Paolo está orgulhoso. Pegamos as malas. O elevador sobe diretamente da garagem. Também se orgulha disso. Chegamos ao quinto andar. Abre a porta como se fosse uma caixa forte. Alarme, duas fechaduras, porta de segurança... Seu nome: Paolo Mancini, um cartão impresso sob uma pequena placa moldada em ouro. É horrível, mas não digo.

— Você viu? Eu coloquei um dos meus cartões na placa. Há também o número do telefone. Boa ideia, não? Mas, por que você está rindo? Você não gostou, né?

— Claro que sim. Mas, segundo você, por que eu sempre digo mentiras? Eu gosto de verdade, acredite em mim. Sorri um pouco mais relaxado e me faz entrar.

— Certo, entra. Olha, aqui está... Por dentro, a casa não é ruim: piso novo, cores claras, paredes brancas...

— Falta um pouco de decoração, mas o reformei inteiro. Olha, eu coloquei reguladores nos interruptores, vê? — Prova subindo e baixando uma luz. Legal, né?

— Legal.

Permaneço na entrada com duas malas na mão. Paolo sorri feliz com sua ideia.

— Te mostrarei onde pode dormir. — Abre a porta de um quarto que há no fundo do corredor. — Taram! Paolo fica na porta, sorridente.

— Eh... Deve haver alguma surpresa dentro.

Eu entro.

— Eu peguei sua roupa e trouxe para cá. Alguns jeans, camisetas, suéteres esportivos... E olha isto. — Mostra-me um quadro pendurado na

parede. — É uma ilustração de Andrea Pazienza. Este você não queimou. Lembro-me, sem querer, desse Natal há dois anos e meio. Talvez o entenda e lamente um pouco.

— Bem, estou indo para meu quarto. Instale-se como quiser.

Deixo a mala encima da cama, abro o zíper e começo a tirar as roupas. Jeans, jaquetas. Uma jaqueta de esporte Abercrombie. Calças jeans descoloridas da marca Junya. Um suéter esportivo de cor areia da Vintage 55. Camisas bem dobradas Brooks Brothers. Coloco-as dentro de um armário branco. Tem várias gavetas. Abro também a outra bolsa e tiro tudo.

No fundo da bolsa há um pacote embrulhado. Pego e saio do quarto. Paolo está em seu quarto, deitado sobre a cama com os pés para fora.

— Toma. — Jogo o pacote sobre sua barriga. Ele segura como se tratasse de um soco e se dobra em dois fazendo com que o pacote caia sobre a cama.

— Obrigado, e por que isto? Sempre procurando uma explicação.

— É a última moda nos Estados Unidos. Desembrulha e se desdobra diante de seus olhos. Está um pouco perplexo.

— É a jaqueta dos bombeiros. É lá que se colocam todos os recém-chegados. Agora que eu já disso, ele gosta mais.

— Vou provar! Coloca por cima de seu paletó e se olha no espelho. Tento não rir.

— Eita, que legal!

Essa expressão não é própria dele; ele realmente gostou.

— Você acertou até o tamanho.

— Cuide bem. Vale um pedaço da sua casa.

— Realmente é tão cara?

— Ei, teu quarto é mais bonito do que o meu, é maior.

— Sim, eu sei, Step, mas...

— Paolo... Eu estava brincando.

Ele suspira, aliviado.

— Não, sério, seja como for, a reforma ficou boa.

— Você não sabe quanto eu gastei...

Ele já se afigura novamente como consultor financeiro. Volto para meu

quarto e começo a me despir. Quero tomar um banho. Paolo entra no quarto, ainda usando a jaqueta com a etiqueta pendurando-se de seu pescoço e um pacote na mão.

— Eu também tenho uma surpresa para você. — Faz como se fosse me lançar o pacote, mas depois muda de ideia e me passa lentamente. — Não se pode jogar, é delicado.

Abro com curiosidade.

— É por teu aniversário — Consegue me envergonhar. — Na realidade, é pelo seu aniversário que você passou nos Estados Unidos. Só pudemos ligar para você.

— Sim, escutei a mensagem de voz.

Sigo desembrulhando o presente. Eu tento não pensar sobre esse dia, mas não consigo. 21 de julho... Estive fora o dia todo para não esperar inutilmente perto do telefone.

Depois voltei para casa e vi a secretária eletrônica piscando. Uma mensagem, duas, três e quatro. Quatro mensagens, recebi quatro ligações. Quatro possibilidades. Quatro esperanças.

Vamos com a primeira: "Olá, Step, é o papai... Parabéns! Você pensou que eu tivesse esquecido, hein?"

Meu pai. Sempre tem que adicionar um toque de humor em tudo que ele faz. Aperto o botão e avanço: "Feliz aniversário, feliz aniversário para Step". Meu irmão. Meu irmão, que até me canta feliz aniversário pelo telefone. Muito estranho! Ficam duas. Outra mensagem, a penúltima. "Olá, Stefano..." Não, é minha mãe. Escuto em silêncio. Sua voz desliza suave, amorosa, lenta, talvez um pouco cansada. Então, fecho os olhos e os punhos e tento conter as lágrimas. E consigo.

Hoje e meu aniversário, mamãe. Quero estar contente, quero rir, quero ficar bem, mamãe... Sim, eu também sinto sua falta. São tantas as coisas que sinto falta... Mas hoje tenho vontade de não pensar. Te imploro. "Muitas felicidades, Stefano, e, por favor, ligue para mim quando puder. Um beijo". Fica, portanto, uma última mensagem. A luz verde pisca silenciosa. Olho-a em silêncio. Acende e apaga, lentamente. Essa luz verde poderia ser o melhor presente da minha vida. Sua voz. A ideia de que também sente minha falta. De

poder, por um instante, voltar atrás, então, começar de novo... Sonho ainda por um instante.

Depois aperto a tecla. "Olá, lendário! Como você está? Oh, que prazer absurdo ouvir sua voz embora seja apenas na secretária eletrônica. Não sabe quanto sinto sua falta... muitíssimo. Roma está vazia sem você. Você me reconheceu, né? Sou Paulina. Claro que agora tenha a voz mais de mulher. Tenho que te contar um monte de coisas. Por onde começamos? Vejamos... Finalmente, posso aproveitar: meus pais saíram, ligo de casa e gasto o que quero quando me irritam. Asilos castigam um pouco, né?"

Ela me faz rir, me alegra. A ouço com um sorriso. Mas não posso mentir, não para mim mesmo. Não era essa a ligação que esperava. Não é um aniversário sem sua voz. Não parece nem sequer que nasci. E agora, depois de mais de dois anos, estou outra vez aqui.

— Então, o que diz? Você gostou? — Termino de desembrulhar e depois olho a caixa. — É o mais recente modelo: um Nokia fantástico.

— Um celular?

— Um ótimo, hein? Tem cobertura em todo lugar. Consegui graças a um amigo por que ainda não está à venda. É um N-70, tem de tudo e é pequeno. Cabe no bolso da jaqueta. Ele coloca para demonstrar que o que diz é verdade.

— Parece que você tem amigos diligentes, hein?

— *Et voilà*, vê? Abre assim e pode remover o som e deixar que só vibre. Pega.

Nem sequer ouviu minha brincadeira. Só espera minha reação.

— Obrigado — é a única coisa que consigo dizer. — Eu precisava de um celular.

— Já tem número: 335 808 080. Fácil, não? Também é uma coisa do meu amigo da Telecom.

●●●

Estou debaixo da casa de Paolo. Eu vi as luzes se acendendo. Sei que está na nova casa de seu irmão. Ali está, eu o vejo. Step passa na frente da janela. Esse

deve ser seu quarto. Mas está se despindo... e cantando. Coloco meus fones. Ligo o rádio do meu celular. Mudo de estação até encontrar a que Step está cantando. Olho o dial: Ram Power 102.70. "Uma a vive, uma a recorda", diz seu slogan. Quem sabe o que prefere Step... Olho a hora. É tarde, tenho que voltar para casa. Certamente meus pais estão me esperando.

●●●

— Paolo, você tem uma toalha?

— Eu deixei algumas para você no banheiro. Você irá encontrá-las por ordem de cor, azul mais claro para o rosto; o mais escuro para o bidê; e finalmente há um roupão azul por trás da porta. É verdade, meu irmão é um autêntico obcecado por ordem.

— Ei, Step, deixe-me te ver. Fico na frente da porta.

— Puxa, você está bem. Perdeu peso?

— Sim. Nos Estados Unidos treinava de um modo diferente na academia. Muito boxe. Basta começar para entender como somos lentos aqui em Roma.

— Está muito definido.

— Quando você começou a aprender essas expressões? Abandonou meu tosco romano.

— Eu entrei em uma academia.

— Não posso acreditar. Já era hora! E olha que você me enchia o saco: dizia que eu perdia o tempo na academia, que eu me importava mais com o físico... E no final, o que você está fazendo?

— Fabíola me convenceu.

— Ah, vê? Começo a gostar da Fabíola.

— Me disse que passo muito tempo sentado e que um homem deve decidir quem é fisicamente aos trinta e três anos.

— Aos trinta e três anos?

— Foi o que ela disse.

— Então você ainda tem dois anos de liberdade.

— Eu preferi não me ajustar tanto a regra.

— Bom para Fabíola. — Vou para o banheiro. — E onde você está treinando?

— No Roman Sport Center.

Silêncio. Volto a aparecer na porta.

— Fabíola também decidiu isso?

— Não — Sorri orgulhoso, segundo ele, por sua escolha. — Eu... bom, na verdade é que ela já frequentava.

— Ah, isso...

Volto para o banheiro e fecho a porta. Não posso acreditar. Não há nada pior do que ir para a academia com sua namorada. Ficar pensando nela até debaixo dos pesos, vigiando quem se aproxima, o que fala esse cara que finge ensiná-la o movimento adequado... e o que ela faz e como responde. Terrível. De vez em quando, vejo esses casais. Um beijo ao final de cada série.

E depois, após o treinamento, a pergunta inevitável: "O que faremos esta noite?"

Por que um casal deve ter seu programa. Caso contrário, que tipo de casal é? Se, no entanto, está "livre", então o Román é perfeito. Automaticamente, o músculo trabalha o dobro, ele mesmo deve se por em evidência para conseguir. As máquinas e pesos quase fingem trabalhar, silenciosos espectadores de sabe quantos amores calculados. Claro que sim, porque quando acaba cada série as pessoas se olham, segue o rastro, um sorriso e depois conversas fúteis.

Quem é você, onde você esteve ontem, que local está aberto hoje, que planos tem para a noite, que irá fazer amanhã e quanto dinheiro tem, em suma, se vale ou não a pena transar com você.

Abro a torneira do chuveiro e me meto debaixo do fluxo. Água fria. Apoio o braço contra a parede e empurro até tentar inutilmente colocar para baixo. Enche meus ombros e a água ricocheteia, agora mais quente. Depois inclino a cabeça para trás, a boca meio aberta, e a água muda repentinamente de direção. Uma pequena erupção impetuosa que encontra brechas e esconderijos entre meus olhos, entre o nariz e a boca, entre os dentes e a língua. Cuspo para fora da boca, respirando. Meu irmão. Meu irmão, que vai ao Román Sport Center. Meu irmão com seu Audi A4 novo. Meu irmão com

sua namorada. Meu irmão que treina com ela e entre uma risada e outra, decide o que vai fazer essa noite. Agora está tudo claro. Ele é papai, sem sombra de dúvida. Quanto mais velho fica, mas se define como uma fotocópia.

Eu, no entanto, permaneço desbotado no canto. Eu gostaria de saber quem cuidou do meu toner. Saio da ducha. Coloco o roupão e seco meu cabelo com a toalha azul, exatamente como ele queria. Esfrego com força o cabelo recém cortado e em um instante está seco. Deixo a tolha sobre a cabeça e vou para o quarto. Paolo me vê.

— É impressionante como você se parece com mamãe. Ligue para ela, ela vai ficar contente.

— Sim, mais tarde.

Hoje não tenho vontade de alegrar o dia de ninguém.

Seis

Do final do corredor se ouve o som das chaves que giram na fechadura da porta. Raffaella se vira.

— Oh... aqui está Claudio!

A porta no fim do corredor se abre lentamente. Mas, no entanto, em todo seu novo esplendor entra Babi.,Raffaella vai ao seu encontro.

— Mas, o que você fez?!

— Como assim o que eu fiz?

— Sim, você está atrasada e, além disso, cortou seu cabelo!

— Meu Deus, mãe, você me deu um susto de morte! Não sabia do que você estava falando! Sim, eu cortei esta manhã. Fiquei bem? Eu disse para Arturo, que foi quem cortou meu cabelo, que assim me favorecia mais.

— Sim... é que tínhamos planejado tudo para seu cabelo longo.

— Mamãe, mas se eu só cortei um pouco. — Babi sorri. — Sabia que diria isso. Olha... — Abre uma pequena bolsa Furia e tira três polaroides. — Olha, eu fiz propositadamente, alguns testes. Não fico melhor assim?

Raffaella a olha. Depois sorri feliz e satisfeita com sua filha e seu novo corte de cabelo, junto com todo o resto que há nessas fotos. Mas não quer se dá por vencida. Não, não quer ser excluída de nenhuma decisão, especialmente para algo tão importante.

— Sim, ficou bem, mas a escolha que tínhamos feito me parecia mais adequada... para cabelo comprido.

— Vamos, não se faça de dura, mamãe! Você vai ver que até então já vai ter crescido. Voltei mais cedo porque esta noite teremos o jantar de Mangili, né?

— Não, eu adiei para a próxima semana.

— Mas, mamãe, você deveria ter me avisado! Eu voltei cedo por que tínhamos que ir para lá! Deveria ter ligado para o celular, né? Sempre levo meu

celular! Liga para as coisas mais estúpidas e, no entanto, não me avisa disto!

— Nunca te ligo para coisas estúpidas!

— Sim, eu sei, mas tinha muito interesse em resolver esse problema.

Babi bufa e coloca suas mãos na cintura. Quando perde a calma é como uma criança. Só falta começar a chutar.

— Babi, não seja assim; iremos para Mangili semana que vem...

— Sim, mais em breve! Quero estar certa desse Mangili... Nós nunca provamos, e não conheço ninguém que tenha.

— Mas se organiza até jantares no Vaticano!

— Sim, eu sei, mas esses nunca saem, não estão acostumados a comer! Como saberemos se é bom ou não o que comem no convento?

— Babi, tranquilize-se. Você verá como tudo vai sair bem. Raffaella tenta acalmá-la.

— É apenas um jantar...

— Sim, mas é meu jantar, e para mim é importante! Espera-se que não seja o último jantar, mas que seja ao menos o único jantar!

E dizendo isso, Babi sai e se tranca em seu quarto com uma batida na porta. Raffaella encolhe os ombros. É normal que esteja nervosa nessa situação. Precisamente, nesse momento, a porta se abre e Claudio entra.

— Amor, já cheguei!

— Menos mal. Mas o que você estava fazendo até agora? Claudio a beija apressadamente nos lábios.

— Perdoe, eu tive que revisar alguns registros no escritório. Não pode contar que revisou cada acessório, consumo e as fantásticas prestações do Z4. E não só isso. Também pediu uma avaliação praticamente irrisória de seu Mercedes.

— Mude a camisa e coloque outra gravata. Rápido. Está tudo preparado sobre a cama.

— Mas você não tem que ir provar o catering[4] de meu amigo Mangili? Para que tenho que me trocar?

— Claudio, por onde anda sua cabeça? Eu te liguei para este propósito esta manhã no escritório. Tinha me esquecido por completo que esta noite

[4] [N/T: Catering é o serviço de promover serviços alimentares em lugares remotos ou de difícil alcance, assim como prestar serviços alimentares em eventos.]

tínhamos que ir para a casa dos Pentesti. Eu tive que passar Mangili para a próxima semana! Venha, arrume-se, já estamos atrasados.

— Ah, sim, é verdade.

Claudio vai para o quarto e tenta recuperar o tempo perdido. Tira a jaqueta e se despe com rapidez. Precisamente neste momento, o celular soa com insistência. Claudio tira do bolso de sua jaqueta. Está ali a resposta da sua mensagem. Lê, ri e apenas tem tempo de apagar antes que Raffaella entre.

— Se apresse e não perca tempo com o celular. Quem era?

— Sim, perdoe-me, era Filippo Accado, que me mandou uma mensagem.

— Filippo? E desde quando ele escreve mensagens?

— Oh, assim se perde menos tempo — Claudio tira a camisa e põe uma limpa, desabotoando só o pescoço para ir mais rápido, mas também para esconder o rosto. — Nada, disse que segunda-feira não vai jogar bridge, não sei o que aconteceu.

— Melhor. Então organizaremos para segunda a prova do catering de Mangili. Venha, se apresse, te espero na sala.

Claudio acaba de colocar a camisa e se senta na cama. Nunca tinha passado por tantos problemas. Muito bem, caiu também o bridge. Bom, foi o primeiro que pensou, para algo que renunciar. Coloca a gravata, levanta o colarinho da camisa, e prepara o nó. E se na casa dos Pentesti também estiver os Accado?

Droga, não tinha pensado nisso.

E se Filippo, que é um idiota, não entender? Já parece estar ouvindo: "Mas, Claudio, o que você disse? Não te mandei mensagem nenhuma".

Nesse momento, queria não ter que ir a festa. Ata ao redor do pescoço a elegante gravata azul escolhida por Raffaella. Depois se olha no espelho, e por um momento essa gravata parece uma terrível corda para enforcar.

Sete

Paolo está vendo televisão enquanto fala pelo telefone, deitado na cama com as pernas sobressaindo um pouco e o seu polegar procurando algo que lhe interesse mais do que quem está do outro lado do telefone.

— Tchau. Eu estou saindo.

— Aonde vai?

Por uma vez, o olho sem sorrir.

— Dar uma volta.

Arrepende-se de ter perguntado e, em seguida, tenta consertar.

— A cópia das chaves está na cozinha, no armário da esquerda que há antes da porta, na tigela de cerâmica. — Sua precisão habitual. Depois explica para quem está do outro lado da linha telefônica o que está fazendo, para quem e por quê. Sou o irmão que voltou dos Estados Unidos. Depois, me grita de longe. — Encontrou?

Meto as chaves no meu bolso e volto a passar na frente dele.

— Já peguei.

Sorri. Está prestes de continuar com sua conversa quando tapa, de repente, o fone com a mão esquerda e depois, tenso como uma corda, diz:

— Ei... quer que eu te empreste o carro?

Está preocupadíssimo por ter que dizer isso, arrependido de ter proposto, desesperado ante a ideia de escutar um sim meu. Deixo passar de propósito alguns segundos, apreciando. Por outro lado, não sei se teria pedido.

— Não, não preciso.

— Ah, certo — Suspira. Agora está mais relaxado. Depois, de todos os modos, tenta solucionar a minha vida. — Você viu, Step? Eu trouxe sua moto para a garagem.

— Sim, eu vi, obrigado.

Mas minha vida não se resolve tão facilmente. Pego o elevador e desço

para a garagem. Debaixo de um pano cinza, ao fundo, vejo uma roda. Reconheço-a. Ligeiramente acabada, mas ainda viva, um pouco de pó e muitos quilômetros rodados. Com um movimento próprio de um toureiro, retiro o pano. Aí está, a Honda Custom VF-750 azul metálico. Acaricio o tanque. Minha mão desenha um ligeiro sinal no pó que dorme sobre esse azul.

Depois, levanto o assento, um dos cabos da bateria e volto a fechar. Subo encima. Tiro a chave da jaqueta e a coloco embaixo, perto do motor. O chaveiro pendura com suavidade, oscila, tocando de vem em quando o motor frio. Mais para cima, uma luz fraca verde e vermelha tinge o dispositivo de ignição. A bateria está descarregada. Tento com o pedal, mas será impossível arrancá-la. Aperto o botão vermelho com a mão direita. Vãs esperanças agora confirmadas: nada a fazer. Tenho que empurrar. Saio da garagem com a moto inclinada, apoiada no corpo, a minha direita, contra as pernas. Os quadríceps se incham. Um após o outro, passos ágeis, cada vez mais velozes. O ritmo dos passos se altera com o ruído dos cascalhos, um, dois, três, cada vez mais rápidos. Saio do pátio e empurro pela rua, agora mais depressa. Alguns passos mais. Já coloquei a segunda. Mantenho com a esquerda a embreagem. Chegou o momento. Solto a embreagem e a moto freia quase de uma só vez, mas continuo empurrando e a máquina oscila. Aperto a embreagem e solto outra vez. E ela tosse. Agora um pouco mais, com força. Estou suando. Um último empurrão, percebo. E de fato, liga de uma vez. Dá um salto para frente.

Aperto a embreagem e acelero com a direita. O motor ganha vida e ruge na noite, debaixo das casas, nas ruas vazias. Acelero mais. Sai fumaça velha dos tubos de escape, grandes nuvens que tosse a causa do passado, o longo repouso. Mais aceleração. Monto e acendo as luzes. Depois solto a embreagem e avanço no vento noturno. Suando, correndo veloz pela Farnesina. Passo debaixo da ponte. Pego a curva mudando de marcha, sem frear. Reduzo um pouco a aceleração para voltar e dar a meia curva e a moto oscila. Acelero de novo e, como um cachorro obediente, ela corre comigo encima, para a ponte Milvio, depois para a igreja, o Pallotta, as mil pizzas comidas ali, o Gianfornaio na esquerda e algum florista próximo.

Quantas flores enviadas desse florista, ele que faz mais descontos do que todos os outros. Tantas flores, sempre diferentes, sempre para a mesma

garota. Não penso, não quero pensar nisso. Pistola, o vendedor de melancias, está lá fora, usando um celular.

Duas buzinadas e me olha. Cumprimento-o, mas não me reconhece. Irei vê-lo mais tarde para lhe recordar quem sou. Não me importa, acelero e me perco na noite. Porra... Como Roma é bonita.

Senti falta. Acelero e desço pela margem do Tíbet. Driblo os carros. Direita, esquerda... Finalmente, diminuo o tempo enquanto me aproximo do meio-fio. Roço os pinheiros do Foro Itálico. Alguma prostituta está sentando em seu lugar junto ao seu fogo ainda apagado. Pernas grossas rodeadas por alguma bota muito estreita. Uma, falsa ou autêntica culta, lê um jornal e ri com uma boca desarticulada por qualquer idiotice encontrada entre suas páginas. Talvez seja uma notícia triste e ela não tenha entendido.

Outra já está sentada em uma pequena cadeira dobrável, tem um jogo de palavras cruzadas na mão e, com uma caneta, preenche rápido. Ou escreve ao acaso ou realmente sabe as respostas. Dou outra acelerada e, ao mesmo tempo, mudo de marcha. Quinta, quarta, terceira, curvada fechada a direita. Freio um pouco mais, diante do Cineporto, um cinema ao ar livre. Coloco a escora e desço da moto.

Grupos de garotas riem, divertidas, fumando um cigarro sem que nenhum pai iludido as veja. Uma loira com o cabelo curto, e muita maquiam, me olha e dá uma cotovelada em sua amiga. Morena, olhos de avelã, o cabelo amarrado, sentada com as pernas cruzadas sobre uma SH-50 cinza petróleo, esta última me olha admirada e fica com a boca aberta. Toco meu cabelo curto na nuca. Estou moreno, magro, sorrio e me sinto bem. Estou tranquilo. Quero uma cerveja fria e assistir um filme. Para ser sincero, tenho vontade de outra coisa, mas sei que não posso ter.

— Step, não posso acreditar!

A morena desce da SH-50 e corre a meu encontro gritando como uma louca. Olho-a, tentando identificá-la. Depois, de repente, reconheço-a: é Pallina. Não posso acreditar... Pallina. Pallina, a namorada do meu amigo, de meu melhor amigo. De Pollo, o companheiro das primeiras corridas, das primeiras garotas, de mil brincadeiras, de risadas e porradas, e lutas no chão, na chuva, na lama, na noite, no frio, no calor, nas férias da vida. E cigarros e

centenas de litros de cerveja. Sim, Pollo, das mil corridas de moto e dessa última...

— Pallina — Salta em meu pescoço, abraçando-me com força, com essa força que me lembra precisamente ele, meu amigo que já não está aqui. Tento não pensar. Abraço-a forte, mais forte, e respiro entre seu cabelo, tentando recuperar o fôlego, voltar o presente, à vida. — Pallina. — Separa-se e fica olhando-me com os olhos brilhantes. Me dá vontade de rir.

— Porra, você se tornou uma supermulher!

— Oh, então você percebeu!

Ri, divertida, ri e chora, como sempre, louca como está, mais bonita que nunca. Seca o nariz com a mão e funga.

— Não te reconheci!

Dá uma volta na minha frente, sorrindo, com amor nos olhos, e me faz uma espécie de desfile.

— Então, como estou? Eu perdi peso, hein? Você gosta do cabelo curto? O que me diz? Você viu antes um penteado como o meu?

— Não, nunca.

— Vamos já, é a última moda! Como pode, precisamente você, que esteve nos Estados Unidos! — Ri como uma louca. — É *fashion*! Eu copiei da *Cosmopolitan* e da *Vogue*. Tinha Angelina Jolie e Cameron Diaz? Por isso, eu misturei e superei! O momento difícil já passou. Me dá um soco.

— Quanto senti sua falta, Step — E me abraça outra vez.

— Eu também senti a sua.

— Ei, você também está ótimo. Deixa que eu te veja... Emagreceu, ainda os têm?

Toca a minha camisa e passa a mão pelo meu abdômen.

— Caralho, aqui estão... E mais do que nunca! — Me faz cócegas.

— Ei, quieta.

Ri.

— Caramba, como você está bem. Vem, deixe-me apresentar-lhe. Está é minha amiga Giada.

— Olá.

— Ele é Giorgio e ela é Simona.

Nos olhamos, dirigindo-nos gestos de saudação. Paro um instante a mais no rosto de Giada, que se cora dando um último toque de cor em suas bochechas, que já estão por si só muito maquiadas. Pallina percebe.

— Vamos... Acaba de chegar e já está fazendo estragos. Giada se vira deixando cair seu cabelo sobre seu rosto. Esconde-se, sorri enquanto se afasta, os olhos verdes aparecendo sob as mechas claras de um cabelo divertido, ao estilo do Bambi. Pallina balança sua cabeça.

— Mas... Oh... já foi embora. Vamos também, anda. Nós vamos entrar para tomar uma cerveja. E, em todo caso, acabou de chegar, certo? Temos que falar dos velhos tempos.

Não me dá tempo para me despedir e Pallina me arrasta:

— Nossa, tenho que te contar mil coisas. Ei, você poderia ter me escrito duas linhas, uma ligação, um cartão postal... Você se lembra do meu número, pelo menos?

Digo de memória. Depois me traio: — É lá onde eu sempre ligava para Pollo.

Inferno, eu gostaria de não ter dito. Felizmente, estamos na porta. Pallina me salva. Ou não me ouviu ou fingiu.

Cumprimenta um segurança magro: — Olá, Andrea. Nos deixa entrar?

— Claro, Pallina, está só com seu amigo?

— Sim, não sabe quem é?

Andrea não responde.

— É Step. Lembra-se, eu falei dele...

— Como não... — sorri. — Maldição, são verdadeiras todas as coisas que eu ouvi sobre você?

— Reduz para sessenta por cento e terá algo. Pallina sacode sua cabeça, lança-me um beijo e entra.

— É modesto — Pallina lhe dá um tapa no ombro. — Obrigado, Andrea. Sigo-a, divertido.

— Realmente os tempos mudaram...

— Por quê?

— É assim como agem os seguranças agora?

Pallina olha para Andrea, que nos segue com um olhar incerto. Talvez

não está totalmente convencido que esse seja Step que tanto ouviu falar.

— É que esse é um segurança meticuloso, Step.

— Sim, meticuloso. Que quer dizer com meticuloso? Nos bons tempos, antes de trabalhar como porteiro, te faziam passar o pão que o diabo amassou para comprovar se sabia apanhar ou não. Uma vez, no Green Time, me disseram que deixasse o dinheiro em uma sala nos fundos... Entrei e logo três caras avançaram sobre mim. Começo a contar-lhe a história. Nesse dia, Pollo também estava, mas desta vez consigo deixá-lo fora, que esteja tranquilo, em seu lugar, seja qual for. Só espero que esteja escutando e que se divirta com esta recordação.

— Em resumo, haviam me roubado o dinheiro. Assim, em um segundo, tirei meu cinto e, pum!, na cara dos três. Em um lhe dei com a fivela e quebrei seu osso da bochecha. Os outros dois, pouca coisa, embora acabaram com alguns hematomas no rosto. Desde esse dia, passei quatro meses trabalhando na porta do Green Time. Cem por noite. Um sonho, e paquerava muito.

— Pollo tinha uma cicatriz no rosto, abaixo de sua bochecha esquerda. Ele disse que tinha sido uma corrente. Não lhe escapa nada.

— Talvez tenha sido seu pai. Me olha e sorri.

— Mentiroso, vejo que não mudou.

Nos sentamos em uma mesa de plástico com cadeiras brancas e permanecemos em silêncio. Me viro para olhar ao redor. Atrás de nós, há uma espécie de bote de borracha gigante que serve de piscina. Pessoas de todos os tipos e condições vociferam lá dentro. Na margem, um garoto grita como um louco, encolhe as pernas e salta no meio. Molha tudo. Uma senhora gorda com um traje de banho azul protege o cabelo como pode. "Virgem santíssima...", diz, levantando as mãos para o garoto, que ri com seus amigos. A mulher solta algo mais e retorna para seu banho na piscina de água quente e espumosa. O marido, na margem oposta, meio calvo e obeso, ri, olhando-a. Sacode a cabeça e fuma um cigarro. Certamente também está fazendo xixi. Depois começa a tossir. O cigarro cai na água e apaga. O homem dá um pequeno empurrão nele com a mão, afastando-o, para uma criança que nada tentando um desajeitado estilo livre.

— Então, como você está?

— Muito bem, e você?

— Bem, bem.

Permanecemos um momento em silêncio, inibidos por esse tempo que já não existe. Felizmente, dos alto-falantes distribuídos em todo lugar saem as notas de uma canção, *The lion sleeps tonight*. Quem sabe qual de nós é agora o leão, e, sobre tudo, se dorme realmente. Um garçom se aproxima e pergunta o que queremos tomar.

— Espera, deixe-me adivinhar. Uma Corona com uma fatia de limão. Sorrio.

— Não, agora bebo Bud.

— Bom, por que eu também gosto muito. Dois Bud, por favor. Quem sabe se disse a sério.

— Sabe, eu pensei em ti muitas vezes enquanto estava lá... Em Nova York, né?

— Sim — Me faz rir, não mudou, fala em rajadas e, às vezes, diz algo. Lembrou-se de mim tantas vezes que nem sequer tinha certeza de onde eu estava. Porra, Step, é Pallina. Deixe-a em paz. É a namorada de teu amigo Pollo. Não julgue também ela, não analise suas palavras todo tempo. Vamos, deixe-a. Bato em meu cérebro.

— Sim, em Nova York. Eu me diverti muito. — Imagino. Fez bem indo embora. Aqui tem sido tudo muito difícil.

As Buds chegam. Levantamos. Sabemos por que estamos brindando.

— Por ele... — eu digo em voz baixa. E ela assente. Tem os olhos cheios de amor, de recordações, do passado. Mas agora estamos no presente. E as Buds se chocam com violência. Depois, bebo. Está gelada e parece maravilhosa. Queria não parar, mas na metade paro e respiro. Apoio a garrafa na mesa. — Boa.

Procuro em minha jaqueta. Pallina é mais rápida do que eu. Tira um pacote de Marlboro light da camisa verde clara com dragonas militares e bolsos com zíper. Pega um e estende o pacote. Eu escolho um, e percebo que o cigarro não está de cabeça para baixo.

Sonhos acabados? A melancolia me ataca. Fecho o pacote e o devolvo. Coloco na boca. Depois ela me dá um isqueiro, não, insiste em acender meu

cigarro. Está com as mãos frias, e sorri para mim.

— Sabia que desde então não voltei a ficar com nenhum outro homem? Dou uma tragada e trago fumaça, carregado, pesado.

— Homem? Garoto! — Tento banalizar.

— Bem, isso, que seja — Talvez tenha sido o Bud, o cigarro, a confusão, toda a bagunça ao nosso redor. Rimos. E tudo volta como tempos atrás, sem problemas. Falamos de tudo: recordações, novidades, as outras... Besteiras, besteiras de sempre, mas estamos bem. Informa-me dos assuntos triviais.

— Ei, se lembra daquela ali, certo? Não sabe no que se converteu!

— Uma garota quente?

— Um barril.

Risadas.

— Frullino, no entanto, está dentro outra vez.

— Não brinque! Sim, acabou as brigas com Papero porque ele tinha tido um caso com sua namorada e este o denunciou.

— Eu não posso acreditar... Não há respeito por nada.

— Juro.

Rimos.

— Os irmãos Bostini abriram uma pizzaria.

— Onde?

— Em Flaminio.

— E como é?

— É legal. Você encontra com todo mundo que conhece, mas ainda há um monte de gente nova. Além disso, não é muito caro. Giovanni Smanella, no entanto, não passou na seleção.

— Não posso acreditar... Mas o que tem no cérebro?

— Bah, no inverno passado ele estava atrás de mim.

— Vamos... Que merda! Voltar aos velhos tempos. Pallina me olha, preocupada.

— Não, era uma coisa simpática. Nós havíamos feito amigos, ele me fazia companhia. Falava-me muito de Pollo.

— Encima!

— Porra, Step! — Pallina dá um longo gole na cerveja. — Você não

mudou nada!

Estou tenso, mas depois deixo passar. Tem razão, o que me importa? Não fez nada errado. No fundo, a vida continua.

— Eu mudei — digo, sorrindo.

— Ah, menos mal, então podemos falar de outra coisa? — Sorri, e coloca um rosto esperto, inesquecível.

— Ah... — Ela percebe que mudou de expressão. — Aqui está uma nota de dor. Procurei por você. — Bebe um último sorvo da cerveja e depois volta com a carga feita uma mulher. — Então... você soube dela? Quanto tempo faz que não se falam? Tentou ligar para ela de lá? É uma máquina, parece não consegue parar nunca.

— Ei, calma, caramba. Parece que os tiras me pegaram! — Tento não parecer muito afetado pelo assunto, mas não sei se consigo. — Não, não soube mais nada dela.

— Nunca?

— Nunca.

— Jura!

— Juro.

— Não acredito.

— Que demônios... Acha que estou mentindo? Então, eu falei com ela.

— Não, não, tudo bem, eu acredito. Eu, no entanto, encontrei com ela dia desses.

Depois faz uma pausa, longa, muito longa. Não diz nada. Faz de propósito. Olha para mim e sorri. Quer que eu diga algo. Espera um pouco, muito. Mas, por que? Que droga. Que boba! Não resisto.

— Vamos, Pallina, solta, conta.

— Como sempre, muito amável, mas...

— Mas?

— Diferente. Não sei como dizer. É isso: ela mudou.

— Bom, sobre isso, não tenho dúvidas, todos nós mudamos.

— Sim, eu sei... Mais ela... Ela mudou de uma maneira... Eu só sei que foi de uma maneira diferente.

— Isso é o que você disse! Mas o que quer dizer com uma maneira

diferente?

— Ei, eu não sei. Diferente e ponto. É assim, não sei como dizer. Ou entende ou tem que ver para entender.

— Obrigado.

Depois, não sei como, mas faço a pergunta. Sai com normalidade. Não quero dizer, mas me escapa. Me sai assim, sem querer. Inclusive, parece que não fui eu quem perguntou.

— E... estava sozinha?

— Sim. Sabe para onde ia? Compras.

Me dá vontade de rir. Eu lembro dela, a imagino e de repente, a vejo. Babi. — Espera aqui um momento. Não te mova, certo, Step? Não desapareça como de costume. Sério, não vá, quero seu conselho... — Me deixa na frente da vitrine. Entra, olha, escolhe, e depois me chama. — Olha, eu decidi que vou ficar com este. Você gosta? — Mas não me dá tempo para responder. Pensa de novo e muda de modelo. Prova outro, parece bom. Agora parece novamente decidida. Faz uma espécie de desfile e depois me olha. — Bem?... O que diz?

— Eu acho que está muito bem em você. Volta a olhar-se no espelho. Mas encontra algo errado, que só ela sabe.

— Desculpe, mas tenho que pensar. Então sai da loja e me abraça.

— Não, não, eu decidi que não. É muito caro. E está feliz, por que de qualquer forma, decidiu o melhor. No fim, eu a presenteei alguns dias depois. E ela riu. Havia se convertido em um jogo, outro jogo. Por que decidiste deixar de jogar, Babi? Mas não me dá tempo para encontrar a resposta.

— Você sabe se ela não está saindo com aquele cara?

— Não, não sei. Como quer que eu saiba? Te disse que não voltei a falar com ela? O que você acha, que tenho informantes secretos?

— Acho que agora não está saindo com ninguém. Diz propositadamente, sorrindo, pensando que me faz feliz. Não sei o que pensa e não quero saber.

— Bem, de qualquer forma, Babi não me interessa. Ante minha resposta, ela fica incrédula.

— O quê?

— Que não me interessa. Sério. Alguém disse que se sobrevive a Nova York pode sobreviver a tudo, e eu acho que consegui.

— Sim. Mas não foi alguém, é uma frase do filme Melhor... Impossível. Concordo, eu acho. Sorri e levanta as sobrancelhas. Bebo outro sorvo da cerveja.

— É sério, não me importo.

— Então, por que está repetindo?

Começa a tocar um celular. Não é um timbre normal. Mas uma música polifônica, mais baixa, distorcida, feia. Um garoto sentado na mesa ao lado, tira do bolso e o coloca próximo da orelha. O que toca não é o seu. Segue falando com a garota sentada na frente dele, ligeiramente corado. Quem sabe que ligação poderia receber. A garota demonstra que não aconteceu nada. O celular segue tocando. A música insiste e sobe de volume. Um homem gordo tira um celular pequeno da camisa e o olha. Não parece bem e o aproxima da orelha. Não, não é o seu. Está a ponto de jogá-lo sobre a mesa.

— Que droga de celulares.

— Eu deixei o meu em casa — diz Pallina. — Ou seja, não pode ser o meu. Às vezes, quando não gosto, eu desligo, mas hoje esqueci. O tilintar insiste.

— Eu acho que é o seu...

Acabo o último sorvo da cerveja, que quase me vai pelo outro lado. Inferno, é verdade, não me lembrava. Tiro do bolso. É o meu. Agora soa mais forte. A música deve ter sido escolhida por Paolo. As pessoas me olham. Pallina também. Tento me justificar.

— Paolo me deu de presente esta tarde — Pallina assente.

— Fale. É o meu.

— Menos mal, pensava que estava na discoteca. Não ouviu? — É uma bonita voz de mulher que no final começa a rir. — Está se perguntando quem pode ter seu número. Teu irmão me explicou. Espero ter sido eu a primeira a estrear. Sou Eva.

Por um momento, fico em silêncio. Eva? Claro... Eva, a aeromoça. Eva, que me trouxe cervejas. Eva, que passeava para cima e para baixo no avião. Eva, a gnocca. É para isso que serve um irmão... e um celular.

— Ei... está aí?

— Claro.

— Sabe quem sou eu ou realmente conseguiu me esquecer?

— Como eu poderia me esquecer de... — Queria dizer de Eva, a gnocca, mas percebo que este não é o momento.

— Eva, é que eu acreditava que este celular não funcionava. Ninguém tinha ligado ainda.

— Há quantas pessoas você deu seu número? Parece ciumenta.

Rio: — Ninguém...

— Onde você está?

— Estou com uma amiga.

Silêncio do outro lado.

— Onde?

— Por aí... O estranho do celular é que está em toda parte e nenhuma.

— E como é essa sua amiga?

— Uma amiga.

— E o que diz sua amiga de você passar tanto tempo no celular?

Pallina olha ao seu redor e cumprimenta os amigos que acabam de entrar.

— Não diz nada. Eu te disse: é uma amiga.

Parece aliviada.

— Ei, se você quiser, podemos ir para algum lugar. Podemos dar uma volta.

— Há um problema...

— Tua amiga?

— Não, minha moto. Estou de moto.

— Ah, então isso que é um problema.

— Tem medo?

— Não, não tenho medo, deveria ter?

— Não.

Eu gosto desta garota.

— O problema é que não posso subir. Estou proibida pelo seguro do voo.

Não sei se acredito nela, mas não importa.

— É verdade, se cair da moto, não te pagam.

— Por que não vem me ver? Estou no hotel Villa Borghese.

Pallina me olha e faz um gesto com a mão como se dizendo: "Que chamada longa!"

— E depois pegamos um táxi? Ou também tem seguro para isso?

Eva ri: — Depois decidimos. Termina a chamada.

— Menos mal. Uma discussão com uma garota?

— Sente curiosidade, hein?

Levanto-me e pego o bilhete.

— O que está fazendo? Vai embora?

— Sim, mas eu pago.

Pallina parece desapontada.

— Nos veremos um dia desses ou você vai embora?

— Não, vou ficar.

— Me dê seu número, para que eu possa te ligar.

— Não sei de memória.

Me olha com uma cara engraçada. Inclina a cabeça e me olha fixamente. Está mais bonita, mais mulher. Tenho muito carinho por ela. Mas não há nada a fazer, não acredita em mim.

— Eu te ligo. Se não, pode ligar para minha casa. Estou na casa do meu irmão e continua o mesmo número.

Tranquiliza-se. Levanta-se e me dá um beijo.

— Tchau, Step. Seja bem-vindo. Então vai se reunir com seus amigos.

Oito

A moto arranca a primeira. A bateria se recupera facilmente.

Primeira marcha, segunda, terceira.

Em um instante estou debaixo da Corso Francia. Penso em algo e volto atrás. Eu posso gostar de uma garota como Eva. Mas acima de tudo, gosto de mim. Ela é do meu gosto.

Cinco minutos depois. Corso Francia, Piazza Euclides, Viale Parioli. Uma série de restaurantes e carros em fila dupla. Um estacionamento elegante. Uma senhora tenta uma manobra, para contente com a manobra mal feita. Ela acha bom. Ela bloqueou a curva. Garotos e garotas às portas do Duck impedindo o tráfego.

Me espreito entre os carros, numa tentativa de mudar de direção e vou para a Praça Ungheria. Para a direita e depois para o zoológico. Hotel Villa Borghese. Estaciono a moto e pego a bolsa.

— Boa noite

Jesus, não sei seu nome, só seu apelido. Tenta buscar uma ideia.

O porteiro, um homem de uns sessenta anos de aspecto amigável decide me salvar.

— A senhorita te espera. Apartamento 202, segundo andar. Me pergunto como ele sabe que é ela que vou ver. Se eu quisesse ver um apartamento? Ou uma simples informação? Mas entendo que é melhor ficar quieto.

— Obrigado.

Ele me observa partir. Esboça um meio sorriso e, em seguida, suspira. Balança a cabeça. Sente inveja de Eva ou dos anos passados, quando era mais bonito. Subo as escadas. 202. Paro e bato.

— Trouxe o champanhe? — pergunta divertida ao abrir a porta.

— Não, cerveja.

— Olá, entre.

Eu dou um beijo na bochecha. Ela anda calmamente, um pouco arrogante, mas delicada como no avião. Está diferente. Seu cabelo está solto.

— Brincadeiras à parte, quer beber algo?

— Sim — eu disse. — Cerveja.

— Há na geladeira.

Está numa geladeira em um canto oposto. Pego. Quando volto, ela está sentada no sofá. Seus braços estão abertos: um no suporte do sofá e o outro em uma almofada. As pernas esticadas e juntas.

— Estou exausta. Fiz algumas compras como te disse.

— E como foi?

— Bem. Comprei uma camisola e um terno muito bonito. 'Azul-Perdição'. Gosta do nome?

— Muito.

Ela sorri e senta-se ereta.

— Quer ver como fica? Ela sorri animada, carinhosa, divertida. Ela olha de uma forma mais intensa, com uma estranha malicia. Como para demonstrar algo, sua hipotética elegância, ou algo assim. É um desafio? Eu aceito.

— Claro que sim.

Ela pega uma sacola. Para e olha pra mim, levanta as sobrancelhas e anda divertida. Ela quer que eu diga algo.

— Aonde vai?

— Ao banheiro. O que achou?

Fecha a porta atrás dela com um último sorriso que significa "Eu volto em breve".

— Que achou?

Terminei a cerveja na hora certa. Esta é Eva. Como me sinto?

A camisola desliza sobre seu corpo como uma onda suave, tão suave que sou quase capaz de ouvir o mar. É de um azul profundo. Azul perdição, como ela disse. Penteou os cabelos. Algo no sorriso, não sei, mudou.

— Linda. Muito linda. Se esta é a camisola... agora quero ver o terno.

Ela ri. Depois assume uma expressão profissional. Está de volta a aeromoça.

— Porque me deu seu número? O que você quer?

Não consigo pensar em nenhuma resposta. Finalmente penso em uma talvez boa: "Como diz a senhora, você é uma gnocca". Mas ela não se contentará. E faz bem. Ela insiste. Está com o rosto muito próximo do meu. Me lembro da canção do Nirvana... *"If she ever comes down now..."*

— Então, o que você quer?

— Me perder em seu azul.

Ela gosta e ri. Ela gostou da piada. Me beija, maravilhosamente, calma, doce, por muito tempo. Toca meu lábio inferior, sugando, estende ligeiramente em direção a sua boca. Em seguida a solta subitamente. Aproveito.

— Te trouxe uma coisa.

Por outro lado não há pressa. O pouso não é previsível. Agora não. Separo-me dela e pego a bolsa. Sou surpreendido. Seus mamilos aparecem sob a dobra da camisola. Mas não quero perder o rumo. Abro a bolsa na frente dos seus olhos.

— Não acredito. Duas fatias de melancia!

— Comprei de um amigo na ponte Milvio. Faz um tempo que não como.

Lhe passo uma.

— Eles têm boas melancias em Roma.

"Depois das suas" eu poderia acrescentar. Mas a piada é pior que a outra. Morde a fatia e imediatamente, com um dedo, pega o suco que desliza pelos seus lábios e suga sem perder uma gota. Ela ri. Sim, sem pressa. Eu mordo. É fresco, é doce, bom, não queima. Eva continua comendo. Ela gosta. Devora sorrindo. É quase uma competição. Estamos chegando ao fim, mas continuamos comendo. O suco desliza até o queixo. Ela termina a fatia e a coloca em cima da mesa e, sem secar a boca, me beija.

— Agora você é minha melancia.

Me morde, e lambe meu queixo, reduzindo apenas na minha barba pequena. Determinada, com fome, divertida. Mais mulher.

— Sabe, te desejei no avião e te desejo agora...

Não sei o que dizer. É estranho ouvi-la falar. Eu fico em silêncio

enquanto ela sorri pra mim.

— É a primeira vez que fico com um passageiro. Puxo o celular do bolso e desligo. A verdade é que, como as coisas estão indo, é o melhor presente que eu poderia dar a Paolo.

— Sabe, eu sempre quis uma aeromoça...

Tenta me dar uma bofetada. Eu a seguro e a beijo delicadamente. Se finge de brava e vira o rosto.

— Mas você é a melhor melancia que já provei...

Ela sacode a cabeça divertida e se liberta de mim. Senta-se a minha frente com as pernas cruzadas. Decidida, prepotente, sem um sorriso. Eu, propositalmente coloco a mão lá lentamente e com delicadeza. Ela sabe, como eu sei. Me olha nos olhos, desafiando, sem vergonha. Eu a olho sem sorrir. Em seguida ela me puxa, com desejo, ansiosa, quase me puxando pelos ombros. Deixo-me ir. Me perco nesse antigo azul perdido, com doçura, inclusive de melancia.

Nove

Longe. Pela Aurelia, antes de Fregene, no Castel de Guido. Um velho castelo abandonado que foi reformado. Cinquenta grafiteiros passaram cinco dias enchendo-o de *grafitti*. Cinco projetores com focos de todo tipo para poder, em um instante, iluminá-lo como se fosse dia. Dentro, três consoles com duzentos alto-falantes de 100kw espalhados ao longo dos salões abandonados, encima, nas rochas, nos quartos com os afrescos antigos agora descoloridos pelo tempo, e inclusive nos sótãos. Cinco mil velas distribuídas ao acaso entre o jardim e o interior. E se não bastasse, dois caminhões com mais de duzentos colchões ainda envoltos em papel celofane.

Sim, por que nunca se sabe... E esse nunca se sabe, Alehandro Barberini não vai deixar escapar. Esta é sua noite. Por seu vigésimo aniversário, seu pai lhe deu um cartão de crédito preto do Diners. E que melhor ocasião para inaugurá-lo senão essa? Duzentos mil euros, um suspiro, *et voilá,* está feito. E Gianni Mengoni não deixaria escapar a ocasião de um acontecimento como esse. É ele quem tomou o controle da situação.

Encomendou mais de mil garrafas de bebidas alcoólicas e trezentos champanhes, quarenta e cinco baldes cheios de gelo e vinte garçons... Por que economizar? Ele, só pela organização, teve que pagar trinta mil euros. Já cobrados: "Sabe, com estes nobres um pouco decadentes, nunca se sabe!", disse o pobre Ernesto, que teve que se ocupar seriamente de toda a organização.

Para Ernesto, no entanto, mil e oitocentos euros e uma canseira que já dura mais de um mês. Claro que, para ele, mil e oitocentos são uma dádiva do céu. Quer chegar ao coração da bela Madda. Faz um mês que tenta, mas ela ainda não se entregou. Esta noite acho que conseguirá. Comprou uma jaqueta que ela adora, mil euros à vista por um presente rosa, antiquado e arranhado. Mas ela está contente... ele também.

O pacote está escondido em seu carro e quando voltarem ao final da noite, de madrugada, ou quando, quando... Agora ele parece ver seu sorriso, esse sorriso que lhe impressionou tanto, que o convenceu para contratá-la também como ajudante esta noite. E só por quinhentos euros. Definitivamente, se tudo correr bem, no final da noite Ernesto embolsará trezentos euros, mas terá uma mudança em algo que não tem preço. Certas alegrias não se entendem em absoluto.

— Dani, mas onde está você? Estou à uma hora te esperando aqui fora.

— Eu sei, mas tivemos que deixar o carro lá no fundo. Sempre tem medo que o risquem.

— Por quê? Com quem você veio?

— Como com quem? Eu já te disse, com Chicco Brandelli!

— Não posso acreditar!

— Mas quando digo algo é sempre verdade.

— Mas ainda é difícil... Mas se ele está contigo apenas para se vingar da tua irmã!

— Olha, você está ácida. Comigo ele é encantador. Além disso, o que te importa? Giovanni Franceschini, que sempre dava encima daquela do terceiro A, como se chama?

— Cristina Gianetti.

— Isso. Não saiu depois com a irmã mais nova quando a conheceu?

— Sim, por que a primeira é uma freira perfeita e a outra, dizem que faz uns números que, comparado com ela, a estrela do pornô Eva Henger é uma aborrecida!

— Bom, pois Brandelli gosta muito de mim e, além disso, eu já te disse, dentro de quatro dias é meu aniversário e já está decidido.

— Ainda com essa história? Mas aos dezoito anos você não está velha! Está obcecada. O que te importa se a tua primeira vez fora há dois anos?

— Dois anos? Mas está maluca? E quando recuperarei o tempo perdido? Como pode ser que agora que eu tenho coragem, você me desanima assim? Além disso, perdão, você fez com quantos anos? Aos dezesseis anos.

— Vê? E ainda fala por falar.

— E o que tem a ver? Se eu saía com Luigi há dois anos. Olha, não me

estresse. Chicco Brandelli gosta muito de mim e esta noite eu decidi fazer com ele. Seja uma amiga por uma vez! Por que é exatamente por isso que te digo, por que sou tua amiga.

Dani se vira e olha para longe.

— Venha, basta. Ele está vindo. Vamos, entramos e não falamos mais sobre isso.

— Olá, Giuli.

Chicco Brandelli a cumprimenta com um beijo na bochecha.

— Que bom te ver, faz tempo que não nos encontrávamos. Está muito bonita... Então, foi uma boa ideia conseguir entradas para esta noite? Estão contentes, bonecas? Venham, vamos entrar.

Chicco Brandelli pega a mão de Daniela e vai para a entrada. Em suas costas, Giuli cruza o olhar com Daniela e zomba de Brandelli, imitando-o: "Bonecas..." Depois faz uma careta de nojo como se estivesse dizendo: "Meu Deus, é terrível". Daniela por trás, sem ser notada, tenta lhe dar um chute. Giuli se afasta rindo. Chicco atrai Daniela de volta para si.

— O que estão fazendo? Vamos, sejam boazinhas, sempre estão jogando. Vamos entrar.

Se aproxima dos quatro porteiros, uns caras enormes, negros, com o cabelo raspado e rigorosamente vestidos de preto. Um deles verifica as entradas. Depois, assente ao ver que está tudo em ordem. Afasta um cordão dourado para deixá-los passar. A pequena comitiva entra, seguidos de outros garotos que acabam de chegar.

Dez

Um pouco mais tarde ou talvez muito mais tarde. Quando alguém dorme em uma cama estranha não sabe que horas são. Eu acordo, ela está do meu lado. Seus cabelos soltos se derramam pelo travesseiro, ali onde sua boca meio aberta busca uma respiração. Começo a me vestir em silêncio. E enquanto eu coloco minha camisa, Eva acorda. Estica a mão ao seu lado e vê que não estou.

Então, se vira e sorri ao me ver ainda ali.

— Está indo embora?

— Sim, tenho que ir para casa.

— Eu gostei muito da melancia.

— Eu também.

— Sabe do que mais eu gostei?

Lembro-me do que fizemos e me parece tudo maravilhoso. Por que estragar isso?

— Não, o quê?

— Que você não me perguntou se eu tinha gostado.

Fico calado.

— Sabe, isso é algo que todos sempre me perguntam e eu acho... estúpido, não sei como dizer.

Todos? Todos quem? Eu queria dizer. Mas não é tão importante. Quando você só quer sexo não procura por explicações. É quando você não faz só sexo que procura por todo o resto.

— Não perguntei por que sei que você gostou.

— Bobo! Diz isso com muito amor. Eu me preocupo. Aproxima-se e abraça minhas pernas, beijando-me em seguida nas costas.

— Por quê? Você gostou?

— Muito.

— Viu?

Ela insiste.

— Muitíssimo.

— Eu sei — e lhe dou um beijo rápido nos lábios e depois me dirijo para a porta.

— Queria te dizer que ainda fico alguns dias... Uma mulher um pouco chateada.

— Para ir às compras?

— Sim... — Sorri ainda um pouco atordoada pelo prazer. — Também...

Não lhe dou tempo para acrescentar outra coisa.

— Ligue-me, você tem meu número — e depois saio com pressa.

Diminuo o passo na escada. Outra vez sozinho. Coloco minha jaqueta e tiro um cigarro do bolso. Peso a situação. São três e meia. No hall, o porteiro mudou. É um mais jovem. Dorme apoiado em uma cadeira. Saio na rua e arranco na moto. Ainda levo encima o perfume de melancia e tudo mais. Uma pena. Eu queria agradecer ao porteiro que havia antes. O que eu sei, dar-lhe uma propina ou rir com ele, fumar um cigarro. Talvez lhe contaria algo, as besteiras que sempre se contam sobre o que foi feito. Quem sabe, talvez no passado ele não tenha feito isso com um amigo. Não há nada mais divertido do que contar os detalhes a um amigo. Sobre tudo se ela não te roubou o coração. Não como então. Lila. Dela nunca contei nada a ninguém, nem sequer a Pollo. Mas é um instante. Nada, não há nada o que fazer. Quando você faz só sexo, o amor do passado vem te buscar. Te encontra em seguida. Não bate na porta. Entra assim, de repente, mal-educado e bonito como só ele pode ser. E de fato, em um instante, estou outra vez perdido nessa cor, no azul de seus olhos. Babi. Aquele dia.

— Venha, mova-se... Senão vai se atrasar. Sabaudia[5]. Passeio marítimo. A moto está estacionada debaixo de uma árvore, perto das dunas.

— Eu não te entendo, Step. Você quer ou não o sorvete? Estou agachado, colocando um bloqueio na moto.

— O que você não entende? Você está parecendo uma boba. Eu disse não, Babi obrigada, mais não.

[5] [N/T: Região de Lácio.]

— Mas você quer, eu sei. Babi, doce teimosa.

— Então, por que está me perguntando? Além disso, você não acha que se eu quisesse iria comprar? Não custa nada.

— Isso, você vê como você é?... Logo, você pensa no dinheiro, é um mercenário.

— Eu disse no sentido que o sorvete é barato. O que importa, Babi? Compre de qualquer maneira e se não comer, jogue fora. Babi se aproxima com dois sorvetes na mão.

— Eu comprei dois. Tem um para mim de laranja e um para você de menta.

— Mas eu não gosto de menta.

— Faz um minuto você não queria por nada no mundo e agora se queixa por causa do sabor! Você é um tonto. Experimente, você vai vê como gosta.

— Eu sei se gosto de algo ou não!

— Você diz isso por que está irritado. Venha, que te conheço.

Primeiro tira o papel do meu e começa a lambê-lo. Depois de ter provado, me passa.

— Hmmm... O teu é muito bom.

— Então, toma o meu!

— Não, agora eu quero o de laranja. E lambe seu sorvete olhando-me e rindo. E depois se apressa por que o sorvete está derretendo, em seguida, o mete inteiro na boca. E ri. E logo quer provar outra vez o meu.

— Vamos, me dê um pouco do seu! — Diz propositadamente, rindo, e se esfrega, estamos apoiados na moto, estico minhas pernas, ela se mete dentro, e nos beijamos.

Os sorvetes começam a derreter e a pingar no braço. De vez em quando, recolhemos com a língua um pouco de laranja, um pouco de menta. Nas mãos, entre os dedos, nos pulsos, no antebraço... Suave. Doce. Parece uma menina. Usa uma longa canga, azul céu, com desenhos de um azul mais escuro. Usa preso na cintura. Usa sandálias azuis e só um biquíni, também azul, e um colar longo com conchas brancas, redondas, algumas menores, outras maiores. Se perdem e dançam sob seus peitos quentes. Beija-me no

pescoço. Aí! Apoiou o sorvete na barriga.

— Meu pequeno, aí... — imita-me.

— O que aconteceu? Te machuquei? Está com frio?

Endureço os músculos e ela se diverte ainda mais. Faz com que o sorvete resvale por abdômen, um após o outro, até que estremeço.

— Aí.

— Você tem um pouco de menta na cintura.

E continuamos assim, nos pintando de laranja e mente nas costas, por trás do pescoço, na perna, e depois, entre os peitos. O sorvete se quebra. Um pedaço entra em seu biquíni.

— Ah, idiota, está gelado!

— É claro que está gelado, é um sorvete.

E nós rimos. Perdidos em um beijo frio sob o sol quente. E em nossas bocas, a laranja e hortelã se encontram enquanto nós naufragamos.

— Vamos, Babi, vem comigo.

— Aonde?

— Vem...

Olho para a direita e para a esquerda, depois cruzo a rua rapidamente, arrastando-a comigo e ela corre, quase tropeça, arrancando as sandálias no asfalto quente. Deixamos para trás o mar, a rua, para ir para cima, entre as dunas. E correndo ainda mais para dentro. Então, perto de um acampamento de turistas estrangeiros, paramos. Ali, escondidos entre os arbustos, entre o verde seco, sobre a pouca areia, sob um sol observador, deito em sua canga. Agora estamos no chão. E ela se coloca encima de mim, sem o biquíni, minha. E com o calor, gotas de suor descendo de seu cabelo loiro cinza, perdendo-se na barriga já bronzeada, mais para baixo, entre seus cachos mais escuros e ainda para mais baixo, entre os meus... E esse doce prazer, o nosso. Babi se move sobre mim, para cima e para baixo, lentamente, feliz por ser amada. Bonita com toda essa luz. Menta. Laranja. Menta.

Laranja. Menta... Laranjaaa...

Basta. Estou fora. Das recordações. Do passado. Mas também estou perdido. Mais cedo ou mais tarde as coisas que você deixou para trás te alcançam. E as coisas mais estúpidas, quando está apaixonado, você as lembra

como as mais bonitas. Por que sua simplicidade não tem comparação. E me dão vontade de gritar. Neste silêncio que machuca. Basta. Deixa-me. Coloque tudo de volta no lugar. Assim. Fecha. Duas voltas na chave. No fundo do coração, ali, naquele canto. Naquele jardim. Algumas flores, um pouco de sombra e depois dor. Coloca ali, bem escondido, te peço, onde não machuque, onde ninguém possa ver. Onde você não possa ver. Isso. Outra vez trancado. Agora está melhor. Muito melhor. E me afasto do hotel. E dirijo devagar. Por Pinciana, por Paisiello, direto para Piazza Euclide. Não há ninguém na rua. Um carro da policia está parado em frente a embaixada. Um dorme; o outro lê quem sabe o quê. Acelero. Passo o semáforo e depois desço pela via Antonelli. Noto como o vento fresco me acaricia. Fecho os olhos um instante e acho que estou voando.

Respiro fundo. Bonito. Além disso, o serviço da aeromoça foi impecável. Eva. Perdida nesse "azul perdido". Linda. Tem um corpo perfeito. E, além disso, eu gosto das mulheres que não se envergonham de seu desejo. Doce. Doce como uma melancia. É mais, ainda mais. Pego o corso Francia. Está escuro. Chego à ponte. Agora quase faz frio. Algumas gaivotas levantam voo do Tíber. Ficam na ponte. É como se cumprimentassem com timidez. Depois, se lançam novamente para o rio. Articulam vozes suaves, um convite, um pedido. Pequenos gritos afogados, como se temessem acordar alguém. Mudo de marcha e giro para Vigna Stelluti. Depois começo a rir sozinho. Eva... Que estranho, nem sequer sei seu sobrenome.

Onze

No Castel di Guido a festa enlouquece. Dentro a música é ensurdecedora. Luzes vermelhas, roxas, azuis. Alguns dançarinos dançam sobre fardos de palha, completamente nus. Um halterofilista encadeado com um capuz na cabeça, seu corpo oleoso coberto apenas com uma tanga greco-romana, grunhe e finge que arranca as cordas da parede para tentar pegá-las. Dani e Giuli gritam divertidas. Um cavaleiro e sua dama nua cruzam a sala a cavalo. Em um sofá, relaxados, garotos e garotas se beijam, riem, se beijam escondidos pela escuridão, iluminados por um pequeno foco verde que atravessa os cômodos ao ritmo da música. Garçons passam com impecáveis paletós brancos com bandejas servindo as melhores bebidas, do rum John Bally ao gim Sequoia. Chicco pega dois e bebe. Depois dança sem se mover do lugar, levantando seus braços para o céu.

— Este lugar é incrível! É o inferno só para ricos, ou seja, só para nós... Ótimo!

Depois agarra Daniela e a faz girar no ritmo da música. Ri com ela, a abraça e a beija delicadamente nos lábios. E, em seguida, a solta com uma volta de dança mais ou menos bem sucedida.

— Esperem aqui, bonecas, eu vou pegar algo mais para beber! Giuli o observa sair e depois se volta para Dani e a olha em silêncio.

— Dani... você está realmente decidida?

— Não posso mais...

— Ah, é isso!

— Claro que não, eu gosto muito dele, é só que está na hora de me soltar e você faz tudo ainda mais difícil.

— Eu?

— Quem mais! Eu tenho que me embebedar. O que acontece é que se eu beber, depois passo mal.

— Dani, olha, esse não é Andrea Palombi?

— Sim, é ele. Minha nossa, faz um tempão que não o via!

— Parece outro. Mas o que houve com ele? Pegaram-no?

— Não, quando terminamos, ele ficou deprimido.

— Porra! Isso, tua primeira vez tinha que ser com ele, com alguém que ao menos te queria de verdade. Quanto tempo vocês ficaram juntos?

— Seis meses.

— E em seis meses, não tiveram chance?

— Suponho que sim, mas se estou assim significa que no fim não houve nenhuma! O que seja... Além disso, não são coisas que podem ser decididas do nada!

— Mas, o que está dizendo! Está noite você está fazendo tudo do nada.

— Pare, você está me enrolando! Não conseguirei nunca! Tenho que tomar um ecstasy! Isso, isso é o que preciso.

— Sim, é ótimo. Eu tomei um na festa de Giada, isso sim ajuda.

— O que você fez?

— Nada, me senti maravilhosa. Giovanni também estava e fizemos amor. Foi maravilhoso.

— Acredito que você estava sob o efeito do ecstasy.

— E o que isso importa? Com Giovanni estou sempre muito bem! Sempre me sinto bem com ele desse ponto de vista, nos entendemos muito bem na cama, o que você acha?

— Claro, na cama você se entende muito bem com qualquer um que respire!

— Ei, agora você está sendo azeda, hein? Então, você poderia se deitar diretamente com Giovanni ao invés de complicar tanto a vida, não?

— Basta, venha, não vamos discutir. Onde posso encontrá-lo?

— O quê?

— Um Giovanni... Não, tonta, em ecstasy! Você está com medo!

— Olha, ali tem um camelo[6].

— Quem?

— Um camelo. Você vive no mundo da lua. Camelos são as garotas que

[6] [N/T: Nome que se dá a pessoas que vendem pequenas quantidades de drogas.]

passam as coisas. Vê? É aquela com o cabelo com trancinhas. Venha, boba! Está perto das mesas! Tem de tudo. A vi na entrada. Sabe de quem estou falando? Aquela ali, você está vendo?

— Sim, a que está do lado de Madda.

— De quem?

— De Madda Federici. Quem acabou saindo na porrada com minha irmã há uns dois anos.

— E o que te importa? O que você tem a ver com isso? Além disso, elas trabalham juntas. Você a cumprimenta e verá que não tem problemas.

— Tem certeza?

— Venha.

Daniela se encoraja e cruza a sala. De longe, Madda a vê chegar e a reconhece. Nunca se esqueceu dela, de nenhuma das duas. Vai até o camelo.

— Sophie, o que você tem?

— Um ecstasy e um *scoop*.

— Você está vendo essa que está vindo para cá?

O camelo olha para Daniela.

— Sim, o quê?

— Se te pedir algo, dê o *scoop*.

— E quanto lhe dou?

— Isso é com você.

Daniela chega e fica na frente das duas. O camelo levanta seu queixo, como se dissesse: "Está querendo algo?" Daniela cumprimenta primeiro Madda.

— Olá, como está? Madda não responde.

Daniela continua.

— Desculpe, queria saber se tem ecstasy.

— E eu quero saber se você tem dinheiro – diz o camelo.

— Quanto eu teria que te dar?

— Cinquenta euros.

— Certo, pega.

Daniela tira dinheiro do bolso de sua calça e lhe dá. O camelo o faz desaparecer, em um instante, dentro de um dos seus bolsos dianteiros. Depois

tira da munhequeira uma pílula branca. Dá para ela e começam a sair.

— Ei, calma — Madda a detêm. — Você não pode andar com isso por aí. Toma aqui e agora. Engole. — E lhe estende uma meia garrafa de cerveja que estava bebendo.

Daniela olha para ela, preocupada.

— Mas não passarei mal se tomar com cerveja?

— Se você veio até aqui, só pode te fazer bem! Daniela coloca a pílula na boca e toma um longo gole. Depois baixa a cabeça e toma uma respiração. Engole e sorri.

— Pronto.

Madda a para novamente.

— Deixe-me ver. Levanta a língua. Daniela obedece. Madda olha. Sim, ela tomou a pílula.

— Bem, adeus, e divirta-se.

Daniela se afasta precisamente ao mesmo tempo em que Chicco Brandelli se reúne com Giuli com duas garrafas de champanhe. Madda e Sophie ficam olhando-a.

— Essa garota vai enlouquecer, você vai ver. Se nunca tomou nada, um *scoop* te arrasa. Não vai se lembrar nem do que fez.

— É bem merecido. Assim leva recordações minhas para sua irmã!

— Que perigo enfrentar você, hein!

— Bem, é só uma questão de tempo.

— Ei, Madda, vou indo.

— E você vai fazer o que com o último ecstasy?

— Eu irei tomar em casa. Damián estará lá novamente essa noite. Pelo menos, assim praticaremos um pouco de sexo.

— Bem, desfruta, garota. Faz-me um último favor? Você se lembra do carro de Ernesto?

— Sim, o azul amassado.

— Isso, vem aqui, que te explico o que tem que fazer.

A música parece ter aumentado. O *scoop* está fazendo efeito. Dani dança desenfreada na frente de Giuli.

— Como você está?

— Maravilhosa.

— Qual é o efeito?

— E eu que sei! Não sei. Já não entendo nada, só sei que quero foder. Quero foder!

Daniela pula como uma louca gritando, abafada às vezes pelo som da música e outras vezes não. Principalmente quando acaba na frente de Andrea Palombi.

— Quero foder! — grita Daniela.

Andrea sorri.

— Até que enfim! — ele repete. — Eu também!

— Sim, mas não contigo!

E Daniela continua correndo e gritando, pulando de alegria, fazendo barulho, perdida entre os braços que a tocam, bebendo copos que passam na sua frente, dançando com desconhecidos, até encontrar essas mãos, esses lábios, esse rosto, esse sorriso... É esse. Estava procurando por você. Gosto de você. É muito bonito. E o vejo loiro, depois moreno, e em seguida, já não o vejo. E logo estamos em um quarto e o vejo se despir. E se vê despir-se. Alguém retira o celofane do colchão como se fosse um envoltório de um sorvete, um sorvete para lamber. E é isso que faz. Depois se perde deitada sobre o colchão frio. Umas mãos a pegam por baixo, puxam suas pernas. E pouco a pouco, é acariciada. Ah, estão me fazendo mal... Dói... Mas, tem que doer? É assim, pensa. Sim, é assim. É bonito também por que dói. E continua vendo esse estranho mar ao seu redor. E tudo flutua, para cima e para baixo, como esse corpo encima dela. E depois, sorri. E ri. E tem uma única pergunta: alguém amanhã de manhã escreverá algo em uma parede para mim? É assim que funciona, né? Uma frase de amor só para mim... E sorri. E dorme. Não sabe que não haverá nenhuma frase, de nenhum tipo. Nem sequer um nome. Mais tarde. Amanhece.

●●●

— Não, não posso acreditar!

Ernesto corre, exausto, em direção de seu carro azul.

— Quebraram minha janela!

— Você vê — diz Madda, subindo no veículo. — Mas se já estava totalmente amassado!

— Não, você não está entendendo, me roubaram um presente que eu tinha para você! Você não pode nem imaginar quanto tinha custado. Era aquele casaco rosa que você tinha gostado tanto!

— Sim, então você gastou mil euros por mim? E o que queria em troca? Que inteligente! Não acredito. Leve-me para casa, venha, estou cansada e com sono!

— Te juro, Madda! Eu havia comprado...

— Sim, sim, de acordo. Ei, agora tenho que ir para casa, por que amanhã pela manhã irei viajar.

— Para onde?

— Florença, ficarei fora por uma semana. Te ligo quando voltar.

— E o que você vai fazer?

— Vou por trabalho, outras festas, outras coisas. Mas, o que tem? Isto é um interrogatório? Está me estressando... sempre me sufoca, deixe-me em paz!

E é assim como Madda desce em um segundo e sobe no primeiro carro que passa. É o de Mengoni e parece muito mais feliz em ir com ele. Ernesto corre atrás, gritando.

— Para aonde você vai?

— Espera!

Madda sorri para si mesma. Esperar, o quê? O casaco rosa já está em casa, esperando-me. E sem te dar nada em troca. Ótimo! Além disso, eu também fodi a caçula Gervasi. Foi tão legal! Mas Madda não tem nem ideia do pesadelo pelo qual ela é responsável.

Doze

Durmo. Ouço Paolo mexendo na cozinha. Meu irmão. Mexe nas panelas tentando não fazer ruído, sei quando deixa os pratos sobre a mesa e quando fecha as gavetas. Meu irmão é como uma mulher. Tem os mesmos detalhes que minha mãe tinha. Minha mãe... Faz dois anos que não a vejo, quem sabe como ela usa seu cabelo agora. No último ano, mudava muito. Seguia a moda, os conselhos das amigas, uma foto em uma revista... Nunca entendi porque as mulheres são tão obcecadas com seu cabelo. Lembro-me de um filme com Lino Ventura e Françoise Fabian, *A dama e o Gângster*. 1973. Ele acaba na prisão. Ela vai buscá-lo. Escuridão. Só se ouvem suas vozes.

— O que está acontecendo?... Por que está me olhando assim?

— Você mudou seu penteado.

— Não gosta?

— Sim, mas quando uma mulher muda o penteado significa que também está a ponto de mudar de homem.

Sorrio. Minha mãe viu muitas vezes esse filme. Talvez ela levou a sério essas palavras. Uma coisa é certa: cada vez que a vejo ela usa um corte diferente. Paolo aparece na porta, abre-a devagar, com cuidado para que não faça barulho:

— Stefano, você vem tomar café da manhã?

Viro-me para ele: — Você preparou alguma coisa boa?

Ele fica um momento perplexo.

— Sim, acho que sim.

— Certo, agora vou.

Nunca entende quando estou brincando. Nisso ele saiu a mamãe. Coloco um casaco e fico com os shorts.

— Puxa, como você emagreceu.

— Outra vez... Você já me disse.

— Eu deveria também passar um ano nos Estados Unidos. — Toca em um pneuzinho na sua barriga, pegando entre dois dedos. — Olha isto.

— O poder e a riqueza se sentem bem na barriga.

— Então, você teria que estar magríssimo.

Tenta brincar. Também nisso é diferente de mamãe, porque não consegue.

— Em que está pensando?

— Em que você é bom colocando a mesa. Sente-se satisfeito.

— Bom, sim, eu gosto...

Me passa o café. Eu pego e adiciono um pouco de leite frio, sem sequer provar, e então pego um grande biscoito de chocolate.

— Estão bons.

— São de cacau amargo. Eu comprei para você. Eu não gosto, são muito amargos. Mamãe sempre comprava para você quando estávamos todos em casa.

Continuo em silêncio bebendo meu café com leite. Paolo olha para mim. Por um instante, quer acrescentar algo, mas pensa melhor e prepara outro cappuccino.

— Ah, durante a noite ligou uma garota, Eva Simoni. Ligou para seu celular?

Eva. Agora já sei como se chama: Simoni. Meu irmão sabe até o sobrenome.

— Sim, me ligou.

— E você já a viu?

— Porque todas essas perguntas?

— Curiosidade: tinha uma bonita voz.

— À altura de todo o resto.

Acabo de beber meu café com leite.

— Tchau, Pa, nos vemos.

— Bom para você, que pode estar assim.

— O que quer dizer?

Paolo se levanta e começa a organizar tudo.

— Bem, que está assim, livre, se divertindo, fazendo o que você quer. Você esteve fora, ainda está duvidoso, indefinido.

— Sim, sou sortudo.

Saio. Teria que dizer-lhe muitas coisas. Teria que explicá-lo de uma maneira amável que ele disse uma desleal, grande e terrível besteira. Que só se procura liberdade quando se sente prisioneiro. Mas estou cansado. Agora não me interessa, não me interessa nada. Entro no quarto, olho o despertador na mesinha de cabeceira e fico parado.

●●●

— Caramba, você me acordou e só são nove!

— Sim, daqui a pouco tenho que ir para o escritório.

— Mas eu não.

— Sim, eu sei, mas como você tem que ir para a casa de papai... — Olha para mim, perplexo. — Eu não te disse?

— Não, não me disse. Continua mantendo certa segurança. Depois me olha, pensando se disse ou não. Ou está realmente certo de ter me dito ou é um grande ator.

— Bom, seja como for, ele te espera às dez. Eu fiz bem despertá-lo, não?

— Claro, como não. Obrigado, Paolo.

— De nada.

Nada. Ironia zero. Segue colocando as xícaras e a cafeteira em ordem no lado direito da pia, como sempre, só no direito. Depois volta ao tema.

— Ei, não quer saber por que papai quer te ver às dez? Não está curioso?

— Bom, se quer me ver, imagino que irá me dizer.

— Claro, claro.

Vejo que ele fica um pouco mal.

— Certo... Por que ele quer me ver? Paolo deixa de lavar os copos e se vira para mim, secando as mãos com um pano. Está animado.

— Não deveria te dizer por que é uma surpresa.

Percebe que estou me chateando.

— Mas vou dizer por que quero. Acredito que encontrou um emprego

para você! Está feliz?

— Muitíssimo.

Acho que estou melhorando. Consigo fingir inclusive diante de uma pergunta como essa.

— Então, o que você acha?

— Que se eu continuar conversando contigo chegarei tarde. Vou me arrumar.

Você está feliz? A pergunta mais difícil. "Para ser feliz — segundo Karen Blixen. — é preciso coragem." Você está feliz?... Uma pergunta desse tipo só poderia ser feita pelo meu irmão.

Treze

Pouco antes das dez. Eu olho para meu sobrenome escrito na campainha. É a casa de meu pai. Está escrita com caneta de uma forma irregular, sem fantasia, sem valor, nem alegria de falar. Nos Estados Unidos, não teria acontecido. Mas, o que importa? Estamos em Roma, em uma pequena praça perto do Trieste, perto de uma loja que vende roupas falsas. Uma pilha na janela, por 29.90 euros. Como se um imbecil qualquer não entendesse que pagar por essa roupa de merda equivale a trinta euros. Espírito de comerciantes, falsos preços e um sorriso forçado. Chamo.

— Quem é?

— Olá, papai, sou eu.

— Você é pontual. Os Estados Unidos te mudou — ele ri.

Queria voltar para casa, mas agora já estou aqui.

— Em que andar você mora?

— No segundo.

Segundo andar. Entro e fecho a porta atrás de mim. Que estranho, eu nunca gostei do segundo andar. Eu sempre considerei um meio termo entre o sótão e o jardim, um lugar escuro para aqueles que sobrevivem. Aperto o dois. E o mesmo no elevador. Um trajeto muito curto. Inútil para quem quer fazer um pouco de esporte, e desconfortável para aqueles que não conseguem. Papai está na porta, esperando-me:

— Olá.

Está emocionado e me abraça com força. Muito tempo, muito. Me dá um pequeno nó na garganta, mas eu o expulso a pontapés. Não quero pensar. Me bate suavemente no ombro:

— Então... como vai?

— Ótimo. Os pontapés serviram. Falo normalmente:

— E você? Como está?

— Bem. O que você acha desse apartamento? Faz seis meses que me mudei e me sinto confortável aqui, eu mesmo decorei.

Queria dizer "percebe-se", mas esqueço. Não me importa.

— Também é confortável. Não é muito grande, tem uns oitenta metros quadrados, mas para mim está bem, quase sempre estou sozinho.

Olha para mim. Acredita e espera que esse "quase sempre" leve a algum lugar. Mas não. Se é por mim... Ele fica lá, parado. Sorri inutilmente e depois fala de novo:

— Encontrei esta oportunidade e aproveitei. Além disso, sabe de uma coisa? Sempre pensei que não gostava dos últimos, no entanto, é melhor, é mais... recolhido. Espero que não me pergunte o que isso significa. Eu ouvi um monte de vezes. É uma dessas palavras que eu odeio.

— Também é mais cômodo, mais tranquilo. Muitos adjetivos são para quase sempre justificar uma escolha errada.

Lembra-me de uma frase de Sacha Guitry: "Há pessoas que falam, falam... até que encontram algo para dizer".

— Sim, concordo com você.

Talvez eu estivesse de acordo com a frase, mas não posso: só pensei, não disse em voz alta. Sorri para mim.

— E agora?

Olho para ele, desanimado. E agora? O que significa "e agora?"? Lembro-me de um colega do instituto, Ciro Monini, que se sentava na cadeira da frente e sempre dizia: "E agora? E agora?" E Innamorato, que se sentava por trás dele, sempre respondia: "E agora? Café!" E ria. Mas o pior é que o outro também ria. E repetia quase diariamente. Não sei se ainda se vêem. Temo que façam o mesmo jogo com outra pessoa... E bem? Eu gosto de meu pai. Porra, estou incômodo aqui. Mas estou me esforçando. Não sabe quão bem eu estive em Nova York, maravilhoso.

— Havia pessoas? — Olho para ele. — Quero dizer, italianos...

Por um instante, ele me deixou preocupado.

— Sim, muitos, mas todos diferentes do que estamos acostumados a conviver aqui.

— Em que sentido?

— Não sei. Mais inteligentes, mais atentos... dizem menos besteiras. Passeiam, falam sem problemas, contam coisas...

— O que você quer dizer com "contam coisas"?

Se ao menos estivéssemos jantando... Na mesa perdoaria qualquer um, inclusive meus pais. Quem disse isso? Estava no instituto e me fez rir. Talvez foi Oscar Wilde. Não acredito que consiga, mas tento.

— Que não se escondem. Enfrentam suas vidas, e, além disso... admitem suas dificuldades. Claro que não é por acaso que quase todos tenham psicanalistas.

Olha-me preocupado:

— Por quê? Você foi a um?

Meu pai sempre com a pergunta errada no momento adequado.

Eu o tranquilizo.

— Não, papai, não fui há nenhum.

Eu gostaria de acrescentar: "Embora talvez eu devesse ter ido. Talvez um psicanalista norte-americano houvesse entendido meus problemas italianos". Ou talvez não. Queria dizer, mas deixei de lado. Não sei quanto duraremos. Tento simplificar.

— Eu não sou norte-americano. E nós, os italianos, somos muito orgulhosos para admitir que precisamos de ajuda.

Permanece em silêncio. Ele se preocupa; eu sinto muito. Então tento ajudá-lo, não deixar que ele pense que tem alguma culpa.

— Além disso, para quê? Para jogar dinheiro fora? Se você vai a um psicanalista e não entende o que te diz por que ele fala em inglês... então aí sim você tem problemas mentais! — ri. — Prefiro gastar em um curso de línguas. Eu fiz de qualquer forma, mas não tive esperanças de melhorar. Ri outra vez, embora me parece que ele se esforça. Quem sabe o que ele queria que eu dissesse.

— No entanto, às vezes, não somos nem sequer capazes de contar nossos problemas a nós mesmos. Fica sério.

— Isso é verdade.

— É a mesma razão, pelo que li, que cada vez menos pessoas se confessam nas igrejas.

— Já...

Não parece convencido.

— Onde você leu isso?

Como suspeitava.

— Não me lembro.

— Então, voltemos para nós.

Por quê? Voltemos para nós... Que maneira de falar. Estou mal. Estou incomodado. Meu pai... está me deixando nervoso.

— Paolo te disse algo?

— Sobre o quê?

Mentir para papai... Eu não tenho nada a ver com essa confissão. Não vou à igreja. Não mais.

— Não, não me disse nada.

— Bem — Sorri entusiasmado. — Encontrei um trabalho para você.

Tento fingir o melhor que posso:

— Obrigado.

Sorrio. Deveria ser ator.

— Eu poderia saber do que se trata?

— Claro que sim, que tonto. É que eu pensei que, como você esteve em Nova York fazendo um curso de desenho para computador e fotografia... não é?

Estamos indo bem. Nem sequer ele tem certeza do que seu filho fez em Nova York. E pensar que era ele que pagava a escola todos os meses...

— Sim, exato.

— Isso, o ideal era que eu encontrasse algo que tivesse a ver com o que você tinha estudado. E foi assim! Te aceitaram em um programa de televisão como assistente em computação gráfica e imagens! Diz com um tom que parece a tradução italiana do Oscar americano: *And the winner is*... O ganhador é... sou eu?

— Bem, naturalmente você será um ajudante, ou seja, a pessoa que ajuda quem faz os desenhos gráficos e se ocupa das diferentes imagens, eu acho.

Ou seja, não sou o ganhador. Sou o segundo classificado.

— Obrigado, papai, me parece uma boa ideia.

— Ou algo parecido, na verdade, não sei explicar.

Próximo como sempre. Impreciso. Perto da verdade ou algo parecido. Meu pai. Entendeu realmente alguma vez o que aconteceu com mamãe? Acho que não. Às vezes, me pergunto o que eu tenho dele. Imagino a foda que me engendrou. Olho para ele, encima de mamãe. Começo a rir. Se soubesse o que estou pensando... Toca o interfone.

— Ah, deve ser para mim — Levanta-se apressado, ligeiramente envergonhado. É claro, para quem iria ser? Eu já não vivo aqui, como Alicia. Papai volta, mas não se senta. Fica de pé e move as mãos de uma maneira nervosa.

— Sabe, não sei como dizer isso, mas há uma pessoa que eu gostaria que você conhecesse. É estranho contar isto para um filho, mas digamos que estamos entre homens, não é? É uma mulher. Ri para desestressar. Não quer deixar as coisas difíceis.

— Claro, papai, não há nenhum problema... estamos entre homens.

Fico em silêncio. Ele fica de pé, olhando-me. Não sei o que dizer. Vejo que evita meu olhar. Batem na porta e ele vai abrir.

— Olha, esta é Monica.

É bonita. Não muito alta, maquiada em excesso. Usa um perfume forte, um vestido mais ou menos elegante, o cabelo é muito encaracolado e usa muito batom nos lábios. Sorri e seus dentes não são grandes coisas. Não é tão bonita. Levanto-me como me ensinou minha mãe e nos damos às mãos.

— Encantado.

— Teu pai me falou muito de você. Voltou há pouco tempo, não foi?

— Ontem.

— Como foi viver fora?

— Bom, muito bom.

Senta-se tranquila e cruza as pernas. Pernas longas, muito bonitas, sapatos um pouco desgastados, um pouco demais. Pelos sapatos, eu li, é que se conhece a verdadeira elegância de uma pessoa. Leio um monte de coisas, mas nunca recordo onde. Ah, sim, era no Class, no avião, em uma entrevista a um porteiro de discoteca. Dizia que pelos sapatos decidia sempre se deixava entrar uma pessoa em seu local ou não. Ela teria ficado fora.

— Quanto tempo você esteve em Nova York?

— Dois anos.

— Muito — sorri, olhando para papai. — Mas passou muito rápido. Sem problemas.

Espero que não faça mais perguntas. Talvez o entenda. E pare. Tira do bolso um pacote de cigarros. Diana azul. O porteiro teria duvidado a respeito. Depois acende um com um Bic colorido e, depois de dar a primeira tragada, olha ao redor. Só finge fazer, pois na verdade não procura nada.

— Pega, Monica — meu pai se precipita para perto dela com um cinzeiro que ele pegou em uma pequena mesa atrás dele.

— Obrigada — Tenta fazer com que as cinzas caiam no cinzeiro, mas ainda é muito cedo. No cigarro fica gravado meia boca, com seu batom vermelho, com todas as suas ondulações. Odeio batom no cigarro.

— Bem, eu vou indo, tchau.

— Tchau, Stefano, eu gostei de te conhecer — sorri um pouco demais, e me segue com o olhar enquanto me afasto.

— Espera, vou te acompanhar. — Vou com meu pai até a porta. — Faz alguns meses que nos conhecemos. Sabe, fazia quatro anos que eu não saia com uma mulher. Ri.

Cada vez que tem que dizer algo que lhe parece difícil, ele ri. Mas por que diabos riria? Além disso, se justifica muito. Parece que está sempre tentando convencer a si mesmo das escolhas que faz. De qualquer forma, não me importa nenhum pouco. Não vejo a hora de ir embora.

— Sabe, ela é simpática...

Me conta algo sobre ela, mas não escuto. Vejo que fala, fala e fala, mas estou pensando em outra coisa. Lembro-me de quando era pequeno e minha mãe brincava com ele na sala de jantar. Depois começou a correr e ele atrás pelo corredor, perseguindo-a até a porta do quarto.

Eu corria atrás de papai e gritava: "Sim, a pegamos, prendemos ela!" Depois lutaram um pouco na porta. Mamãe ria e queria se trancar dentro e ele, no entanto, tentava entrar. No final, mamãe soltou a porta e correu para o banheiro. Mas ele a alcança e a atira sobre a cama. Papai ri por que ela começou a fazer cócegas nele. Nesse dia, eu também ri. Depois chegou Paolo,

e mamãe e papai nos fizeram sair do quarto. Disseram que tinham que conversar, mas riam enquanto diziam isso. Então, Paolo e eu fomos para nosso quarto brincar. Depois, um pouco mais tarde, os dois vieram nos ver. Mas falavam devagar, lentamente, tinham o rosto um pouco suavizados. Lembro-os com uma luz diferente, como se estivessem luminosos. Inclusive no cabelo, nos olhos e no sorriso. E começaram a brincar conosco e mamãe me abraçava e ria e ajeitava sempre meu cabelo. Me jogava para trás com força, para limpar meu rosto. Isso me incomodava, mais eu a deixava fazer. Por que ela gostava. E porque era minha mãe.

— Desculpe, papai, mas tenho que ir... Interrompo quem sabe que conversa.

— Mas, você me ouviu? Me entendeu? Às duas em Vanni. Te espera o senhor Romani para o programa. Estava falando disso.

— Sim, claro, eu entendi. O senhor Romani as duas em Vanni. — Eu bufo. — Perdoe-me, hein?

Depois desço rapidamente as escadas, sem parar para olhar para trás. Pouco depois, estou na moto. Tenho pressa de sair dali. Tenho vontade de me afastar.

Mudo de marcha e aumento a velocidade, e não sei por que, gosto mais do que de costume.

Quatorze

– Babi, onde você está?

Uma bela canção é ainda mais difícil encontrar em uma grande cidade. Eu ando por vários dias. Sem querer, eu procuro. Esta canção zombando de mim. Não há nenhum traço dela. Sem perceber, eu estou em sua casa. Fiore. O porteiro, não é. A barreira é reduzida. Há uma loja de roupas novas nas proximidades, onde antes havia uma garagem. Há um novo restaurante, Jacini. Elegante, completamente branco. É como se alguém quisesse fazer-nos melhor. Mas eu fico bem, como eu, com algo na minha jaqueta Levi's quebrado.

— Hey, espere, você não é o Step?

Dirijo-me e eu não posso acreditar. É isto que ele é? Estou sentado sobre a moto em frente ao quiosque quando eu tinha cerca de um bebê com cabelo castanho claro, a diversão, a impunidade, dou os braços como se não tivesse entendido.

— Então, é você ou não?

— Quem é você?

— Meu nome é Martina. Eu moro aqui no Stellaria. Bem?

— Por que você pergunta?

— O quê, você tem medo de responder?

Isso quase me faz rir, é corajoso. Deve ter cerca de onze anos.

— Sim, eu sou Step.

— Você realmente é Step?

Eu não acredito, eu não penso assim. Eu não posso acreditar... Eu não. Eu penso que... Eu olho engraçado. Eu que não consigo acreditar.

— Então?

— Você pode não lembrar de mim... Deve ter sido a dois anos atrás, eu estava na escada com dois amigos meus e fui comer pizza com tomate e você

correu para cima e disse:

— Hmm, que pizza de boa aparência, — e eu pensei que não respondeu, mas um monte de coisas, e teria lhe dado um pouco!

Talvez ele estivesse com fome...

— Não, mas isso não tem nada a ver.

— Eu não estou entendendo nada... Eu queria dizer-lhe que, para mim, sim, para nós fez alguma coisa grande. Meus amigos e eu, eu juro, falamos sempre de que a inscrição na ponte corso... Você e eu... A três metros acima do céu... Minha mãe, sempre pergunta... Como você chegou? Quero dizer, realmente você fez?

Eu não sei o que responder, mas não importa, porque eu não tenho tempo.

— Quero dizer, para mim, é frase mais bonita do mundo. Quando a mãe olhou para a escola. Mas você sabe que depois que alguém fez o mesmo registro em outro lugar? Assim, você copiou! A frase esta também em outros sites de Roma. Eu juro, é impressionante, está em um monte de sites! E um amigo meu, este verão, na praia. Ele disse que ele tinha visto também na sua cidade!

— Eu realmente não tinha a intenção de começar uma tendência.

Eu imagino que por um momento que se passar agora, meus amigos, o velho, e eu vejo aqui entretido com esta criação... Mas, apesar disso eu gosto.

— Bem, ainda é impressionante. Nós todas temos o sonho de um menino escrever uma frase para nós. Mas não é fácil encontrar um cara como ele!

Ela me olha e sorri. Na sua opinião, me fez um elogio.

— Você vê lá dentro? Ela disse, escondendo, um menino perto da saída do bloco. Sentado na cadeira indo de um lado para o outro. Seu cabelo é longo, coletados em uma espécie de cauda de borracha com uma cor em cima, e um pouco gorducha.

— Seu nome é Thomas, eu gosto muito e ele sabe disso.

O cara olha e sorri de longe. Sorri para cumprimentá-la. Parece intrigado com Martina porque está falando com uma criança mais velha.

— Sim, eu acho que ele sabe. Ele propositadamente estúpido com os

meus amigos, e me dá uma raiva! Mas eu não tenho certeza... Quando isso vai acontecer um registro tão bonito como o seu, não é? Martina e eu olhamos ao redor para o que resta para viver. Em quão bom será o seu primeiro amor, o que será, como você não espera nunca acabar.

— Qual é o graffiti estúpido para a equipe de futebol... Adivinha o quê? Eu tenho que dizer. Certa vez, meu pai e minha mãe, que faz um monte de tempo que estão juntos, pelo menos, uma vez que pouco tempo antes de eu nascer, assim, estavam brigando um dia como uns loucos em casa. Eu estava no meu quarto e ouvi, e em um ponto, a minha mãe disse a meu pai: "o que é seu não é amor". Pesando um par de coisas e vi que era um menina boa e poderia servir ... Mas o amor não é, você sabe? O amor não é tão fazer as contas na mercearia. Amor é quando você faz uma loucura, tal registro na ponte. "Você e eu... A três metros sobre o céu." Portanto, este é o amor. "Ela disse, entendeu? Bonito, certo? Huh? O que você acha, Step? Minha mãe está certa, certo?

— Esse registro foi para uma menina.

— Claro, eu sei, por que não? Foi a Babi. Ela mora aqui no Stellaria, na portaria D, eu sei e vejo de vez em quando. Eu sei que era para ela, o que você acredita, eu sei tudo. O que eu posso saber? O que você sabe? Eu não quero saber.

— Bem, obrigado, Martina, agora eu tenho que sair.

— Meus amigos e eu sempre dizemos que ela é muito sortuda. Além disso, uma entrada como esta... Eu, um cara que me escreve isso, não iria deixá-lo nunca. Eu posso fazer uma pergunta? Não me deu tempo para contestar.

— Por que você foi embora?

Eu fico um momento em silêncio. Depois de iniciar o motor. Isso é tudo que posso fazer.

— Eu não sei. Se eu tivesse a resposta, eu juro que te daria.

Parece realmente desapontada. Então, logo cai nas garras da sua alegria.

— Bem, de qualquer maneira, se você passar por aqui, talvez, nós podemos comer junto um pedaço de pizza com o tomate, hein?

Ela me olhou e sorriu. Eu e Martina de onze anos, comendo pizza. Meus

amigos ficariam loucos. Mas não diga. Pelo menos ela tinha a idade dela, que continua agarrado a seus sonhos.

— Claro, Martina, se eu passar por aqui...

Quinze

Paolo não voltou. Talvez não volte para comer. A casa está perfeitamente em ordem. Preparo a mala: meias, calças, camisas, camisetas, um moletom e shortinhos curtos. Shortinhos... Paolo sempre me irritava por que usava o diminutivo em tudo. "Vamos dá uma voltinha. Você gostaria de um cafezinho. Iria bem dois dedinhos..." ele deve ter pegado isso da minha mãe. Eu disse uma vez para Paolo e ele começou a rir. "Você é como uma mulher — me dizia. — Você tem uma mulher aí dentro". E minha mãe riu quando eu lhe contei.

Fecho o zíper da mala. Sentiria a sua falta, Paolo. Sinto saudades do meu melhor amigo. E não posso fazer nada para que ele volte. Não posso vê-lo. Pego a mala e saio. Não quero pensar nisso. Olho-me no espelho enquanto o elevador desce. Sim, não quero pensar mais. Começo a cantar uma canção em inglês. Não me lembro da letra. Era a única que eu sempre ouvia em Nova York. Uma velha canção do Bruce. Droga, cantar traz uma sensação boa. Saio do elevador com a mala no ombro.

Cantarolo: "Needs a local hero, somebody with the right style... — Sim, era algo parecido. Mas não importa. Pollo já não está. Pequeno herói. — Lookin' for a local hero, someone with the right smile... — Eu gostaria tanto de falar um pouco com ele, mas não pode ser. No entanto, minha mãe vive em algum lugar, mas não tenho vontade de falar com ela. Tento outra vez... — Lookin' for a local hero." Inferno, eu não aprendi nada dessa música. Flex Appeal, minha academia, nossa academia, nossa, de nossos amigos. Desço da moto. Estou animado. O que terá mudado?

Terá mais máquinas? E com quem encontrarei? Paro um momento na praça que há antes da entrada e olho as janelas, empapado pelo cansaço e suor. Umas garotas dançam ao ritmo de uma canção em inglês na sala maior. Entre elas há apenas dois homens que tentam desesperadamente seguir o ritmo do

trabalho corporal de Jim. Isso eu li na folha que há pregado na entrada, que indica a turma especial que deveria ser. Usam sapatilhas, macacões de ginástica, camisetas e tops, quase tudo de marca. Parece um desfile de moda. Arabesque, Capezio, Gamba, Freddy, Magnum, Paul, Sansha, So Danca, Venice Beach ou Dimension Danza. Como se você se ocultasse por trás de um nome pudesse dançar melhor. Como infernos esses dois homens não se envergonham dessa miserável tentativa de ginástica? Além disso, entre todas essas mulheres... macacões coloridos, maquiagens perfeitas, roupas coladas, shorts curtos ou justos... e depois, dois homens em shortinhos, um careca, e o outro quase. Usam uma camisa longa para esconder a barriga. Pulam sem coordenação, arfando, e procurando desesperadamente o ritmo. Mas não encontram. E mais, alguém deve tê-los escondido com cuidado desde a infância, em resumo, dá pena. Avanço e entro. Na secretária, há um garoto meio franzino, com cabelo longo e rosto bronzeado. Fala em uma voz baixa pelo telefone com uma hipotética garota. Me vê e continua falando, depois levanta o olhar e se desculpa com uma tal de "Fede" que está no telefone.

— Sim?

— Queria fazer um cartão. Por todo o mês.

— Você já esteve aqui?

Olho ao redor e depois olho para ele.

— Marco Túlio não está?

— Não, saiu. Você o encontrará amanhã pela manhã.

— Bem, então me inscreverei amanhã; sou um amigo dele.

— Como quiser...

Não lhe importa muito; por outro lado, o dinheiro não é seu. Dirijo-me para o vestiário. Dois caras estão se trocando para treinar. Riem e brincam. Falam disto e daquilo outro e de certa garota.

— Nada, fomos jantar na pizzaria Montecarlo. Oh, não sabe... A cada dois minutos tocava seu celular. Era o cara que está no serviço militar. E ela ali, falando besteiras.

— Não pode ser.

— Juro!

Escuto enquanto me troco, mas já imagino como acabará: — E ela dizia:

“Não, não, estou jantando com Dora. Sim, você se lembra dela? Quem tem o negócio, a cabeleireira...

— Não posso acreditar, e ele?

— E ele o que podia fazer? Acreditava. No final, fomos para sua casa, e enquanto me fazia um boquete, tocou outra vez seu celular.

— Não! E o que você fez?

— Eu? Respondi. O que eu ia fazer?

— E o que você disse?

— “Sinto muito, mas neste momento não pode atender, está discutindo com Dora!”

— Não pode ser! É muito forte. E começa a rir.

— Assim que eu decidi chamar meu pau de *Dora* a partir de agora. Aqui está... — Coloca-o para fora e mostra para seu amigo. — Olá, *Dora*, cumprimenta Mario!

Riem como loucos enquanto o cara que está com *Dora* na mão pula com os pés descalços sobre o chão molhado. No final, escorrega e cai. O outro ri ainda mais enquanto eu vou treinar.

— Guarda minhas chaves, coloca-os aí.

Coloco as chaves em que fechei o armário em um pote de lápis encima do balcão. O cara da secretaria assente com a cabeça e continua falando no celular. Depois muda de ideia. Põe a mão encima do celular e decidi me dizer algo.

— Ei, chefe, por hoje você pode treinar, mas amanhã você tem que se inscrever — Olha-me satisfeito tentando por uma cara de durão, mas na verdade está com a cara de um idiota. Depois, com um sorriso idiota, continua falando pelo telefone. Se vira e me dá as costas. Presumido. Ri.

Ouço suas palavras: — Vê, Fede? Acaba de chegar e acha que está em casa?

Não lhe dou tempo para acabar. Agarro-o pelo cabelo e quase o levanto. Fica rígido, com a cabeça ligeiramente inclinada para mim. Puxar pelo cabelo faz um dano terrível. Eu sei. Lembro-me. Mas agora é o seu.

— Desligue o telefone, imbecil.

— Vou te ligar mais tarde, eh, desculpe? — gagueja, e desliga.

— Para começar, esta é minha casa. E em segundo... — Puxo seu cabelo com mais força.

— Ah, ah, você está me machucando.

— Pois escute-me bem: não volte a me chamar de "chefe" em sua vida. Entendido?

Tenta dizer que sim com a cabeça, mas só consegue articular um pequeno movimento. Puxo mais forte para assegurar-me.

— Não esqueça... entendido?

— Ah, ah... Sim.

— Não ouvi.

— Sim — grita de dor. Tem lágrimas nos olhos. Até me dá um pouco de pena. Solto com um pequeno puxão. Afrouxa-se sobre a cadeira e, em seguida, esfrega a cabeça.

— Como se chama?

— Alessio.

— Isso, sorri — Eu dou alguns tapas em suas bochechas. — Agora você pode voltar a ligar para ela se quiser. Diga, se quiser, que você me enfrentou, que me tirou da academia, que bateu em mim, diga o que quiser, mas... não esqueça: não volte a me chamar de "chefe".

Depois ouço uma voz em minhas costas: — Entre outras coisas, por que deveria saber que se chama Step.

Fico surpreso, um pouco na defensiva. Não esperava ouvir meu nome. Não vi nenhum dos meus amigos, e ninguém que possa saber meu nome. E, no entanto, há alguém. Ele. É magro, melhor dizendo, magríssimo. Alto, braços largos, cabelo com um corte normal, sobrancelhas um pouco espessas, unidas no centro encima de um nariz largo que sobressai encima de lábios finos que formam uma boca grande. Talvez seja tão grande por que sorri. Parece francês. Seguro de si mesmo, tranqüilo, está com as mãos nos bolsos, e um olhar divertido. Usa umas calças largas de treino e uma camisa de cor vermelha desbotada. Encima usa uma jaqueta Levi's de cor clara. Não sei classificá-lo.

— Não se lembra de mim, verdade?

— Não, não me lembro.

— Olhe-me bem, talvez eu tenha crescido.

Olho melhor. Tem um corte encima de sua testa, escondido pelo cabelo, mas nada grave. Percebe que estou olhando.

— Foi um acidente de carro. Vamos lá, você até veio me visitar no hospital...

Porra, como não me lembrei?

— Guido Balestri! Faz séculos... íamos juntos ao colégio.

— Sim, e fizemos dois anos no instituto. Depois, eu fui embora.

— Você foi expulso? Não me lembro exatamente.

— Não, fui embora com meu pai.

Ah, é verdade. Como não! Balestri. Seu pai é um grande não sei o quê, que está sempre em meio a todas essas coisas, sociedades por ações ou algo parecido. Sempre estava viajando pelo mundo.

— Como você está?

— Bem, e você?

— Eu também. Que bom voltar a te ver. Eu ouvi falar tanto sobre você, Step. Aqui em, Vigna Clara, você é um mito agora.

— Bom, eu não diria isso.

Dirijo o olhar para Alessio. Está ordenando uns papéis e finge que não está escutando. Não consegue parar de tocar seu cabelo. Guido ri, divertido.

— O que importa, você é um mito para quem conhece nossas histórias. Ainda se fala dessas lutas míticas... Lembro-me de quando você acabou brigando com o Toscano por trás da Villa Flaminia, no bosque.

— Éramos umas crianças...

Guido parece decepcionado.

— Sei que você esteve em Nova York.

— Sim, eu estive fora durante dois anos.

— Esta noite irei sair com uns amigos; iremos comer uma pizza. Por que você também não vem?

— Quem são?

— Uns da Villa Flaminia. Você deve lembrar-se deles: Pardini, Masco, Manetta, Zurli, Bardato... todos esses. Quer dizer, com garota ou sem ela. Venha, caramba, vão gostar de te ver. Vamos para Bracciano, na Acqua delle

Donne.

— Nunca estive lá.

— É um lugar muito bonito; e mais, se você tem namorada, leve-a. É um lugar encantador. Depois de comer, um passeio... para a baixada. A sobremesa espera... mas em sua casa.

Consegue que eu ria.

— Que horas você vai?

— Às nove.

— Irei jantar, mas vou poupá-lo do passeio...

— Ou seja, sem namorada.

Ri de maneira estranha. Lembrava dele mais desperto. Tem um dente da frente quebrado e nunca dava muita confiança. Agora me lembro melhor. Chamavam-no de Scorza. Era todo um número. Corria que dava pena. Quando treinávamos no colégio, na pista de corridas da Villa Flaminia, competia no último grupo. "Os porcos", era como Cerrone os chamava, nosso professor de educação física. O professor também era bem estranho. Enquanto fazíamos ginástica, ele lia um jornal esportivo e para nos controlar fazia dois furos no centro, como se não nos déssemos conta. Mas com os três porcos, ele era implacável. Chegavam na linha de chegada os três, ele, Biello e Innamorato, brancos como cadáveres e com a língua de fora.

— Porcos sacanas! — gritava o professor. — Espero que os agarrem e os queimem.

E ria como um louco. Mas disto Balestri não se lembrava. Talvez seja melhor assim. No fundo, convidou-me para jantar. Além disso, tenta me lembrar.

— Então, as nove no Acqua delle Donne, hein? Com namorada ou sem ela.

— De acordo.

Despede-se de mim e vai embora. O que veio fazer na academia? Ele não tem nenhum quilo a mais, não ganha peso, é magro como minhas lembranças mais desbotadas. Coisas suas. Mais é simpático.

●●●

Claro, eu sabia! Sabia que Step iria treinar na academia, tinha certeza. E eu tinha certeza que ele viria precisamente nesta academia! Sou muito boa. E ele é muito conservador! Muito. Espero que ao menos tenha mudado algo! Bom, vou embora. Ele não me viu. Eu, no entanto, ouvi o que eu tinha que ouvir.

●●●

Começo com as primeiras máquinas, aqueço-me, em seguida, uma série de repetições para suavizar os músculos. Levanto pouco, o mínimo indispensável. Vejo uma garota sair com pressa, com um gorro laranja meio fora da cabeça. Olha que há pessoas estranhas no mundo. Ali perto, outras garotas falam entre si e riem sobre algo. Histórias da noite anterior ou do que ainda está por vir. Uma está ligeiramente maquiada, usa um cabelo curto com mechas e o toca o tempo todo. Tem um bom físico e está despreocupada por que sabe que tem. A outra está mais gordinha e não é tão alta, cabelo até o ombro, mais escuro do que de costume, talvez por que esteja sujo. Está com as mãos na cintura e usa um agasalho cinza um pouco manchado onde aparece um pouco de sua barriga.

— Trabalha! Na academia se vem trabalhar...

Sorri enquanto passo perto delas. A mais baixa me responde com uma espécie de careta.

A outra está mais calma:

— Estamos em fase de recuperação?

— De quê?

— Estresse de pesos.

— Pensei em algo melhor.

— Isso, mais tarde.

— Sem dúvida.

Agora as duas riem. Na verdade, sobre a outra tenho algumas dúvidas. Mas uma mulher sempre consegue o que quer. Não há nada que se fazer, nós tendemos a ser mais fechados, ao menos, em certos casos. Olho-a melhor. Diz algo para sua amiga apontando com a cabeça. A outra me olha. Vejo-a

refletida no espelho, sorrindo.

É bonita, com o cabelo curto, e tem um peito perfeitamente desenhado debaixo do body. Dá para ter um vislumbre dos seus mamilos. Ela sabe, mas não tapa. Sorrio e penso em meus abdominais. Faço em seguida uma primeira série de cem. Quando acabo, as garotas já não estão, foram tomar uma ducha. Quem sabe se eu as reconhecerei se encontrá-las por aí. É incrível como uma mulher que sai do vestiário pode ser diferente da que você viu um pouco antes com os pesos. Mas não tem jeito, tudo melhora. Na melhor das hipóteses, você pode imaginá-la como elegante, mas logo você a vê sair com botas com tachas douradas ou coisas assim.

Seja como for, diferentes. Milagres da maquiagem. Por isso conseguem tudo.

Segunda série de cem. Olho o teto sem parar, um atrás do outro, com as mãos atrás da cabeça, com os cotovelos alinhados, tensos e abertos. Um atrás do outro. Ainda com mais força. Não posso mais, a dor começa a aparecer; penso em meu pai e sua nova namorada.

Continuo sem parar: 88, 89, 90. Penso na minha mãe: 91, 92. No muito tempo que faz que não a vejo: 94, 95. Tenho que ligar para ela, eu teria que ligar: 98, 99, 100. Acabou.

— Step, não posso acreditar!

Viro e quase não consigo falar por causa da dor dos abdominais. Por um instante, me lembro de um filme de Troisi, que para ver a mulher que ama, corre ao redor de um edifício e, quando a encontra, não tem fôlego para falar. Que chato, Troisi.

— O que você está fazendo aqui? Ou seja, você voltou... Disseram-me que você estava fora em Nova York!

Outra vez? Oh, não há nada que eu possa fazer. Não consegui exatamente passar despercebido. Finalmente, recupero-me e reconheço-o facilmente.

— Olá, Velista, como você está?

— Outra vez com esse apelido. Sabia que ninguém mais me chama assim?

— Quer dizer que você mudou?

— Mas, em quê? Nunca entendi por que todo mundo me chamava de Velista; nem sequer gosto de barcos, subi poucas vezes.

— Realmente você não sabe o significado do seu apelido?

— Não, juro.

Olho para ele. Dentes um pouco largos, como naquela época, uma camiseta surrada, calções verde claro, meias caídas, desgastadas, perfeitamente combinando com um par de Adidas Stan Smith agora decrépitos. O Velista.

— E então?

Minto.

— Te chamavam de Velista por que você gosta muito do mar.

— Ah, isso! Agora entendo, isso é verdade. Eu gosto muitíssimo.

Agora está satisfeito, orgulhoso de seu nome. Quase parece olhar-se ao espelho de tanto que se valoriza. Na verdade, nunca tinha um centavo e sempre vinha conosco comer pizza e aproveitar-se dos outros. Por isso todos diziam que "estava a duas velas". Pobre Velista. Uma vez levou um monte de tapas de uma prostituta em bolera, perto de Aniene, por que depois de não sei que trabalhinho, ele quis desconto. Só tinha dez euros no bolso e tinha desfrutado de pelo menos vinte.

— Ei, fico muito feliz de voltar a te ver. — Olha-me feliz, parece real. — Você já viu alguém?

— Não, cheguei ontem. Aqui na academia não vi ninguém.

— Sabe, agora treinam um pouco em toda parte. Além disso, alguns começaram a trabalhar, outros foram para o estrangeiro... Ei, olha quem está chegando.

Por trás da janela vejo passar uma bolsa azul escura no ombro de um cara de cabelo curto.

— Não o reconheço.

Olho melhor. Nada. O Velista tenta me dá uma mão.

— É o Negro. Não se lembra dele?

— Ah, sim, já sei quem é, mas só o conhecia de vista.

O cara entra e cumprimenta ao Velista:

— Olá, Andre. O que você está fazendo, veio treinar?

Incrédulo, o Velista aponta para mim orgulhoso.

— Mas, você não viu com quem estou? É Step.

O Negro olha para mim por um momento e depois sorri. Tem um rosto simpático, com uma bochecha um pouco machucada, e vem até mim.

— Mas claro, Step... Claro, como não. Faz séculos que não te vejo. Agora o reconheço. Usa o cabelo curto. Antes o usava sempre um pouco longo, penteado para trás, e sempre estava com uma jaqueta azul no Euclide de Vigna Stelluti.

— Eu não sabia que você tinha esse apelido: O Negro. Eu lembro que você se chama Antonio.

— Sim, depois da história de Tyson, dizem que eu me pareço com ele.

Tem o pescoço como de um touro, a pele porosa, um nariz machucado e o cabelo curto ao estilo de Tyson. Seus olhos são um pouco esbugalhados e o lábio superior mais grosso do que o normal.

— Pois não parece tanto.

— Não fisicamente! — Ri com vontade e começa a tossir. — É pela história da briga! Fui há um concurso de beleza em Terracina e depois tentei com uma menina que participava, entende? Por isso dizem que sou Tyson. Aquela idiota me fez subir até seu quarto; eu queria foder e ela pensava que eu queria contar piadas. Ofendeu-se e não quis. Mas eu entendi que era apenas uma questão de teimosia. E, desde então, me chamam de Negro. Ele e o Velista riem como loucos.

— Sabia que a história saiu em todos os jornais de Borgo Latino? O Tyson de Pontina, uma lenda. E, além disso, no final quem tinha razão era eu, e até que ela gostou. O Velista carrega as tintas: — Melhor que Tyson. E continuam rindo e tossindo.

— À propósito, eu soube que você esteve nos Estados Unidos, em Nova York, se não me engano.

Voltamos ao começo.

— Sim. Eu passei dois anos lá, fazendo um curso e voltei ontem. E agora tenho vontade de treinar.

Tento cortá-los.

— Ei, você gostaria de dar uns golpes? Todo mundo dizia que você era muito bom no boxe. — Ante sua proposta, o Negro sorri. Está seguro de si

mesmo, e continua: — Bom, talvez faça muito tempo que você não treina, então se você não quiser, não se preocupe. É que todos falavam desse mito, esse mito, e agora que o tenho na minha frente...

O Negro ri, divertido, muito seguro de si mesmo. Deve ser um daqueles que treinam todos os dias por pelo menos uma hora e meia.

— Claro, claro. Eu gostaria.

— Então vou me trocar.

Vejo uma luz diferente em seus olhos, mais acesos, penetrantes, ligeiramente estreitados. O Velista, no entanto, permanece um idiota como antes:

— Nossa, que forte este encontro. Estou com uma sede terrível, Negro. Ei, posso pegar um Gatorade para você, por que hoje eu não trouxe nenhum centavo?

O Negro assente com a cabeça e vai direto ao vestiário. O Velista se dirige, então, alegre para o bar, confirmando assim seu apelido. Eu, no entanto, fico sozinho. Na secretaria, Alessio me olha. Está comendo um chupa-chups e me olha de uma maneira diferente de antes. Baixa seus olhos e começa a ler um *Panoli Pocket* que está apoiado na mesa. Folheia algumas páginas, depois me olha novamente e sorri.

— Step, me desculpe por antes. Não te conhecia, não sabia quem você era.

— Por quê? Quem sou eu?

Fica por um momento perplexo, procurando alguma resposta no ar. Mas não encontra nada. Depois volta a pensar e se arma de coragem.

— Bom, você é um cara conhecido.

— Um cara conhecido... — Penso por um momento. — Sim, é um tema interessante. Muito bem. Vê, às vezes... Eu não tinha pensado nisso.

Sorri, feliz, nem um pouco consciente que eu estou brincando.

— Ei...

— Diga, Step.

— Você sabe se há aqui algum material para boxe?

— Claro que sim.

Sai de trás do balcão e se move veloz para um banco na entrada. Levanta

o assento.

— Aqui debaixo estão as coisas de Marco Tullio. Ele não quer que ninguém as use.

— Obrigado.

Olha-me com entusiasmo. Sento-me no banco e começo a colocar as luvas. Não o olho, mas sinto seus olhos sobre mim.

— Quer que eu amarre?

Olho ele por um momento.

— Tudo bem.

Ele vem de pressa até mim. Pega os cordões com cuidado, os envolve ao redor das luvas e os amarra com precisão. Agora não ri, está sério. Morde ligeiramente os lábios enquanto o seu cabelo claro tapa seus olhos. Com a outra mão se inclina para trás, enquanto continua fazendo seu trabalho. Lentamente, com cuidado, apertando com precisão.

— Pronto!

Sorri. Fico de pé e bato as luvas uma contra a outra.

— Perfeito!

Do vestiário feminino sai às duas garotas de antes. A alta usa um par de calças negras skinny, uma maquiagem suave e um batom que deixa seus lábios sossegados e acolhedores. Uma bolsa a tiracolo sobre sua camisa branca com pequenos botões de pérolas, tudo em sintonia com sua maneira elegante. A baixa, no entanto, usa uma saia escocesa com quadros azuis e marrons, muito curta para suas pernas e dois mocassins negros que não combinam em nada com sua camisa azul céu. Com a maquiagem tentou de alguma forma fazer um milagre em seu rosto. Hoje, em Lourdes devem estar de férias. Param na secretaria. Alessio dá meia volta e devolve seus cartões.

A alta se aproxima.

— Olá, me chamo Alice.

— Stefano.

Tiro a luva para apertar sua mão. Ela aperta, com um sorriso.

— E ela é minha amiga Antonella.

— Olá.

— O que você vai fazer? Lutar?

— Sim.

— Você se importa se nós ficarmos para assistir?

— Por que iria me importar? Se me incentivarem, certamente não me incomodarei.

Elas riem.

— Certo, apostamos em você. O que você ganha?

Nesse momento, o Negro sai. Usa short azul, suaves e longos, os que normalmente se usa no boxe. E colocou suas luvas. Tem outras cicatrizes nos braços, e duas ou três tatuagens a mais. Está bem fisicamente. Não o lembrava assim.

Alice se aproxima: — Vai lutar contra o Negro?

Isso significa que ele também é conhecido.

— Sim, por quê?

— Acho que cometi um erro apostando em você...

Olham-me e parecem realmente preocupadas. Tento tranqüilizá-las.

— Vamos, animem-se, garotas, no máximo será rápido.

O Negro nos interrompe: — Então... entramos?

Está com pressa.

— Claro. Vá à frente.

Entra na sala de aeróbica. Duas garotas estão fazendo abdominais sobre dois colchonetes de borracha azul. Ao nos ver entrando, bufam.

— Oh, não me diga que temos que ir.

Tento brincar.

— Bem, a menos que você duas também queiram lutar...

O Negro não tem senso de humor:

— Vamos, saiam — Depois de um momento, estão fora. — O que acha de fazermos três rounds fechados? — Diz em um tom excessivamente duro.

— Sim, claro. Façamos um bom treino.

— Façamos uma boa luta.

Sorri de modo apático.

— Está bem, como quiser — Alice está perto da janela. — Você conta o tempo?

Sorri e assente.

— Sim, mas como se faz?

— É fácil. Cada minuto e meio você grita "Parem!"

— Entendo.

Olha o relógio esperando dar a saída. Enquanto isso, dou saltos no mesmo lugar enquanto aqueço meus braços. Ocorre-me uma coisa. Antonella, a baixa, ao final de cada minuto e meio poderia entrar com um cartaz com o número do round escrito e passear ao redor da sala como nos melhores filmes americanos. Mas não estamos nos Estados Unidos, e tampouco em um filme. Estamos na academia. O Negro também começa a saltar e dá continuamente golpes com suas luvas, olhando-me. Alice levanta os olhos do relógio. Cruza seu olhar com o meu. Está um pouco preocupada. De algum modo, se sente responsável. Mas depois decidi que não pode esperar mais.

E quase grita:

— Comecem!

O Negro imediatamente vem ao meu encontro. Sorrio para mim mesmo. A única coisa que não deixei de fazer nos Estados Unidos nesses últimos dois anos foi precisamente ir à academia. Para ser exato, praticar boxe. Só que ali estão os verdadeiros homens de cor e são todos velozes e potentes. Foi duro enfrentar eles. Duríssimo. Mais eu levei a sério, e não fui tão mal. Mas, o que estou fazendo? Estou me distraindo... No momento certo.

O Negro me dá dois socos poderosos no rosto. Esquivo à esquerda e a direita e me agacho na sua tentativa de gancho. Depois respiro e me afasto dando saltos. Esquivo outros dois golpes e começo a pular ao seu redor. O Negro faz uma finta com seu corpo e me golpeia em cheio no estômago. Sobressalto-me e me dobro em dois. Inferno, estou sem ar. Recebo uma espécie de estertor e vejo que o lugar gira ao meu redor. Sim, me golpeou em cheio. Apenas me dá tempo para me levantar quando vejo sua luva direita vindo em minha direção. Esquivo instintivamente, mas me golpeia de lado, abrindo meu lábio inferior. Porra. Porra. Não era necessário. Maldito filho da puta. Olho para ele. Ele sorri.

— Como vai indo, lendário Step?

O grande idiota diz a sério. Começo a pular.

— Agora melhor, obrigado.

Estou me recuperando. Tudo se torna claro. Viro ao seu redor. Na janela da sala, algumas pessoas estão amontoadas. Reconheço Alice, sua amiga Antonella, Alessio, Velista, e alguns outros. Deixo de olhar e volto a me concentrar nele. Agora é a minha vez. Paro.

O Negro pula e vem até mim, penetra com a esquerda e golpeia com a direita. Deixo-o passar esquivando-me na direita e depois o golpeio forte com a esquerda precisamente encima de sua sobrancelha. Volto a entrar e com todas as minhas forças o golpeio bem no rosto. Noto seu nariz ranger sob minha luva. Não dou tempo para que ele retroceda e lhe golpeio duas vezes no olho esquerdo; o primeiro em cheio, depois sob sua guarda, e o segundo vai direto como um meteoro. Retrocede e sacode sua cabeça. Volta a abrir os olhos a tempo de ver meu gancho chegar. Abro sua sobrancelha direita. O sangue resvala em seguida sob sua bochecha como se estivesse chorando lágrimas de sangue. Tenta tapar com suas luvas. Dou-lhe um *uppercut* em cheio no estômago. Dobra-se em dois e baixa suas luvas. Erro. Você vê?... Erro. Vi fazerem isso uma vez nos Estados Unidos e me sai por instinto fazer.

— Ei, Negro, e você como está agora?

Não espero sua resposta. Já o conheço. Levanto a direita e o faço explodir. De baixo para cima, no queixo, por baixo. O Negro quase salta para trás, pego de cheio pelo golpe. Saí desprendido. Acaba encima de um monte de steps rosas e lilás no chão. Depois estampa seu rosto contra o espelho e desliza lentamente, deixando um pequeno rastro. No final chega ao chão, no linóleo bege, que imediatamente se enche de sangue.

Olho para Alice.

— Quanto falta?

Ela olha para o relógio. Faltam poucos segundos.

— Pare. Já acabou.

— Você viu? O que eu te disse? Não durou muito.

Deixo a sala de aeróbica. O Velista corre para dentro para ver como está Negro.

— Não se preocupe. Já comprovei, ele está respirando.

O Velista se tranquiliza.

— Porra, Step, você o destruiu.

— Ele tinha tanta vontade de uma luta a sério... e teve.

Vou até o espelho e olho meu lábio. Está aberto e inchado. A sobrancelha, no entanto, está em seu lugar. Alice se aproxima.

— Se tivesse sido uma verdadeira luta de boxe e eu tivesse apostado todo meu dinheiro, eu teria perdido.

— O que isso importa? Neste caso, nós teríamos feito uma acordo e eu teria desabado no chão no primeiro golpe.

Alessio se aproxima.

— Eu, no entanto, teria ganhado todo o dinheiro. Não sei por que, mas tive a intuição que você iria ganhar.

— Como que você não sabe por quê?

Vejo-o novamente em apuros, ele queria dizer algo, mas não sabia o quê. Ajudo-o.

— Vamos, tire minhas luvas.

— Toma. Eu trouxe um pouco de gelo para seus lábios.

É Alice. Aproxima-se de mim com uma toalha de papel e alguns cubos de gelo dentro.

— Obrigado, diga a sua amiga que pegue um pouco de água fria para colocar no rosto do Negro; fará bem para ele.

— Ela já está fazendo isso.

Alice me olha com um sorriso estranho. Eu olho. Antonella está na sala de aeróbica ajudando o Velista a colocar compressas no rosto do Negro. Maquiagem ou milagre, ela parece bem, a garota vai conseguir. O Velista ou o Negro. Não sei com qual seria pior. Um talvez não pague e o outro talvez a violente. Mas não é da minha conta. Então, sento-me no banco e coloco a toalha no meu lábio. Vejo Alice me olhar. Ela também quer dizer algo. E tampouco sabe o que é. Não lhe dou tempo. Não estou com vontade. Pelo menos, não agora.

— Perdão, vou tomar banho.

E assim desapareço de cena. Deixo-os sozinhos. Imagino, por um instante, um jantar entre Alessio e Alice, suas tentativas de conversa. Acabaria mal. Mais isso também não é da minha conta. Então, sem pensar em nada, me meto debaixo do chuveiro.

Dezesseis

Quem ainda não viu Vanni não consegue entender. E talvez tampouco quem viu. Paro a moto ali diante e desço. É uma espécie de lugar de pessoas de cores diferentes. Uma mulher de lábios proeminentes, quase como seus seios, conversa com um cara com entradas sobre a liquidação total. A mulher usa uma saia curta e duas pernas perfeitas que terminam mais encima, entre suas curvas, estas também restauradas. Naturalmente ri da conversa do "liquidado", e depois responde em um celular em que certamente irá mentir.

O liquidado finge estar distraído, coloca as mãos nos bolsos de uma jaqueta cor branca descolorido, encontra o cigarro e o acende. Dá uma tragada, fingindo estar satisfeito, mas seus olhos continuam olhando para o peito da mulher. Ela sorri. Quem sabe, talvez conseguirá fumar também ela. Algo mais além, o caos. Todos conversam, alguém pede um sorvete e garotos sentados em suas motos se preparam para a noite. Alguém com outro Maserati passa por ali procurando um lugar para estacionar.

Um Mercedes opta por uma fila dupla. Todos se cumprimentam, todos se conhecem. Gepy está sentado em um SH-50, o cabelo curtíssimo, braço tatuado, estilo maori, e um sinal desbotado de outro, feito faz tempo nos nós da mão direita. Ainda se lê a palavra: "Mal". Talvez espera que assim os socos que dá sejam mais eficazes. Como sempre, sorri insistente. Olha ao seu redor sem procurar nada realmente. Usa um casaco esfarrapado, com mangas cortadas para ressaltar um 48 ou, como muito um 50 de braço mal treinado, pouco definido. Olha-me distraído e não me reconhece. Melhor assim.

Eu devo encontrar o poder e ele não faz parte desse ambiente. Nem mais nem menos que o poder. Ou, no mínimo, isso imagino, pela descrição que fez meu pai. Falou de um homem cultíssimo, alto, elegante, magro, sempre perfeitamente vestido, com um cabelo comprido, olhos escuros, uma gravata Regimental, e ao menos uma das extremidades do colarinho

desabotoado. Meu pai insistiu neste aspecto: "O colarinho desabotoado tem um significado, Step, mas nunca ninguém conseguiu entendê-lo".

Imagino que ninguém o perguntou. Olho ao meu redor. Não há ninguém que corresponda a descrição do "poder". Olhando melhor, nem sequer há alguém magro. Gepy. Bom, de fato Gepy é magro, mas lhe falta todo o resto. Continua ali, sentado em seu SH-50. Passa uma cigana gorda de uns 50 anos. Gepy está distraído, a cigana lhe agarra a mão e a pega entre as suas.

— Um euro pelo seu futuro, lhe trarei sorte.

— Eh, mas, o que você quer? Quem te pediu algo? O que está acontecendo? É idiota?

— Confie em mim, deixe-me ler sua mão, senhor. — A cigana começa a tocar a mão de Gepy com o dedo, como se fosse lê-la. — Olha, aqui está a parte positiva...

Gepy se assusta e faz um movimento para se retirar.

— Foda-se! Não quero saber meu futuro.

Mas a cigana insiste e o detém.

— Deixe-me ver bem, só por um euro.

— Quer deixar-me de uma vez! Está me irritando!

Mas a cigana insiste, continua falando de seu futuro. Não por nada, mas por dinheiro. Transforma-se em uma luta ridícula. Depois Gepy cospe em sua cara e começa a rir. A cigana levanta um pouco sua saia mostrando suas canelas marrons e limpa seu rosto. Uma estria mais clara aparece em sua bochecha enquanto os lábios escuros começam a dizer maldições.

— Maldito! Você verá como...

— O que? O que quer dizer, hein? O que? Ouça, te darei um chute...

Gepy desce veloz de sua SH-50 para dar-lhe um chute, mas a cigana se afasta. Alguns olham a cena. Depois todos fingem que não aconteceu nada e começam novamente a falar uns com os outros. Foi só uma anedota divertida para contar em algum jantar ou para usar para quem sabe que outra coisa. Algo é certo: Gepy não é o homem que procuro.

Depois o vejo. Ali está. Mas quase alheio ao que acontece ao seu redor. Sentado sozinho em uma mesa, bebe algo claro no que flutua uma azeitona.

Tem o cabelo comprido, como na descrição, o terno de linho azul escuro, uma camisa branca, impecavelmente engomada. Uma gravata fina com listras azuis e pretas resvala suavemente por seu peito até pousar além do seu cinto, entre as pernas cruzadas. Muito perto da barra da calça assoma-se a uns Top-Sider, nem muito novos nem muito velhos, desgastados o necessário para fazer conjunto com o cinto da calça. E, se mesmo assim ainda me restasse alguma dúvida, o colarinho da camisa, desabotoado apenas de um lado, excluiria tudo.

— Olá.

Levanta-se. Parece contente em me ver.

— Oh, bom dia, você é Step?

Nos damos as mãos.

— Seu pai me falou muito bem de você.

— Que outra coisa podia fazer...

Ri.

— Perdão — Seu celular toca. — Olá. Claro, não se preocupe. Eu já disse tudo. Eu já fiz tudo. Tudo está pronto. Você vai como assinam.

Homem de poder, gosta da palavra "tudo".

— Agora desculpe-me, que estou em reunião. Sim, adeus. Mais claro. Claro que eu gostaria, já te disse...

Desliga o celular.

— Um puxa-saco. — sorri. — Perdão, então dizia...

Retomo a conversa e lhe falo do curso que fiz em Nova York.

— Ou seja, quer gráficos em 3D.

— Sim.

— Perfeito — Assente, satisfeito. Parece conhecer perfeitamente a questão. Volta a tocar o celular. — Desculpa, hoje é um dia terrível.

Assinto, fingindo entendê-lo. Imagino que para ele sempre é assim. Lembro que eu também tenho um celular. Estupidamente, quase enrubesço. Tiro do bolso da jaqueta e o desligo. Percebe, ou talvez não. Acaba a ligação.

— Bom, eu também vou desligar; assim poderemos falar tranqüilos. — Percebeu. — Então, você será o assistente do designer gráfico principal. Ele se chama Marcantonio Mazzocca. É muito bom. Em pouco tempo o conhecerá, está vindo para cá, foi ele quem ligou a pouco tempo.

— Esperava que não fosse a pessoa da primeira ligação, pois quando desligou o telefone o chamou de "puxa-saco".

— Pensa que é nobre, tem grandes extensões de vinhedos no norte, em Verona. Quer dizer, quem tem é seu pai. Depois começou a pintar quadros. Veio para Roma e começou a circular por locais e a fazer, já sabe, cartões de convites para festas e outros trabalhos parecidos. Depois, pouco a pouco se especializou em designer gráfico para computador e no fim, eu o contratei.

Escuto-o. Certo, para citar um grande filme, *Na teia da aranha*, "Alguém faz o que é". Mas decido não dizer; antes quero conhecer esse Mazzocca. Bebe um gole do aperitivo. Cumprimenta alguém que passa por ali. Depois seca a boca com um guardanapo de papel. Sorri. Está orgulhoso de seu poder, de suas decisões, de haver contratado um nobre simplesmente para fazer designer gráfico em suas produções de televisão.

— Espero que você se dê bem com ele. Claro que é um pouco puxa-saco... — Era o cara da primeira ligação. — Mas é muito exigente em seu trabalho, e além disso... — Não dá tempo de acabar a frase.

— Step, mas, é você? — Levanto o olhar, não contava com isto. Gepy está na minha frente, com cara de imbecil, sorridente e com braços abertos levantados. Parecia um pregador um pouco idiota se não fosse pelos pêlos que saiam do casaco mal cortado e pelo cabelo curto. — Não posso acreditar, é você! — Bate suas palmas com uma força excessiva. — É você. Mas onde diabos você tinha se metido?

— Olá, Gepy, como está?

— Muito bem, e não sabe quão contente estou em te ver. Mas o que você está fazendo aqui tão enfeitado! Não posso acreditar. Step está outra vez na cidade!

Queria gritar com alguém; olha ao seu redor, mas não entende que seu *show* não está destinado a ninguém. Só a mim. E também ao senhor Romani... Não acredito que pertença precisamente ao seu público.

— Perdoe-me, Gepy, mas estamos conversando. Olho para o senhor Romani procurando apoio, embora não sei muito bem por que. Sorri divertido, e fica com uma expressão como se estivesse dizendo "não se preocupe, são coisas que passam, não sabe quantos imbecis como esse eu

tenho que agüentar". Ao menos, isso é o que eu gostaria de ler.

— Ei, Step, ainda me lembro de quando você derrubou o Mancino. Estávamos em Giovanni, o sorveteiro, lembra? Ele estava ali se fingindo de chefe e depois você chegou. Não te deu tempo descer da moto quando, oh, você nem o viu, e o cara te socou. Minha mãe, o soco que você recebeu. Mancino acreditava que você estava acabado, no entanto... — Gepy ri, com gosto. — Bum, lhe deu um chute no estômago e não lhe deu tempo. Bum, bum, bum, que série impressionante no rosto. — Gepy brinca ali na frente, lançando chutes no ar. — Bum, bum, bum, lembro-me como se fosse ontem. Uma carnificina, você o derrubou. E aquela vez no posto de gasolina em corso Francia, em Beppe. Quando chegou aqueles dois cafonas com o Renault 4, e que depois disseram que eram amigo de Mancino, e te rodearam...

— Gepy, perdão, repito, estou conversando com o senhor.

— Não tem problema, não se preocupe. — Romani sorve seu aperitivo e parece sinceramente interessado. — Deixe-o falar.

Gepy me olha interrogativo e depois, sem esperar nem sequer um mínimo gesto, continua tranqüilo:

— Até tinham uma corrente. Oh, nada, né?... Mal acabaram... Parece que nem sequer continuaram sendo amigos de Mancino! Ah! — Voltou a rir ainda mais, e com mais vontade ainda. — Que lenda! Esses tempos acabaram, já passaram. Agora todos estão tranqüilos, todos pastando como ovelhas, sem nome, sem regras, sem honra... Se agora você dá encima da namorada de alguém, este nem sequer se irrita. Não há mais respeito.

Esta última espécie de discurso entre nostálgico e amargo me convence em cortá-lo.

— Ei, talvez nos vejamos em uma dessas noites, hein?

— Como não. Toma, pega meu número. — Tira um cartão do bolso traseiro de suas calças. Resisto em guardá-los. Está o número de seu celular e atrás há uma foto de Gepy, perfeitamente impressa em branco e preto, com seu torso nu, em uma pose falsa de fisiculturista ou algo assim. — Forte, não? Eu mandei fazer dois mil. — E depois acrescenta sério: — Também me servem para trabalhar! — Logo se afasta andando para trás, colocando-se em pose clássica. Polegar, mindinho, orelha e boca. — Ligue-me, Step, iremos

comer uma pizza. Conto com isso!

Assinto esboçando um sorriso.

Gepy sacode a cabeça e se afasta aos saltos.

— Parece-me um cara simpático.

Romani olha-me, inseguro. Não está completamente convencido de sua afirmação.

— Bom, a sua maneira... Faz tempo que não o via. Naquela época era muito divertido.

— Naquela época? Parece que passou um século. Você fala de apenas alguns anos.

Sua pergunta fica no ar. No fundo, passou um século. Romani acaba de beber seu aperitivo.

— Aqui está, já chegou. É Marcantonio.

Uma estranha mistura de Jack Nicholson e John Malkovich caminha sorrindo até nós fumando um cigarro. Com entradas, o cabelo curto por cima da orelha e costeletas grandes que lhe acariciam as bochechas fechando-se em forma de virgula. Um bonito sorriso e um olhar inteligente. Com um gesto lança longe o cigarro, depois faz quase que uma pirueta sobre si mesmo e se senta na cadeira livre que há ao nosso lado:

— Que tal? Eu estive um pouco puxa-saco no telefone, foi? — Não deixa que Romani responda. — É minha habilidade principal. Esgotar, lentamente mais esgotar. É a gota malaia, tac, tac, até corroer inclusive o metal mais duro. É questão de tempo, basta não ter pressa, e eu não tenho. — Tira um pacote de Chesterfield light e o apóia na mesa debaixo de um Bic negro. — Marcantonio Mazzocca, nobre degradado mais em clara recuperação.

Dou-lhe a mão.

— Stefano Mancini, acho que seu assistente.

— Assistente, que termo ignóbil dão para cada um de nosso rol.

Romani o interrompe:

— Pode ser todo o ignóbil que lhe parece, mas ele será seu assistente. Bom, agora vou deixá-los. Explique tudo e bem, por que começa na segunda. Entramos no ar em três semanas. E tudo tem que estar perfeito!

— E estará perfeito, chefe! Eu trouxe um logo para o título, se tem a

amabilidade de revisá-lo... — Entrega-lhe uma pequena pasta que aparece como se fosse mágica de um bolso interior de sua jaqueta. Romani a abre.

Marcantonio o olhar, tranqüilo, seguro de seu trabalho.

Romani está satisfeito, e depois percebe:

— Bom, o logo é muito claro, e além disso... Fora todos estes arabescos, estas flechas daqui... Tudo mais leve!

Romani se afasta com a pasta debaixo do braço.

— Sempre tem algo há dizer; o faz sentir-se mais seguro. E nós lhe seguimos no jogo.

Acende outro cigarro. Depois se relaxa, encostando-se à cadeira e retira do bolso outra pasta. Abre-a.

— *Et voilá.* É o mesmo desenho com o logo mais claro e sem as flechas, precisamente como Romani pediu.

— Você viu? Já está feito! — Depois se alonga, olhando ao seu redor. — Este lugar é fantástico, não é, ajudante? Olha as cores, as mulheres... olha essa!

Aponta para uma loira com o cabelo curto, corpo musculoso e seguro. Traseiro alto que se perde em uma saia justa, o nariz um pouco grande demais em comparação com uns lábios que contam o pior se pressupõem uma utilização agradável.

— Eu a conheci profundamente. Faz parte do ambiente, sabe?

— Como?

— O ambiente... nosso ambiente de trabalho, mulheres em abundância. Solta um bocado de fumaça, rindo. — Você viu os lábios? Deixou-me seco!

Confirma a utilização agradável.

— Como? Você quer dizer que são todas assim?

— Não são todas assim. São mais, são lindíssimas. Você verá, você verá. São de verdade. São mulheres fantásticas, escondidas em vestidos de mil dólares, bailarinas, recepcionistas, figurantes. Riem, alegram-se por nada, como pequenas bombas de mechas curtas. E por trás disso, peitos, apertados por corpetes impossíveis, esses traseiros duros, estrangulados por calcinhas minúsculas, contam suas histórias: tristes, alegres, absurdas... São garotas que ainda estudam, que já tem um filho e não um marido, que nunca estudaram,

que estão a ponto de se casar ou de se separar, que não se casaram nunca ou que ainda sonham em casar. Todas ali reunidas com uma só coisa em comum: aparecer na caixa mágica. Aparecer...

— Bom, como você fala, já vejo que gostam muito de você. Parece um poeta.

— Bem, eu sou Marcantonio e venho do norte, além de Milão, do Veneto mais rico. E não tenho um centavo. O que me fica é o sangue nobre e a vontade de amar todas, nisso sempre serei rico. Tem que vê-las... e as verá, não é verdade?

— Acho que sim.

— Claro que sim. É meu assistente ou não? Pois, então, se divertirá muito! — Dá-me um tapa no ombro e se levanta. — Bom, vou indo.

Pega os cigarros e o isqueiro e coloca no bolso. Depois sorri e levanta a sobrancelha. Vai até a garota do cabelo loiro e dá uma volta ao seu redor. Fico um momento, olhando-o.

Dá outra volta ao redor da garota, depois para e fica na frente dela com as mãos no bolso da jaqueta. Começa a falar, tranquilo, seguro, sorridente. Ela o escuta com curiosidade e depois começa a rir.

A garota sacode a cabeça. Ele lhe faz um gesto, ela pensa por um momento, depois parece optar pelo sim e se encaminha até Vanni para entrar. Marcantonio me olha, sorri e pisca um olho. Depois a alcança. Apóia uma mão em suas costas para "ajudá-la" a entrar no bar. Ela se deixar guiar e desaparecem da minha vista.

Dezessete

Volume ao máximo.

"What if there was no light, nothing wrong, no-thing right, what if there was no time...". A voz do Chris Martin, do Coldplay, enche o quarto. Talvez para encobrir um outro som. O rouco e contínuo que agora está sentindo em seu interior como um ferrão, uma chamada que não deixa de atormentá-la enquanto passam as horas.

— Daniela, está surda? Quer baixar isso, por favor? Ou você está fazendo isso para que Fiore aprenda a canção da rua?

Por um momento, a imagem do porteiro cantando em inglês romanesco enquanto poda as árvores a diverte e a faz sorrir. Por um momento. Por que depois essa dúvida, sua dúvida, volta a falar, volta a chamá-la. Sim, mamãe, se eu fosse surda talvez não ouvisse mais essa voz que continua dizendo-me a única verdade que não quero ouvir. E mais, é melhor subir o volume, é melhor cantar com Chris essas palavras que agora parecem tão verdadeiras, tão adequadas... Daniela começa a traduzi-las mentalmente. "O que aconteceria se não houvesse luz, nada errado, nada justo, o que aconteceria se não houvesse tempo..." Sim, se não houvesse tempo. Se não houvesse mais. Basta. Tenho que fazer, tenho que esclarecer de uma vez por todas.

— Olá, Giuli. Estou te incomodando? O que você está fazendo?

— Olá! Não, tudo bem, eu estava precisamente pensando em você.

— Pensando em mim? Pensei que você tivesse coisas melhores para fazer!

— Vejo que a simpatia é contagiante... Quer saber por quê?

— Diga.

— Estava descarregando do celular para o computador as fotos que tirei na festa. Ficaram bem! Embora não tivesse muita luz, estão saindo bem. Também está você enquanto dança e se faz de boba!

— Sério? Não percebi que você tirou fotos minhas.

— Acredito: você estava completamente fora de órbita! Está você com Brandelli, depois você com dois loucos pulando ao seu redor, e outra vez você gritando não sei o quê para não sei quem... E pronto, por que em um certo momento você desapareceu! Não voltei a te ver! Onde diabos você estava, hein? Você tem que me contar tudo que não pude fotografar...!

— Sim! Foi uma bela festa, certo? Diverti-me muitíssimo! E finalmente consegui! Você viu? Chicco foi muito doce, e você que sempre fala mal dele... Há que horas desapareci de lá com ele? — Giuli a ignora. Por que deveria fazê-lo? A voz de Daniela treme um pouco enquanto pergunta, em uma tentativa de parecer o mais segura e natural possível. — Quero dizer, quanto tempo estive com ele? Você estava lúcida, prestaria atenção, não é? Em quanto tempo voltei para você e nós fomos embora?

— Inferno! Realmente você não se lembra de nada? O teu ecstasy causou um efeito muito estranho em você! Com ele não sei, por que, sinceramente, Brandelli ficou sentado em um sofá falando com umas garotas e você não estava. Talvez vocês desapareceram juntos antes. Comigo você voltou depois de algumas horas. Ou seja, imagino que você se divertiu! Vamos, conte-me! Como foi? Você gostou?

— Foi diferente de como eu imaginava, mas, na verdade, como poderia imaginar algo que nunca experimentei? Até que você se vê ali... Bom, eu te contarei tudo da próxima vez que nos vermos... Tudo, quer dizer, o pouco que me lembro! Você quer que eu te conte por telefone? Você sabe que aqui me ouvem. Se mamãe descobrir, estou perdida. Embora eu esteja com a música alta, ela tem o ouvido mais agudo que a de um índio. Irei te ver logo. Agora tenho que desligar.

— Certo, mas você sempre foge na melhor parte! Te esperarei, garota sortuda! Mande-me um sms antes e assim estarei em casa. Quem vai perder o relato da primeira vez da pequena Gervasi?

— Tomara, Giuli, tomara que eu tenha fugido na melhor parte. Pelo menos, agora eu só teria dentro Coldplay, e não essa dúvida que não me deixa em paz. Está bem. Adeus.

Nada. A dúvida ainda segue aqui. Ligeira como um véu que esconde a

verdade. Pesado como um penhasco que esmaga a serenidade.

"You don't have to be alone, you don't have to be on your own..." Os planos se deslizam. "A mensagem..." "Não tem que estar sozinha, você não deve ir por conta própria..." Sim, Chris, por que você não vem aqui e me dá a mensagem que eu espero, a noticia que não sei? O volume continua alto. Raffaella se rendeu. E Fiore talvez esteja aprendendo inglês. As palavras que saem do rádio continuam batendo nessa ameaça. Mas não há que se assombrar: a alma sempre sabe como escolher a melhor trilha sonora. E as músicas não são por acaso. Com a verdade, por outro lado.

— Olá, Chicco. Incomodo?

— Olá, pequena, como você está? Que diversão na outra noite, hein? Que festa! E está noite? Quer que eu vá te pegar para tomarmos um café?

— Certo, vamos. Sim, realmente foi uma boa noite, me diverti como uma louca, mal pude acreditar! E você estava encantador, realmente muito doce...

— Acho que você está errada! Doce e encantador, você disse? Mas não fiz nada! E mais, poderia ter sido se você não tivesse desaparecido como você fez. Te perdi na pista em seguida e não voltei a te ver. Onde você se meteu? Colocaram uma bonita canção lenta e... de Vasco. Queria dançar contigo. Onde você estava? E depois queria te acompanhar em casa, mas então Giuli e você já não estavam. Por que?

Não é pela canção lenta frustrada, nem pela viagem perdida até em casa que seu estômago se aperta e o coração começa a bater mais rápido do que o normal. É por que Daniela procura resposta e, no entanto, só obtém perguntas.

— Sim, é verdade, perdão, quis te avisar, Giuli chamou seu irmão para que nos acompanhasse por que não te encontramos e você não respondia ao celular. Talvez sua bateria descarregou. Desculpe-me se desapareci... Dei mil voltas, dancei, ri e por isso perdi a noção do tempo. Bom, te ligo depois, assim decidimos se vamos tomar esse café.

— Certo, pequena, então até logo!

Pequena. Tomara... Ser ainda como até então, quando brincava no quarto de Babi. Quando não tinha que me preocupar com quase nada.

Quando encontrava todas as respostas por que as perguntas eram mais simples. Não como esta. Esta é difícil. E também absurda. Tanto que nem sequer Chicco ou Giuli resolveu a dúvida. E eles estavam lá. Sim, mas não comigo, não naquele cômodo. Agora só o tempo pode me ajudar. Só terei que esperar alguns dias, só... parece fácil.

Daniela abre o armário e se olha no espelho. Tenta perceber em seu rosto um sinal, uma mudança, algo que a ajude a entender, que lhe dê ao menos alguma pequena certeza ao qual se agarrar. Nada. Só um pequeno grão escondido pela franja, apareceu quem sabe quando, ao acaso na noite. Muito pouco para ser um sinal de uma verdade profunda que sai a luz. Será o chocolate que tomei ontem. E depois umas sensações difusas, que não sabe definir, algo que a envolve desde baixo.

Última faixa do CD. "How do you see the world?" Outra pergunta. E tampouco está é fácil de responder.

Dezoito

– Como foi o encontro?

Logo depois de entrar pela porta, Paolo já me assalta com sua curiosidade.

— Acho que bem.

— O que você quer dizer com "acho que bem"?

— Que acho que foi bem, que talvez causei uma boa impressão.

— Ou seja...

— Começo na próxima semana!

— Perfeito, que bom! Temos que celebrar. Preparei um jantar maravilhoso. Agora sou um chefe de cozinha. Sabia que quando você esteve fora fiz um curso em Constantini...?

— Esta noite, eu não posso.

— Por que?

— Vou sair com uns amigos.

— Ou vai sair com Eva?

Me olha, malicioso, como se eu pudesse ter alguma razão para mentir. Me faz rir.

— Eu disse que era com uns amigos. Você faz o mesmo que mamãe.

— A propósito, ela veio aqui, queria te cumprimentar. — Estou no meu quarto e não tenho vontade de escutá-lo. Pelo menos, não se estiver me falando sobre isso. Mas Paolo, naturalmente, não se interessa e grita de longe: — Você me ouviu? Estou falando com você.

— É claro, com quem mais falaria? Só estamos nós dois em casa.

Após um tempo. Aparece na porta.

— Olha isto. — Está com uma bolsa transparente na mão. Olha para mim, surpreso. — Mas como você não reconhece? São *morselletti*! Não se lembra? São os biscoitos que mamãe fazia com mel e aveia. Vamos, como

você pode ter esquecido? Ela sempre colocava sobre o radiador para amaciá-los e nós víamos comer como loucos quando nos dava permissão para ver filme na segunda à noite. — Pega um. — Não posso acreditar que você não se lembre.

Passo na frente dele.

— Sim, lembro, mas agora não quero. Vou jantar. Paolo está chateado. Fica ali com o *morselletti* na mão, olhando-me enquanto coloco a jaqueta e pego as chaves.

— Bom, comerei amanhã no café da manhã, está bem?

— Está bem, como queira.

Paolo me observa sair, depois devolve sua atenção para o *morselletto* e tenta mordê-lo: — Ai, está duro...

— Coloque um pouco no forno.

Eu estou no elevador e abotôo minha jaqueta. Que tristeza. Passo a mão pelo meu cabelo curto e o agito um pouco, o que pouco que posso. Os *morselletti* são os biscoitos mais estranhos do mundo, não muito doces, difíceis de mastigar no início, mas depois... parecem como goma, ligeiramente mais duros, tem cada vez mais sabor e de vez em quando se encontra alguma aveia.

Mamãe. Lembro-a na cozinha. "Misturar o mel dentro do pote, remover, remover mais e de vez em quando provar..." Levava apenas a ponta de uma longa colher de madeira na boca e depois levantava os olhos apertando-os para se concentrar melhor no sabor. "Falta um pouco mais de açúcar. O que você acha?" E me convidava assim para fazer parte do jogo, para provar com uma colher de madeira. Eu assentia. Sempre de acordo com ela, com mamãe. Minha mãe. Então, ela cantarolava: "E a pílula desce, a pílula desce".

Abro a tampa vermelha do pote de açúcar e, jogando com o pulso, deixava escorregar um pouco na panela. O necessário, ao menos, na sua opinião. Depois voltava a fechar a tampa do pote, deixava-o em seu lugar, limpava as mãos no avental com flores e vinha para meu lado para ver como estava: "Se você acabar logo de estudar, te dou um *morselletti* a mais do que para Paolo... no fim, ele não vai descobrir". E nós riamos juntos e ela me beijava na nuca enquanto eu dava de ombros, retesado pelo frio...

Que tristeza! Que difícil é esquecer as coisas bonitas!

Vou de pressa com a moto. O vento é agradável e quente nesta noite de setembro. Há poucos carros. Entro na Francia até a Vigna Stelluti e chego em um semáforo, depois giro e vou para a Flaminia. Acelero ainda mais. No fundo, o semáforo está verde, acelero ainda mais até que mude para vermelho. Aqui faz mais frio e sinto um calafrio. É o verde das margens da rua. Entre as colinas, com alguma ou outra colina escondida e altas árvores que ocultam de vez em quando a lua. A moto reduz a velocidade sozinha. Está entrando na reserva. Que estranho. Tinha enchido o tanque.

O carburador deve está sujo e por isso consume mais do que costuma. Acelero mais e, sem mudar de marcha, desço a mão na esquerda do tanque até encontrar a alavanca. Movo para baixo, na reserva. Tenho que colocar gasolina. Deixo para trás o grande Centro Euclide na direita e mais além aparece as luzes de um *selfservice*. Paro perto da bomba de abastecimento. Está em funcionamento. Paro a moto e coloco a chave na tampa do tanque de combustível. Depois me levanto e tiro a carteira do bolso da calça. Com a motocicleta entre as pernas, pego duas notas de dez euros e introduzo na máquina. As duas notas de dez euros são rechaçadas. Volto a colocar e enquanto o dinheiro entra, dou um golpe na bomba. Passam alguns segundos e um ruído mecânico me avisa que os aceitou. Retrocedo um pouco com a moto e tento tirar a mangueira. Inferno, não pode. Não pode. Há um cadeado na bomba. Está bloqueado.

Não é um cadeado típico das bombas, é um pouco maior, e também bloqueou o botão para retirar o recibo. É uma fraude! A limusine de alguns desgraçado que quer encher o tanque às minhas custas. E esse desgraçado me roubou vinte euros... Inferno, inferno, inferno. Não tenho tempo. Tenho que chegar ao encontro. Isto não estava previsto. Fecho o tanque, volto a colocar a chave na ignição e arranco a toda velocidade. A bomba de gasolina fica só no silêncio da noite. Alguns carros passam como flechas velozes para quem sabe um mágico final de semana ou, simplesmente, um jantar perto de Prima Porta. Um gato cruza a estação de gasolina.

De repente, para como se tivesse ouvido algum ruído estranho. Permanece assim, imóvel na penumbra com a cabeça virada, o pescoço um pouco virado e os olhos apertados. É como se procurasse algo, mas não há

nada. O gato relaxa e começa novamente a caminhar para a rua, direto para quem sabe onde. Algumas nuvens passam velozes. Um vento suave descobre de vez em quando a lua. Por trás do galpão do posto de gasolina, um carro se põe em movimento.

Um Micra azul escuro aparece com somente as luzes da frente ligadas. Avança lentamente até a bomba de gasolina. Estaciona, desliga o motor e desce um cara não muito alto, com um gorro preto na cabeça um pouco afeminado e uma calça Levi's escura. Olha ao seu redor. Depois, ao não ver ninguém, tira do bolso a chave do cadeado e o abre. Não lhe dou tempo de pegar com a mão a mangueira quando me atiro encima dele, jogo-o sobre o capô do carro e subo encima.

— Quer dizer, que está colocando gasolina com meu dinheiro!

Agarro-o pelo pescoço, mas continua resistindo. Na briga, seu gorro cai. Um tufo de cabelos pretos e longos se derrama sobre o capô azul. Posiciono-o na direita para golpeá-lo no rosto, mas uma lua pálida ilumina repentinamente seu rosto.

— Porra... Você é uma garota! — Tenta sair debaixo de mim. Mantenho-a quieta um pouco mais enquanto baixo o braço direito. — Uma mulher, uma fodida mulher.

Solto-a. Levanta-se do capô e ajeita seu casaco.

— Sim, sou uma garota, e daí? Por que diabos você está rindo? Quer me bater? Não me assusta.

Está garota é demais. Olho-a melhor: está com as pernas abertas e usa um par de calças de jeans de cintura baixa e uns tênis hi-tech. Veste uma camiseta preta por debaixo de uma jaqueta jeans escura. A garota tem estilo. Pego o gorro e o coloca no bolso da calça:

— E então?

— E então o quê? Era você que estava pegando meu dinheiro.

— E daí?

— O quê? Como e daí? — Entro no Micra e tiro a chave da ignição. — Assim você não irá me perseguir. — Coloco no bolso e me afasto caminhando. Apareço um instante depois com a moto. Havia voltado até o posto de gasolina com o motor apagado. Acelero e em um momento estou na

frente dela. Paro e abro o tanque. — Passa-me a mangueira.

— Não tenho a menor intenção de fazer isso.

Sacudo a cabeça, pego eu mesmo e coloco gasolina. Depois me lembro de uma coisa, coloco só dez euros no tanque e paro. Rodo seu Micra com a mangueira na mão, abro a tampa e encho o carro com os outros dez euros. Ela me olha com curiosidade. É bonita, com um aspecto um pouco duro. Talvez apenas estivesse irritada por ter sido pega. Usa o cabelo para frente, parece muito desfiado, tem os olhos escuros e grandes e um bonito sorriso, pelo pouco que eu pude ver. Esboça uma estranha careta de curiosidade.

— E agora o que você está fazendo?

— Colocando gasolina no seu carro.

— E porque?

— Porque vamos jantar juntos.

Movo a moto e a deixo por trás do galpão do posto.

— Nem pensar. Eu, jantar com você? Tenho outras coisas para fazer... Há uma festa, uma *rave*, e vou ficar com meus amigos.

Faço-me de duro, mas me dá vontade de rir.

— Então, olha assim: você queria passar a noite com meus vinte euros, mas como é muito sortuda, passará comigo.

— O que você precisa ouvir...

— Se não é o suficiente para o seu fantástico orgulho... digamos que ou passa a noite comigo ou te denuncio. Parece melhor assim?

A garota sorri, maliciosamente.

— Sim, claro, entro no carro, no *meu* próprio carro, para ser exata, com um desconhecido e...

— Eu não sou um desconhecido. Sou o cara no qual você estava preste a calotear.

Bufa outra vez.

— Bem, então vamos por este ponto de vista: eu entro em meu carro com um possível cara caloteado, certo? Sim, mas por que não teria que pensar que você me levaria quem sabe onde e se aproveitaria de mim? Dê-me um bom motivo.

Fico em silêncio. Odeio todos esses caras que fazem com que as

mulheres se preocupem. Pedaços de merda que arruínam tudo, incapazes de conquistar, seres inúteis neste esplêndido mundo.

— Está bem... está bem...

Começo a rir, mas sei que tem razão.

— Então, faremos assim. Você está vendo esse celular?

Tiro do bolso.

— Sabe quantos "aproveitamentos" melhores que você eu poderia ter com apenas uma ligação? Então cala a boca e sobe.

Aí está para que serve um celular!

Lança-me um olhar de ódio e depois vem até mim. Planta-se na minha frente e afasta meu braço com a mão aberta. Levanto o braço. Pensei que fosse me dar um soco. Equivoco-me.

— Por agora não baterei em você. Dê-me às chaves, eu dirijo.

Sorrio, entrando no carro:

— Nem pensar.

— Mas como você acha que eu vou confiar em você?

— Não, como você pode achar que eu iria confiar em você? Você, que tentou pegar meu dinheiro!

Vou para o outro lado e abro a porta. Sorrio.

— Tenho razão ou não. Venha, entre.

Fica um pouco perplexa, depois bufa e entra no carro com os braços cruzados e o olhar fixo na frente. Conduzo um pouco em silêncio.

— Ei, teu carro é bom, hein?

— Está incluído no preço que temos que falar?

Acabamos de passar pela Saxa Rubra.

— Não, mas agora pode fazer outra coisa. Sabe, eu poderia te deixar aqui e levar teu carro, naturalmente, sem me "aproveitar", como você disse... Simplesmente com seu carro... mas com minha gasolina. Ou seja, tente ser amável, divirta-se, sorria... você tem um sorriso muito bonito.

— Mas você ainda não o viu.

— É exatamente isso... O que você está esperando?

Sorri de propósito, rangendo os dentes: — Aqui está. Ficou contente?

— Muito.

Aproximo minha mão aberta até ela. Afasta-se veloz.

— Ei, o que está fazendo?

— Minha nossa, que desconfiada! Ia me apresentar como uma pessoa educada, como aquelas que não roubam. Sou Stefano, Step para os amigos.

Estou com a mão aberta no ar, na penumbra do carro.

— Bem... Olá, Stefano, eu sou Ginevra, Gin para as amigas. Para você, no entanto, sempre Ginevra.

— Ginevra, sim... Como seus pais sabiam que trariam ao mundo uma princesa como você?

Olho-a levantando as sobrancelhas, depois não aguento mais e começo a rir.

— Perdoe-me, me deu vontade de rir e não sei por que. Princesa...

Continuo assim. Olho-a e riu. Divirto-me, acho-a agradável. Talvez por que não seja bonita. O carro avança veloz. A luz dos faróis saí e volta para seu rosto. Pinta-a de claro e depois de escuro. E de vez em quando a lua a beija. Tem bochechas altas e queixo pequeno. Sobrancelhas finas, como um ponto de fuga, fluem até o pelo. Tem olhos cor avelã, intensos, vivos e alegres, apesar de estar muito aborrecida. Sim, eu me equivoquei. Não é bonita, é lindíssima.

— Foram valentes seus pais. Uma excelente escolha de nome: princesa Ginevra...

Olha-me em silêncio.

— Stefano, meus pais já não existem. Morreram.

Meu sangue gela. O pior soco possível, em pleno rosto, no estômago e nos dentes. Mudo de expressão.

— Perdão.

Ficamos um pouco em silêncio. O carro corre veloz. Olho para a calçada tentando que meu estúpido erro se perca entre as linhas brancas. Ouço-a suspirar, talvez esteja chorando. Não consigo me virar, mas devo. Devo... Vejo-a no canto, olhando-me, completamente encolhida contra a janela. Está sentada de lado.

Depois, de repente, estala em uma gargalhada, como uma louca: — Deus, não agüento mais, eu te disse uma besteira! Estamos empatados?

Trégua.

E imediatamente coloca um CD no som.

— Você queria guerra e eu te dei. O que você acha, hein? Você se faz de duro, mas no fundo, no fundo... é um sentimental. Pobrezinho...

Ginevra ri e se move ao ritmo do Red Hot Chilli Peppers.

— Aonde vamos jantar? — Agora está muito mais tranquila, dona da situação.

Fico em silêncio. Porra, ela me pegou. Bom golpe, mas próprio de um imbecil. Como pode brincar com uma coisa assim? Continuo dirigindo e olhando para frente. Pelo canto do olho, vejo-a dançar. Tem um ritmo perfeito e dança divertida seu *Scar Tissue*. Agita-se movendo o cabelo. Ri de vez em quando, mordendo o lábio inferior.

— Vamos, eu não fiz por mal... — Olha para mim. — Perdão, mas está dirigindo meu carro; certo, com sua gasolina, eu digo antes que você repita. Leva uma garota para jantar com seus amigos, né? Ou algo parecido... Assim não tem nenhum motivo para se irritar. Como você disse... Divirta-se... Sorria! E eu estou fazendo isso. Por que você não faz isso agora? — Continuo sem falar. — Olha, te irritei e te aborreci. Você preferia que estivessem mortos de verdade? Está bem, então, tentemos conversar um pouco... Como estão seus pais?

— Estupendos, estão separados.

— Claro, claro! Minha nossa, que pouco original você é. Não pode inventar algo melhor?

— O que posso fazer se é verdade? Olha, você é teimosa. Vê, é culpa sua ter acabado com a credibilidade de nossa conversa.

— Não está falando sério...

— Eu já disse que sim.

Ela fica um momento em silêncio. Olha-me com perplexidade e me estuda quase de soslaio.

— Não é verdade.

— Eu já te disse que sim.

Ainda não está convencida com minhas palavras. Enquanto dirijo, viro-me para olhá-la. Nós ficamos um momento assim, olhando-nos nos olhos. É

uma espécie de competição. Ela é a primeira a baixar o olhar. Parece se ruborizar, mas há muita penumbra para decidir se é verdade ou não.

— Ei, olha para frente, olha para a rua. A gasolina é sua, mas o carro é meu, né? Assim que não o destrua. Sorrio sem que o note.

— Você me mentiu, né? Não estão separados.

— Como que não? E já faz vários anos.

— Bom, pois se for verdade, sinto muito. De qualquer forma, eu li em algum lugar que os casamentos separados com filhos maiores são mais de sessenta por cento. Quer dizer que...

— Quer dizer?

— É um fato que você não pode usar para se fazer de vitima.

— Mas quem quer se fazer de vitima? Que besteira...

Queria contar-lhe toda a história, talvez por que não saiba nada sobre mim ou porque me inspira confiança, ou por qualquer outro motivo que seja. Mas não faço, algo me freia.

— Em que está pensando? Em seus pais?

— Não, pensava em você.

— E em que pensava, se nem sequer me conhece?

— Pensava como é bom quando você não conhece alguém, mas o tem ao seu lado, nos problemas que não tem, em como te imagino, nos jogos de fantasia, em que vai onde quer.

— E aonde você chegou?

Faço uma pausa de propósito.

— Longe — Embora não seja verdade, me diverte dizer. — E mais, voltei a pensar e me parece que você tem razão.

— Em que?

— No "aproveitamento".

— Idiota, você é um tonto. Quer que eu me preocupe, não é? Mas não me preocupa, sinto. Sou terceira dan. Você sabe o que significa "terceira dan" ou não tem idéia? Bom, pois eu te explico em um momento — Fala com ímpeto e eu escuto divertido. — Quer dizer que você não terá tempo de colocar as mãos encima de mim quando eu tiver te derrubado, entende? Terceiro dan de caratê. E faço também *kick boxing*. Tenta aproximar sua mão e

está acabado. Acabado.

— Menos mal. Então estou seguro contigo.

Não me dá tempo de acabar a frase quando o volante escapa da minha mão. O Mira se inclina, perigosamente. Corrijo, em seguida, e levanto o pé do acelerador. Ginevra acaba encima de mim. Levo o carro suavemente até a direita enquanto ela se recompõe. Me dá vários socos fortes no ombro, sempre no mesmo lugar.

— Inferno, você me assustou! Imbecil!

Riu.

— Ah, para, seja boazinha. Eu não tenho nada a ver: parece que estamos com um pneu furado.

— Mas o que você está dizendo! Você fez de propósito!

— Estou dizendo que não.

Desço do carro e olho o pneu furado.

— E agora?

— E agora eu espero que você tenha um pneu sobressalente.

— É claro que tenho.

— Muito bem!

Ficamos um momento nos olhando.

— E?

— E o quê? Traga, não?

— Perdão, mas quem estava dirigindo era você. Então a culpa é sua.

— Talvez... Mas o carro é seu, então quem troca o pneu é você.

Ginevra bufa e se encaminha para o capô.

— Está no porta-malas.

— Estava verificando se você não quebrou nada.

Mente.

— Claro... claro... claro.

Abre o porta-malas e levanta o fundo debaixo do qual está o pneu.

— Como se tira?

— Vê esse parafuso grande que está no topo? Tira e, em seguida, puxa o pneu para você.

Segue todas as minhas instruções e libera a roda. Tenta tirar do carro,

mas a meio caminho esta volta a cair no porta-malas, resvalando. Não pode com ela.

— Ei, porque não me ajuda?

— Como? Age como se eu não estivesse aqui. Foi você que disse que não contava comigo está noite, né? Sem falar no tema da igualdade dos sexos... Além disso, há uma coisa ainda mais importante.

Vai para a minha frente com os braços levantados.

— Estou ouvindo. O quê?

— Você disse que é terceiro dan, não é? Mas se uma roda ganha de você... Ah, ah...

Ela me olha com raiva. Quase se joga dentro do porta-malas, abraça a roda e arqueia as costas para trás. Com um grande esforço; vou de pressa até ela, para ajudá-la, mas consegue antes de me dar tempo de chegar.

— Eu consegui, o que você acha?

Depois, passando do meu lado, me dá um empurrão com o ombro.

— Saía! Não fique no meio atrapalhando!

Faz rodar o pneu, mantendo-o reto e quase o joga encima de mim.

— Vai se afastar ou não?

— Como não? E mais vou me sentar debaixo daquela árvore e fumar um cigarro. Não demore muito, hein?

— Isso, vai, vai.

Dezenove

Sento-me na beira da rua, sobre um muro baixo, e acendo um cigarro. Fico assim, olhando-a, oculto na escuridão.

Depois grito de longe: — Muito bem, muito bem, está indo muito bem.

Mete-se debaixo do carro para colocar o macaco. Está de joelhos, as mãos apoiadas no chão com os dedos crispados, enquanto olha onde tem que colocar o macaco. O traseiro apertado pelas calças jeans sobressai como uma pequena colina no asfalto, destacando-se contra a carroceria do veículo, como se este fosse o céu azul, move-o enquanto tenta encontrar o ponto adequado onde colocar o macaco. É todo um espetáculo.

— Ei, você não sabe o panorama que tenho daqui. Teria que ver. A lua, redonda, perfeita. Há lua cheia, sabia?

Levanta-se limpando suas mãos. Esfrega sua palma com seus dedos finos fazendo voar grãos de areia presos em sua pele suave.

— Mas, que lua? Não consigo ver nada.

— Faz dois minutos estava aí, juro, uma lua com calças jeans, uma maravilha. Saia de debaixo do teu carro.

— Eu não vou responder, você sabe.

Começa a subir o macaco bombeando para cima e para baixo enquanto o carro se move suavemente.

— Avise-me quando tiver acabado, que é melhor ir dormir.

Deixo-me resvalar para trás sobre a borda do muro. Olho as nuvens que passam no céu escuro. Agora se misturam com a fumaça que deixo escapar da boca. Nítidas, transparentes, banhadas pela luz oculta, essa lua mais alto, que não consigo ver, mas sei que está aí, mais acima, sem calças jeans.

Respiro profundamente. Sorrio e volto a olhá-la. Está afrouxando os parafusos. Tenta com força girar a chave de cruz. Não consegue e salta encima dando golpes com o pé. A chave enganchada no parafuso cai no chão. Bufa, e

com o canto da mão, para não se sujar, afasta o cabelo do rosto. Bonita e quente. Volto a colocar a chave de cruz no parafuso e tenta outra vez.

Aproxima-se um carro. É escuro, passa a meia velocidade, dá sinal de luz e toca a buzina. Depois ouço um freio um pouco mais adiante e o ruído de uma marcha ré. É um Toyota Corolla. Volta a toda velocidade, inclinando-se ligeiramente. Dá meia curva, e segue para trás. Depois vai para frente do Miera de Ginevra. Dele baixam várias pessoas. Sento no muro. São três garotos. Jogo o cigarro no chão e fico ali assistindo a cena.

— Olá, o que está fazendo aqui sozinha à noite?

— Furou seu pneu, não? Que má sorte.

— Que má sorte a nossa: por um momento pensamos que você era uma prostituta.

Começam a rir.

Um tosse. Tem uns vinte anos e usam cabelo curto; devem ser soldados. Ginevra não olha para cima.

— Escuta, podem me ajudar a trocar o pneu?

— Claro... Será um prazer.

O mais baixo se agacha e com a chave de cruz começa a afrouxar os parafusos.

— Estão oxidados.

— É que nunca mudei pneu deste carro... É a primeira vez que fura.

— Bom, sempre há uma primeira vez.

Um dos três ri a gargalhadas e os outros seguem.

— Menos mal que tenha sido nesta noite, e que nós passávamos.

— Claro, menos mal que vocês estão aqui — Desta vez Ginevra me lança um olhar e, sem que a vejam, faz um gesto como se dizendo: "Olha, vê? Estes estão me ajudando".

O baixinho troca a roda rapidinho: tira em seguida todos os parafusos e afasta a roda furada. Deixa cair no chão fazendo com que este rebote e põe de imediato a nova. Centra no local num instante e coloca novamente os parafusos. Dá um apertão geral, um atrás do outro, sem fazer muita força, e depois repassa por todos para um apertão final. Deve ser mecânico. Dá um último empurrão na chave de cruz com o pé e logo se levanta.

— *Et voilà*, pronto. Tudo em seu lugar, senhorita. Limpa suas mãos passando na calça jeans por cima dos joelhos. Estão tão sujas que não deixa nem rastro.

— Obrigado, sem vocês não saberia o que fazer.

"Não tem jeito", penso. É uma princesa. A frase adequada no momento adequado. Ou errado, talvez... Uma tentativa como outra qualquer para livrar-se deles de uma maneira simpática. Mas não tenho dúvidas: não cola.

— O que está fazendo? Nos largará assim?

O cara mais alto, e também um pouco mais gordo que os demais, toma as rédeas da situação.

— Bom, já agradeci. Eu haveria demorado mais, mas teria trocado sozinha!

O cara olha aos demais e sorri. Usa uma camiseta larga de cor marrom, com um colarinho estreito e uma listra negra sobre o peito.

— Está bem, mas nos dê, pelo menos, um beijo.

— Mas, o que está dizendo?

— Ei, eu não pedi que nos chupe... Ri, divertido, mostrando um sorriso que entristece até a mim. Tem os dentes tão acabados que fazem de seu rosto uma máscara grotesca.

— Sai barato para você com um beijo.

Pega Ginevra e a atraí para si. Ela está horrorizada. Ele a estreita pela cintura e tenta beijá-la. Ginevra afasta o rosto, instintivamente. O cara lhe dá uma lambida na bochecha e segue tentando meter a língua na boca dela. Ginevra se solta. O cara é forte e a agarra, decidido. Ela tenta dar-lhe uma joelhada entre as pernas, mas ele está muito próximo e ela não consegue. O baixinho, que trocou a roda, está calado, e olha a cena em silêncio, e mais, parece ligeiramente irritado. O outro, o gordinho, ri em um canto, interessado, quase excitado, e anima o amigo.

— Muito bem, Pie, mete a língua na boca dela.

Mas Pie — imagino que seja Pietro, — não consegue. E mais, Ginevra se move tanto que no final lhe dá uma cabeçada.

— Ah, merda.

Pietro leva suas mãos ao rosto.

— Assim, você aprende, bastardo!

Ginevra ajeita seu cabelo, imóvel no meio da rua, não muito longe dele, sem escapar, sem me chamar.

— Bastardo, eu? Agora você vai ver...

O cara vai decido ao seu encontro. Ginevra baixa a cabeça e se protege com as mãos. Pietro a agarra pela jaqueta.

É o momento de intervir.

— Ouçam, já se divertiram o suficiente, agora basta.

Pietro a solta e os outros dois ficam surpresos ao ver-me sair da sombra. Vou até eles.

— E você quem diabos é?

— Por casualidade, passava por aqui. E você quem diabos acha que é?

Já cheguei perto deles. Pietro me olha. Está pesando se vale à pena me responder. Quer dizer, se pode comigo ou não. Opta pelo sim.

— Saia daqui, vamos.

Erra. Lanço um soco certeiro, perfeito. Nem sequer o vê. Pego-o de lado, mas não muito, só o bastante para quebrar seu nariz. Vejo-o tremer sobre as pernas e faço uma ameaça de reagir. Golpeio-o novamente, com a esquerda, encima da sobrancelha direita: um impacto forte, preciso, surdo, com malícia. Cai no chão com um ruído seco e nem sequer lhe dou tempo de se mover quando saio ao seu encontro com um chute no rosto. Pum. Enquanto retiro a perna, se forma uma poça de sangue. Do nariz sai muito, brando e quente, rua abaixo, lento, em penumbra, e se mistura com asfalto. Pietro, ou como diabos se chame, está com a boca aberta e respira formando estranhas bolhas no sangue que tropeça em seus lábios. Cospe de vez em quando alguma gota misturada com saliva. Agora já não ri.

— Bom. — olho para Ginevra. — Vamos, se não chegaremos tarde.

Pego a roda furada, lanço no interior do porta-malas e volto a fechá-lo. Passo perto do baixinho e avanço. O gordinho, no entanto, está perto do carro. Demora em reagir. Pego –o com a direita. Encontro-me com sua orelha entre o polegar e o índice, aperto-a fortemente e a retorço com raiva. Gostaria de arrancá-la.

— Ai, porra, ai.

— Sai do meio, idiota. E emagreça um pouco.

Dou um último puxão mortífero e o solto. Dobra-se sobre si mesmo com as mãos na orelha enquanto subo no carro. Espero que Ginevra feche a porta e arranco depressa. Pelo espelho retrovisor, olho para os três. Agora já estão longe, envoltos na noite que nos separa.

— Como você está?

Ela permanece em silêncio. Tento fazê-la rir.

— Esses três foram muito sortudos. Se você soltasse o terceiro dan, estariam encrencados, hein?

Mas não consigo. Nada, não parece que vai falar. Olho-a. O cabelo cai sobre seu rosto, como se vencido, tapando-lhe uma parte do rosto. Os lábios fechados aparecem de seu esconderijo, vacilantes e assustados; tremem um pouco.

— Vamos, Ginevra, não aconteceu nada.

— Um inferno! Imagine se meu pneu furo enquanto estou sozinha.

— Mas não aconteceu nada.

— Mas poderia ter acontecido. Esses três teriam parado e imagina como teria acabado tudo.

— Mas eu poderia ter passado com a moto e eu teria te ajudado simplesmente a mudar o pneu.

Tento tranquilizá-la.

— Não posso acreditar que seja tão idiota... três contra um, que machão!

Vejo que continua com suas armas. Tento diminuir o drama.

— Então, digamos que salvou seu traseiro.

— Graças a você?

— O que eu tenho a ver com isso! Tem haver com seus pais! Tem um bonito traseiro, para falar a verdade. Eu vi enquanto você mudava a roda. Digamos que, em parte, é culpa sua... ao se agachar dessa maneira.... Bom, você esquentou demais os ânimos daqueles desgraçados.

— Ah, quer dizer, que meu traseiro enfiado em calças jeans normais e comuns, é um atentado contra a tranquilidade...

— Exato.

— Mas, em que mundo você vive? E se furasse o pneu da Jennifer

Lopez, então o que? O que aconteceria? Uma guerra mundial?

— Mas o que tem a ver. Ela assegurou seu traseiro por vários milhões de dólares...

— E?

— Pode jogá-lo tranqüilamente.

— Vá para o inferno. Que idiota.

— Só tentava fazer você rir.

— Pois não conseguiu — Fica em silêncio e continuo conduzindo. Gin sobe o volume do rádio, não quer pensar mais. — Gosto muito desta canção. Sabe o que diz?

Tento escutar. Mas não posso mentir para mim mesmo. Eu aprendi a usar perfeitamente o computador, o programa de desenho, o de 3D e tudo mais; mas com o inglês continua sendo uma luta continua.

— Entendo algo.

— Diz: "Não sei nada de história, de matemática..." — Gin continua traduzindo, salvando-me. Escuto suas palavras. Fala lentamente, sorrindo, e parece que não escapa nada. Gosto destas palavras. — É muito bonita.

Não sei por que, mais parece fruto do azar, perfeita para o momento.

— Sim, é bonita.

E logo depois, no rádio, toca outra canção. Mas desta vez não tenho problemas: "Você, vestida de flores ou de luzes na cidade, com a névoa ou as cores, colhe as rosas com os pés descalços e depois..." Abandono-me. Olho para fora, para a escuridão da noite. Uma dessas estranhas coincidências, a música no momento adequado, um carro que não é seu, uma rua sem luzes, sem trafego, o infinito adiante e uma garota ao teu lado.

Lindíssima, por certo. Ajeita a jaqueta.

— Falta muito para chegar?

Passamos justamente neste momento na saída que há antes do túnel de Prima Porta. Estão todos lá: Bardato, Manetta, Zurli, Blasco e outras pessoas. Também vejo algumas mulheres. Passo em frente deles, sem parar.

— Não, dentro de um momento, chegaremos.

Acelero, mas de qualquer modo não acredito que me reconheçam. Sabiam que iria de moto. E só. No entanto, estou no carro com ela. Continuo

dirigindo como se não acontecesse nada. Gin olha pela janela.

— Você viu? Ali tinha um grupo de pessoas que esperava alguém que se atrasou. Que lugar absurdo para ficar.

Depois de dizer isso, olha para mim. Meu coração salta. Não posso acreditar que entendeu.

— Sim, um lugar absurdo.

Continua olhando-me:

— Esta situação é estranha, hein?

— Que situação?

Espero que não queira falar outra vez do grupo.

— Bem, que estejamos aqui no carro, você e eu, dois perfeitos desconhecidos. E já aconteceu de tudo. Quando nos encontramos estivemos a ponto de lutar... e só por vinte euros.

— Que você queria me roubar...

— Sim, mas não se detenha sempre nos detalhes. Depois furamos e eu tive que mudar o pneu.

— Avança. Não se detenha você também aos detalhes.

Gin sorri.

— Param três caras, um tenta abusar de mim, você o pega e agora, como toque final, vamos jantar com seus amigos. Já parecemos um desses típicos casais... A clássica noite com alguns imprevistos a mais.

— É, só que você e eu não saímos juntos.

— Ah, claro.

Sigo conduzindo, mas sua resposta me soa estranha.

— O que quer dizer com "Ah, claro"?

— Quero dizer, "Ah, claro", e nada mais.

Começa a rir.

— Bom, esse "Ah, claro" não quer dizer só isso. Por trás esconde muito mais, estou certo?

Olho para ela, esperando a resposta.

— Você está um pouco pesado com o meu "por trás", não é? Diz que é um atentado contra a tranqüilidade, mas você é um obcecado que sempre pensa na mesma coisa. Perdão, mas por acaso saímos juntos você e eu?

— Por agora, não.

— Não, a resposta neste caso, já que estamos discutindo tem que ser só "não", e não "por agora, não". Está claro?

A pequena se inquieta.

— Ah, claro.

— Então não saímos juntos.

— Não.

— Bem.

Espero alguns segundos: — Por agora...

Gin me olha, irritada.

— Sempre quer ganhar, né?

— Sempre.

— Então, deixe assim. Nós não saímos juntos por agora e claro que tampouco pelo resto da noite. E se continuar discutindo, acrescento outras datas mais longínquas; posso inclusive chegar até os próximos meses, está claro?

— Claríssimo.

Sorrio.

— Mas eu aprendi que a segurança, quando salta muito a vista, é sinônimo de insegurança. Quer que eu seja mais claro?

— Sim.

— Era melhor se dissesse só "por agora".

Sorrio e Gin sacode a cabeça.

— Por agora deixo para lá por que eu já tive o bastante. Além disso, parece normal que tenhamos que discutir se saímos juntos ou não?

— A verdade é que normalmente as pessoas só discutem quando tem uma relação. Isso que dizer que começamos ao contrário.

— Não começamos nada. Freio lentamente e estaciono perto da calçada.

Gin me olha, preocupada.

— E agora, o que você está fazendo? Vai meter-me a mão?

— Não, por agora não. O encontro era aqui, mas não vejo ninguém. Já devem ter ido embora; chegamos tarde.

— Você chegou tarde.

— Está bem, eu cheguei tarde.

— Como é que está me dando razão?

— Se começarmos a discutir por tudo desta maneira, terminaremos antes de começar a sairmos juntos.

Desta vez, Gin começa a rir. Eu também começo a rir. Olhamo-nos rindo na sombra de um encontro que jamais existiu. A música soa a todo volume. O rádio emite uma sequência mista de sucessos novos e antigos.

— Que bonito! Isto é incrível!

É verdade: estão colocando a legendária *Love me two times* do The Doors. *"Love me two times, girl, one for tomorrow, one just for today... Love me two times. I'm goin' away..."* Mas isto não irei traduzir.

Ao redor, tudo está escuro. Mas "por agora", talvez ela tenha razão, é melhor irmos embora. — Onde está me levando?

— Vamos jantar juntos, você e eu. Pode conhecer meus amigos em outra ocasião.

— Que outra ocasião?

Olho-a esperando uma resposta. Decido aceitar a trégua.

— Bom, se a oportunidade surgir.

— Exato, se a oportunidade surgir.

Satisfeita, subo o volume do rádio e mudo de estação procurando freneticamente quem sabe qual outra canção. Depois, sem se dar conta, na penumbra do carro, olho para Step pelo canto do olho.

Não posso acreditar... Eu, Gin, no carro com ele. Se meus pais soubessem. Não sei por que, mas esse é sempre o primeiro pensamento que vem a minha cabeça. Quer dizer, se meus pais soubessem que agora estou no carro com um desconhecido, ou seja, com um cara que eles acreditam que é um desconhecido, o que diriam? Já imagino minha mãe: "Mas você está louca? Ginevra, você não pode dar confiança para estranhos? Já te disse mil vezes..." Não há nada o que fazer. Qualquer coisa, não sei por que, minha mãe sempre diz que já me disse mil vezes. Bah. De uma coisa estou certa: isto não esperaria nunca. Além disso, o que iria dizer? "Sabe, eu estava prestes a colocar gasolina..." Como poderia explicar-lhe como as coisas realmente são? Não, não quero nem pensar. Nem sequer eu posso acreditar.

— Sabe quem você me lembrou antes?

— Quando?

— Quando estava trocando o pneu e chegaram aqueles três idiotas.

— Quem te lembrei?

— Richard Gere.

—Richard Gere?

— Sim, em *An Officer and a Gentleman*, quando ele e seu amigo ficam com essas duas garotas e vão para um bar. Depois, na saída, está aquele cara que quer irritar as garotas com uns amigos e Richard Gere tenta não brigar com ele, mas no fim não consegue e lhe rompe o rosto.

— Richard Gere também era um terceiro dan?

— Não, tonto. Eram golpes de *full contact*.

— Sim, você sabe.

— Eu já te disse. Também fiz *Kick boxing* e algumas aulas de *full contact*. Não acredita em mim? Cedo ou tarde vou te mostrar.

— Tenho certeza... De qualquer forma, ao invés de *An Officer and a Gentleman*, me parece mais adequado outra citação: Ezequiel 25, 17. "E asseguro-os que irei castigar com grande vingança e raiva furiosa, aqueles que tentam envenenar e destruir meus irmãos. E você saberá que meu nome é o Senhor, quando minha vingança cair em cima de você".

— Modesto, hein? Você gosta de *Pulp Fiction*, hein?

— Sim.

— Parece que muito, a julgar pela forma como você os deixou!

Step sorri e continua dirigindo. Quem sabe o que terá querido dizer com esta citação da bíblia. Bem, melhor não investigar. Observo-o enquanto conduz. Está com o braço direito esticado e segura o volante com determinação, mas ao mesmo tempo com muita tranqüilidade. O cotovelo esquerdo, apoiado na borda da janela, e segura seu queixo com a mão esquerda. A mão direita está acima, no centro do volante; agarra-o com força e acompanha as curvas docemente. Tem uma tatuagem no pulso, perto de uma pulseira de ouro. A tatuagem me parece... Aproximo-me sem que perceba e olho melhor.

— É uma gaivota.

— A tatuagem que tenho no pulso é uma gaivota.

Sorri, tirando por um momento a vista da rua. Ruborizo, mas estou certa que não nota.

— Olha para a rua.

— E você olhe suas tatuagens.

— Não tenho tatuagens.

— Não te deixaram fazer nenhuma?

Step sorri de maneira antipática e zomba de mim.

— Meus pais não tem nada a ver, é uma escolha minha.

— Ah, claro, entendo... — Olha-me compreensivo e levanta a sobrancelha, rindo de mim. — Uma escolha sua, hein?

— Sim, minha.

Ficamos em silêncio. Depois, após um momento, me farto.

— Além disso, menti. Tenho uma tatuagem linda, mas duvido que um dia possa vê-la.

— Está bem escondida?

— Depende do ponto de vista.

— Ou seja?

— Oh, você entendeu muito bem.

— Sim, mas não sei como "bem" eu entendi ou, melhor dizendo, "onde" eu entendi.

— É uma pequena rosa que eu tenho no fim das costas, certo?

— Mas que certo. Adoro colher flores!

— É a única tatuagem em relevo.

— Ou seja?

— Cheia de espinhos.

— Você sempre tem uma resposta pronta, né? Mas minhas mãos estão cheias de calos.

Ele também sorri. Tem um bonito sorriso, isso não posso negar. Mas tampouco posso dizer. Tem uma covinha estranha na bochecha esquerda. Merda, eu gosto muito. Além disso, é completamente diferente de Francesco. Não sei por que me lembro dele justamente neste momento. Talvez por que toda essa história ainda me machuque. Francesco foi o último namorado que

tive. Quer dizer, praticamente o único. E para ser exata, o mais sacana.

Vinte

Francesco. E pensar que me parecia tão encantador. Embora eu tenha que reconhecer que a verdade sobre o amor se demonstra com o tempo. No inicio, tudo parece agradável. Depois, quando a história começa, o que parecia agradável pode tornar-se bonito, inclusive eternamente bonito... Mas a maioria das vezes degenera e acaba sendo um espanto. Pois bem. Francesco foi a exceção. Conseguiu que fosse ainda pior. Um imperdoável erro de rota havia arruinado tudo. Jamais esquecerei aquela noite.

— Então, o que você diz? Você gostaria de ir ao Gilda?

— Não, obrigado, France, amanhã tenho prova de história e nem sequer acabei o capítulo.

— Está bem, como quiser... Te levo para casa.

Essa noite dirigiu mais depressa do que de costume, mas eu não prestei atenção. Desço do carro.

— Adeus, boa noite... Você vai fazer o que? Vai ao Gilda?

— Não, não, se você não vai, não vale a pena ir. Além disso, eu também estou cansado.

Não me acompanha até a porta, mas, por outro lado, nunca antes tinha feito isso. Que estranho, e, no entanto, nesta noite isso me irrita. Não que eu seja uma dessas mulheres que tem medo ou que gostam de ser acompanhadas por todo lugar. No entanto, essa perca de tempo, esses poucos passos até a porta são algo que sempre gostei e que nunca experimentei. Talvez por isso te faça sentir mais importante do que o tempo e a pressa, talvez por que possa roubar um último beijo. No entanto, Francesco mal espera que eu gire a chave na porta e me cumprimenta de longe para ir como uma exalação com seu último Mercedes 200 SLK. De pressa, com muita pressa. São sensações, sensações absurdas. Mas, às vezes, sensações sábias.

Mais tarde. Eu estudei e repassei o capítulo até conseguir que algo

entrasse em minha cabeça. Olho o relógio: são duas e meia. Ligarei para Fra. Gosto de ouvir suas palavras, distrai-me um pouco sua voz. Não posso dormir com o capítulo de história ainda em minha mente. Não atende o telefone. Que estranho. Vive em um pequeno apartamento que há debaixo da casa de seus pais, que sua avó lhe deixou, que se mudou para Rieti.

O telefone não para de tocar. Não ouve, ou dorme profundamente ou... Não pode ser que não ouça. Inferno, se está em casa, tem que ouvir à força. São dois quartos, mais uma cozinha e um banheiro. Conheço bem essa casa, passei ali vários fins de semana. Ao pensar no tempo que compartilhei com ele fico ainda mais nervosa. Foram fins de semana muito íntimos e agora ele não responde. Não está acontecendo nada, no fim, não tenho sono. Sabe o que farei? Sairei e irei ligar pelo interfone.

Camuflo o melhor que posso a cama, com um travesseiro debaixo dos lençóis onde deveria estar meu corpo e a roupa para ir amanhã ao colégio já está preparada na cadeira. Depois, pouco a pouco, passo perto do quarto de meus pais na ponta dos pés, pego a chave do Polo (ainda não tinha meu esplendido Miera) e saio no meio da noite. Mas, e se esse idiota tiver ido ao Gilda? As três e dez. Melhor passar antes lá. Estaciono com pressa em pista dupla na via Mario dei Fiori e vou até a porta. Está Massimo, o porteiro, que me cumprimenta.

— Olá, Gin, o que está fazendo aqui esta hora?

— O que você acha?

— Você gostaria de dançar...

Imbecil.

— Na realidade, queria ficar de porteira por uma noite.

Ri muito.

— Como está, hein?

— Ei, eu não vejo o Mercedes de Francesco.

— Bonito carro, hein?

— Sim, muito bonito. Sabe se ele está aí dentro?

— Não, esta noite não veio. Eu sei por que não me movi da porta. Além disso, Antonello também procurou por ele, e já entrou faz uma meia hora. Procurou dentro e foi embora. Não estava, esperou um pouco por que me

disse que tinham combinado. Adiante. — Deixa entrar um homem gordo com uma senhora vestida com mais ouro do que pano, com uma maquiagem tão pesada que assusta inclusive suas primeiras rugas.

— Está bem, pois se você o ver, diga que estou lhe procurando.

— De acordo. Adeus, Gin, boa noite.

Sim, boa noite... espero! Esta história de não encontrá-lo está me deixando nervosa. Passo por debaixo da casa de Francesco. Nada, o Mercedes não está. Geralmente, estaciona fora por que perto está a van dos *carabinieri*[7], que vigiam algum político ainda sem investigar ou um arrependido. Bah, nunca soube... Há um *carabinieri* perto da van. Cumprimento-os ao passar do seu lado com meu Polo. Trato de alguma maneira de animar sua noite.

Olham-me enquanto me afasto. Pelo retrovisor vejo que seguem olhando meu Polo que se afasta, perguntando-se sinceramente o motivo dessa saudação. No mínimo, despertei sua curiosidade. Deixo o *carabinieri* e volto a pensar em Francesco. Mas onde diabos se meteu? Que demônios, já são três e meia. Amanhã tenho prova. Ficam apenas quatro horas de sono, se eu conseguir encontrá-lo a tempo. Ocupo o lugar do *carabinieri* com minha história de amor e decido ir até o fundo. Pena Eleanora não esteja. Ele, como nós a chamamos, é minha melhor amiga. Teve que se viajar, foi para Toscana ver seus parentes. Ele nasceu em Florência e depois de mudou para Roma. A Toscanaccia, a chamam outros.

"Oh, inocente; Oh, Ele... Oh, fada turquesa". Isso foi horrível. "Vou perguntar na sala de aula".

Nos divertimos provocando-nos toda vez que podemos. Droga, se estivesse, me faria companhia. Qualquer desculpa é boa para Ele sair de casa até que amanheça. Pena. Bom, como vive aqui perto passarei na casa de Simona. Simona é muito romana, cabelo loiro, um bom corpo, um pouco estranho, mas acho simpática. Faz um ano que vamos juntas e estabelecemos uma boa relação, naturalmente, mal vista por Ele. Ela diz que no fundo é uma imbecil.

"Confia em mim, Toscanaccia, desta vez a inocente é você". Eu ri. Ele é ciumento. É normal, não suporta que eu e Simona de vez em quando nos

[7] [N/T: Os ***Carabinieri*** — diminutivo para **Arma dei Carabinieri** —, constituem uma das quatro Forças Armadas da Itália e uma das cinco polícias da Itália.]

vejamos. Pronto, eu cheguei em sua casa e aqui acontece o inacreditável... Ou melhor dizendo, o plausível, em vista que, enquanto chamo no interfone de Simona, a porta se abre e Francesco sai. Quatro menos quarto. E como se não bastasse a hora, está sem gravata, usa a camisa desabotoada e, o pior de tudo, está com essa cara que eu vi tantas vezes. Muitas. Agora lamento todas. Depois de fazer amor, todos nós nos amaciamos. Nossas características se suavizam, os olhos se umedecem ligeiramente, os lábios ficam um pouco mais carnudos, e o sorriso aparece com mais facilidade, mas lentamente. Francesco não tem tempo de dizer nada.

— Gin, eu...

Tenta, mas cuspo no seu rosto. Uma cuspida perfeita. Acerto-lhe em cheio e nem sequer o olho. Enquanto vou embora, só penso em que se limpará.

— Gin, para, eu explicarei tudo.

— Tudo o que? O que há para explicar?

Entro no Polo que deixei em pista dupla e ele me alcança, tenta bloquear-me na porta, mas não dou tempo. Entro e desço a trava.

— Gin, não é o que você está pensando. É a primeira vez que faço isso. Vamos, não vá embora, Gin. — Espera um momento e depois diz algo que nunca quis que me dissesse, ao menos não nesse momento. — Gin, eu te amo.

Abro um pouco a janela: — Ah, sim? Por isso estava fodendo uma garota como Simona. Pois saiba que o único que quero de você é seu carro!

Saio, acelerando, e avanço alguns metros, procurando-o. Ali está. Estacionou perto da porta, sem preocupar-se sequer em escondê-lo. Ali está seu esplendido Mercedes 200 SLK cinza metalizado. Permaneço imóvel no Polo. Sinto-me como um touro antes de enfrentar um toureiro, bufo enquanto com o pé piso no acelerador.

Acelero e o aperto duas ou três vezes. Penso em minha mãe e no seu Polo. Bom, inventarei algo; só pensar nisso me dá muito prazer. Pelo retrovisor vejo que Francesco chega correndo. É muito tarde, é muito bonito... Que gosto! Que alegria! Coloco o cinto. Na vida há coisas que não se pode renunciar. E este é um desses momentos. Solto a embreagem e piso

fundo no acelerador. Ali está. Vejo aproximar-se em uma velocidade incrível: seu Mercedes, seu bonito, novo e flamejante Mercedes. Freio só no último momento, mas por instinto, para não me matar. Pum! Um golpe fantástico e salto sobre o banco. Bate em cheio, na lateral, na porta do motorista. Meto a marcha ré. O Polo se desengancha com esforço, mas volta a rodar muito bem.

O Mercedes está na minha frente, completamente amassado, e até mesmo quebrei uma janela. Não consigo imaginar meus danos, mas sim o rosto de Francesco. Esse eu vejo bem e é todo um poema. Que bonito. Olha SEU carro destruído. Está estupefato, não pode acreditar, não quer acreditar, mas tem que acreditar. E tanto tem que acreditar... que sabe o que? Faço outra vez. Sim, é muito prazeroso, é muito bonito. Arranco a toda velocidade e aponto para algo mais adiante.

Pum! Acerto em cheio com mais força, desta vez sem medo, sem sequer frear. Agora eu peguei o jeito. Tenho uma vontade louca de destruí-lo inteiro. O pára-choque dianteiro está quebrado e se enrolou até o capô. Francesco está ali, na minha frente, sem palavras. Olho para ele, começo a rir, e me afasto, saudando-o. Vão a merda, você e seu Mercedes. Idiotas. Quando você tem que fazer algo, faça-o. E agora tenho que pensar em Simona. Ah, essa imbecil deixarei mais para frente. Mas tem que ser uma vingança inteligente, fria, calculada e odiosa. Ótimo. Eu gostaria de encontrar ainda mais adjetivos se fosse possível.

Estaciono em casa e desço do carro. Pobre Polito. Eu destrocei toda sua frente. Tem o capô amassado como se fosse uma mão com câimbra, dois faróis quebrados e também o pára-choque. E agora o que eu direi para minha mãe? Continuo pensando no elevador. Eu pensarei algo para o pobre Polito e para a imbecil da Simona. Sim, algo me ocorrerá, estou certa. Dispo-me e me meto na cama. Continuo pensando em meus problemas e nas suas prováveis soluções. Continuo assim, lembrando do choque, do Mercedes amassado. Pouco a pouco, estou preste a dormir. Um último pensamento enquanto cochilo. Sorrio. Pum! Que golpe, que bonito! Por causa de tudo isso, não voltei a pensar em Francesco. Bah. Desapareceu. E, sorrindo, seu raptada por Morpheus.

Na manhã seguinte, acordo mais lúcida do que nunca. Em um instante,

tenho as duas soluções. Começo em seguida com o primeiro, o problema do Polo. Ligo para Ale, um amigo meu que sempre está metido em problemas, mas que desta vez pode resolver o meu.

— Ale? É Gin.

— Gin, que diabos está acontecendo? Que horas são?

— Sete.

— Sete? Você está louca?

— Ale, tem que me ajudar, te imploro. Diga-me que tem escondido algum carro roubado.

— Gin, por telefone, não... Porra!

— Perdão, Ale.

Tranqüiliza-se.

— Que carro você precisa?

— Qualquer um, mas que seja roubado. Só preciso da placa.

— Só a placa? Bah, você é uma estúpida.

— Por favor, Ale, é importante.

— Para você sempre é importante, espera um minuto. — Uns dez segundos depois volta para o telefone. — Vamos, anote: Roma R27031. É um Clio azul.

— Perfeito, obrigado, Ale.

— Pronto, tudo em seu lugar?

— Sim, tudo em seu lugar.

— Perfeito. Bom, vou desligar o telefone e voltar a dormir.

— Bem, te ligo de tarde e te explico tudo.

— Não me importo.

E desliga. Justo a tempo.

Chega mamãe de camisola, recém levantada: — Ginevra, mas o que está fazendo? Já está acordada?

— Mamãe, não sabe o que aconteceu. A noite um louco jogou seu carro encima de mim.

— Oh, minha filha! Você se machucou?

— Não, estou bem. Mas destruiu o Polo e fugiu... Mas, olha, anotei a placa! —Passo para ela o papel recém escrito. — Era um Clio escuro, temos

que denunciá-lo.
Mamãe pega o papel.

— Dê-me, direi ao seu pai. Menos mal que não aconteceu nada com você. Mas, tem certeza? Sua cabeça não bateu...

— Não, mamãe, é sério que estou bem.

— Menos mal — E me dá um beijo na testa. — Vá tomar café ou se atrasará.

— Sim, mamãe.

Afasto-me como uma boa menina sob o olhar afetuoso de uma mãe apreensiva. Sinto-me culpada. Perdão, mamãe, mas tive que fazer. Quem sabe, talvez algum dia te conte toda essa história. Algum dia. Por enquanto, pensemos no hoje. Também já encontrei a segunda solução, para ajustar as contas com Simona.

Pouco depois, estou entre as mesas do colégio. Já passou uma hora, a primeira: religião. A imbecil cruzou duas vezes seu olhar com o meu e se virou para o outro lado. Não tem nem sequer a coragem de enfrentar as conseqüências de suas ações. O máximo que conseguiu foi quando foi perguntado por Dom Peppino — é assim que chamamos o professor de religião — e Simone teve a coragem de responder... Me cago em Deus. Bem, não queria invocar Deus para idiotices como esta.

Mas a segunda hora será toda minha, e também a terceira. Nós riremos, quero me divertir, serão duas horas de sonho. Hoje temos prova na aula de Italiano. Foi recém acordada, enquanto arrumava minha mochila, que me ocorreu a idéia. Sublime... É isso, encontrei o adjetivo perfeito para acrescentar a vingança. E minha caneta resvala veloz sobre a folha em branco, enchendo de palavras, de linhas, de fatos, de lembranças, de desilusões, de adjetivos, de vibrações, de insultos... Minha caneta parece encantada, voa que dá gosto. E pensar que em italiano sempre fui meio torpe... Já estou indo, não cabe dúvidas, que alegria, que divertido dedicar meu exame a minha amiga, melhor dizendo, a minha ex-amiga. Bom, para ser exata, a essa imbecil. Dediquei-lhe inclusive um titulo: "Misero fim de uma amizade". Estou certa de que minha professora de italiano me aprovará; inclusive talvez me dê um bonito sete, ou talvez não, isso não, se limite ao tema. Talvez me dê um

quatro, mas que bonito quatro! Embora certamente não me mandará para o diretor, e talvez inclusive me faça ler na classe. Estou certa de que a professora estará do meu lado. Não tanto por que temos uma boa relação, mas sim por que faz pouco tempo que se separou.

Na semana seguinte, recolho a redação. Uau, isso é incrível... Acima das expectativas. Sete e meio! Nunca havia tirado uma nota assim em italiano. E não acaba aqui. A professora deve sentir um grau de simpatia por mim, ou o mais provável, deve ter sofrido muito em decorrência de sua separação. A verdade é que ela bate com sua mão na mesa.

— Silêncio, garotas. Agora queria convidar para ler sua redação uma garota em particular. Uma companheira de classe de vocês que entendeu que a cultura, a educação e a civilidade são a maior arma da sociedade: Ginevra Biro.

Levanto-me e por um instante ruborizo. Na frente de todos. Na frente de outros. Depois deixo de lado esse rubor. Inferno, não! É o meu dia, não duvido. Nada de vergonha. Em algumas ocasiões, os outros não existem. E esta é uma dessas ocasiões. Coloco-me do lado da professora e começo a ler. Deslizo-me rapidamente, com ênfases e diversão, com raiva e entusiasmo. Faço pausas justas, no tom. Depois, a história me seduz. Esta redação foi realmente escrita por mim? Caralho, parece-me perfeita!

E continuo lendo assim, divertida, quase cantarolando. Uma atrás das outras, as palavras se sucedem, se perseguem entre as linhas, para cima e para baixo, sem pausas, como ondas de um mar azul. Correm uma com as outras, sem interromper-se nunca. Estou quase perto do final. Faltam duas linhas. Paro e quando levanto os olhos da folha, Simona está ali, olhando-me. Está com a boca aberta, e pálida, atônita. Contei toda nossa história, nossa amizade, minha confiança, sua traição. Faço uma última pausa.

Respiro profundamente e adianto com o final: — É isso, senhores. Agora todos sabem quem é Simona Costati. Se sua mãe tivesse tido um pouco de coragem, teria chamado-a por seu verdadeiro nome: Idiota!

Dobro a folha e olho satisfeita para a classe. É um estrondo.

Todos gritam, contentes: — Muito bem, você foi muito, foi ótimo Biro. Assim se faz, você é uma lenda.

E, de repente, saindo de não sei onde, mas não de mim nem da

professora, e muito menos de Simona, ergue-se um coro perfeito, inspirado seguramente em minha redação cheia de cultura:

— Idiota. Idiota. Idiota.

Simona se levanta do banco. Cruza a sala arrastando seus pés, com a cabeça baixa, sem ter a coragem de olhar o rosto de ninguém. Depois começa a chorar e sai da sala.

— Muito bem, foi uma redação maravilhosa.

É a voz da professora. Incrível. Pensava que iria me expulsar, por difamar uma aluna. E, no entanto, não. Parece ter apreciado a forma! Ou o conteúdo... seja como for, sorri para mim. Quem sabe, talvez por um momento tenha se arrependido. Talvez ela também queria escrever algo assim para seu marido.

Vinte e um

— No que está pensando?

— No colégio.

— Não posso acreditar. Está em um carro comigo, um dos caras mais atraentes de Roma, e o que você faz? Pensa no colégio.

— Bom, o colégio também pode ter seu lado interessante!

— Sim, seu lado estressante.

— Eu acho que no fundo você também gostava de estudar.

— Claro, como não: anatomia! Mas precisamente de minhas colegas.

— Minha nossa... você está obcecado, hein?

— Bom, é um tema que me fascina.

— Sim, já percebi. Quando pequeno você deveria sempre brincar de médico.

— Quando pequeno. Ainda hoje! Quer que eu te visite?

— Que estranho! Para mim você parece mais como uma pessoa divertida do que com um cara faminto.

— Bom, isso já é algo.

— Sim, para mim as pessoas presunçosas se divertem muito. Além disso, alguém que acredite que é um dos caras mais atraentes de Roma resulta ser bastante patético. — Me olha e explode em uma gargalhada, sinceramente divertida. O cabelo escuro cai sobre seus olhos, que riem em perfeita harmonia com seu sorriso. — Meu Deus, é pior do que eu, muito bobo. Você é demais.

Uma curva chega muito oportuna. No ângulo perfeito, e além do mais, do meu lado. Pego o volante por baixo e giro com força para a esquerda.

Gin cai encima de mim. Freio de repente e paro o carro com ela entre os braços. Pego seu cabelo com a mão direita e o seguro com força.

— Ninguém nunca me chama de bobo.

E a beijo na boca. Fica com os lábios fechados e tenta se soltar. Tenho-a presa pelo cabelo, mas se separa e força para se liberar. Agarro-a ainda mais forte. No fim, deixa-se ir e entreabre os lábios.

— Finalmente – sussurro entredentes, e depois me aventuro entre os seus. — Ah! — Me morde. Levo à mão a boca e a solto.

Gin volta para seu lugar.

— Para que tudo isto? Pensava melhor de você.

Passo meus dedos pelos lábios em busca de sangue. Não há. Gin está em uma posição com as mãos levantadas, pronta para se defender.

— Então, Stefano, ou Step, ou como você queira, você quer lutar!

Olho-a, sorrindo: — Tem bons reflexos, hein?

Bate forte em meu ombro, um golpe atrás do outro, uma série de socos de baixo para cima, golpeando sempre no mesmo ponto.

— Ai, está me machucando.

Agarra um braço no ar e depois o outro. Mantenho-a quieta, imóvel em seu assento. Depois, sorrio divertido, por todos esses golpes.

— Perdoe-me, Gin. Não queria fazer isso, mas pensei que você gostaria...

Tenta bater em mim outra vez, mas a mantenho bem presa.

— Já chegamos, certo?

Desço logo do carro para caso tente me pegar novamente.

— Se quiser, tranque-se, ou faz o que quiser. No fim, o carro é seu, não é? Além disso, para que mais eu quero este Miera? Faz péssimas curvas.

Gin fecha o carro depressa e se reúne comigo.

— Tenha cuidado. Não se faça de duro comigo ou acabará mal.

Depois olha para o cartaz.

— II Colonnello. Realmente se chama assim este lugar?

— Sim, se chama assim. O que você pensava, que era um apelido?

— Realmente você espera se dar bem com uma garota no primeiro encontro com essas brincadeiras tão divertidas?

— Não, contigo estou relaxado. Eu estou seguro!

— Ah, claro, precisamente seguro sobre...

— Você viu, não? Está bem, façamos as pazes. Venha, vamos comer um

bom bife.

— De acordo. A paz está bem, mas sobre o jantar... Você paga, certo?

— Depende...

— Do que?

— Da sobremesa.

— Outra vez? A "sobremesa" consiste em eu te acompanhando até sua moto e ponto. Está claro? E diga-me logo, ou não como uma bruschetta. Você acha que pode me chantagear? Que nojo!

Gin entra no restaurante altiva e divertida. Sigo-a. Não há muita gente. Nos sentamos em uma mesa bastante afastada do forno, que esquenta muito. Tiro a jaqueta. Estou com fome. Em seguida, chega um garçom para pegar o pedido.

— Então, garotos, o que trago para vocês?

— Para a senhorita só uma bruschetta. Para mim, um bom pedaço de tagliatelle com alcachofras, e um bife a florentina, com salada de acompanhamento. — Olho-a, divertido: — Ou talvez a senhora pensou melhor e quer outra coisa?

Gin olha o garçom, sorrindo: — O mesmo que ele pediu, obrigado. E, além disso, traga uma boa cerveja.

— Uma cerveja para mim também.

O garçom anota tudo velozmente e se afasta contente por esse pedido tão fácil.

— Se quiser que eu pague metade, me diga onde você mora que eu amanhã levo o dinheiro, certo? Isso para que entenda que não vai haver sobremesa.

— Ah, não? Está errada. Aqui servem uns sorvetes de chocolate de trufa que são tomadas no serviço do café.

— Olá, Step. Ei, estava desaparecido. Você enriqueceu como os outros, hein? — Aproxima-se Vittorio, o Coronel, amável como sempre. — Agora está na moda o Celestino, mais moderno, se liga. E todos vão para lá. São como ovelhas. — Apóia as mãos sobre a mesa. — Você emagreceu, hein?

— Eu passei dois anos em Nova York.

— Bem, deve ter sido por isso que não voltei a te ver. Come-se tão mau

lá?

Ri, divertido, com sua brincadeira.

— Vitto, você segue sendo o melhor. Peça que nos traga uma bruschettina, certo?

Deixo as chaves de Gin sobre a mesa enquanto Vittorio se afasta. Como a pança para frente, balançando-se como sempre, como então. Velho mais sempre alegre. Parece como um garoto grande com bochechas vermelhas, o cabelo despenteado sobre as orelhas, pequenos reflexos de branco prateado em sua cabeça calva e sempre colorida pelas costelas e bifes.

Olho ao meu redor. Há pessoas diferentes, não muitas, não barulhentas, não muito elegantes. Comem com prazer, sem pedir coisas muito difíceis, sem ser muito exigente, sem muitas preocupações, talvez com uma jornada exaustiva nas costas e um bom prato na frente. Perto, um casal come sem falar. Ele está mordendo o osso de uma costela. Ela acaba de meter na boca uma batata-frita e chupa os dedos. Encontra meu olhar e sorri. Eu também sorrio. Depois mergulha novamente nas batatas sem medo de engordar.

Gin passa ao ataque: — Bom, recapitulando: você pegou minhas chaves, você pegou meu carro e, sobretudo, você me fodeu.

— Bom, esse último não me importaria em absoluto.

Gin está na minha frente com as mãos na cintura e bufa.

— Imbecil, quero dizer, que você fodeu minha noite. Digamos assim; caso contrário, te ocorrerão idéias estranhas. Como antes no carro...

— Por tão pouco... Como aproveitar de você!

— Então passemos para a questão prática. Esclareceremos de uma vez. Quem briga com quem?

— O que quer dizer?

— Agora está se fazendo de tonto?

— Vamos, se você parar com temas de conversas divertidas, eu pago. Se não...

— Se não?

— Eu também pago.

— Ah, nesse caso eu fico.

— Mas você me dará!

Me dá uma bofetada no mesmo instante. Inferno, que rápida é. Acerta em cheio no meu rosto.

— Ai.

A garota das batatas deixa de comer e nos olha. E também duas ou três pessoas das mesas mais próximas.

— Perdoem-na — Sorrio, massageando minha bochecha. — Está apaixonada.

Gin nem sequer presta atenção nas pessoas que nos olham.

— Façamos um trato: você paga o jantar sem pretender nada, e eu, em troca, te dou aulas de educação. Assunto encerrado. Você ainda sai ganhando.

Vittorio deixa a bruschetta na mesa: — A senhorita também quer uma?

Gin me rouba a bruschetta do prato e dá uma mordida enorme, levando a metade dos tomates, esses frescos que Vittorio corta com amor, não como esses tomates cortados em pedacinhos pela tarde e deixados dentro de uma tigela esfriando na geladeira.

— Traga-me outra, Vit.

— Hm, que bom.

Gin mete um pedaço de tomate na boca e chupa os dedos.

— Boa escolha, Step! Aqui se come fabulosamente. Como vai a bochecha?

— Estupendamente! Diga-me a verdade: você ficou mal por que me interrompeu na metade do beijo, não? Há tempo, vamos, não se irrite. As garotas são todas iguais. Querem tudo de uma vez.

— E você quer outro tapa?

— Você tem o ritmo perfeito, muito bem. Hoje em dia é difícil encontrar uma garota passável de brincadeira com mãos tão rápidas quanto as suas.

— Hum.

Gin esboça um sorriso forçado jogando a cabeça para frente, como se dissesse: "Que gracioso..."

— O que está acontecendo?

— É o passável, eu não digeri muito bem. — Em troca com minha bruschetta era uma fera. Praticamente a engoliu inteira.

De repente, ouço umas vozes.

— Não pode ser, Step! Eu sabia. Eu havia dito que era ele. — Não posso acreditar. Estão todos ali, nas minhas costas. O Velista, Balestri, Bardato, Zurli, Blasco, Lucone, Bunny... Estão todos, não posso acreditar. Falta um, o melhor: Pollo. Encolhe meu coração, não quero pensar nisso, agora não. Sinto um calafrio e, por um instante, fecho os olhos; agora não, por favor... Por sorte, Schello pula em meu pescoço:

— Ei, bandido, o que está fazendo? Está dando uma de separatista búlgaro?

— Em todo caso, americano.

— Ah, tá, por que esteve na América do Norte, nos Estados... Como é você não veio para o encontro? Estávamos todos lá, esperando o mito. Mas o mito ruiu... Foi jantar, tête-à-tête com sua namorada.

— Em todo caso, faz o teta a teta!

— Cuidado que cobrará...

— Em primeiro lugar, eu não sou sua namorada...

— Em segundo, cuidado, garotos, ela é terceiro dan.

— Você já acabou com essa história de terceiro dan? Você é repetitivo.

— Eu? Mas você foi a única que sublinhou isso três vezes desde que nos conhecemos. E olha se você é terceiro dan, por que eu tive que bater em um cara para te defender!

— Está bem, São Tomas... dos cafonas. Você pediu por isso.

Gin se levanta da mesa, dá uma volta ao redor dos meus amigos e os olha por um momento. Depois, sem pensar, se vira de uma vez, pega Schello com as duas mãos pela jaqueta, o joga sobre seu quadril e o dobra veloz para frente. Perfeita, sem duvidar nem um instante. Schello revira seus olhos, Gin dobra a perna direita e empurra para cima, ajudando-se a levantar pelos ombros. Schello voa como uma pluma e aterrissa de costas sobre a mesa do casal silencioso. Agora saberão sobre o que falar. O cara se afasta com um salto.

— Mas que diabos...!

— Que finos, tanto ela como ele. Pronunciam em uníssono.

Ela: — Minhas batatas.

Ele: — Inferno, minha jaqueta de pele de camelo.

Mas para esse casal apático, o golpe de Schello se transformou em algo para se contar, ao estilo de coisas legendárias.

Schello se levanta, dolorido.

— Ai, mas que diabos foi isso?

— Um terceiro dan ou algo mais — responde Gin, rapidamente.

Todos riem: — Divertido. Que legal. Sim, tua namorada é legal.

— Novamente... Não sou namorada dele!

— Por enquanto.

— Bom, então o que você está fazendo jantando com Step?

Carlona, acho que a chamam assim, é desde sempre a namorada de Lucone. Levanta as sobrancelhas, divertida, como se dizendo: "Sei como agimos as mulheres".

Gin sorri: — Tem razão. Bem, eu estou me aproveitando e depois vou embora.

— Step paga o jantar e depois te deixa ir... Em comparação, Missão: Impossível é um jogo de crianças...

— E isto quem vai pagar?

Schello olha para o cara, assustado. Tirou sua jaqueta de pele falsa de camelo adornada com azeite e põe na frente dos seus olhos.

— Eu digo para você... quem vai pagar isto?

— Mas, o que está acontecendo? Isto é "inocente, inocente"? Você está brincando comigo? Onde está a câmera escondida?

Schello começa dar saltos pela direita e pela esquerda do local.

— Ei, onde está? Onde?

Busca uma hipotética câmera de televisão por todas as partes: debaixo dos quadros, detrás das portas, no bolso de alguma senhora que se segura no encosto da cadeira... Levanta as coisas e mexe em tudo, como de costume, sem respeito, espirituoso e irreverente, no limite da loucura. Busca a câmera debaixo do guardanapo de um homem que está comendo... o cara, naturalmente, o repreende:

— Você já acabou, seu imbecil? Mas o que diabos você esta fazendo, hein? Quer voar novamente pelos ares? — Levanta-se decidido com as mãos

na cintura, rígido, com os nós marcados por horas de trabalho, arranhado com feridas, marcado pelo tempo, sujos de pó e pintura, de gesso, e estuque, de escombros, quebrado pelo cansaço sofrido. — Você não entendeu, idiota?

— Ei... Fly Down.

Schello aposta que o cara não entende nenhuma palavra de inglês. Naturalmente, ganha a aposta.

— Mas, o que está fazendo? Insultando-me? Vou partir sua cara.

O pedreiro coloca suas mãos em volta do pescoço; é sua maneira de ficar bem na frente de sua namorada.

— Na verdade, é uma forma de me desculpar, só em que inglês, entende? É mais elegante.

O pedreiro fecha o punho e nós rimos, divertidos. Felizmente, Vit interrompe: — Já basta, venha, volte para seu lugar. Sou seu coronel ou não? Basta — Ajuda o cara a sair por cima. — Vou te trazer um limoncello, por conta da casa. — Depois pega Schello pelos ombros e o devolve ao grupo. — Vocês não mudaram, né? Eu gosto de voltar a vê-los, seriamente. Não sei o que acontece, Step, mas quando você está aqui, as noites nunca são aborrecidas. Vamos, sente-se. Vou preparar, em seguida, uma mesa para doze.

— Talvez Step queira continuar com seu jantar romântico...

Olho para Gin. Ela abre os braços.

— Da próxima vez, querido.

Como é simpática, mas... Nisso me deixa perplexo.

— Claro, carinho, da próxima vez. Quando você voltar a ficar sem gasolina e sem dinheiro...

Gin sorri e depois me dá um tapa no ombro. Para Lucone nunca escapa nada: — Inferno, você tem um pulso forte, não tem um jeb nada mal, hein?

Todos assentem. E logo se sentam, armando uma confusão, afastando cadeiras, rindo, brigando por um lugar... Só as garotas se olham desaprovando Gin com fingida frieza. Uma aprovação sobre outra garota sempre irrita, embora esta seja sua melhor amiga. Depois, o jantar passa depressa. Conversas para por em dia sobre as pequenas grandes novidades. "Oh, não sabe... Giovanni deixou Francesca. Não sabe o que ela fez com ele: o traiu com Andrea, seu amigo. E ele nem sequer partiu sua cara. Que tempos! Oh, notícia

bombástica: Alessandra Fellini finalmente fez. Com Davide. Agora o chamam de o Gota. Sabe por que, Step? Fazia quatro anos que estava ali como a gota malaia. Primavera, verão, na montanha, na praia... ele sempre presente. Presentes, bilhetinhos... Ganharia o prêmio gordo ou não? E ela finalmente lhe premiou! Ela lhe deu. Mas agora que ele ganhou a corrida, a garota acha que está nas Olimpíadas, e o premio já foi levado por alguns outros!"

— Eu acredito. Tenta recuperar o tempo perdido!

— Como vocês são maus.

Carlona tenta defendê-la pela solidariedade da classe.

— Mas, se é verdade... No entanto, o mérito é do Gota.

— Sim, o primeiro é sempre o primeiro. Grande mérito.

Guido Balestri toma as rédeas da história.

— Bonito presente que deu ao Gota, com certeza tinha teias de aranha nessa sua gruta pluvial. — Começam as risadas. — Logo Davide veio à praça e fez uma espécie de comício público.

— Não acredito.

— Juro. Contou a todo mundo que ela desfrutou feito uma louca.

— Não...

— Sim!

— Bom, se levava quatro anos de abstinência... Além disso, quando alguém cede, é justo que ceda ao maior!

— Dizem que a ouviram uivar para a lua, como Lassie, lembra?

— Como não? Grande filme.

— Davide nisto é grande.

— Sim e não só grande: é glande! Em todos os sentidos. Davide em outros tempos teria humilhado Golias!

Disto ninguém ri. Gin, sim. E é uma grande satisfação. E continuam assim, rindo e armando confusão.

Olho para eles enquanto comem. Nada, não mudaram. São todos uns espetáculos. Bombardeiam-se, como de costume, com a comida que acaba de chegar, balançam o garfo sobre o lombo, sobre o presunto e sobre o salame. Devoram as fatias enquanto conversam, deixando pendurados sobre os dentes até o queixo. Chegam os espetos. Todos se lançam para pegar. Estão ainda

quentes e fumegantes: salsichas e pimentas, recém torradas, se convertem em espadas perfumadas para um desesperado conflito entre Schello e Lucone. A estes dois também se une Hook e começa o combate. Ouve-se o ruído do metal, às vezes, atenuado pela carne recém-assada. Um ataque de Schello, parado por Lucone. Sai rodando uma salsicha. Gin a pega no vôo com a mão direita, excelentes reflexos e, além disso, ainda quente, come um pedaço.

— Você viu que velocidade? Aposto que você lembrou de um filme; venha, esprema seu cérebro...

— É verdade, me lembrei da cena de um filme, sim, mas não sei qual é.

— Vamos, te ajudo. É a história de uma prostituta; mais que uma história é uma fábula de uma prostituta.

Interrompe Lucone, exagerando como sempre: — Já sei. Branca de Neve e as sete bolas.

Gin o olha, enojada, fazendo uma careta e comendo o último pedaço de salsinha.

— Que descara você é... É Pretty Woman. Agora diga que não viu que eu te dou um bom sermão.

Olha-me, levantando as sobrancelhas. Pretty Woman, como não, com Julia Roberts.

— Se lembra ou não?

Repentinamente retrocedo no tempo. Babi e eu, Hook e o Siciliano, quem sabe como, juntos no cinema. Hook e o Siciliano que no final da primeira parte saem.

— Filme estúpido. Você é idiota ou o que?

— Sim, nós vamos embora.

Finalmente pude pegar a mão de Babi e ficar assim durante todo o filme, enquanto ela colocava pipoca na minha boca.

— Sim, eu lembro.

Mas não conto todo meu filme.

— É a cena em que o garçom pega no vôo o caracol que Vivien, o personagem que interpreta Julia Roberts, lançou para fora do seu prato enquanto tentava comer.

— Sim, claro. Apesar dos ensinamentos do gerente do hotel...

— Vê como se lembra? Step se faz de difícil, mas no fundo é um romântico!

— Muito no fundo.

— Sim, mas eu gosto de escavar. Não precisa ter pressa. Quando era pequena queria ser arqueóloga, e depois... Depois percebi que tenho claustrofobia, e que nunca poderia entrar em uma pirâmide.

— Ou seja, você gosta mais de estar encima do que embaixo.

— Você nunca consegue pensar em outra coisa?

— Bom, vamos ver, se talvez eu me esforçar...

Coloco a mão sobre minha cabeça como se fosse me concentrar. Depois baixo até a mesa e sorrio.

— Não, sinto muito, não sai nada melhor.

Mas precisamente nesse momento, pum, Gin e atingida por um pão molhado em seu rosto. Explode em sua bochecha e o cabelo se enche de migalhas. Não posso não rir. Lucone se desculpa de longe: — Inferno, perdão, ia dirigido para Step.

— Pois, então, você tem uma pontaria terrível! — Gin esfrega sua bochecha, vermelha e ainda molhada. — Você me machucou... agora verá!

É como um sinal que inicia a batalha. Todos começam a lançar coisas. Schello, como se não bastasse, tira o rádio e aperta o play.

— A batalha precisa de uma boa trilha sonora.

Mal dá tempo dele dizer quando um bife acerta em cheio seu Aiwa enquanto soa a toda altura *Hair*. Todos começam a dançar sentados, levantando os braços, tentando esquivar a tempo de todo tipo de comida. Desta vez, uma batata bate no rosto de Gin, que se levanta como se estivesse enlouquecida. "Aqui estamos — penso. — Agora veremos quando perde as estribeiras". Mas faz ainda melhor. O mais bonito que possa imaginar. Sobe na cadeira e... imita maravilhosamente o lendário Treat Williams em *Hair*. Sobe com o outro pé na mesa e vai, um passo após o outro.

Gin avança dançando, deixando o cabelo cair para frente, e depois descobrindo outra vez o rosto. Sorrindo, depois sensual, depois novamente dura, seja como seja, lindíssima. Nada mal, realmente. E todos seguem seu jogo, afastam os pratos já vazios, os garfos e os copos a cada passo que ela dá.

Hook, Lucone, Schello... Inclusive as namoradas seguem seu jogo. Todos afastam o que tem na frente. Fingem estar perturbados por essa extravagante Gin, precisamente como os convidados dessa longa mesa em *Hair*.

Gin dança muito bem. Schello, no entanto, derruba tudo, como de costume. Sobe a mesa e começa a dançar por trás dela sem graça, destruindo tudo com sua falta de ritmo. Um chute na direita, outro na esquerda. E vai. A namorada de Hook não lhe dá tempo de tirar um prato de baixo. Um Clarks de Schello acerta de cheio um prato que resvala, como se chutado por um Di Canio . E pronto! Bate no rosto da mulher do pedreiro. A mulher cai da cadeira, leva as mãos no rosto e lança um grito espantado que nos deixa atônitos, até mesmo o rádio de Schello. Vit se aproxima correndo como um louco.

— Seu filho da puta! Por acaso você está louco? Vamos, desça daí. Senhora, como está?

Vittorio a ajuda a se levantar. Por sorte, não tem nada, ou quase... Quero dizer, não abriu sua cabeça. Só tem um galo enorme ali, na direita. Um repentino chifre injustificado, ou talvez não.

— Quem foi?

— O que importa quem foi.

Schello é rápido em certas coisas, sobre tudo se está com medo.

— Foi uma casualidade, um acidente.

— Sim, o mesmo que você vai sofrer.

Vit se mete no meio e para o pedreiro.

— Vamos, tranquilo. É melhor.

— Ah, sim? E o que vai fazer? Vai me dar outro limoncello? Sabe o que eu faço com seu limoncello? Limpo minhas bolas.

— Bom, se você vai colocar as coisas assim, peço que vá embora, por favor.

O pedreiro corre e tenta pegar Schello, que retrocede na mesa, cai para trás e acaba com a perna presa em uma cadeira e depois no chão.

O pedreiro não desiste de seus esforços e roda a mesa, correndo. Schello está no chão, com a perna metida na cadeira e sem conseguir se levantar. O outro, pensando em sua mulher, corre para chutá-lo em cheio no rosto. Talvez

espera empatar. Mas não é assim. O pedreiro é levantado do chão por trás e logo se encontra chutando no vazio. Lucone lhe dá meia volta e o solta um pouco mais distante: — Vamos, pare, realmente foi um... acidente.

— Sim... — intervém Hook.

— Perdão, mas acho que o melhor a fazer é que você coloque um pouco de gelo no rosto de sua mulher.

— Sabe aonde vou pôr o gelo? Vou meter o gelo pelo seu cu!

— Bom, se você coloca assim... Depois me dizem que eu me caguei de medo.

Hook ri, o pedreiro não entende nada e tenta dizer algo, mas é alcançado por Hook. Um soco no rosto, rapidíssimo, bum! Ele melhorou; deve ter treinado enquanto eu estava fora. O pedreiro voa para trás e aterrissa um pouco distante, sobre uma cadeira que cai, rompendo sob seu peso, e ele acaba no chão. Tombado. Todos começam a gritar. No local, alguns clientes se inquietam. Uns senhores do fundo se levantam das mesas. Uma mulher pega o celular e começa a ligar. É o sinal. Não precisamos olhar-nos. Lucone, Hook, o Velista, Balestri, Zurli e Bardato levam as garotas.

— Inferno, eu não comi nada.

— Eu tampouco.

— Seja boa e venha comigo, vamos que logo te convidarei para um sorvete no Giovanni.

— Já imagino o que você pedirá: um picolé de creme.

Riem e Schello se levanta, livrando-se da cadeira, que infelizmente cai encima do pedreiro, que talvez acabou de perceber onde estava, debaixo da mesa de Gin. Está prestes a cair, mas a pego.

— O que ocorre? O que está acontecendo?

— Por agora nada, mas é melhor irmos embora.

— Espera... a jaqueta.

Volta para trás e pega a jaqueta escura Levi's; depois vem comigo.

— Adeus, Vit, perdoe-nos, mas temos uma festa.

— Sim, uma festa... Vocês são sempre iguais, hein? Vocês já me deram uma festa!

Parece irritado, mas na verdade, está divertido como sempre. Permanece

imóvel junto a porta. Olha para todos nós saindo correndo, armando uma grande confusão. Schello dá um salto, e bate os pés lateralmente um contra o outro como John Belushi e os outros riem. Lucone e Bunny roubam algo de comer das demais mesas: uma bruschetta, um pedaço de salsicha... Balestri caminha, lentamente. Tem o olhar cansado; está um pouco embriagado ou quem sabe.

De qualquer forma, sorri e estica os braços como se dizendo: "Eles são assim", quando o que "é" assim é precisamente ele. Schello rouba um pedaço de biscoito arrancando literalmente da boca de uma mulher, que dá uma mordida no ar. Quase morde sua língua e golpeia, irritada, o punho sobre a mesa. — Não pode ser. A melhor mordida. Eu havia deixado para o final. Vit, que estava tomando uma taça de vinho, começa a rir e derrama por cima dele. Eu passo nesse momento com Gin e, para não ficar para trás, roubo de uma senhora uma batata. Dou uma mordida.

— Perfeita, ainda quente, batatas caseiras que Vit faz, cortadas a mão, não congeladas, pega. — Passo para Gin a outra metade da batata. — Depois não diga que não te convidei para jantar. — E corremos assim, seguindo os demais, de mãos dadas. Ela ri, sacudindo a cabeça, com meia batata na boca. — Quente...!

Finge que se queixa e ri enquanto corre como uma louca com os pés descalços, o cabelo ao vento e a jaqueta escura. E nesse instante, de noite, só tenho um pensamento. Eu me alegro que ela tenha me roubado vinte euros de gasolina.

Vinte e dois

Um pouco mais tarde, no carro.

— Um pouco bestiais, mas muito simpáticos, seus amigos. Às vezes, nós garotas temos que sair com uns chatos...

— As garotas... Quais garotas?

— De acordo, então digamos que às vezes eu saí com alguns chatos... Está bem assim?

— Melhor.

— Muito bem. Então, o que eu deveria dizer? "Seus amigos são ótimos, lendários!" Melhor assim?

— "Lendários", que palavra tão feia. Lendários... Parece o título de um filme de Vanzina. Em qualquer caso, épicos! — Gin começa a rir.

— Está bem, touché. — Depois me olha e franze o cenho. — Oh, perdão. Não entende francês, não é?

— Como não, touché, touché significa...

De repente viro em uma curva fechada e Gin acaba entre meus braços. Não sei como mais seus seios estão agora entre minhas mãos.

— Então, isto é touché, não?

Tenta me dar uma bofetada, mas desta vez sou mais rápido que ela e lhe agarro a mão.

— Perdão... Melhor dizendo, pardon! Não queria toucharte, mas você é très jolie! O que você acha do meu francês? De qualquer forma, "já chegamos". Mas isso não sei dizer.

Desço do carro. Gin está furiosa.

— Responda-me uma curiosidade: se seus amigos são tão "épicos" como você diz, por que quando você passou na frente de onde eles estavam, você fingiu não vê-los? — Inferno, é surpreendente. Não escapa nada dela. Caminho e lhe dou as costas. Mas me soca em cheio no estômago. — Isto,

caso você não saiba, se diz tombé, ou seja, bater e afundar, imbecil!

Gin entra em seu carro e coloca em marcha em um segundo e sai derrapando. Corro até a moto. Um metro mais e chego.

— Que vá tomar no cu aquele cara. Muito arrogante. Quem acha que é? Sim, se chama Step, e daí? Quem diabos o conhece?... Sim, é uma lenda ou foi uma lenda, mas para seus amigos, os "épicos", como ele os chama. E o que?

— Bem, você gosta um pouco.

Desde pequena me divertia brincando de Gin 1, a Vingança, e Gin 2, a Sábia. Ao menos, eu chamava assim. A primeira, Gin 1, a Vingança, é Selvagem. Entre outras cosias, quando pequena eu tinha uma amiga que se chamava assim, e eu teria gostado muito de roubar-lhe o apelido. A segunda, Gin 2, a Sábia, é serena, romântica e equilibrada. E Selvagem e Serena discutem todo o tempo sobre tudo.

— Sim, eu gosto, e daí?

— Então, você acabou com tudo.

— Clareia melhor o conceito.

— Está bem, eu gosto muito! Gosto de seu cabelo curto, seus lábios carnudos, seus olhos alegres e bons, suas mãos e... ah, sim, eu gosto de seu lindo traseiro.

— Que sem-vergonha você é!

— E parece que você gosta de me irritar.

— Ah, sim?

— Sim!

— Mas, se você gosta de todas essas coisas, então, diga-me... Por que você roubou as chaves de sua moto?

— Por que ninguém pode tocar meus seios sem autorização, está claro? E Step, a lenda, melhor dizendo, o "épico", não estava autorizado. E estas bonitas chaves, eu irei guardar de recordação.

— Estou certo que você está pensando em mim...

Inferno, é Step, e na moto, mas como conseguiu ligá-la?

— Para e estaciona, ou eu destruo seu carro há chutes.

Deve ter feito uma ponte, merda. Gin reduz e depois para. Ele fez a ponte tão rapidamente e arrancou, talvez não seja uma lenda, mas é muito

esperto.

— Quem bom, não? Isso é muito divertido.

— O que?

— Ah, então você vai se fazer de desentendida. As chaves.

— Ah, sim, perdão. Acabei de perceber. Vi que... Sim, eu também errei de casaco e coloquei no meu.

Segura-me pela lapela.

— Não, Step, eu juro que não tinha percebido.

— Não jure... Sua mentirosa!

— Bom, talvez eu tenha pegado por erro!

— Ah, sim, certamente foi um erro, por que você pegou as chaves da minha casa...

— Não!

— Pode estar certa.

— Não posso acreditar.

— Acredite. — Solto-a. — Você é uma falsa.

— Não me chame de falsa. — Tira as chaves da jaqueta e atira em mim com força. Afasto-me e as pego.

— Falsa, que nem sequer é capaz de me enganar. Vamos, entre no carro, que te acompanho para casa.

— Não, não se preocupe.

— É claro que eu me preocupo. Você é uma garota perigosa.

— O que quer dizer?

— Que você fure o pneu outra vez, alguém te ajuda a mudar a roda, você se irrita, as coisas acabam mal e eu sou a última pessoa com quem você foi vista.

— Ah, só por isso?

— Eu gosto da vida tranqüila, quando é possível. Ou seja, não me irrite, suba ao carro e pronto.

Gin bufa e entra no Micra. Liga o motor, mas antes desce a janela!

— Eu já entendi por que você quer fazer isso.

Aproximo-me com a moto.

— Ah, sim! Por quê?

— Assim você descobre onde moro.

— A placa deste carro é Roma R24079. Só preciso de dez minutos e um amigo da prefeitura me diz seu endereço. Além disso, isto me pouparia um bom caminho. Vamos, ande, sua falsa presunçosa!

Arranco, derrapando. Inferno, Step sabe minha placa de memória. Eu nem sequer fui capaz de aprendê-la ainda. Em um instante, ele está atrás de mim. Que cara. Segue-me, mas não se aproxima muito. Que estranho, é prudente. Nunca teria adivinhado. Bom, no fundo não o conheço tanto... Bah!

Mudo de marcha e me mantenho longe. Não queria que Gin fizesse nenhuma besteira como frear de uma vez. É o melhor método para deixar fora de circulação um motociclista. Se fizerem direito, não dá tempo nem de frear. Te joga para fora da moto. Te dá uma boa pancada e você não consegue segui-lo. Corso Francia, Piazza Euclide, Via Antonelli... Seguindo a presunçosa. Não para em nenhum semáforo. Passa na frente de Embassy a toda velocidade. Adianta aos carros que estão parados no semáforo, depois segue reto, gira para a direita, depois para a esquerda, sempre sem parar. Um cara meio assustado aperta a buzina. Via Panamá. Gin para pouco antes do Piazzele delle Muse. Estaciona colocando-se entre dois carros, sem tocá-los, com uma só manobra, prática e precisa. Ou talvez só tenha tido sorte?

— Ei, você é boa estacionando!

— Por que você não viu o resto.

— Você nunca é capaz de dizer nada sem que acrescente uma última piada?

— De acordo... Então, obrigado pelo jantar, foi muito bom e esteve encantador, seus amigos são lendários, perdão, épicos. Desculpe o erro das chaves e obrigado por ter me acompanhado. Está bem assim? Eu esqueci de algo?

— Sim, não vai me convidar para subir contigo?

— O que? Nem pensar. Na minha casa nunca entrou nem um dos meus namorados, imagina se eu deixaria você entrar, um desconhecido. Imagine!

— Já houve muitos?

— Namorados?

— Sim, o que mais?

— Um montão.

— E como te suportavam?

— Eram bons em matemática. Faziam a soma e no final havia muito mais coisas positivas do que as outras. Lamentavelmente, parece que você não se dá muito bem com a matemática.

— Na verdade, esta era a única matéria que eu me dava mais ou menos bem.

— Então, mais ou menos. É aqui que te faltam números... Boa noite, senhor Valini...

Viro-me para olhar quem ela cumprimenta, mas não há ninguém atrás de mim. Ouço o ruído da porta atrás de mim.

— Terceiro dan!

Viro-me outra vez. Gin está do outro lado da porta, que ainda vibra. Fechou em suas costas. Foi muito rápida.

— Eu te disse, você é épico. Mas falha no trivial.

Gin corre até a porta e procura em seu bolso pela chave. Demora só um segundo: direita, esquerda, pulo o muro e corro até ela, que procura desesperadamente a chave. Pum. Já estou encima e a abraço por trás. Grita. Agarro-a.

— Terceiro dan! Quando pequena você brincava de esconde-esconde? Não te dei tempo para se virar e te peguei. Agora você é minha. — Seu cabelo cheira bem, mas não é um odor doce. Odeio perfumes doces. Cheira a fresco, picante, a alegria, a vida. Se debate tentando se livrar, mas a mantenho presa. — Se você não quer deixar que eu suba para sua casa, podemos nos conhecer aqui.

Tenta me bater com seu calcanhar, mas afasto minhas pernas.

— Para... Ei, eu não estou fazendo nada de errado. Não coloquei minhas mãos em você, só te abracei.

— Mas eu não pedi.

— Então você tem que dizer "Vamos, por favor, me abrace"? Ai, Gin, Gin... Acho que muitos desses garotos deixaram muito a desejar.

Minha bochecha está junto da sua. É lisa, suave e macia como um pêssego, docemente dourado e com pele clara, transparente, sem maquiagem.

Abro os lábios e o apoio, sem beijá-la, sem mordê-la. Move a cabeça para a direita e para a esquerda para tentar me afastar, mas estou pregado a ela como uma sombra. Há um vento suave noturno que nos traz os perfumes dos jasmins do jardim.

— Bom, então, você pensou melhor?

— Nem em sonhos.

Responde de maneira estranha, em voz baixa, de uma maneira quase rouca.

— Sim, mas você está gostando...

— Mas, o que você disse?

— Eu notei em sua voz.

Ela clareia sua garganta.

— Ei, vai se afastar ou não?

— Não.

— Como que não?

— Você me perguntou, verdade? E minha resposta é não.

Volto a tentar. Em silêncio, em voz baixa. Arrastado pelo vento noturno.

— Toc, toc, Gin, posso entrar?

— Não sabe o que vai encontrar.

— Não entro nunca em nenhum lugar se não sei como sair.

— Que frase tão bonita.

— Você gosta? Eu peguei emprestado do filme Ronin.

— Idiota.

Ela está gostando. Enquanto a abraço, a mantenho apertada contra mim e me balanço suavemente com ela da direita para a esquerda, com os meus braços ao longo do seu corpo imobilizando os seus. Cantarolo algo.

É Bruce, mas não sei se reconhece.

Minhas notas suaves e lentas se transformam em uma respiração quente que se mistura com seu cabelo e depois, mais abaixo, com seu pescoço.

Gin relaxa os braços. Parece que se soltou um pouco. Continuo cantando lentamente, mexendo-me. Ela me segue, agora cúmplice. Vejo sua bonita boca. Está entreaberta, sonhadora, suspira e está ligeiramente franzida.

Talvez um arrepio. Sorrio. Solto-a um pouco, embora não demais. Afasto a braço direito e desço por seu quadril. Devagar, devagar. Ela me segue passo a passo, com os olhos na penumbra da noite, com a imaginação na escuridão das emoções.

Preocupada por que eu posso tocar algo, como uma criança que descobre o truque de quem sabe que maravilhosa magia. Mas esse não é meu desejo. Lento, com doçura, perdido entre seus cabelos, acaricio seu pescoço e apoio minha palma na sua bochecha. Empurro um pouco, brincando...

Faço-a virar o rosto para a esquerda. Assim, lentamente, Gin se deixa ir até o vidro, o cabelo para frente e, de repente, meio escondido por essa perfumada mata negra, aparece sua boca. Como uma rosa de amor recém-aberta, suave e molhada. Suspira, abandonada, e desenha pequenas nuvens de vapor no vidro da porta. Então, a beijo. E ela sorri, me deixa fazer, mordisca um pouco, e é maravilhoso. É dramático, é comedia, é paraíso, não... É melhor. E inferno, por que estou me excitando.

— Gin, é você?

Ouço uma voz de homem nas minhas costas. Logo agora... Não! Não posso acreditar. O muro, os passos... Não ouvimos nada, atordoados pelo desejo. Viro-me imediatamente disposto a parar mais do que bater. Por outro lado, seu namorado teria motivos. Olho-o. É um cara não muito alto e um pouco magro.

— Inferno, não posso acreditar.

Parece divertido, ao invés de zangado. Gin arruma seu cabelo. Está irritada, mas não tanto.

— Bom, pois acredite, ou quer que nos beijemos outra vez?

Porra, a garota é dura.

— Ah, por mim...

Estou ainda com as mãos levantadas.

— Stefano, este é Gianluca, meu irmão.

Baixo a guarda e dou um suspiro, embora não pela preocupação com o combate. Isso menos do que nunca.

Tenho outros pensamentos, o que talvez é mais preocupante.

— Olá.

Dou a mão e sorrio. A verdade é que não é a melhor maneira de se conhecer. Um cara que tenta com sua irmã...

— Bom, agora que está em boas mãos, vou embora.

— Sim, não acredito que me estupre.

Sorri, brincando comigo.

— Pode ir embora, épico Step.

Afasto-me até o muro e os deixo assim, irmão e irmã, de frente para a porta.

Acelero a moto e deixo nesse perfume noturno de jasmins um beijo dado apenas parcialmente.

Gianluca olha para Gin, atônito.

— Seriamente, não posso acreditar!

— Acredite, sua irmã é como todas, e se te console, como você viu, não sou lésbica.

— Não, você não me entendeu, não posso acreditar que você estava se beijando com Step!

Gin finalmente encontra a chave e abre a porta. — Por que, você o conhece?

— Se o conheço? E quem não o conhece em Roma.

— Eu. O exemplo está em frente ao seu nariz: eu não o conhecia. — Depois, Gin pensa para si mesma: No fim, é meu irmão, aceitará as mentiras...

— Não acredito. Não é possível que você nunca ouviu falar sobre ele. Vamos, todo mundo o conhece. O cara já fez de todas as cores; até já saiu no jornal, na moto, enquanto corria com sua namorada e a polícia atrás. Não posso acreditar! Minha irmã beijando Step. — Gianluca sacode a cabeça.

— Bem, mas o que é isso? O proprietário da Gazeta da Gafe? — Entram no elevador.

— De qualquer forma, não sei se você vai dar certo com um mito, mas o famoso Step, o lutador, o duro, o que faz corridas com a namorada na parte traseira...

— Sim, eu entendi, o que?

— Beija exatamente igual como todos os outros.

Nesse mesmo instante, Gin aperta o botão quatro. Depois se olha no

espelho. Enrubesce. Não pode consigo mesma. Disse outra mentira. Maior. E sabe muito bem.

Vinte e três

Noite. Corro com a moto a toda velocidade. Piazza Ungheria, reto até o zoológico. Não encontro uma palavra para definir Gin, mas tento de qualquer forma. Simpática, não; Muito bonita, mas eu já disse! Bonita, divertida, diferente. Mas, além disso, por que defini-la? Talvez seja tudo isso outra vez, talvez seja outra coisa. Não quero pensar. Me vem uma coisa na mente e me faz sorrir.

Com ela eu passei no Piazza Euclide seguindo seu carro. Não dei nem sequer uma olhada no Falconieri, não pensei nas saídas do colégio de Babi, em mim esperando-a, no tempo que passou. Estou esperando agora, de repente, como um raio em um céu sereno.

Uma lembrança. Esse dia. Essa manhã. Como se fosse agora. Estou na frente do seu colégio. Observo-a de longe, a vejo descer, rir com suas amigas, conversar sobre quem sabe o que. Sorrio, presunçoso. Talvez estejam falando de mim... Espero.

— Olá...

— Que bonita surpresa, você veio me pegar no colégio.

— Sim, fuja comigo.

— Bom, mamãe bem que merece, sempre chega tarde.

Babi sobe na parte traseira da moto. Abraça-me com força.

— Ah, então você não foge para estar comigo, e sim para castigar sua mãe, que é uma atrasada. Olha, você é uma bruta...

— Bom, não é melhor se eu posso ter as duas coisas?

Passamos na frente de sua irmã, que a está esperando.

— Dani, diga para mamãe que irei para casa mais tarde. E você não corra, hein?

Pouco depois, na Via Cola di Rienzo. Churrascaria Franchi. Saímos com um saco cheio dessas bolsas de arroz que só fazem ali e que ela gosta tanto,

fritos perfeitamente, ainda quentes, com um montão de batatas-fritas, uma garrafa de água para dois e uma fome incrível. Nós comemos assim, ela sentada na moto e eu na frente, em pé, sem falar, nos olhando nos olhos.

Depois, de repente, começa a cair granizo. Com força, de uma maneira incrível. E então corremos, corremos como loucos, e nos refugiamos na frente de uma porta, quase nos derrubando, para nos protegermos do granizo. Ficamos assim, no frio, sob uma varanda.

Depois, o granizo pouco a pouco se transforma em neve. Neva em Roma. Mas a neve se desfaz antes de tocar o chão. Nós sorrimos ainda por um momento, ela dá outra mordida em seu bolo de arroz e eu tento beijá-la...

E depois, pluf, assim como a neve, essa lembrança também se desfaz. Não há nunca um motivo para uma recordação; chega de repente assim, sem pedir permissão. E nunca se sabe quando irá embora. A única coisa que você sabe é que lamentavelmente voltará. Embora, normalmente, são só instantes.

E agora sei como fazer. Basta não parar muito. Quando a lembrança chega, você tem que se afastar rapidamente, de uma só vez, sem respeito, sem compromisso, sem se concentrar, sem brincar com a recordação. Sem fazer-se dano. Assim, muito melhor... Agora já passou. A neve desfez com tudo.

Desligo a moto e entro. O porteiro sempre é o mesmo:

— Boa noite, encantando em voltar a vê-lo.

Reconhece-me.

— Igualmente.

Em todos os sentidos, mas não digo.

— Quer que o anuncie?

— Se for necessário.

Olha para mim e sorri.

— Não, com você não tem problema.

— Bem, então subo e lhe faço uma surpresa.

Entro no elevador e o porteiro fala.

— Esta noite você não vai levar uma melancia?

Quase não me dá tempo de responder.

— Não, esta noite não.

É incrível. Não há nada que fazer, aos porteiros não escapa nada. 202.

Estou na frente da porta e a chamo. Ouço seus passos, velozes. Abre sem saber quem é.

— Olá! Que surpresa! — Eva se alegra em me ver. — Eu tentei ligar para seu celular, mas você tinha desligado. Estava em doce companhia?

— Só com uns amigos.

Minto e me sinto um pouco culpado, mas não sei nem por que. Não tem sentido.

— Eu não te procurei.

— Bom, você veio diretamente. E fez bem, por que amanhã parto novamente.

— Para onde?

— América do Sul, quer vir comigo?

— Eu gostaria. Mas tenho que ficar em Roma, tenho coisas para fazer.

— Ah, entendo.

Menos mal, que não me perguntei quais. Na realidade, nem eu sei que coisas eu tenho que fazer. Começar a trabalhar, começar uma história... Acabar finalmente outra... Não. Não agora, não nesse momento. Sua lembrança está voltando, mas eu apago com facilidade. Talvez por que Eva está usando outro conjunto. É bonito e elegante como o outro. Mais transparente. Vejo seu peito.

— Sabe, Eva? Eu não sabia se deveria vir; pensava que talvez você estivesse com alguém.

— Depois da noite passada... Quem você acha que eu sou?

Eva começa a rir, coloca uma cara divertida e sacode a cabeça. Então se ajoelha, tira minhas calças jeans e umedece seus lábios. Não me deixa dúvidas. Claro, quem eu acho que ela é?

Vinte e quatro

Pela manhã. Vanni está movimentada com pessoas. Todos ocupados, bem vestidos, muito bem, mal, fatal. Heterogêneos, até a loucura. Os úteis e os inúteis do grande e deslumbrante mundo da televisão. Seja como for, presentes. Sempre.

— Olá, diretor.

— Bom dia, licenciado.

— Advogado, se lembra de mim? Não queria incomodá-lo, mas o que aconteceu com aquele projeto?

— Verdade que paralisaram esta questão?

— Então, começa ou não começa esse bendito programa?

— De qualquer forma, temos que colocar essa garota de qualquer jeito.

— Mas como é? É bonita?

— E o que importa? Tem que estar, de qualquer forma.

E venha: criar, manipular, ganhar, adular, tratar, impor, construir, entusiasmar, produzir e matar horas e horas de televisão. Seja como for, com ideias novas, velhos formatos, cópias aqui e ali, mas seja como for, transmitir. De mil maneiras diante deste pequeno dispositivo que todos sabemos que nada mais nasce. Ela, a televisão, nosso irmão mais velho, nossa segunda mãe. Ou talvez a primeira e a única.

Nos faz companhia, nos quer, nos amamenta gerações após gerações, com o mesmo leite catódico, fresco, de longa conservação, azedo...

— Entendeu?

— Então, é isso o que você pensa. E veio de Verona para fazer televisão.

— Mas criar imagens e logos e... vamos.

— Já chega com os "vamos". É muito aproximado, muito mesmo.

Marcantonio me olha e sorri.

— Muito bem, você está melhorando. Agressivo e sacana, assim eu gosto.

— Reconheço: Platoon.

— Começa a me assustar, realmente... Venha, vamos ver em que ponto está o TdV.

— O que é TdV?

— Mas como? Você não sabe? O Teatro delle Vittorie, que foi o templo histórico da televisão.

— Se é "histórico", então vamos.

Cruzamos a rua. Uma banca de livros ocupa o espaço dos jardins. Garotos e garotas com aspecto mais ou menos intelectual folheiam livros a um bom preço. Uma garota gordinha está segurando um livro de receitas. Isso não escapa para Marcantonio.

— Compra sexo e esporte, é mais gratificante.

Ri sozinho, enquanto olha parece meio humilhada. Marcantonio acende, em seguida, um Chesterfield e o fuma com avidez imitando quem sabe que ato sexual, segundo ele.

— Bom dia, Tony.

— Saudações, conde, como vai?

— Desde que caiu a monarquia, mal.

Tony começa a rir. Ele, um simples vigilante do Teatro delle Vittorie, se divertia estando ali. Em seu pequeno universo encontrou poder. Ocupa-se da porta. Deixa entrar pessoas importantes, diretores, figurantes, atores... e para outras pessoas só por que estas não tem passe. Em resumo, um porteiro de variedades.

— Como você está certo, conde. Pelo menos, você poderia me enviar uma equipe de plebeus para abrir a porta de segurança. Faz uma semana que chamei os técnicos e ainda não veio ninguém. — "De qualquer forma, é um repelente", penso.

Depois se aproxima e confessa em voz baixa. — Não é por nada, mas é que eu passava por essa porta para ir mijar no banheiro de baixo. Agora, no entanto, tenho que dar toda uma volta... muito chato.

E estala em uma gargalhada, sempre improvisador, oportunista

complacente.

— Perfeito, Tony, já temos quem resolva seu problema.

— Quem?

— Ele, Step!

— E quem é, é um de seu grupo?

— Está brincando? É um herói de verdadeira importância... Estrangeiro na terra que até então dominava o tirano... Além disso, Tony, você quer mijar depressa ou não?

— Claro... Step, se conseguir te deverei um favor.

— Tony... Um herói de verdadeira importância só incentiva nobreza de espírito. Um herói não foge. Em todo o caso, o favor você deverá a mim.

— De acordo, o que importa é que ele arrume a porta... Eu só queria ser amável.

Poderiam ficar assim durante horas. No fim, um herói é um herói; assim decido interrompê-los: — Bom, quando tiverem terminado, me indique qual é a porta...

— Você tem razão, perdão...

Tony nos guia: — Vem por aqui — Dentro do teatro todos batem em algo, há muito ruído: serras mecânicas, soldadores... — Está quase acabado. Estão montando as luzes — desculpa-se Tony. — Aqui está a porta, eu tentei de mil maneiras, mas nada. Não há nada que fazer.

Olho-a, atentamente. É uma daquelas portas de pressão; devem ter bloqueado a fechadura lateral. Alguém deve ter posto o bloqueio interno, talvez o próprio Tony e não se lembra ou não quer admitir a mancada. Seria bom ter a chave.

Ou bem: — Você tem uma barra de ferro não muito larga?

— Como esta? — Pega de uma caixa que há ali no chão. — Eu tentei de todas as maneiras, hein? Que fique claro.

— Sim.

Fixo a barra na fechadura e dou um puxão com força, mas não muita.

— Abre-te, sésamo — E a porta se abre como por magia. — *Et voilà*, pronto.

Tony está felicíssimo, parece uma criança.

— Step, não sei como te agradecer, você é um mago.

Devolvo a barra.

— Bom, não exageremos.

Marcantonio assume o comando da situação: — Exato, não vamos exagerar. Lembre-se apenas que você nos deve um favor, hein?

— Feito, feito... — Tony sorri e animado, inaugura a porta indo mijar. Marcantonio pisca um olho para mim e passa adiante. — Vem, vou te mostrar o teatro.

Descemos para a plateia. Além das cadeiras da plateia, sob o grande arco da galeria. Ali estão, ao ritmo de uma música envolvente, as dançarinas. Todas com cabelos coloridos, longo ou curto, ou em parte raspados e bem cortado. As dançarinas. Loiras, morenas, com o cabelo vermelho ou tingido de azul. Com o corpo escultural, enxuto, magro, com abdominais definidos... Com as pernas musculosas e o final das costas arredondado, mas apertado, disposto a explodir em um estalido sobre uma nota aguda. Perfeitas, donas de movimentos ágeis e impetuosos, cansadas mais de qualquer forma sorridentes. A música, no volume alto, chega a todo o cenário. E elas se deixam levar, se movimentam, se cruzam, se unem ao mesmo tempo, se abandonam para trás, se soltam e voltam sobre elas. Grandes projetores as exaltam vestindo-as de feixes de luzes. Acariciando suas pernas nuas, seus seios pequenos, essas roupas diminutas.

— Parem! Bem, bem, já é suficiente...

A música para. O coreógrafo, um homem pequeno de uns quarenta anos, sorri, satisfeito.

— Bem, façamos uma pausa. Mais tarde, repetiremos.

— Este é o balé.

— Sim, eu percebi.

Desfilam do nosso lado, todas sorrindo com um pouco de pressa para não se esfriarem, embora estejam aquecidas, mas perfumadas e leves. Duas ou três beijam Marcantonio: — Olá, garotas.

Parece conhecê-las bem. Em uma, inclusive, lhe dá uma palmada suave no traseiro. Ela sorri, nem um pouco irritada, e mais: — Não voltou a me ligar.

— Não pude.

— Pois tente.

E vai embora assim, com um sorriso cheio de promessas. Olha-me, levantando a sobrancelha direita: — Dançarinas... Como eu gosto da televisão!

Sorrio, olhando para a última. É um pouco mais baixa do que as demais, sai correndo, ficou para trás para recolher sua camisa. Perfeita e evasiva, com um pouco mais de roupa encima, mas tudo em seu lugar. Sorri para mim.

— Adeus.

Não me dá tempo de responder, pois já tinha ido embora.

— Começo a querê-las, eu também.

— Muito bem, assim eu gosto. Então, este é o cenário e esse é o nosso outro logo. Vê, ali, no palco: "Os grandes gênios". Modestamente, é obra minha...

— Não tenho dúvidas, eu reconheci pela letra — Minto, descaradamente.

— Mas o que acontece? Você está brincando comigo?

— Brincando? — sorrio.

— Bem, o mesmo logotipo está agora em 3D. O programa consiste em uma série de pessoas normais, verdadeiros inventores, que vem aqui e mostram como resolveram um pequeno ou grande problema da nossa sociedade com ajuda do invento.

— Que boa ideia.

— Nós apresentamos, colocamos o balé ao redor, construímos o espetáculo e eles mostram a ideia que lhes ocorreu com um protótipo. Como o programa é simples, mas creio que interessará as pessoas. Não só isso, por que os que apresentam seus inventos conosco, servirá como plataforma de lançamento que pode levá-los a quem sabe onde. Podem fazer dinheiro de verdade com seus inventos.

— Claro, se forem interessantes e servirem realmente para algo...

— Sim. O programa é uma ideia de Romani... Em minha opinião, será um grande sucesso, como tudo o que ele faz. Eu o chamo de rei Midas da televisão.

— Por quê?

— Pelos sucessos que ele tem. Tudo o que toca dá grandes resultados.

— Bem, então suponho que tenho que estar contente por trabalhar com ele.

— Você começou no topo. Aqui está.

Eu os vejo entrar quase que em procissão. Romani estava a frente do grupo. Seguem-no, dois homens de uns trinta e cinco anos, um gordo, completamente calvo e com óculos escuros na cabeça, o outro magro e com entradas. Atrás dele, está um cara com um cabelo longo, mas bem penteado. Parece ser inteligente e olha continuamente ao seu redor. Ele tem um nariz aquilino, um olhar neurótico e fugaz. Usa um traje de veludo verde escuro, sem lapelas. A bainha das calças foi arrumada há pouco tempo; dá para ver uma prega mais escura. Certamente deu para suas pernas alguns centímetros a mais e para sua elegância algo menos. Sim, isso é possível.

— Bom, em que ponto estávamos? — Romani olha ao seu redor. — Mas, não há ninguém? — Chega correndo um homem baixo de cabelo loiro e olhos azuis. — Bom dia, mestre. Estou terminando de montar as luzes; tudo está pronto para esta noite.

— Muito bem, Terrazzi, como sempre digo, você é o melhor.

Terrazzi sorri, satisfeito.

— Vou voltar para o console para colocar os pontos de luz.

— Vá, vá.

O cara de cabelo longo se aproxima de Romani: — Sempre tem que incentivá-los, hein? Assim rendem mais.

Romani revira os olhos e o olha com dureza.

— Terrazzi é bom de verdade, o melhor. Trabalha com iluminação desde antes que você nascesse.

O cara de cabelo longo volta em silêncio para o seu lugar.

Fica na fila, o último. Volta a olhar ao seu redor e finge interesse por um canto qualquer do cenário. No fim, para desabafar com alguém, pega sua mão direita e começa a roer as unhas.

— Esses são os autores. Romani é também diretor, se lembra dele, não? — Diz para mim, de maneira irônica.

— Como não? Foi ele que nos deu trabalho.

— Os outros dois, o gordo e o magro, são Sesto e Toscani, o meio calvo e o calvo. Os chamavam de "o Gato e a Raposa" e desde sempre são os escravos de Romani. Tentaram fazer um programa, sozinhos, e os colocaram para fora com alguns chutes e desde então, nós os rebatizamos como "o Gato & o Gato". Nesse grupinho, a única raposa de verdade é Romani, e de raça. Depois, além de o Gato & o Gato, está Renzo Micheli, a Serpente. Esse baixinho e um pouco gordinho, com cabelo longo e o nariz aquilino é de Salerno; tem as mãos em todas as massas e um hálito que tombaria até um rato. Romani está sempre com ele faz um ano. Acho que ele é o fruto de um favor que saiu muito caro. Chamam-no de Serpente, por que fala mal de todos, inclusive de Romani, melhor dizendo, sobre tudo dele, que é seu único passe de entrada aqui. E o mais absurdo é que Romani sabe muito bem.

— Serpente, que apelido forte, não?

— Cuidado com ele, Step, tem quase quarenta anos, muitos amigos no poder e tenta com todas, sobre tudo com as jovenzinhas.

— Então, está errado, Mazzocca. Se for assim, é ele que tem que ter cuidado comigo. E agora me mostre qual é o nosso lugar.

Vinte e cinco

– Gin, não sei por que você insiste em levá-lo à prova, não vê que eu sou a eterna eliminada?

Olho para Eleonora e sorrio. Ela, no entanto, sacode a cabeça.

— Então, você desfruta em ver como sempre me eliminam. Devo ter feito alguma coisa em outra vida, ou talvez nesta.

— Ele, não diga isso. É que me traz sorte.

— Entendo, mas você não poderia ser como todo mundo? Que eu saiba, levar um amuleto no bolso, um animalzinho, um sapo, um porco... um elefante com a tromba levantada.

— Não, *I Want You*.

— Você parece o Tio Sam com os pobres soldados americanos. Só falta você decidir fazer um teste no Vietnã.

— E você, naturalmente, me seguiria.

— Claro, como não... Trago-te sorte.

Em seguida, um encontro imprevisto.

— Droga, meu sorvete.

Marcantonio está com todo o sorvete na sua jaqueta. Gin começa a rir:
— Você traz sorte, mas não para ele.

— Ei, garotas, por que vocês não olham para frente enquanto andam?

— E você, o que estava olhando? Seu sorvete?

— Sim, só que agora vivo de lembranças.

— Então, por que não pede desculpas para nós?

Saio um pouco com meu sorvete ainda intacto e vejo Gin. Não posso acreditar. Ela também está aqui. Me dá vontade de rir e me aproximo.

— Mas olha quem está aqui. Espera, entendi... Quer que também te convide para jantar.

— Eu? Está brincando? Um jantar já basta e sobra. Melhor dizendo, o

que faz você aqui, em Vanni? Espera, já percebi, está me seguindo.

— Calma... Por que você sempre pensa que o mundo gira ao seu redor?

— Por que é estranho. Faz séculos que venho aqui e nunca te vi.

— Não acredito que faça séculos. Talvez você tenha vindo nestes dois últimos anos enquanto eu estava fora.

Marcantonio intervém: — Perdão, mas vocês se importam que por enquanto que fazem uma cronologia sobre suas vidas eu entre e me limpe? E se apresse, Step, temos um encontro importante.

Marcantonio entra outra vez em Vanni, sacudindo a cabeça. Eleonora dá de ombros: — Que grosseiro, teu amigo, nem sequer se apresentou.

— Não te entendo, você joga sorvete encima dele e espera que ele te faça uma reverência. Parece-me que você é uma digna amiga de Gin...

Depois me dirijo para ela: — E bem? Fora fazer dano, o que está fazendo aqui?

Eleonora responde, descarada: — Nós viemos fazer um teste. — Gin lhe dá uma cotovelada. — Aí.

— Não exagere; Você não o conhece e já está contando sobre nossas coisas.

Dou uma lambida em meu sorvete. Não está mal.

— E quem vocês são, um novo grupo? As Spy Girls?

— Há, há... Sabe, Ele? Suas brincadeiras são estupendas. Só tem que saber quando diferenciar quando suas brincadeiras e quando não são.

— Ah, isso.

— Bom, não, isso não era uma brincadeira, é uma verdade. Muitas garotas são contratadas para colaborar em agências de detetive. E garotas como vocês chamam pouca atenção.

— Sim, assim como te daria um soco no olho. Ontem à noite, quando você tentava como um desesperado...

Ele nos olha, surpreso.

— Isso você não me contou!

Gin sorri, olhando-a.

— Foi tão pouco importante que eu esqueci por completo.

Tiro a colher da boca e tento pegar o sorvete que está no fundo do

copo.

— Você disse que ofegou?

— Vá para o inferno.

— Ontem à noite, não me lembro de ter dito isso.

— Te digo hoje, e duas vezes: Vá para o inferno!

Sorrio.

— Me encanta sua elegância.

— Pena que não pode apreciá-la completamente. Bom, temos que ir. Só há uma coisa que lamento... Ele, você poderia ter jogado sorvete nele, totalmente, ácido com ácido...

Afastam-se. Olho-as se afastarem. Gin, a dura, e sua amiga, um pouco mais baixa. Ele, tal como ela chama, Elena, Eleonora ou quem sabe o que. Dão risada.

— Ei, cumprimenta por mim ao Tom Ponzi, o detetive.

Gin, sem sequer se virar, levanta a mão esquerda e, aponta para o céu com o dedo do meio levantado. Marcantonio chega justo a tempo de ver seu gesto.

— Te adora, hein?

— Sim, está louca por mim.

— Mas o que você faz com as mulheres? Teriam que ter medo de você, diabos, teriam que ter medo de você.

Gin e Ele continuam andando. Ela parece irritada, realmente.

●●●

— Pode-se saber por que demônios você não me contou nada?

— Ele, juro que esqueci, de verdade.

— Sim, certo... Ou seja, você se beija com esse cara lindo da porra e no dia seguinte se esquece!

— Seriamente, você gostou tanto?

— Bom, ele é muito bonito, mas não é meu tipo. Eu prefiro o outro. Parece-se com Jack Nicholson jovem. Acho que tem um monte de ideias estimulantes. Embora, pareça um porco.

— E você gosta dos porcos?

— Bem, o sexo tem que ter sua parcela de fantasia e eu o teria surpreendido. Teria lambido sua roupa manchada de sorvete e logo a teria arrancado com os dentes.

— Sim, e você teria sido presa na porta do Vanni.

— Diga-me quem é este cara bonito e delicioso.

— Você disse que era da porra.

— Está bem, do que seja. O que faz, onde vive, como você o conheceu, você realmente o beijou, como se chama?

— Comparada com Tom Ponzi, você é muito pior. Mas, o que está acontecendo? Tenho que responder realmente esse interrogatório?

— Claro. O que está esperando?

— Então, vou responder a todas, certo? Não sei. Não sei, o conheci ontem à noite. Houve um beijo, e ele se chama Stefano.

— Stefano?

— Step.

— Step? Step Mancini?

Eleonora arregala os olhos e me olha.

— Sim, se chama Step, qual o problema? — Segura-me pela jaqueta e me sacode.

— Não posso acreditar! Passaremos para a história. No mínimo, quando conte a notícia sairemos no Parioli Pocket. Step, o castigador, o difícil. Tem uma Honda 750 Custom, azul escura, corre como Valentino Rossi, já brigou com meia Roma, sempre fica na Piazza Euclide, é amigo de Hook, de Schello, e por sua namorada brigou inclusive com Siciliano. Step e Gin, incrível!

— Parece que todo mundo conhece esse tal de Step; a única que não o conhecia era eu...

— E com quem ele se juntou? Contigo.

— Em primeiro lugar, nós não nos juntamos. E em segundo, quem é essa sua namorada?

— Ah, então você está interessada. Está caída por ele.

— Mas o que você está dizendo! É só curiosidade!

— Saía com uma garota um pouco mais velha do que nós, eu acho, uma

garota bonita que ia para a Falconieri. É a irmã de Daniela, a gordinha que saía com Palombi, esse que saía...

— Entendo: Que saía com Giovanna, que saía com Piero, que saía com Alessandra, etc, etc. Sua rede infinita. De acordo, não conheço nenhuma dessas pessoas e, sobretudo, não me importa nenhum pouco. E agora vamos fazer o teste, que preciso de dinheiro. Quero comprar a moto para mim e para meu irmão.

— E não pode pedir dinheiro para seus pais?

— Nem pense. Vamos, pega seu cartão.

Gin e Ele tiram seu cartão de identidade e mostram para o cara na porta.

— Ginevra Biro e Eleonora Fiori, vimos fazer um teste para o cargo de recepcionistas.

O cara dá uma olhada nos cartões e depois tira uma folha de uma pasta. Faz uma marca com uma caneta na margem da folha.

— Menos mal. Entrem, que estão prestes a começar. Só faltavam vocês.

Vinte e seis

Meninas em fila no meio do palco. Altas, loiras, morenas, ligeiramente ruivas, apenas tingidas com hena... Mais ou menos elegantes, vestidas de maneira informal ou pseudo-kitsch em uma tentativa desesperada de não combinar duas coisas falsamente arrumadas. Sapatilhas de esporte sob perfeitas jaquetas cinza, a moda do momento, velhas gerações muito alta para uma moda já suavizada. Narizes retos ou mal operados, ou ainda não retocados por falta de dinheiro. Algumas tranquilas, outras nervosas, outras obstinadas por esse piercing descarado, outras ainda mais tímidas que ficaram embasbacadas pelo meu piercing tirado recentemente. Tatuagens mais ou menos à vista, e quem sabe quantas outras escondidas. As garotas dos testes. Gin e Ele se misturam dissimuladamente com as últimas.

— Adiante...

Romani, o Gato & o Gato, a Serpente e algum outro ajudante estão todos sentados na primeira fila, dispostos a assistir o pequeno grande espetáculo, um pouco de diversão antes do trabalho de verdade.

Sento-me no fundo da fila, com meu sorvete, que ainda resta duas colheradas, e desfruto de longe da cena. Gin não me vê. Parece segura de si mesma, tranquila, com as mãos nos bolsos. Não sei dizer a que grupo pertence, me parece única. Sua amiga também não fica para trás. Move de vez em quando a cabeça numa tentativa por afastar seu cabelo. O coreógrafo está com um microfone na mão.

— Bem, agora deem um passo a frente e se apresentem: nome e sobrenome, idade, e digam que tipo de trabalho já fizeram. Olhem para a câmera central, a dois, a que está com a luz vermelha, onde está esse senhor que agora as cumprimenta. Cumprimente-as, Pino!

O cara sentado na câmera central, sem afastar o rosto do monitor, levanta por um instante a mão e acena em sua direção.

— Está bem. Entenderam? — Alguma garota assente de maneira incerta, com a cabeça. Naturalmente, Gin, como você pode imaginar, não se mexe.

Desiludido, o coreógrafo baixa o braço e depois diz no microfone: — Ei, garotas, deixe-me ouvir suas belas vozes, digam-me algo... Deixem-me pensar que eu existo.

Das garotas se levanta um meio coro sem coordenação de sim, muito bem, de acordo, e inclusive algum sorriso.

O coreógrafo parece agora mais satisfeito.

— Muito bem, então comecemos.

●●●

Marcantonio se aproxima de mim.

— Ei, Step, o que você está fazendo aqui? Vamos, se adiante e sentemos na primeira fila, que dá para ver melhor.

— Não, prefiro desfrutar do espetáculo daqui.

— Como queira.

Senta-se ao meu lado.

— Você vai ver como Romani vai nos chamar. Sobre qualquer coisa quer sempre nossa opinião.

— Pois quando nos chamar, nós vamos.

●●●

Uma a uma, as garotas passam o microfone e se apresentam.

— Olá, sou Anna Marelli e tenho dezenove anos. Eu já participei de vários programas como ajudante e estou estudando Direito. Eu fiz também um pequeno papel em um filme de Ceccherini...

Renzo Michele, o Serpente, parece realmente interessado.

— Que papel você interpretou?

— De uma prostituta, mas era um papel sem texto.

— E você gostou?

Todos riem, mas sem deixar-se ver muito.

Só Romani permanece impassível. Anna Marelli responde: — Sim, eu gosto de cinema. Mas, em minha opinião, tenho mais futuro na televisão.

— Bem, próxima.

— Bom dia, sou Francesca Rotondi, tenho vinte anos e estou prestes a me formar em Economia. Eu fiz...

Romani se vira para a direita e esquerda, olhando ao seu redor e depois nos vê.

— Mazzocca, Mancini, venham para mais perto.

Marcantonio me olha, levantando-se: — O que eu te disse?

— Vamos; É como estar no colégio, mas fazendo parte do jogo. — As garotas dos testes estão com a luz no rosto e mal dá para nos ver. Outra garota se apresenta e depois outra. Depois fala a que está ao lado de Gin. Acabo sentando-me na primeira fila, à direita. Ela ainda não me viu. No entanto, Ele, sua amiga, sim.

Ele, naturalmente, não deixa a ocasião escapar.

— Ei, Gin. – Em voz baixa. — Olha quem temos na primeira fila.

Gin, cobrindo seus olhos cegos pela luz com a mão, se afasta um pouco e me vê. Levo minha mão direita para perto do rosto e, sem que ninguém note, aceno. Não quero provocá-la, sei que está ali por trabalho. Mas ela volta a levar mal, como de costume, e com a mão esquerda estirada junto a seu quadril, me mostra seu dedo do meio, mando-me a merda.

— É a sua vez, morena.

É seu momento, mas como está distraída, a pegam de surpresa.

— O que? Oh, sim, claro — Pega o microfone com a garota da sua direita. — Sou Ginevra Biro, tenho dezenove anos e estudo Letras, com especialidade em Espetáculo. Eu já participei de vários programas como ajudante de palco. Também sou terceiro dan. — Gin leva as mãos para frente e depois para cima, dando um passo e fazendo uma reverência. — Se eu tivesse feito como de costume, eu teria caído.

Depois volta ao seu lugar. Todos riem, divertidos.

— Esta é valente.

— Sim, simpática e também bonita.

— Sim, muito experiente.

Eu também fico olhando-a, divertido. Ela me olha, descarada e segura, nem um pouco intimidada por encontrar-se diante de todos, sob refletores. E mais, até me faz uma careta. Aproximo-me de Romani: — Perdão, doutor Romani... — Ele se vira para mim.

— Posso fazer uma pergunta para essa garota? Para conhecê-la melhor.

Olha-me com curiosidade.

— É uma pergunta profissional ou você quer seu número de telefone?

— Sobre trabalho, claro.

— Então, claro, estamos aqui para isso.

Volto a sentar-me, a olho e me concedo um instante. Depois, me lanço.

— Quais são suas perspectivas para o futuro?

— Um marido e muitas crianças. Você, se quiser, pode fazer uma criança.

Foda-se, me nocauteou. Todos riem, como loucos. Rugem mais do que o devido. Inclusive Romani ri e me olha estirando os braços como se dizendo, "Ganhou de você". E ganhou, de verdade. Se houvesse lutado com Tyson, teria me feito menos dano. De acordo, como quiser, Gin. Passo para outra e volto a me encostar.

— E então, por que você está aqui fazendo teste ao invés de se dedicar a saudável e correta busca desse homem?

Gin me olha e sorri. Finge ser boa e ingênua e responde como a mais santa das mulheres.

— E por que não poderia estar aqui meu homem ideal? Vejo-o preocupado, mas não deveria, por que você, naturalmente, está excluído de minha procura.

Alguns ainda riem.

— De acordo, agora basta — diz Romani. — Já acabamos?

— Não, na verdade, ainda falta eu.

A amiga de Gin, Ele, dá um passo para frente, se exibindo.

— Muito bem, apresente-se.

— Sou Eleonora Fiori, vinte anos. Já tentei participar de alguns programas, com escassos resultados, mas estudo desenho, onde, no entanto,

consigo ótimos resultados.

Alguém solta uma estúpida brincadeira em voz baixa.

— E então, por que não continua?

Deve ter sido Sesto, o do Gato & o Gato, mas ninguém ri.

Então, Micheli, a Serpente, olha ao seu redor. Romani finge não tê-lo ouvido e, naturalmente, ele faz o mesmo também. Toscani, o outro Gato, ri durante um momento. Depois, quando entende que não é conveniente, se apaga em uma espécie de tosse suave, uma falta tosse improvisada.

— Muito bem, obrigada, senhoritas.

Romani se aproxima do coreógrafo, olha na folha que tem na mão e assinala com um dedo alguns nomes. Depois nos olha e vem até nós.

— Vocês tem alguma preferência?

Olho a folha. Há algumas cruzes ao lado das garotas. Foram escolhidas cinco ou seis. Olho abaixo, no final da lista. Ali está. Ginevra Biro já tem sua cruz. Incrível, Romani e eu temos os mesmos gostos; sorrio. A verdade é que não é muito difícil. Sesto e Toscani assinalam uma, cada um. Romani os satisfaz. A Serpente assinala duas, mas Romani só passa uma. Depois chega Mazzocca e dá sua opinião.

— Romani, pode te parecer absurdo, mas temos que escolher uma mais. Você pode não gostar da escolha, mas se pensar bem, verá que é genial.

— Bem, quem é?

— A última.

O Gato & o Gato, seguidos da Serpente, dizem quase em uníssono: — Buuu.

A sua é uma indignação geral. Romani não diz nada e os três, ao não ouvi-lo, se interrompem. A Serpente, por agora, já se pronunciou demais.

— Mas é absurdo. O que faremos? Uma miss Itália, ao contrário? Envie os subtítulos com a explicação para casa...

Decidi continuar com suas treze. Mazzocca sacode sua cabeça.

— É uma boa ideia. Você já estava pensando nisso, não é, Romani?

Romani fica um momento em silêncio. Depois, de repente, sorri.

— Não, não havia pensado nisso, mas tenho que reconhecer que é uma boa, muito boa. Está bem, aponta também esta, Carlo.

O coreógrafo não entende nada, mas coloca a última e assinala com uma cruzinha.

— Muito bem, garotas...

O coreógrafo abandona as primeiras filas e se dirige para o centro do palco.

— Em primeiro lugar quero dar parabéns para quem participou, mas não foi selecionada...

Ele dá de ombros.

— Obrigada.

Gin lhe dá uma cotovelada.

— Não seja sempre tão pessimista; seja construtiva, positiva. É você que atrai má sorte.

O coreógrafo começa a ler: — Bem: Calendi, Giasmini, Fedri... — Algumas das garotas repentinamente enrubescem, sorriem, e dão um passo para frente. Outras, cujo nome não foi chamado na lista, empalidecem, vendo afastar-se seu sonho de triunfar na televisão, embora só seja por um instante. — Bertarello, Soleso, Biro, Fiori.

Gin e Ele são as últimas em dar um passo à frente. Ele olha para sua amiga.

— Não posso acreditar. Agora faram como em A Chorus Line: as que dão um passo para frente são mandadas para casa e as demais ficam.

— As que eu mencionei começam na próxima segunda. Peço que estejam ao meio-dia no escritório para assinarem o contrato e às duas horas aqui, no teatro, para começar os ensaios. Os ensaios serão da segunda à tarde aos sábados. O sábado pela noite é a gravação, está tudo claro?

Uma das garotas escolhidas, uma das mais bonitas, com olhos enormes e uma expressão um pouco boba, levanta a mão.

— O que é?

— Realmente não entendi nada.

— O que?

— Do que você disse...

— Começamos bem. Você fica com a ruiva que está ao seu lado, e faça sempre tudo o que ela fizer. Entendeu isso?

— Mais ou menos — diz a menina, irritada, olhando para a ruiva, que sorri, tentando dar-lhe mais ou menos segurança. Talvez ela também não tenha entendido muito bem.

Ele leva sua mão a cabeça.

— Não posso acreditar, me escolheram!

— Pois pode acreditar. Acabou-se essa história de ser eliminada.

Ginevra e Ele vão para a saída.

— Serei uma estrela! Bem! Não posso acreditar!

— Bem, eu seria mais prudente a respeito...

Tony as vê e as cumprimenta, divertido.

— Como vocês foram, garotas?

— Estupendamente.

— As duas?

Ele o olha, fazendo uma careta.

— Pois sim, nos escolheram, pela primeira vez — E saem rindo, divertidas, e dando-se empurrões. — De vez em quando, tem que saber se vender bem, hein?

— Merda... o carro!

— Onde está?

— Já não está! — Ginevra olha ao seu redor, preocupada. — Eu tinha estacionado aqui na frente Meu... Roubaram-me. Ladrões de merda!

— Ei, não os chame de ladrões — digo-lhe, chegando as suas costas com Marcantonio. — Quem iria querer levar aquela sua catraca?

— Não se meta com meu carro. Tenho que ir fazer uma denúncia.

— Mas você pôs um nome nele? Parece-te normal chamar um carro de Meu?

— Pois é Meu!

— Era teu e agora é seu. Ou seja, basta que mude o nome e tudo será resolvido.

— Eu acho que você só precisa pagar uma multa, pois foi levado pela polícia. Assim se quer pegar com alguém, pegue com eles. E se você quiser ser justa, pegue logo com você mesma.

— Ei, estou irritada e você está me irritando ainda mais com essa torrente de palavras! O que você está dizendo?

— Que você estacionou na frente da saída de emergência do teatro, nada mais.

— O senhor tem razão!

Uma guarda passa pelo nosso lado. Ouviu nossa conversa e decidi participar, divertida.

— Tivemos que levá-lo.

— Bom, acho que dizer que "tiveram" é excessivo. Poderiam ter esperado dois minutos. Estava dentro do teatro há trabalho.

A guarda deixa de sorrir.

— Por acaso está questionando meu trabalho?

— Só estou contando como as coisas são. — A guarda se afasta sem responder. Ginevra não perde a oportunidade, saca a língua e diz em voz baixa. — Policial de merda. Foda-se mais durante a noite, que assim pela manhã estará menos amarga.

Riu, dando um assovio para o céu.

— Bem... Finalmente uma menina que respeita nossas instituições! Muito bem, sã e acima de tudo, respeitosa. Eu gosto.

— Pois eu não gosto de você!

— Esse é um conselho que você segue também?

— Qual?

— O de foder mais para ser menos amarga... Digo-te por que, se você quiser, eu te ajudo, hein?

— Claro, como não.

— Olha o que eu faço só pelo seu humor.

— Já estou cheia, obrigada.

Marcantonio decide interromper:

— Bom, está tudo bem. Temos a tarde livre, e como vocês duas passaram na seleção, poderíamos tomar algo e brindar todos juntos, o que te parece? Além disso... — Marcantonio sorri para Ele e depois sacode a cabeça. — nós que votamos, não?

— Tem razão. Pois então vamos tomar algo.

Olho para Ele e estico meu braço.

— Quando você diz nesse tom parece que está dizendo: Toque-me.

Gin para na minha frente com determinação.

— Ei, lendário Step dos narizes, sem brigas com minha amiga, certo?

Por um momento, levo-a a sério.

— De acordo, então vejamos como você responde ao meu convite.

— E o que é isto? Outro teste? Você também vai pagar?

Olho-a, sorrindo: — Se você quiser...

— Não me fica dúvidas que você faria. Mas sinto muito, nem em seus sonhos.

Marcantonio se mete entre nós.

— Será possível, que sobre tudo o que falamos, vocês sempre acabam discutindo? Eu só chamei para tomar algo. Um pouco de entusiasmo, demônios!

Ele grita como uma louca.

— Bem! Sim, ótimo! Vamos beber, e nos divertir como loucos... — Levanta seu cabelo para cima e agita os braços na direção do céu; depois começa a dançar e gira sobre si mesma. Logo depois para e me olha. — Assim está melhor?

Sorrio.

— Pode servir.

Mas o que podia esperar? Depois de tudo, são amigas.

Marcantonio sacode sua cabeça e logo pega Ele pelo braço:

— Anda, vamos ou vão nos contagiar... e há maneiras melhores de desfrutar a noite.

E a leva, quase a arrastando. Ginevra fica ali, olhando-me.

— Oh, oh! Levaram sua amiguinha.

— É maior e está vacinada, o problema era ela ir contigo.

— Por quê? Você ficou com ciúmes?

— Que ideia! Estava preocupada com ela... Está bem, onde está sua moto?

— Por quê?

— Me leve para casa, e com as mãos quietas; se não, te dou outra

bofetada, como no restaurante.

— Incrível. Ou seja, tenho que te levar para casa e não posso nem te tocar... Isso é novo. Loucura!

Vinte e sete

Alcançamos a moto, subo e acelero. Ela tenta subir, mas eu avanço.

— Nada o que fazer: sou um taxista inovador.

— O que significa...?

— Que você deve pagar antes pela corrida.

— E isso o que quer dizer?

— Que você deve me dar um beijo.

Inclino-me para frente com os lábios e os olhos fechados, embora, na verdade, estou com meu olho direito aberto. Não quis me bater como de costume. Gin se aproxima e me dá uma tremenda lambida de baixo para cima nos lábios, o tipo de lambida que se dá em um sorvete que está se derretendo.

— Ei, o que está acontecendo?

— Eu beijo assim! Também sou uma garota inovadora! — E sobe atrás em um instante. — Vamos, como eu paguei, o mínimo que você tem que fazer é me levar ao Inferno.

Começo a rir e saio de primeira, levantando a roda da frente. Mas Gin é muito rápida. Agarra-se com força em minha cintura e apoia a cabeça em meu ombro.

— Vamos, lendário Step, eu adoro andar de moto.

Não espero. Acelero e ela junta suas pernas, segurando firmemente. Na moto, parecemos um corpo único. Direita, esquerda, inclinações suaves e ágeis, acelerando. Giramos na frente de Vanni e logo corremos retos pela rua que corre junto ao Tibre. Uma curva ao fundo, à direita. Reduzo por um instante no semáforo vermelho que, como por magia, ao me ver fica verde. Avanço por dois carros parados. Direita, inclinação, esquerda, inclinação, e já estamos juntos ao Tibre e avançamos velozes, com o vento no rosto. Vejo no retrovisor parte de seu rosto. Seus olhos estreitos, o couro cabeludo, o suave contorno de seu rosto branco. O cabelo longo e escuro se confunde

acariciando o sol que se põe atrás de nós, tingido suavemente de vermelho, rebelde luta com o vento, mas quando acelero, acaba por render-se, e vencida deixa-se levar pela velocidade. Ainda está com os olhos fechados.

— Aqui estamos, senhorita, chegamos.

Paro na frente da sua casa, coloco a escora, e fico sentado na moto.

— Pirulito Bacana[8], chegamos em um instante.

Olho-a, divertido: — Pirulito Bacana? O que significa isso?

— É uma mistura de Bacana e Pirulito, tudo termina em "i".

Eu nunca tinha ouvido.

— Pirulito Bacana... eu vou usar.

— Não pode. É meu. Tenho os direitos na Itália.

— Claro. Bom, obrigado por me trazer. Eu te usarei algumas vezes. Devo dizer que como taxista você não está nada mal.

— Bom, então teria que me convidar para subir.

— Por quê?

— Assim faremos um bônus e diminuirei algo em cada corrida.

— Não se preocupe, eu gosto de pagar.

Desta vez, Gin é mais rápida do que eu e se fecha por trás da porta, pensando que vai me enganar.

— Ei, não!

Tirei dos bolsos de sua calça suas chaves e balanço na frente de seus olhos.

— Você que me ensinou, né?

— Okay, lendário Step, devolva-me!

Olho-a, divertido.

— Épico... Bem, não sei. Acho que vou dar um passeio e voltar mais tarde, talvez para uma corrida noturna.

— Não se esforce. Em meia hora, eu teria todas as fechaduras trocadas.

— Gastará mais dinheiro do que com dez corridas de verdade...

— Está bem, quer negociar?

— Claro que sim.

— Então, o que você quer em troca das chaves? — Levanto a cabeça e

[8] N/T: Gente, a expressão em espanhol é chachi piruli, que traduzindo literalmente, seria Pirulito Bacana. Ela vai fazer uma brincadeira com a expressão, mas traduzindo para português não dá certo.]

lhe lanço um olhar divertido. — Não me diga, vamos, suba. É melhor acabar com um "Eu te convido para tomar algo", como nos filmes. Mas antes devolva as chaves.

Abro a porta e as mantenho apertadas na minha mão direita.

— Eu te devolvo lá encima; deixe-me ser seu chaperon[9].

Gin sorri, divertida.

— Uau, você nunca deixa de me surpreender.

— Pelo meu francês?

— Não, você deixou a moto destravada.

E entra andando altiva. Coloco a trava em um momento e pouco tempo depois já estou junto a ela. Passo por ela e entro no elevador.

— A senhorita que entrar no elevador ou tem medo e prefere subir a pé?

Entra, segura, e fica na minha frente. Perto, muito perto. Muitíssimo perto. Que garota. Então, se afasta.

— Bem, vejo que confia em seu chaperon. Que andar, senhorita?

Agora está apoiada na parede e me olha. Tem uns olhos grandes, tremendamente inocentes.

— Quatro, obrigado.

Sorri, divertida com esse jogo. Inclino-me para ela, fingindo que não consigo encontrar o botão.

— Ah, finalmente. Quatro, aqui está.

Mas fica assim, encostada contra a parede de madeira antiga, desgastada pelo contínuo subir e descer do centro da escada. Subimos em silêncio. Estou ali, apoiado contra ela, sem empurrar demais e respirando seu perfume. Então, me afasto e nos olhamos. Nossos rostos estão muito próximos, ela levanta os olhos por um instante e depois segue com o olhar fixo em mim. Segura, sem vergonha, nem um pouco atemorizada. Sorrio, me olha e move as bochechas; faz uma sugestão de sorriso. Depois se aproxima e sussurra no meu ouvido, quente e sensual.

— Ei, chaperon...

Um calafrio.

— Sim?

[9] N/T: Acompanhante.

Olho-a em seus olhos, e ela levanta a sobrancelha.

— Já chegamos — Escapa dos meus braços, ágil e veloz. Em um instante, está fora do elevador. Para na frente da porta. Alcanço-a e pego as chaves.

— Ei, são piores que as de São Pedro.

— Me dê.

Que frase tão velha, as chaves de São Pedro. Sinto-me como um idiota por ter dito aquilo ali, naquele momento. Bah... não importa. Quem sabe por que dissemos isso. São Pedro deve ter apenas uma chave e talvez não precise nem sequer dessa. Ou por acaso vão lhe deixar do lado de fora? Gin dá uma última volta. Estou pronto para colocar meu pé e bloquear a porta, quando tento que fique fora. No entanto, ela me adianta, sorri alegre e abre amavelmente a porta.

— Vem, entra e não arme confusão. — Deixa-me passar e fecha a porta por trás de mim; depois passa por mim e começa a chamar. — Oi, estou aqui. Há alguém em casa?

A casa é bonita, modesta, não muito ornamentada, tranquila. Há algumas fotos de parentes encima de um baú, outras encima de um pequeno móvel redondo apoiada contra uma parede. Uma casa calma, sem excessos, sem quadros raros, sem tapetes demais. Mas, principalmente agora, às sete da tarde, a meio pôr do sol, sem ninguém lá.

— Você tem muita sorte, lendário Step.

— Quer deixar dessa história de lendário? Além disso, por que tenho sorte? Se há alguém com sorte aqui, essa é você. Por que quem mais tem uma bunda tão arrebitada, redonda e perfeita?

Sorrindo, coloco minha mão no fim de suas costas.

— Ei, já terminou? Parece um preso recém-saído da prisão depois de seis anos sem ver a mulher.

— Quatro.

Olha para mim, franzindo as sobrancelhas.

— Quatro, o quê?

— Saí ontem depois de quatros anos na prisão.

— Ah, sim? — Não sabe se deve levar a sério ou não. Olha-me com

curiosidade, e de qualquer maneira, decidi jogar. — Além de que você com certeza é inocente... o que você fez?

— Matei uma garota que tinha me convidado para sua casa precisamente às... — finjo que olho o relógio. — bom, mais ou menos, nesta hora, e que tinha decidido não deixar.

— Rápido, rápido... Eu ouvi um ruído, são meus pais. Merda!

Empurra-me para o armário.

— Entra aqui.

— Ei, não sou seu amante e você nem sequer é casada. Onde está o problema?

— Shhh.

Gin me tranca e depois sai correndo. Eu fico assim, em silêncio, sem saber muito bem o que fazer. Ouço um ruído distante de uma porta que se abre e se fecha. Depois nada mais, silêncio. E ainda mais silêncio. Cinco minutos e nada. Ainda nada. Oito minutos. Nada. Ainda nada. Olho o relógio. Inferno, já se passou quase dez minutos. O que faço? Bom, já estou farto. Por outro lado, não aconteceu nada de mal. Eu saio. Abro lentamente a porta do armário e olho através de uma fresta. Nada. Alguns móveis e um estranho silêncio, pelo menos, para mim. Depois, de repente, um pedaço do sofá. Abro um pouco mais a porta. Um tapete, um vaso e depois, sua perna, assim, cruzada. Gin está deitada no sofá com a cabeça para trás e fumando um cigarro. Ri, divertida.

— Ei, lendário Step, você caiu. O que você fez todo este tempo trancado no armário? Você fez coisas, sozinho, hein? Egoista.

Inferno, fui enganado! Saio de um salto e tento agarrá-la, mas Gin é mais rápida do que eu. Acaba de apagar o cigarro e foge. Choca-se contra um canto de uma porta, quase cai sobre um tapete que se enruga no seu caminho, mas se recupera na curva.

Dois passos e está em seu quarto, se vira de uma vez e tenta fechar a porta. Mas não consegue. Estou empurrando com os ombros. Gin tenta resistir durante um instante e depois desiste. Deixa a porta e se balança sobre a cama com os pés levantados em minha direção. Chuta, rindo como uma louca.

— Oh, perdão, lendário Step, perdão, épico Step, melhor dizendo, Step,

o seco, Step, o perfeito. Ou Step, como você quiser. Vamos, era uma brincadeira. Pelo menos, minhas brincadeiras são mais divertidas do que as suas.

— Por quê?

— As suas são macabras! Você matando uma garota em sua casa! Vamos.

Rodo a cama tentando entrar em sua defesa, mas continua dando chutes para cima. Veloz e atenta, segue meus movimentos deitada na cama e rodando sem me perder de vista. Depois me desvio para a direita, faço uma finta e me jogo sobre ela. Entro em sua guarda e ela, em seguida, retira os braços e leva para frente do seu rosto.

— De acordo, de acordo... Eu me rendo, vamos firmar a paz. — Ri e apoia sua bochecha sobre o ombro esquerdo. — Está bem... — Esboça um leve sorriso e se aproxima.

Então me permite beijá-la suave, terna e quente, ainda cansada, mas tranquila, Deixa-me beijá-la, sim, e me beija também, entra e sai dos meus lábios com atenção, com cuidado, com paixão, com seu pequeno ser. Abro os olhos por um instante e a vejo comandar assim, tão perto do meu rosto, tão entregue, tão partícipe, tão empenhada. Não, desta vez não há brincadeiras escondidas em seus bolsos. Volto a fechar os olhos e me deixo ir com ela. Viajamos juntos, pequenos surfistas de nossa própria onda, línguas brandas, mãos sobre mãos que, rindo, se empurram para se tocar outra vez. Lábios que se jogam um contra o outro, tentando achar um lugar, encaixar-se o melhor possível, nesse estreito e brando carro chamado beijo. Depois Gin começa a agitar-se um pouco. Continuo beijando-a. Se agita outra vez. O que é, paixão? Separa-se de mim.

— Meu Deus, me perdoe. — Irrompe em uma gargalhada. — Não posso mais... Onze minutos e trinta e dois segundos fechado no armário da sala... Inferno, eu contei! Perdão, por favor, me perdoe. — E pula da cama antes que eu possa agarrá-la. — Mas se te consola, você beija muito bem.

Fico deitado na cama, me apoio em meu ombro e a olho. É difícil encontrar uma garota tão bonita e, além disso, divertida e inteligente. Não, eu errei. Tão divertida, tão inteligente e, além disso, tão linda. Não, voltei a errar.

Sim... Lindíssima. Mas não digo.

— Sabe o que é mais divertido? Trabalharemos juntos todos os dias por quem sabe quanto tempo, e como tudo volta, você está lá e eu te castigarei.

— Ah, muito bonito. Agora me ameaça... O que queria? Que te mostrasse a casa ou que te oferecesse algo para beber...? Puro formalismo? Isso é fácil. — Usa um tom falso. — O que você gostaria, Stefano? Um aperitivo? Talvez umas batatas... — E finge perfeitamente uma gargalhada. — Há... Há...

— Olha que, como batata, você serviria perfeitamente.

Continua com a voz falsa: — Oh, não posso acreditar. Que brincadeira tão estupenda! Nem Woody Allen em seus melhores dias...

— Sim, talvez depois do pó com a falsa filha coreana!

— Por que você é tão chato? Não pode pensar que estão simplesmente apaixonados? Às vezes, acontece, sabe?

— Claro, nos contos de fadas, aparece em quase todos, não é?

— Em todos!

— Vejo que os conhece bem...

— Claro, e eu decidi viver minha vida como em um conto de fadas. Só que este ainda não está escrito. Sou eu que escolho, passo a passo, momento a momento, sou eu que escrevo meu conto.

Decido não contestar. Olho o quarto ao meu redor. Algumas pelúcias, a foto de Ele... ao menos é que me parece, alguma outra garotas, e uns três caras grandes. Percebo.

— São modelos de publicidade. Fizemos trabalhos juntos e nada mais.

Continua muito Gin.

— Eu te perguntei algo?

— Você parecia muito preocupado.

— É claro que não, não conheço essa palavra.

— Oh, claro, eu tinha esquecido, você é um cara durão. Uh, que medo!

Levanto-me e dou uma volta pelo quarto.

— Sabia que se pode saber tudo de uma mulher olhando em seu armário? Deixe-me ver!

— Não!

— Do que você tem medo? Do fantasma? Caramba, quanta roupa você tem! E tudo nova! Ainda estão com as etiquetas penduradas. Além disso, a senhorita tem tudo de marca. Dotada e não só de curvas, hein?

— Vê como você é tonto? E nem um pouco informado. Não paguei por nenhuma dessas roupas.

— Sim, claro, você é a imagem de alguma marca, né?

— Não, uso o Yoox. Peço tudo pela Internet nesta página: é um outlet. São as marcas mais importantes. Escolho as que quero e enviam para casa. Uso alguns dias com cuidado para não danificar e não tiro a etiqueta e depois devolvo antes do décimo dia dizendo que não estou satisfeita, que talvez o tamanho seja grande demais.

Continuo olhando as roupas. Há de tudo: tops do Cavalli e Costume National, uma saia no joelho do Jil Sander, saias Haute, duas bolsas D&G, uma camisa clara de caxemira Alexander McQueen, um casaco jeans Moschino, uma divertida jaqueta xadrez Vivienne Westwood, uma blusa Miu Miu, calças jeans Miss Sixty Luxury...

— Uma coleção infernal de marcas...

— Sim.

É muito legal. Bonita, divertida, sem prejuízos. Sabe como conseguir viver bem. E a história que montou: uma garota que navega pela Internet com inteligência. Yoox para vestir-se sempre diferente, sempre na moda, sem gastar um euro. Eu gosto.

— Ei, você está com uma expressão absurda. No que está pensando? — Pega algo da mesa e aponta contra mim. — Sorria, cara durão. — Uma máquina fotográfica. Levanto a sobrancelha no momento em que tira a foto. — No fundo, você vai ficar estupendo entre esses modelos. Não tem suas histórias nas costas, mas ficaram contentes em estar ao lado de uma "lenda".

— Sim, como os dois ladrões na cruz junto a Jesus.

— A comparação me parece um pouco atrevida, na verdade...

— Sim, mas eles também se tornaram famosos.

— Mas não estavam muito contentes! Eles não estavam ali por amor.

Pego a máquina e tiro uma foto.

— Eu tampouco!

— Vamos, quieto! Eu estou saindo mal nas fotos!

Aproveito e pego a máquina novamente.

— Imbecil, devolve.

Tenta agarrar de todas as formas. Muito tarde. Coloco no bolso da minha jaqueta.

— Se você não se portar bem e tenta contar a história do armário... encontrará cartazes com seu rosto por toda a Roma.

— Certo, foi só uma piada.

— E o que esse cartaz significa?

Aponta para uma folha perfeitamente dividida em dias, semanas e meses pendurada encima da mesa, com vários nomes de academias escritas.

— Isto. São as academias de Roma, vê? Uma para cada dia. Estão divididas em professores, turmas e áreas. Entende?

— Sim e não.

— Inferno, Step, mas que tonto você é. Vamos, é muito fácil. Uma classe de teste para cada academia, cada dia um lugar diferente; há mais de cinquenta em Roma, inclusive não muito longe. Você gostaria de treinar de graça?

— Quero dizer, amanhã, por exemplo... — Olho o cartaz, faço uma cruz com o dedo no dia como se estivesse jogando aos barcos. — Assistir aula em Urbani e não pagar nem um euro.

— Muito bem, entendeu. E é assim todo o tempo! É um sistema que eu inventei, bem legal, né?

— Sim, como colocar um cadeado na gasolina.

— Sim, faz parte do meu manual de poupadora. Nada mal, verdade? Ei, olha como você saiu bem. — Agora a foto está mais nítida. — Vamos, coloque entre estes dois. Também não destoa tanto... Vejo que olha muito meu cartaz. O que está acontecendo, "lenda", quer treinar também? Okay, eu entendi. Farei um cartaz para você, eu treino um dia e você vai no outro, assim não nos encontraremos.

— Não precisa?

— Você é rico?

— Mas o que está dizendo! É que agora as academias me usam como

imagem!

— Sim, claro! Eu acredito. Bom, a visita guiada acabou. Vou te acompanhar por que dentro de pouco tempo meus pais chegarão, ou você quer se esconder outra vez no armário? Agora já está acostumado — Passa por mim e me olha, levantando as sobrancelhas. — Tranquilo. Eu já disse que não vou contar para ninguém.

Acompanha-me até a porta e nós ficamos assim, em silêncio por uns momentos. Depois ela fala:

— Bem, não demoremos na despedida. Adeus, taxista, afinal, vamos voltar a nos ver, né?

— Claro.

Queria dizer algo, mas nem sequer sei o quê. Algo bonito. Às vezes, se não se encontram as palavras, é melhor fazer isto: puxo-a para mim e a beijo. Gin resiste por um instante e depois se solta. Suave como antes. Melhor dizendo, ainda mais. Há alguém em nossas costas...

— Desculpe, mas é que vocês estão se despedindo justamente na porta...!

É seu irmão, Gianluca, recém-saído do elevador. Gin está mais do que chateada. Está irritada.

— Você sempre tão oportuno.

— Oh, agora a culpa é minha! Que irmã chata. Ei, Step, faça-me um favor: entre beijos, dê um tapa nela!

E passa entre nós, entrando na casa. Gin aproveita e me dá um soco no peito.

— Eu sabia que com você sempre há problemas.

— Aí. Agora a culpa é minha.

— E de quem mais seria? Um beijo, outro beijo e outro beijo... O que acontece, não pode se conter? Já está tão preso a mim?

E fecha a porta no meu nariz. Divertido, pego o elevador. E em um instante, estou no vestíbulo.

Gianluca entra no quarto de Gin.

— Caramba com Step... Vejo que já estão saindo juntos, hein?

— Mas o que está dizendo? E, além disso, caramba por quê?

— BEM, você sempre o está beijando.

— Você viu um beijo...

— Dois, pelo que posso contar.

— Ei, o que está acontecendo? Agora está contando também? Por que você não vai olhar suas finanças e contar suas cédulas...

— Isso é política.

— É o meu! Com Step tenho uma boa cédula...

— O que quer dizer?

— Que não confio em alguém como ele: é simpático e divertido, mas quem sabe o que esconde.

— Se você está dizendo...

— Sim, Luke. Em um beijo se vê tudo. E ele é... estranho.

— Ou seja?

— Que não se entrega, não confia, e quando um não confia, quer dizer, que é o primeiro que não merece confiança.

— Será?

— É assim.

Gianluca sai e finalmente me deixa sozinha. Ok, chega. Agora quero reordenar minhas ideias. Sacudo a cabeça e mexo meu cabelo. Gin, te imploro, reage. Não pode ser que você tenha se deixado seduzir pelo mito, pela lenda. Step não é para você. Problemas, mentiras... e quem sabe qual é o seu verdadeiro passado. Além disso, cada vez que o beija, no melhor momento, no mais maravilhoso, mais fantástico, no mais superfabuloso, chega Luke, meu irmão. O que isso quer dizer? Talvez seja um sinal do destino, um santo enviado do paraíso para evitar o inferno, um salva-vidas? Ou simplesmente má sorte? Merda, poderíamos continuar nos beijando durante horas. Como beija. Como beija. Como dizer-lhe... não sei como dizer-lhe. Um beijo é tudo. Um beijo é a verdade. Sem muitos exercícios de estilo, sem retraimentos extremos, sem enroscamentos. Natural, o mais bonito. Beija como se gostasse de mim. Sem ter que representar, sem ter que se reafirmar, sincero. Seguro, suave, tranquilo, sem pressa, com diversão, sem técnica, com sabor. Posso? Com amor. Meu Deus! Não, isso não. Foda-se, Step!

Vinte e oito

- Oi Pa!

— Stefano, onde você foi? Sumiu!

— Ei, — o ultrapasso indo para o quarto, — Na América, sabe qual é a primeira lei que te ensinam?

— Sim, se quer sobreviver, se preocupe com suas coisas.

— Muito bem, e a segunda?

— Não sei.

— Vai se fuder!

Entro no quarto e me fecho atrás da porta.

— Agora se vê que um pouco de inglês você aprendeu de verdade, muito bem. Espero que saiba outras palavras.

Não lhe respondo e me jogo na cama. Naquele momento escuto tocar o interfone. Saio rápido do quarto. Paolo já está na sala e vai em direção ao interfone.

— Eu atendo!

Quase o arranco da mão. Fica desorientado.

— Mas não entendo, a casa é minha, te hospedo, e você se apossa de tudo.

Lhe olho feio, depois sorrio.

— Vai, me faço de mordomo. — Um outro toque. Tiro o interfone. Meu coração bate forte.

— Olá, Step está? — Voz feminina. As batidas aumentam. — Sou Pallina.

— Oi, sou eu, o que faz?

— Vim ver a sua casa nova, e depois te arrasto para um tour-local.

— Sobre esta última discutiremos. Suba. Quinto andar.

Aperto a tecla para a abertura do portão. Paolo mi olha e sorri.

— Mulher?

Confirmo.

— Quer que eu te deixo a casa? Me fecho no quarto e finjo que não estou aqui.

Meu irmão. Mas o que ele entende, o que sabe de verdade sobre mim?

— É Pallina, a namorada do Pollo.

Fica em silencio. Depois parece entristecer-se.

— Desculpe.

Vai para seu quarto em silêncio. Meu irmão. Que sujeito, um homem fora do tempo. Mas tem um senso de tempo perfeito. Campainha. Abro a porta.

— Ei!

— Caramba, Step!

Coloca os braços em volta do meu pescoço e me abraça forte.

— Ainda não acredito que você voltou.

— Se fizer assim, vou embora de novo tá?

— Ok, desculpe.

Pallina se recompõe.

— Me mostre a casa.

— Vem comigo.

Fecho a porta e vou na frente me fazendo de guia.

— Aqui é a sala de estar, tecidos claros, cortinas,etc...

Falo descrevendo tudo. A vejo andando atrás de mim,olhando as coisas com atenção, ás vezes tocando para avaliar melhor, para pesar algum objeto. Pallina, como cresceu, emagreceu, um corte diferente de cabelo. Até a maquiagem parece um pouco mais forte, ou são minhas lembranças que estão fracas.

— E esta é a cozinha...quer alguma coisa?

— Não, não, por enquanto não.

— Oh você está com vergonha?

Começa a rir.

— Não, sério.

A sua risada não mudou. Parece sã, descansada, tranquila. Se Pollo

pudesse te ver agora. Ficaria orgulhoso dele mesmo. Segundo ele, foi seu primeiro homem, Pallina. E Pollo não mentia pra mim, não precisava, não tinha necessidade de exagerar para parecer bem, para se mostrar superior, para mim, seu amigo, seu grande amigo. Pollo modelou aquela lagarta de cera, ele, mais que sopro, um suspiro de amor por aquela jovem borboleta no seu primeiro voo... Aqui está ela, em frente a mim. Caminha segura. De repente Pallina muda a expressão.

— E não me mostra o quarto?

Ficou diferente. Sensual e maliciosa. Um aperto no coração. Tem um outro homem? Depois dele, será que teve outros homens? O que aconteceu depois de Pollo. Step, passaram-se quase dois anos. Sim, mas não quero escutar. Step, é uma moça, jovem, querida... Sim, eu sei. Mas não me interessa. Não quer explicar? Não, não quero pensar nisso.

— Aqui está um quarto.

Abro a porta batendo suavemente.

— Posso?

Paolo que estava tirando a camisa, se recompõe rápido e vem até a porta.

— Claro, oi Pallina!

— Ele é o decorador de tudo aquilo que viu.

— Oi.

Dão-se as mãos. Pallina sorri um pouco envergonhada.

Parabéns, é linda, tem bom gosto. Achava que uma mulher tivesse escolhido tudo.

Paolo pensa em responder, mas não lhe dou tempo

Mas ele é parecido com uma mulher.

E fecho devagar a porta, tirando-o do nosso percurso.

— Ei, eu me referia ao "teu" quarto.

Me dá uma batida nas costas, empurrando-me pra frente.

— Não tinha entendido. Aqui está.

Abro a porta do quarto.

— Ei não é nada mal.

Pallina entra e olha em volta.

— Um pouco nua, falta cor.

Me dou conta que a polaroid de Gin está sobre o criado-mudo. Sem ela perceber, a cubro.

— Bem, assim também tem seu encanto. E ainda dá tempo de colorir.

Me olha curiosa procurando uma explicação para aquela frase, mas naquele momento toca o celular. Pallina tira o seu do bolso do casaco, o olha, e o leva à orelha.

— Ei, mas não é o meu.

Pego o celular da mesa ali perto.

— De fato é o meu.

Não conheço o número.

— Alô?

— Bem vindo.

Fico vermelho. Escuto a sua voz.

— Espero que nos vejamos agora que está de volta a Roma.

— Sim.

— Gosta da tua casa nova?

— Sim.

— Foi tudo bem lá fora?

— Sim.

Concordo, depois escuto outras palavras suas, sempre doce, cortês, cheias de amor delicado, preocupada para não romper esse fino cristal, o nosso passado , o nosso segredo. Continuo a responder. Consigo dizer algo mais além dos meus simples sim.

— Como está?

E continua falar. Pallina me olha mas não fala nada. Acena um "quem é?" movendo a cabeça. Mas não lhe dou tempo. Me viro para a janela. Olho pra longe sentido a sua voz.

— Sim, prometo. Te ligo e vou te encontrar, sim...

Segue um difícil silêncio procurando o que dizer para nos despedirmos.

— Tchau. E desligo.

— Mas quem era? Algumas das tuas mulheres?

— Sim e não.

Sorrio falsamente divertido, procurando esquecer aquele difícil telefonema. Mas não lhe dou tempo de insistir. — Era minha mãe. — Agora, saímos ou não para este tour-local?

Vinte e nove

O sol está completamente estendido à luz do cenário. Mas não depende de seus raios esta luz que agora ilumina seu rosto. Babi sai de casa. Se move ligeira, rápida. Como quando se vai ao encontro de algo que se espera há muito tempo, talvez desde sempre. Usa seu traje novo, de cor azul elétrico. Prendeu o cabelo, descobrindo suas bochechas ligeiramente enrubescidas. E não certamente pela velocidade com que desceu as escadas. Não pegou o elevador por que lhe pareceu muito lento. As coisas, às vezes, não vão ao ritmo de nossa felicidade. É por isso eu agora está prestes a ir a garagem pegar sua Vespa. Nessa hora, com o tráfego que há, seria loucura pegar o carro. A Vespa é mais rápida ou, ao menos, anda ao passo de seu coração. Como dizia Cremonini quando cantava com os Lunapop: "E que fantástico dar volta com os pés sobre suas asas, em sua Vespa Especial que te tira todos os seus problemas..."

Mas Babi não tem problemas, e mais, a única coisa que precisa e gostaria era correr, e não chegar tarde a seu encontro. Quem sabe como irá, e se será como espera. Um estranho murmúrio interrompe seus pensamentos. Não parece um gato, nem o vento. E muito menos Fiori.

— Olá.

Quantas vezes ouviu essa voz, só que hoje parecia diferente, mas rouca. É como se chegasse de longe, de um lugar que talvez ela nunca tivesse visitado. Aonde se chega só quando nos sentimos sozinhos, muito sozinhos. E ali a voz já não serve, por que não há ninguém que nos escute.

— Alfredo... Como você está? O que está fazendo aí atrás?

— Olá, estava te esperando.

— Ah, escondido?

— Não estava escondido, só estava aqui atrás; se você tivesse olhado teria me visto. Aonde você vai? Está muito bonita.

— Obrigada... Tenho um encontro. Como você está?

— Por que você não respondeu minha mensagem ontem? Fiquei com o celular ligado a noite toda, mas não recebi nada.

— Sim, perdoe-me, é que acabou a bateria. Agora que você me lembrou, tenho que recarrega-lo logo... Sim, vi a mensagem ontem. Ei, agora não tenho muito tempo para conversar, podemos deixar para outro momento? Talvez um dia destes pudéssemos subir e conversar com calma...

— Um caralho com calma.

— Alfredo, o que está acontecendo? Que tom é esse?

— "Alfredo, o que está acontecendo? Que tom é esse?"... Olha-a. — Posso saber aonde você vai? Vai ficar com algum cara em Vigna Stelluti? Ou em corso Francia? Ou melhor, na frente do Falconieri para recordar os velhos tempos?

— Alfredo, não te entendo... e, de qualquer forma, não gosto do tom que você está usando. Pode me dizer o que aconteceu com você? O que ocorreu? Está estranho.

— Realmente, o que aconteceu quem teria que dizer era você, não é?

— Olha, não é uma questão para se transformar em uma tragédia...

— Ah, não importa! No fim, você sempre faz o que quer, né?

Ela está contente, ela está bem. Ela sai de casa bem bonita, com pressa, e vai ver quem sabe quem. Ou talvez eu saiba quem é esse quem?

— Posso saber o que você quer? Por que todas essas perguntas?

— O que está acontecendo? Por acaso não posso te perguntar nada? Está proibido? Você se lembra de quem sou, né? Sou Alfredo, quem...

— Quem o quê? Quem se esconde por trás de pilastras? Quem está tentando me fazer sentir culpada por não sei o que? Esse Alfredo?

A enxurrada de perguntas termina quase em um grito. As bochechas de Babi, agora estão vermelhas de verdade. E não de entusiasmo.

— Sim, precisamente este Alfredo. Ao que você deu um chute na bunda por prazer. Estupendo, Babi!

— Se continuar assim será pior, entende? Será pior para você também. Às vezes, simplesmente, as coisas não saem como queríamos, isso é tudo, não é culpa de ninguém, você não deve ficar assim... Não estrague ainda mais.

Quando as palavras não bastam. Por que dentro queima algo que não se pode dizer. Que não se consegue dizer. Quando quem está na sua frente, no lugar de dar a resposta que você queria, diz outra coisa. Diz mais, diz muito. Esse muito que não é nada, que não serve para nada. E que faz o dobro de dano. E o único desejo é devolver essa dor. Fazer dano. Esperando assim sentir-se um pouco melhor. Alfredo lhe dá uma bofetada no rosto, forte, enérgico, preciso, raivoso, mal educado.

— Alfredo, você está louco?

Não está. Está ali olhando sua mão como se não fosse sua, mas é. E acabou em um lugar errado. E agora não está certo de estar melhor. Babi está alterada. Está com os olhos cheios de lágrimas e uma de suas bochechas está mais vermelha do que antes. E não por culpa da raiva.

— Você está louco, você é um cara violento. Você sim que é. Step nunca teria se atrevido, ele nunca teria nem sequer pensado em me fazer algo parecido! Você é um imbecil, contrário de um bom garoto, você é um animal. Uma besta! Vou embora, e é a única coisa que lhe digo. E sim, se quer saber, vou fazer algo importante, muito importante. Que tem a ver com minha vida futura. Com o amor. E nunca te perdoarei por ter me feito chegar tarde.

Sai com a mão na bochecha, veloz, mais não tão rápida do que quando saiu de casa. Tenta se tranquilizar, se acalmar. Levanta a porta da garagem e olha pelo retrovisor da Vespa. Quem sabe — pensa. — Talvez o vento consiga refrescar minha bochecha. Talvez o vermelhidão suma. Do contrário, como parecerei quando chegar? Sinto por ele, mas está louco de verdade. Demorou séculos para se recuperar, e agora me olha, com o rosto desfigurado e os olhos brilhantes.

●●●

Não respondeu. Não voltou. Sua mão ainda treme, mas não se compara com o terremoto que lhe sacode por dentro. Não sabe o que dizer. E não dirá nada. Esse silêncio em que vive há alguns dias está lhe abraçando outra vez, está roubando essa última gota de esperança que o havia levado outra vez ali, a esconder-se atrás de uma pilastra para lhe esperar. Para saber uma verdade que

já teria que conhecer. Por que os fatos falam mais claramente do que as pessoas. Mas ele não os escutou.

Nem antes, nem agora. E enquanto sobe as escadas, sente em suas costas o ruído da Vespa que sai a toda velocidade, tão nervosa como sua motorista.

Perdão, Babi, não quis fazer isso. De verdade, não queria. A próxima vez sairá melhor. A próxima vez falaremos com calma, talvez irei a sua casa e tomaremos chá. E me contará aonde foi hoje.

Trinta

Vamos de noite na moto, eu e Pallina. Deixo a 750 ir sozinha. Uma velocidade tranquila, pensamentos ao vento. Ela me abraça forte, mas sem exagerar. Dois humanos equivocados, conjunções astrais de um destino estranho. Eu, o melhor amigo do seu namorado, ela a melhor amiga da minha namorada. Mas tudo isso pertence ao passado. Subo a rua veloz, o vento refresca. Leva embora meus pensamentos. *Ah,* suspiro. *É bom às vezes não pensar. Não pensar. Não pensar...*

Vento, velocidade e barulhos longe. *Não pensar.* Vários lugares.

Akab como primeira etapa.

Aqui conheço todos, ficarão felizes em te ver.

Me deixo guiar. *Entramos,* saudações. *Reconheço alguém.*

Um rum, obrigado.

Claro ou escuro?

Escuro.

Um outro lugar. Charro Café. Me deixo levar.

Um outro rum, com gelo e limão.

Depois no Alpheus.

E outro rum. Gelo e limão. Aqui toca de tudo: música anos 70 e 80, hip-hop, rock, dance. Depois ao Ketum bar. Me esqueço onde estacionei a moto. O que importa — Outro rum, Gelo e limão — Rimos. Comprimento alguém. Um me aparece na frente.

Caramba Step, você voltou! Recomeçam as histórias, hein!

Sim, recomeçam. Mas quem era aquele? Um outro lugar e outro rum, e depois outro, e outro e outro. E outros dois runs. Mas quem era aquele que apareceu na minha frente. *Ah sim*, Manetta. Dormiu uma vez na montanha. Sim, estávamos em Pescasseroli. Debaixo de um edredom com os pés de fora. Colocamos fósforos entre os dedos dos seus pés, com a cabeça pra fora e os

acendemos. Caramba, que salto que deu quando acordou sentindo-se queimar. E nós, lá embaixo rindo como loucos. Eu e Pollo. E ele pulava pelo quarto com os pés queimados, e gritava. Merda, que pesadelo! Que pesadelo, merda! E nós embaixo rindo até passar mal. Eu e Pollo. Quanta risada. De loucos. Eu e Pollo. Mas Pollo não está mais aqui. Me vem uma tristeza forte. Um outro rum, de uma vez, pra dentro.

Enquanto danço com Pallina, a sua namorada, a mulher do meu amigo, o amigo que não está mais aqui. Mas danço, somente danço e rio, rio com ela. Eu rio e penso em você.

Um outro rum e, não sei como, estou embaixo de casa.

Ei, chegamos.

Desço da moto um pouco cambaleante. Aquele último rum foi demais.

Onde colocou a SH?

Não, vim de carro, agora tenho um 500 modelo novo.

— Ah bonito! — Na verdade é um dos carros que menos gosto. Mas lhe dizer adiantaria alguma coisa? Não ,não que eu tenha ficado quieto, ao contrário, falo mais:

— Muito boa, não consomem nada e as peças para troca são baratas.

— Sim, de fato.

— Noitada divertida né?

— Fortíssima. - Sobre isso sou sincero — Mudaram os lugares do Testaccio.

— O que quer dizer?

— Está melhor. Boa música, gente que parece se divertir de verdade. Músicas potentes, se dança bastante. Sim, uma ótima noitada.

Pallina mexe no bolso e na jaqueta.

— Acho que esqueci as chaves lá em cima.

— Não tem problema, subimos.

No elevador um silencio estranho. Nossos olhares se cruzam. Permanecemos sem conversar. Pallina sorri com ternura. Eu batuco no ferro da parede, sobre o espelho. Merda, as vezes o elevador parece não chegar nunca. Ou foram os vários runs deixaram mais devagar esta viagem. Ou outra coisa? Chegamos. Abro a porta de casa e Pallina se enfia dentro. Olha em

volta, vai em direção a mesa. — Aqui estão, as encontrei — Me cobriu o ângulo de visão, não vi nada. As chaves estavam de verdade sobre a mesa, as havia esquecido, ou era uma desculpa para subir. Mas o que tem na cabeça? Está mal. Por que pensa estas coisas, Step? Muito rum. As chaves estavam sobre a mesa, deviam estar ali.

— Ei, mas tem também um terraço.

— Sim, sabe que nem me lembrei.

— Nossa! Como sempre distraído.

Abro a porta e saio. Tem uma lua linda. Alta, redonda, ali entre os edifícios longes, todos banhados pela sua palidez. Silhueta de velhas antenas, parabólicas modernas, e depois, quase uma contradição, roupas estendidas do dia anterior. Respiro forte, perfume de jasmim de verão, ar noturno de setembro, grilos longe, silêncio em volta. Chega Pallina nas minhas costas.

— Pega te trouxe outro — Me passa um copo.

— Pra fechar bem a noite.

O pego e levo a boca, cheirando-o.

— Um outro rum. Parece bom também.

Paolo me surpreende cada vez mais. Rum em casa. Está melhorando. Dou um gole. Deve ser Pampero. Não, um Havana Club, sete anos, pelo menos.

— Muito bom.

Volto a olhar longe. Depois um barulho de carro desaparece pra algum lugar.

— Sabe Step, preciso te falar uma coisa.

Fico em silêncio. Continuo a olhar pra longe. Dou um outro gole sem me girar. Pallina continua falando. A sinto atrás de mim, perto das minhas costas.

— Não vai acreditar. Desde quando Pollo morreu, não estive com nenhum outro homem. Acredita?

— Por que não acreditaria. — Continuo de costas.

— Nem mesmo um beijo, te juro.

— Não jure. Não acho que me diria mentiras.

— Uma eu te disse.

Me viro e a olho nos olhos. Ela sorri.

— A chaves estavam na jaqueta. — Um sopro de vento quente da noite agita suavemente seis cabelos escuros. Pallina. Pequena mulher crescida. Está com a pele arrepiada e fecha os olhos, presenteando-se com respiro profundo. Depois se aproxima e me abraça. Apoia a cabeça no meu peito. Doce amiga perfumada. A deixo fazer.

— Sabe Step, estou muito feliz que esteja aqui.

Fico com os braços inertes não sabendo o que fazer. Depois apoio o copo sobre o parapeito e a abraço devagar. Percebo que sorri.

— Bem vindo. Por favor, me abrace forte.

Fico assim, sem encontrar forças para abraçá-la mais forte. Tento me desculpar.

— Escuta... mas não dá tempo. Ela levanta a cabeça do meu peito e me dá um beijo. Apoia seus lábios sobre os meus, e abre a boca. Depois tenta mexer-se, se agita lentamente, com os olhos fechados. Inclina a cabeça para a direita, e para a esquerda, procurando o encaixe justo, a posição, o desenvolver natural.

Mas é impossível. Eu estou parado. Imóvel Não sei o que fazer, não quero magoá-la. Permaneço assim, com os lábios fechados, seguramente frios, talvez de pedra. Pallina lentamente acalma sua agitação desesperada. Depois inclina novamente a cabeça sobre o peito e começa a chorar. Em silêncio. Pequenas sacudidas da sua cabeça, depois soluços desesperados. Me abraça forte para não se separar de mim, envergonhada do meu olhar. Eu devagar, acaricio seus cabelos.

Depois sussurro nos seus ouvidos: — Pallina.... Pallina, não faz assim.

— Não devia ter feito isso jamais.

— Ma o que você fez? Não aconteceu nada. Não foi nada. Está tudo certo.

— Não. Tentei te beijar.

— Sério? Nem percebi. Vai, que o nosso amigo seguramente está nos olhando e rindo de nós.

— De mim, talvez.

— Comigo está bravo porque não quis te beijar.

Pallina começa a rir. Mas é uma risada nervosa, enxuga o nariz com as mangas da jaqueta. Um pouco ri e um pouco ainda chora.

— Me desculpe Step.

— Mas ainda... Mas te desculpar de que? Olha que se continuar com esta história te levo pra cama.

— Sim, talvez.

Ri de novo mais tranquila agora. A agito com cara de ameaçador.

— Para dormir, o que achava hein? — Sorri de novo.

— Isso vou fazer de verdade.

E sem dizer mais nada, ainda envergonhada vai em direção a porta. Para por um instante.

— Por favor Step esquece isso e me liga. — Sorrio e aceno que sim.

Depois fecho os olhos e em um instante Pallina não está mais. Fico assim, em silêncio de pé na sala, depois olho em volta e vejo a garrafa de rum. Eu tinha razão. È um Havana Club. Porém somente de três anos. Que mão de vaca é Paolo. Saio do terraço. Olho pra baixo e vejo o 500 de Pallina que vira ao fim da rua. Bebo o último gole da garrafa sem passar pelo copo e fico ali. Com os braços cruzados, apoiado no parapeito, com a garrafa próxima, mas vazia. Puta que pariu! Estou com uma raiva e não sei como acabar com isso. Caralho e vai tomar no cu. Por que? Por que? Por que? Merda. Não posso fazer nada. Nem me amaldiçoar. Não, não serviria pra nada. Mas não quero pensar nisso. Estou mal, saco. Olho pra baixo. Lá está. Obrigado. Sou mais feliz agora. Pego a garrafa pelo gargalo, Junto todas as minhas forças e a lanço lá embaixo como um boomerang, perfeito, veloz, só espero que não volte. A garrafa gira a 200 mil e pum, e acerta em cheio o meio do parabrisa da Twingo. Destruindo-a. Era uma twingo nova, perfeita. Creio que preta, ou talvez escura. O conjunto de tudo que odeio. Só um golpe. Como um caçador.

Trinta e um

Um vento suave escapa entre pequenas casas ordenadas, entre mármore branco e cinza, entre flores recém-murchas e outras recém-plantadas. As fotos recordam alguém. Amores passados, vidas destruídas, ou naturalmente, amputadas. Seja como for, passadas, arrebatadas. Como a de meu amigo. Às vezes, tudo isto acontece sem um motivo, e a dor é ainda maior. Levo um ramo de flores na mão, os girassóis mais bonitos que pude encontrar. Na amizade, como no amor, não se deve reparar nos gastos. Pronto, cheguei.

— Olá, Pollo.

Olho essa foto, este sorriso que tantas vezes me fez companhia. Essa imagem pequena. Essa imagem pequena, assim como era grande e generoso seu coração.

— Trouxe isso para você.

Como se não viesse, como se não soubesse. Agacho e tiro as flores murchas de um pequeno vaso. Pergunto-me quem trouxe e quando. Talvez tenha sido Pallina. Mas depois abandono essa ideia, a afasto de mim como as flores recém tiradas. Acomodo melhor que posso os girassóis. Parecem ainda mais fortes por esses campos, sãs desses sóis. Coloco com cuidado, deixando espaço entre uma e outra. Parecem quase se acomodar naturalmente. E, em seguida, se orientam em direção do sol, como um suspiro largo, de satisfação, como se tivessem procurado sempre este vaso.

— Isso, pronto.

Fico um momento em silêncio, quase preocupado por ter sido mal interpretado, por ter tido algum pensamento errado, não puro, como, é nossa amizade.

— Mas não é assim, Pollo, e você sabe. Nem sequer foi assim por um instante.

E, depois, quase me eriço em defesa de Pallina.

— Tem que entendê-la, é uma garota e sente muito sua falta. E você sabe, ou talvez não saiba, o que diabos você fez para ela, o que você significava para ela, quanto a fazia rir, quão feliz você a fazia. Nós podemos dizer isso. Quanto a queria...

Olho ao meu redor, quase preocupado que alguém tenha ouvido essa confidência.

Longe, muito longe, há uma mulher mais velha vestida de preto. Reza. Um pouco mais além, um jardineiro e seu ancinho tentam recolher folhas já amareladas. Volto com meu amigo. E com ela.

— Deve entendê-la, Pollo. É uma menina. Tornou-se uma mulher. É incrível como se transformam... Às vezes, você se reencontra com elas, e basta um pouco de tempo, um instante, para falar alguma outra em seu lugar. Ontem não tive dúvidas, não sei, não poderia, nunca. Eu sei que nós rimos mil vezes e sempre brincamos sobre "nunca diga nunca", mas é bonito ter algo na vida que significa uma certeza, não é? Foda, a verdade é que só nós mesmos podemos ser uma certeza. E eu gosto muito de dizer "não", entende? Eu gosto muito de dizer "não". E eu gosto muito de dizer "não"! Inferno, eu gosto de dizer por você, pelo que foi e pela nossa amizade. Porque é uma certeza, é minha certeza. Já imagino, você deve estar rindo. Acha que sou um imbecil, hein? É mais, eu sou. Se tivesse soltado este discurso em qualquer lugar enquanto estivéssemos juntos, você teria zombado de mim. Mas como não pode me responder... Bom, então, tem que escutar toda esta história, de acordo? E de qualquer forma, já sei o que teria me perguntado. Não, não a vi e não tenho intenção de vê-la, certo? Ao menos, por agora; não estou preparado. Sabe, às vezes, penso em como as coisas teriam sido se fossem de outra maneira. Se ela tivesse ido em seu lugar. Você e eu, como amigos, nunca teríamos nos deixado, enquanto que ela, talvez eu nunca a esquecesse. Mas queria te contar algo dessa Gin: é um sopro de ar fresco. Juro; é alegre, simpática, inteligente, é ótima. Não posso te dizer mais, por que, por que... ainda não dormi com ela...

Nesse momento, a idosa passa ao meu lado. Acabou suas orações. Olha-me com curiosidade e esboça um estranho sorriso. Não entendo bem se é um sorriso de solidariedade ou de simples curiosidade. O certo é que sorri e se

afasta

— Bom, Pollo, eu também já vou indo. Espero poder te contar logo alguma novidade sobre Gin, algo bom.

Não muito longe acaba de chegar um novo inquilino. Algumas pessoas descem de carros em silêncio. Olhos brilhantes, flores frescas, últimas recordações. Palavras ditas à meia voz tentando saber o que fazer. Tudo é confuso por causa da dor. Depois, agacho-me pela última vez. Coloco melhor esse grande girassol; concedo-lhe um pouco mais de espaço e a ocasião de fazer companhia ao meu amigo de alma. Vem a minha cabeça uma frase de Winchell: "O amigo é aquele que entra quando todo mundo tem saído". E você, Pollo, ainda está dentro de mim.

Trinta e dois

— E então, o que fez? Saiu?

O olho sorrindo.

— Saí com uma velha amiga.

— E então ressuscitou o passado e afogou o ganso...

Olho pra ele. Marcantonio faz uma cara estilo Jack Nicholson e tenta entender com simpatia os meus segredos. Ma não sabe a história. Não sabe quem é Pallina. Não sabe nada de Pollo e eu. Soaria-lhe bem?

— E eu fiquei com a Fiori.

— E então?

— Eu não entendo as mulheres. Um beijo, um outro beijo, uns amassos, começo a tocá-la como se deve, mas no fim, desculpa, não é melhor transar diretamente? Ah, não, é muito cedo, é muito cedo. Mas cedo pra que?

Um pouco mais adiante. A mesma cidade, a mesma história. Ou melhor: do ponto de vista feminino.

— E então, o que fizeram?

Silêncio. Puxo-o pelo pescoço e ponho a minha fivela na sua na garganta.

— Se não falar, te estrangulo.

Ele quase tosse.

— Ok, ok, está louca? Quase me sufoca. E depois, quem te conta estas "prudites"?

— O que?

— *Prudités*: pequenas coisas... está mesmo por fora.

Ele sacode a cabeça, me olhando.

— Olha Ele, no caso é pruderie, mas você não consegue usar três palavras em italiano, sem colocar no meio uma palavra estrangeira?

— Yes, i do.

Olho para o céu. Incorrigível. — Ok, me conta ou não?

— Então, sabe o que fez? Me convidou pra jantar na sua casa.

— Mas quem?

— Marcantonio, o designer gráfico.

— O amigo de Step!

— Marcantonio é Marcantonio e basta! E não sabe que fofo, como se esforçou, me preparou um jantar maravilhoso.

Marcantonio sorri. Como quê de sabe tudo. Ou melhor sabe de memória, tantas foram as vezes que pôs em prática

— Então, pra começar fui a Paolo, o japonês da Via Cavour e comprei algumas coisas. Tempurá, sushi, sashimi, maracujá. Coisas que animam, alto conteúdo erótico. As subi, dei umas esquentadas no t*empurá*, e *voilá*, tudo pronto. Pus a mesa com os clássicos palitos japoneses, mais um garfo caso não tivesse muita familiaridade com a comida oriental.

— Também comprou do marroquino do semáforo as clássicas flores de 5 euros?

— Bem, sim, aquelas são ideais. Pouco gasto pra um efêmero centro de mesa.

Ele parece entusiasmada com a noitada.

— Bem, continua. Então, colocou a mesa com amor, coisas escolhidas com gosto.

— Com muito gosto.

— Está pronta? Pergunta fundamentais: tinha flores na mesa?

— Claro! Rosas pequenas, lindas, até fez um jogo com meu sobrenome.

Começamos a rir, depois fico séria.

— Ele, agora me diz a verdade — Ele levanta os olhos para o céu.

— Sabia. Fim papo e até a próxima. Pulo de novo no seu pescoço: - Desta vez te estrangulo de verdade.

— Não, ok, de acordo, eu falo.

A libero do apertão. Ele me olha com os olhos preocupados, levantando a sobrancelha.

— Ei, mas não é que me estrangula de verdade.

A olho preocupado.

— O que fez?

— Ok. fiz um boquete nele.

— Não, Ele, não é possível. No primeiro encontro! Nunca vi isso.

— Mas o que diz? Benedetta, aquela que você julgava uma santa, a Paoletti, lembra, né? A flagraram no banheiro de Piper, de joelhos, em santa adoração oral com o tal Max que conheceu na pista de dança. Tempo para conhecerem-se: metade do disco de Will Young... A cover dos Doors, "Light my fire". Depois de ser pega naquele fogo, ainda cantou no microfone e se deixou beslicar. E Paola Mazzocchi? Sabe que foi flagrada no banheiro da escola com o professor de educação física, Mariotti? Sabe ou não? Depois de apenas uma semana de escola. A adoradora dos canudos sicilianos! Esse apelido rodou por toda escola. E sabe por quê? Porque Mariotti tem os cabelos pintados de loiro, mas é de Catania.

— Sim, mas estas são lendas urbanas. Mariotti continuou dando aulas. Você acha que seria flagrado e não o afastariam?

— Ah, não sei. Só sei que A Mazocchi só tirava quatro em Educação Física.

— O que tem a ver?

— Tem a ver... Quer dizer que não sabia fazer nem mesmo um boquete.

— Ele, mas está louca! Quer dizer que se gaba da sua coragem! Te estrangulo de verdade.

Marcantonio gosta de contar.

— Lhe fiz um *body art.*

— O que quer dizer?

— Você que veio de New York não sabe? Bom, eu tenho uma desculpa, passei minhas férias em Castiglioncello... mas vocês ao contrário estava lá, na Big Apple, e não sabe do que estamos falando?

Bufo e sorrio, olhando.

— Sei o que é, mas o que quer dizer é outra pergunta.

— Ah sim, assim tudo bem. Pintei-lhe o corpo. A despi toda, depois comecei a pintá-la. Pinceladas quentes, suaves sobre o seu corpo, em cima e embaixo, molhando as vezes na água quente de um pote. Deslizava sobre seu corpo, lhe dando prazer, olhando-a. Suas bochechas também ficavam

vermelhas, sem que eu as pintasse. Pintei atrás aquela calcinha que tinha acabado de tirar, depois devagarzinho luz-e-sombra dos seus mamilos, que cada vez mais túrgidos, pareciam enlouquecerem com aquelas pinceladas quentes de prazer.

— E depois?

— Pega por um orgasmo cromático teve vontade de colorir o meu pincelo.

— Traduzindo?

— Me fez um boquete.

— Fiuuu. Sendo assim...

— Tem alguma esperança com a amiga, é isso que está pensando?

— Pensava em voz alta, equivocadamente... E depois?

— Depois nada, ficamos conversando amenidades, beliscamos um pouco de comida japonesa, e a acompanhei até em casa.

— Mas depois do boquete, não transaram?

— Não, ela não quis.

— Me explica um pouco, boquete sim e a transa não, que sentido tem?

— Tem toda uma filosofia. Pelo menos foi o que me disse.

— E não te disse mais nada?

— Sim, me disse: Precisa saber se contentar. Não, melhor. Disse que quem se contenta, goza. E começou a rir.

— Me desculpe Ele... Então tanto faz se transassem. Sexo por sexo...

— E o que tem a ver? Transar é uma outra coisa. A união perfeita. Envolvimento total. Ele está dentro de você, há a hipótese de um filho... Dá-se conta disso? Outra coisa é um boquete.

— Claro, como não!

— Escuta, para mim é como um comprimento mais afetuoso, tipo um aperto de mão.

— Um aperto de mão? Comentaria com seus pais?

— Claro, se saísse na conversa... Mas escuta, por acaso eles não fizeram? Somos nós que não conseguimos ver a normalidade do sexo, se deve falar disso como se fala de tudo, é que somos conformados, por exemplo, imagina tua mãe fazendo um...

— Ele!!!!

— O que? Tua mãe também se faz de difícil?

— Te odeio!

— Bom Step, agora tenho que ir. Quando temos reunião com Romani, os Serpe, e o resto do grupo?

— Amanhã às 11 horas. Isso é o fim... agora tenho que te lembrar das reuniões.

— Claro, esta é a verdadeira assistência. Então nos vemos amanhã um pouco antes da hora marcada.

O vejo distanciar-se assim, balançando um pouco, com um cigarro na boca. Depois de nem mesmo um passo, se vira. Me olha e sorri.

— Ei, me conte tiver novidades também com Biro. Não seja tão fechado hein? Espero seu relato e não invente nada. Um boquete se supera facilmente.

Trinta e três

Uma tarde como tantas outras. Mas não para ela. Raffaella Gervasi dá voltas inquieta pela casa. Algo não está certo. Um estranho mal-estar. Uma irritação profunda. Algo que esqueceu... ou algo que não pode lembrar. Raffaella tenta se acalmar. Que boba, talvez eu esteja assim por causa de Babi. Mudou tanto, e para melhor. Finalmente, sabe o que quer. Fez sua escolha e agora já não tem dúvidas. Mas eu? O que eu quero? E, de repente, se encontra em frente ao espelho da sala. Aproxima-se preocupada pela sua imagem, se olha, tenta alisar a pele com as mãos, ajudar-se, puxa para trás suas bochechas para acabar com os tempos passados, os anos que jazem ali, depositados agora ao redor de seus olhos. É isso, eu queria ter menos rugas, mas isso é fácil. Basta colocar um pouco de botox. Agora está na moda. Fazem uma espécie de festa onde corrigem essas "imperfeições estéticas". Passam com uma bandeja de prata, uma série de seringas... as pegam e as colocam como se fossem champanhe. Suaves, indolores, custam inclusive menos que um Moët. Mas é esse realmente o seu problema? Raffaella se olha nos olhos e tenta ser sincera ao menos consigo mesma. Não, tem quarenta e oito anos e pela primeira vez em sua vida tem uma dúvida a respeito de seu marido. O que está acontecendo? Cada vez mais vezes, volta tarde de seu trabalho. Verificou inclusive a conta que temos em comum no banco Há muitos pagamentos também. E se isso não fosse suficiente, comprou CD's. CD, hein? Eu olhei no carro, e andou escutando Maggese, de um tal de Cesare Cremonini, um garoto; Depois uma compilação de Montecarlo Nights, essa música noturna, estranha e sensual, e a gota d'água... Buddha Bar VII, é ainda pior! Para alguém que sempre só escutou música clássica e que, no máximo, se aventurou no jazz delicado, tudo isto é uma espécie de revolução. E por trás de cada revolução sempre há uma mulher. Mas, como é possível? Claudio... com outra! Não posso acreditar.

Por que não posso acreditar? Quantos casais de seu grupo já se separaram? E por que razão? Disputas sobre as escolhas de trabalho? Discussões sobre aonde ir nas férias de verão, se para o mar ou montanha? Diferenças sobre a educação dos filhos? Ou de que maneira mudar a decoração da casa? Não. Por trás há sempre e só outra pessoa: uma mulher. E quase sempre mais jovem. E enquanto confessa para si mesmo, Raffaella passa em rápida sucessão as fichas, as hipóteses, os rostos de todas as mulheres, essas amigas, quer sejam verdadeiras ou falsas. Nada, não sai nada. Não lhe ocorre nada. Nem sequer uma mínima hipótese, um nome, ou um endereço qualquer. Então, presa por um ciúme enlouquecido, se submerge no armário de Claudio e mergulha em cada canto, nas jaquetas, nos casacos, nas calças, procurando por qualquer evidência, cheirando as lapelas, os interiores, cheirando, para tentar encontrar esse perfume culpado, esse cabelo a mais, esse bilhete, um cartão de felicitação, uma frase de amor, um rastro de desejo... um plano de fuga! Qualquer coisa que possa dar paz a sua loucura histérica, a essa insegurança raivosa que sente. Claudio com outra. Perder tudo que parecia para ela e para sua vida uma certeza quase vulgar. Depois, repentinamente, uma luz, um flash, uma ideia. Talvez a solução Raffaella se desliza até a sala de jantar me busca da bandeja de prata em que está as cartas que acabaram de chegar. Ali está, inteiro. E ainda não abriram. Pega com ambas as mãos e começa a folhear rapidamente. Para Babi, para Daniela, para mim, para Babi outra vez... Aqui está, para Claudio. Mas é da Enel, uma solicitação de ofertas e descontos. Mas o que me importa agora? Aqui está: Claudio Gervasi. O extrato do cartão Diners. Raffaella corre até a cozinha, pega uma faca e gentilmente abre o envelope. Se encontro alguma prova, depois volto a fechá-lo, e deixá-lo em seu lugar, e finjo que nada aconteceu. Assim, depois o pego em flagrante e acabo com ele. Acabo com ele. Juro que acabo com ele.

Tira o extrato e começa a examiná-lo como se fosse a maior partida de pôquer jamais jogada no mundo. Cada linha é um sobressalto. A hipótese que o adversário possa ter na mão quatro mulheres. Ou ainda que seja simplesmente uma, mas de qualquer forma, outra. Raffaella repassa freneticamente todos os montantes. Nada. Todos os pagamentos regulares:

tarifa mensal, pagamento de gasolina para o carro... Aqui! Algo estranho. Comprou em uma loja de CD. Quantos CD's terá comprado? Bom, pelo preço que vejo deve ser os três que estão no carro. Nada. Aqui está o traje de Franceschini, na via Cola di Rienzo. Ele comprou grande demais e depois, Teresa, a costureira, fez a bainha da calça. Sim, tudo está em ordem. Raffaella olha agora mais tranquila as duas últimas linhas, pagou o telefone de casa... Minha nossa, dessa vez gastamos 435 euros... Mas não dá tempo de se irritar; ao pensar no que dirá as suas filhas, as únicas culpadas por essas cifras. Por que, repentinamente, seus olhos recaem sobre outro gasto: 180 euros por algo que ela nunca teria esperado.

Trinta e quatro

E no bairro de Prati, perto da Rai, na esquina entre as ruas Nicotera e Mazzini, tem a Residencia Prati, hotel de tantas pequenas estrelas do cinema, da ficção, dos seriados, dos programas de variedade, de toda TV italiana. E um pouco mais adiante tem também uma academia. Desço, é um porão. Não parece, mas são 400 metros quadrados, se não mais, bem distribuídos, diversos espelhos, claraboias, ventilação perfeita, um tubo de aço que vai pelo teto soltando o ar.

— Procura alguém?

Uma menina com o cabelo corto e penteado divertido me sorri, encostada atrás de um estranho balcão. Esconde um livro de direito, fechado com um lápis no meio e dois marca-textos ao lado, clássico do primeiro ano da universidade.

— Sim, estou procurando uma amiga minha.

— Quem é? Talvez a conheça. Se inscreveu faz tempo?

Me dá vontade de rir e responder: "Nunca". Mas seria como jogar pro alto qualquer chance com Gin. Fazer com que descubram a sua rede de academia, o máximo.

— Não, me disse que hoje queria fazer uma aula experimental.

— Me diz o nome que a chamo no microfone.

— Não, obrigado. — Sorrio, e me faço de ingênuo. — Quero lhe fazer uma surpresa.

— Ok, como quiser.

A menina fica tranquila e volta a estudar. Código penal. Errei, deve estar no mínimo no terceiro ano, se não tiver repetido algum... Depois rio sozinho. Quem sabe um dia poderá ser minha advogada. Provavelmente.

Lá está ela, Ginevra. Gin. A Biro. Louca. Fazendo honra ao seu sobrenome, descreve no ar uma trajetória perfeita antes de golpear o saco.

Salta continuadamente. Pseudo-pugilista. De repente me lembra Hilary Swank quando vai comemorando na academia, sozinha, o seu aniversário. Gira em volta do saco veloz, e Morgan Freeman decide lhe dar alguns conselhos de como golpear. Tinha ouvido que as mulheres italianas eram fissuradas em boxe. Mas pensei que fosse besteira. Mas ao contrário, é verdade.

— Vai assim, muito bem, golpe de direita. — Alguém a ensina. Mas não parece Clint Eastwood. Parece inclusive satisfeito, talvez quer somente levá-la pra cama. Simplesmente a olho. Simplesmente, porque mi parece que a olho diferente. Que estranho. Quando se olha uma mulher de longe, se percebe as particularidades, detalhes, como mexe a boca, como se agira, como morde os lábios, como bufa, como arruma o cabelo, como... tantas outras coisas. Coisas que de perto, perdemos, coisas que a poucos passos talvez passem despercebidos pelos olhos.

Gin continua a bufar golpeando repetidamente o saco.

— Direita, esquerda, embaixo! Muito bem, volte, direita, esquerda, embaixo.....Um pouco mais...

Continua a suar enquanto golpeia e agita os cabelos pretos para trás. Depois parece quase em câmera lenta, tira o cabelo do rosto com a luva, e a coloca atrás da orelha. Só falta que recomponha a maquiagem. Mulheres e boxe, coisa de loucos. Me aproximo devagar, sem ser percebido.

— Agora um fundo e embaixo.

Gin golpeia duas vezes de esquerda e depois tenta o fundo de direita.

— Pum — Vejo seu rosto surpreso, quase atônita. Veloz, fecho a minha mão em punho, e a golpeio sutilmente no queixo.

— Oi "Menina de Ouro". Pum, pum, estaria morta,. Se solta, libertando-se.

— Mas que diabos faz aqui?

— Queria experimentar esta academia.

— Mas olha! Justamente esta.

— De repente me é cômodo, e assim como você, eu também trabalho aqui perto...

— Fui escolhida a prescindir você.

— Mas quem te disse algo?

— Ofende.

— Está doente.

— E você é um imbecil!

— Chega, calma.... Não comecem a discutir aqui na academia, né?

Se mete no meio o treinador.

— E me desculpe Ginevra... está é a sua primeira aula experimental aqui não? Não está inscrita aqui na Gymnastic. Então ele não poderia saber, não poderia ter certeza de te encontrar. Foi por acaso.

A olho e sorrio. — foi por acaso. A vida é feita de acasos. E me parece absurdo procurar uma razão deste acaso. Justo? É uma casualidade e chega.

Gin bufa com as mãos no quadril, ainda prisioneiras das luvas.

— Mas que casualidade está falando?

— Muito bem Ginevra — reitera o treinador — tem muito rancor entre vocês dois Parece que se odeiam.

— Não, não parece. Nos odiamos!

— Agora prestem atenção. Você que acabou de sair da escola deve recordar. *"Odi et amo. Quare id fariam.... néscio..."*

Gin levanta os olhos pro céu.

— Sim, sim me lembro, obrigada. Mas aqui o problema é outro...

— Então devem resolver fora daqui.

A olho e sorrio.

— Exato, é verdade... é uma boa ideia. Sai?

— Deve estar atento. Não a subestime, Ginevra é forte, sabe?

— Claro que sei. È o *terzo dan*.

— Bem... — o treinador fica curioso. — Não sabia disso. Sério?

— Sim, estranhamento está falando a verdade.

O treinador se afasta, balançando a cabeça.

— Tem rancor, tem rancor. Assim não funciona, não funciona.

Depois volta sorrindo, como se tivesse encontrado a solução de todos os problemas mundiais. Pelo menos os meus e de Gin.

— Por que não fazem um pequeno combate? Desculpem, é o ideal, uma sã descarga de tensões.

Gin levanta a mão com a luva aberto para mim, me indicando.

— Imagina que este aí trouxe roupa para se trocar.

— Este aqui trouxe sim.

Sorrio divertido e pego a mochila das minhas costas.

— E agora, seguindo os conselhos do seu treinador, vou me trocar. Não se preocupe, nos vemos daqui a pouco.

Gin e o treinador ficam ali me olhando enquanto me distancio.

— Não tem nada melhor, no fundo aquele rapaz me parece simpático, e assim pode colocar em prática parte dos golpes que te ensinei hoje, de qualquer modo, me parece que os entendeu bem.

— Sim, mas você não entendeu quem é aquele?

— O treinador me olha perplexo. — Não, por que, quem é?

— Ele é Step.

Fica um pouco pensativo, com os olhos fechados, procurando na sua mente, entre suas recordações e o que ouviu dizer das tantas lendas urbanas. Nada. Não encontra nada.

— Step. Step. Step. Não, nunca ouvi.

A olho preocupada enquanto me sorri complacente.

— Não, de verdade. — Mas fique tranquila, vai acertá-lo.

E naquele momento entendo duas coisas. Um: com certeza não é um bom treinador, e dois, por isso devo começar a me preocupar.

●●●

Uma blusa leve, bermuda, meias e os novos Nike, comprados na *Nike Town* de New York.

— Oi Step — No vestiário encontro um que conheço, mas não me lembro o nome.

— Está treinando aqui?

— Só hoje. Quero fazer uma aula experimental para ver como funciona esta academia.

— Funciona bem, eu estou aqui! Além disso é cheia de gostosas. Viu aquela do saco de boxe? Pra levar pra cama.

— Daqui a pouco luto com ela.

— Não minta...

O tipo que não me lembro de jeito nenhum o nome, me olha surpreso, depois um pouco preocupado.

— Errei e não devia ter dito isso?

— O que?

— Que é boa pra levar pra cama?

Fecho com a chave o armário, e a guardo no bolso.

— E por que não? É verdade! Sorrio e saio.

●●●

Gin me olha fingindo sorrir.

— Fora que aqui não tem nada a ver o *terzo dan*, e como é repetitivo, não conseguiu encontrar nada novo?

Rio como louco e abro os braços.

— Não acredito. Estamos prontos para uma luta de boxe, um bonito encontro daqueles fortes... e você o que faz? Faz pouco caso.

— Bonito, fazer pouco caso, essa me faltava.

— Você não pode usá-la, os direitos de uso são meus — E logo depois... Bum. Isso não esperava. Me dá em cheio na cara um direito, veloz, preciso, posso dizer até inesperado como justificativa. Seja como for, me pegou.

— Muito bem, esplendido!

O treinador pula divertindo-se.

— Direita, esquerda a fundo, e se feche.

Mexo a mandíbula e a movo a direita e a esquerda ligeiramente dolorida.

— Nada quebrado?

Gin saltita cobre as penas me olhando e levanta a sobrancelha.

— Se quiser, começamos de verdade.

Depois saltando chega mais perto.

— Isso era só uma amostra, mítico Step. Ah, o meu treinador nunca ouviu falar de você.

A olho enquanto coloco as luvas.

— Tão pouco viu a foto que fiz de você com a *polaroid*. Claro que se a

visse...

— Se a visse?

— Bom, talvez pensaria duas vezes. Naquela foto está com tanto medo que de golpe lhe passaria até a mesmo a vontade de te levar pra cama.

— Estou cheia de você.

Gin me pula nas costas com uma fúria e começa e me golpear. Detenho, rindo, as mãos que voam par todos os lados, com as luvas abertas, fechadas, apertadas. No fim me dá um pontapé certeiro.

— Ei...

— Golpeado e afundado. Baixo ventre. Me pega ali em cheio. Me dobro em dois de tanta dor. Consigo encontrar um pouco de fôlego.

— Ai! Não vale.

— Com você vale tudo.

— Bom, Gin, se também quisesse te demonstrar meu amor, agora não estaria a altura.

— Não te preocupes... Confio na sua palavra.

Filha da puta, me distraiu, me fez rir e depois me quebrou. Continuo dobrado em dois procurando me recuperar.

Se aproxima o treinador. — Problemas?

Apoia mão nos meus ombros.

— Não, não, tudo no lugar... ou quase.

Bato os pés e coloco as mãos na cintura e respiro fundamente enquanto me levanto.

— Bem, veja, agora poderia acabar com você, se não tivesse pena.

— Como é caridoso. Subimos no ringue?

— Claro!

Gin me sorri tranquila. Passa segura por mim. O treinador se coloca na borda do ringue e levanta as cordas nos ajudando a passar por baixo.

— Ei rapaz, te peço... nenhum golpe proibido e vão devagar hein? Assim podemos ter um belo encontro.

Gin me alcança no centro do ringue, nos cumprimentamos com a luva. Os dois juntos, como nos filmes.

— Está pronta?

— Estou pronta pra tudo. E não lhe dê atenção, ele não é meu treinador e você está acabado! Te aviso que valem todos os golpes, principalmente aqueles proibidos, pelo menos da minha parte.

— Ai, ai, ai... que medo!

Como resposta, tenta me golpear o rosto, mas desta vez estou esperto, paro com a esquerda e lhe dou um belo chute na bunda, mas sem machucá-la

— Ehehe, agora eu também estou aqui. Então, começamos?

Saltamos pra lá e pra cá, girando, nos estudando enquanto Nicola, o treinador, começa a contar o tempo em um cronometro Swatch ou algo parecido. Gin começa a me golpear sorrindo.

— Ei, se diverte agora, né? Faz bem, porque daqui a pouco...

Depois um gole em cheio na barriga, me tira o ar. É rápida menina.

-— Recupere o fôlego, mítico Step, que está precisando dele. Te disse que fiz também *full contact*? — Continuo a saltitar enquanto me recupero. — Primeira regra, deve sempre atacar depois de um golpe forte, senão...

Ataco mas não muito forte, nem muito rápido. Direita, ainda direita, depois driblo de esquerda, e depois de novo de direita. Nos primeiros três, ela se defende perfeitamente, mas acerto o direito final. Depois vejo Gin reclamar do golpe, se coloca a esquerda e quase escorrega. A golpeei muito forte. A pego antes que caia no chão.

— Desculpa, te machuquei? — Sinceramente preocupado – É que...

— Gin responde com um *uppercut* que me arrasta a cabeça. Me rompe as palavras da boca. Ainda bem que só aquelas. — Não me fez nada – Bufa orgulhosa e vira veloz a cabeça, colocando o cabelo para trás, depois me ataca. Um gancho duplo. Direita, esquerda e com a planta do pé me empurra pra trás e me soca embaixo. Direita, esquerda e direita. Esquerda, direita, gancho, me defendo como posso, para não golpeá-la, me defendo sorrindo, e para ser sincero, as vezes com dificuldade. Me encurrala no canto e me ataca.

— Ei, quanto entusiasmo.

Me cubro com as luvas, e ela continua a me golpear, e tenta um golpe de direita e tac, o faz. Estendo meu braço esquerdo bloqueio o braço direito sob o meu, e a prendo junto ao meu corpo bem agarrado.

— Prisioneira!

Fica assim bloqueada, com a esquerda ligeiramente mais longe.

— Vai com muito entusiasmo, viu o que acontece?

Gin tenta se libertar de todo jeito. Se joga pra trás, se apoia nas cordas, se joga contra mim, pra trás, se debate para se soltar. Lhe dou um soco leve com a direita no rosto.

— Pum... vê o que eu posso te fazer? — Continuo a golpeá-la — Pum, pum, pum. Gin pungiball... está acabada!

Como resposta, como uma louca, tenta me golpear com a esquerda. Me defendo com facilidade, mas ela não se rende, pum, pum, pum, detenho todos os golpes, um depois do outro. Gin tenta por baixo, depois com um direito, um gancho, de novo por baixo, sobe com um pé sobre a corda e dá um impulso para me golpear mais forte. Não faço nada, fico parado no canto, e tenho a direita bem agarrado a mim. Gin está fora de si.

— Ai! — Tenta me golpear de novo com um gancho esquerdo, mas o faz mais devagar, talvez um pouco cansada. Ai está, o erro que eu esperava. Estico o braço direito, e seguro o seu esquerdo, colocando-o bem agarrado a mim.

— E agora? — Continua assim, me olhando no olho, completamente presa — Onde vai agora, Gin, a tigresa? — Tenta se soltar — Quieta, fique quieta. Aqui nos meus braços — Tenta de novo se soltar mas não consegue. Me aproximo e a beijo e parece deixar por um instante. — Ai! — Me mordeu. Deixo-a se soltar, liberando os dois braços. — Caramba! — Coloco as luvas na boca pra ver se sai sangue. — Mas assim arranca um lábio. Quer também arrancar outras coisas!! Olha que essas defendo com unhas e dentes...

— Já te disse, não tenho medo.

E pra confirmar, tenta um *waikiki*. Se gira para golpear-me com um pontapé. Mas eu sou mais rápido, escorrego pelo chão, fazendo-a cair perto de mim. — É inútil, Gin, é como quando Apollo no Rocky 4 diz: "Eu te ensinei quase tudo. Você combate como grande, mas eu sou grande!" Logo já estou em cima dela, bloqueio seu corpo com as pernas enroscadas na cintura, e com o direito, mantenho seu rosto sobre o chão, ali, perto do meu.

— Então? Sabe que está linda assim? É um sentimento sincero o meu. — Não sei por que, mas me lembra muito Máquina Mortífera. Quando Mel

Gibson e Rene Russo comparam suas cicatrizes, e depois caem no chão. Mas nós somos mais bonitos, somos verdadeiros.

— Gin, o que acha de fazermos amor?

Gin sorri e balança a cabeça. — Aqui? Agora, no piso da academia, em frente ao Nicola, e os outros que estão nos vendo?

— O truque é só não pensar nisso.

— Mas o que está dizendo Step, é idiota? Depois talvez, contarão o tempo.

— Ok, então voltamos ao combate, como quiser. Te dei uma chance. — Nos levantamos juntos. Desta vez porém, divertido, a ataco. A aperto no canto e começo a golpeá-la, sem pressionar demais. Gin é rápida e tenta sair. Com um empurrão a coloco de novo no canto. Ela se abaixa, se esquiva, tenta sair, mas eu a bloqueio e a coloca ali. Ela muito rápida fecha os braços bloqueando-me o direito e depois o esquerdo.

— Tá tá... te bloqueei eu. E agora?

Na verdade com uma cabeçada me liberaria rápido, mas não é o caso. Gin suspira.

— Como sempre é o meu prisioneiro, não arrisque me morder hein? Juro que se fizer, te derrubo.

Me seguro e me beija. A deixo fazer, divertido, saliva e suor, beijos amáveis e suaves, ansiosos e esquivante. A deixo fazer, sim. Brinca com meus lábios, a abraço com as luvas, e ela se esfrega a mim, bermuda e blusa, suada no ponto certo. Os seus cabelo grudam no meu rosto escondendo-me dos olhares indiscretos.

Mas Nicola, que seguia controlando o tempo, não podia se perder nesse estranho encontro.

— Primeiro queriam se matar, agora fazem esse estardalhaço. Que juventude absurda.

E se distancia balançando a cabeça. Estardalhaço o que estamos fazendo? Isso é arte, cara. Arte fantástica, super sutil, mística, selvagem, elegante, primordial. Continuamos a nos beijar no canto do ringue, nos esfregando, agora mais livres no abraço e excitados, pelo menos eu. Fora do tempo... máximo. Deixo escorregar as luvas que acaba por acaso entre suas

pernas, mas Gin as tira... Depois, como se não bastasse, sobem no ringue dois tipos de 40 anos com par de correntes no peito, os cabelos grisalhos e aspecto cansado.

— Desculpem, não queríamos atrapalhar esse *match*. Mas nós queremos boxear de verdade, se não se importarem.

— Sim, vão com este idílio pra outra parte, vão.

Riem. Pego Gin por um braço apertando com o dedo da luva e a ajudo a sair do ringue. O mais gordo, que ainda por cima fuma, não perde a oportunidade.

— Ai que graça, ainda luta com uma mulher...

Gin escapa das minhas mãos e se enfia veloz sob a corda entrando de novo no ringue.

— Que graça, que graça... quer ver? E se põe em posição. Me meto no meio antes que tudo desmorone.

— Ok, ok. Te deixaremos lutar. Nos desculpe. A menina está nervosa.

— Eu não estou nervosa.

— Então é melhor irmos tomar um sorvete.

Então digo a Gin, sussurrando ao ouvido: — Te ofereço, mas te peço, deixe-o. — Gin estica o braço. — Ok, ok.

— Muito bem, vão tomar o sorvete, vão.

— Sim, um sorvete ao beijo.

Os dois riem. Depois um tosse catarroso. Faltava-nos mesmo uma piada. Gin tenta virar-se de novo, mas a puxo com força.

— Se trocar, banho, e depois sorvete. Força, e sem discutir.

— Ai, mais medo que meu pai. Olha, estou tremendo inteira. E simula um *ballet* de traseiro, imitando as mulheres africanas. Porém, lhe do uma palmada na bunda.

— Força, já disse, vá se trocar.

E com um último empurrão consigo, a força, colocá-la dentro do vestiário. Ufa, que canseira. Se for assim pra tudo. Missão impossível. Não acredito. Gin sai de novo na porta do vestiário.

Eu também vou me trocar. Que luta. Não sei se é melhor dentro ou fora do ringue. Pego as chaves do armário e começo a me trocar. Mas o que tem de

especial? Me enfio no banho. Sim, ok, uma bela bunda, um belo sorriso... Encontro um shampoo deixado por qualquer um, e derramo sobre a cabeça. Sim, é também divertida, as academias gratuitas. Sempre com uma brincadeira pronta. Até esgotar. Sim, mas há quanto tempo não tenho uma história como se deve? Dois anos. Mas que bem que está. Livre e belo. Rio como um imbecil enquanto o shampoo escorre pelos olhos, merda. Queima. Nenhum incomodo: o que faz esta noite, o que faremos amanhã, o que faremos no fim de semana, te ligo depois, diz que me ama, você não me ama mais, mas como não te amo, quem era aquela, por que falou com ela, com quem estava no telefone? Não, não existe. Me recuperei faz pouco tempo, isto é se me recuperei mesmo. Quero as garotas do calendário. O primeiro dia do mês essa, o segundo a outra, o terceira uma outra, o quarto quem sabe, talvez nenhuma, o quinto aquela estrangeira conhecida por acaso, o sexto... o sexto.. está sozinho, eu sei. Mas o que me importa, não quero me prender. Me enxugo e coloco a bermuda. Não quero dar explicações. Fecho a blusa e pego a bolsa. Vou até a saída. Nem me despeço, a verei mais tarde no Teatro *delle Vittorie*. Ah não. Hoje não foram convocadas. Tudo bem, lhe digo amanha quando a ver. Na verdade aquela é capaz de aparecer na minha casa e armar um escândalo. Se eu não estiver, atormentará Paolo, e com ele conseguiria fácil, o quebraria. Vai pensar que é uma selvagem, uma fera, uma tigresa. Que saco! Tenho que esperá-la. Quem sabe quanto demorará para ficar pronta. Que tipo de mulher será? Sofisticada, desencanada, gastona, cuidadosa com o dinheiro, viciada em cocaína, putinha, impossível? Chego no bar e peço um Gatorade mas não muito gelado.

— Qual sabor?

— Laranja.

Depois a resposta vem sozinha. Gin é natural, selvagem, elegante, pura, apaixonada, antidrogas, altruísta, divertida. Depois rio. Mas que saco! Talvez seja lerda e eu tenha que esperar. Desembolso 2 euros, tiro a tapa e bebo o Gatorade. Olho em volta. Um tipo bem vestido lê "Il Tempo". Come por inércia um arroz insosso colorido por alguns grãos de milhos e uns pedaços de pimentão que parecem estar ali por acaso. Na mesa vizinha, um pseudo-hemofílico conversa com uma garota com um tom de voz falso. Se mostra

excessivamente alegre com qualquer coisa que ela lhe fala. Duas amigas planejam talvez uma hipotética férias. Uma outra conta a sua amiga do coração quanto um qualquer se comportou mal. Um garoto no balcão ainda suado pelas séries que fez, um já trocado. Uma garota que bebe uma batida e vai embora, uma outra que espera quem sabe o que. Procuro o rosto desta última no espelho em frente ao balcão. Mas está coberta pelo garoto do bar. Depois ele serve qualquer coisa, descobrindo-a. Como a carta esperada que vem no *poker*, como o último ricochete da bolinha numa roleta que para no número que apostou... ela sai. Lá está. Me olha e sorri. Tem os cabelos na frente dos olhos maquiados há pouco, esfumaçado com um cinza sutil. Os lábios rosa e um pouco irritados. Se gira pra mim.

— O que foi, não me reconhece? — Poker. "En plein". É Gin. Está com um tailleur azul. Sobre a aba do bolso se lê duas pequenas siglas: D&G. Sorrio. Yoox. Depois sapatos altos da mesma cor. Elegantíssimos. René Caovilla. Umas correntes finas liberam seus tornozelos. Aos dedos dos pés, unhas pintadas de um pálido azul claro, como pequenos sorrisos divertidos surge um leve bronzeado. Óculos Chanel sempre azuis, apoiados na cabeça. É como seu um véu de mel deslizasse moldando perfeitamente seus braços, suas pernas descobertas, seu rosto que sorri.

— E agora?

Agora... agora todos os meus propósitos vão por água abaixo. Procuro qualquer palavra. Só consigo rir e junto na mente vem aquela cena de "Uma linda mulher". Richard Gere que procura Vivien no bar do hotel Depois a encontra. Pronta para ir à Ópera. Gin é prefeita como ela, até mais. Estou morto. Pega a bolsa e vem ao meu encontro.

— Está pensando em alguma coisa?

— Sim. — Minto. — Que o Gatorade estava muito gelado.

Gin sorri e me ultrapassa.

— Mentiroso, pensava em mim.

Decidida e divertida se distancia, não muito agitada, mas segura sobre a escada que leva pra fora da academia. As pernas se movem pela saia leve, talvez um pouco plissada, e se perdem, tonificadas e vibrantes, talvez com um pouco de creme, desaparecendo sutilmente mais embaixo para dar lugar a um

salto decidido e quadrado. Para sobre a escada e se vira.

— Agora o que faz, olha minhas pernas? Venha, não fique aí. Vamos tomar alguma coisa, ou o que quiser, que depois tenho um almoço com meus pais e meus tio. Um saco, mas do contrário não teria me vestido assim.

Mulheres. As vemos na academia. Pequenos "bodies", estranhos macacões, bermudas justas, blusas brilhantes. Aeróbica a mais não posso. Suor sobre um rosto sem maquiagem, cabelos embaraçados, grudados no rosto. E depois pluff... Assim como a lâmpada do Alladin. Saem dos vestiários transformadas. Aquela sujeira que viu antes não existe mais. O patinho feio se maquiou. Está escondida na roupa bem escolhida, tem os cílios mais longos, arqueadas por um rímel caro. Lábios perfeitamente delineados, às vezes pintados, fazem aparecer aquela boca que ainda não foi pela falta de colágeno. As mulheres, jovens cisnes mascarados. Claro que não estou falando de Gin. Ela é...

— Mas no que está pensando?

— Eu?

— Quem mais? Somos eu e você.

— Nada.

— Ah ok. Então deve ser um nada muito importante. Parecia um pouco tonto. Te bati bastante né?

— Sim, mas estou me recuperando.

— Eu vou com o meu carro.

— Ok, me siga.

Subo na moto, mas não resisto. Arrumo o espelho para poder vê-la entrar no carro. A ultrapasso. Fica no centro da minha visão. Pronto, está entrando. Gin se curva pra frente, senta no banco, suave e sutil faz suas pernas entrarem uma após a outra. Velozes e enérgicas, quase unidas, exceto por um instante aquele pequeno "frame" de encaixes que para mim é como um filme. Que sensual "foto flash". Depois volto a realidade. Engato a marcha e vou. Gin me segue sem problemas. É uma motorista hábil. Não tem problema no trânsito: ultrapassa, acelera, e volta para sua faixa. Toca a buzina quando é necessário para prevenir um erro dos outros. Segue oscilando o carro nas curvas, balançando a cabeça, imagino que com o ritmo da música. Gin

selvagem urbana. De vez em quando pisca o farol quando percebe que a estou controlando pelo meu espelho, como se dissesse: ei, fique tranquilo, estou aqui. Algumas curvas a mais e chegamos. Paro, a deixo passar, e se aproxima. - Estacione aqui, que ali não dá pra passar. - Não pede mais explicações. Tranca o carro e sobe atrás na moto, arrumando a saia para aquela estranha operação de cocheira.

— Potente essa moto, gostei. Vi poucas assim.

— Nenhuma. A fizeram só pra mim.

— Sim, sem dúvida. Sabe quanto custaria um modelo exclusivo?

— 415.000 euros...

Gin me olha sinceramente espantada.

— Caro assim?

— Mas pra mim deram um grande desconto.

Me vê sorrir no espelho que girei na sua direção para cruzar com o seu olhar. Depois sacudo e sorrio. Ela me bate forte nas costas.

— Vai, que diabo diz, é um idiota. — Desde a época das misticas rixas na praça Euclide, das barreiras na Cassia até chegar a Talenti, e voltar, nunca me haviam dito isso: Step um idiota. E quem teve a permissão de falar? Uma mulher. Esta mulher atrás de mim. E continua depois.

— Preços a parte, gosto de verdade desta moto. Qualquer dia deve me deixar guiá-la.

Que loucura, alguém me pede pra guiar minha moto, e quem? Sempre uma mulher. A mesma que chamou de idiota! Mas a coisa mais incrível de tudo é que eu digo: Sim, claro.Entramos na Villa Borghese, guia veloz mas sem muita pressa, e paro em frente ao pequeno bar vizinho ao lago.

— Pronto, chegamos, aqui não vem tanta gente, é mais tranquilo.

— O que foi, não quer ser visto?

— Ei, mas está com vontade brigar hoje? Se soubesse, na academia teria sido mais duro.

— Não tenho medo.

— Outra vez.

— Ok, ok, tomamos alguma coisa para selar a paz.

Trinta e cinco

Claudio estaciona seu carro na garagem. Por sorte a Vespa não está. Ainda não voltaram nenhuma de suas filhas. Melhor. Pelo menos, não corre o risco de estragar a lateral ainda mais. Embora seja difícil que lhe ofereçam menos ainda pelo Mercedes. E com este último pensamento de liberdade, dedicado ao sonho de seu Z4, fecha a garagem e sobe para casa.

— Há alguém?

O apartamento parece em silêncio. Um suspiro de alívio. É agradável ter um instante de tranquilidade. Também para planejar melhor sua saída noturna. Não será fácil. Esteve pensando durante toda a tarde, mas quer repassar o plano, aperfeiçoá-lo até os últimos detalhes. Quer estar seguro que não aconteça nenhum imprevisto. Mas precisamente neste momento aparece nas suas costas Raffaella.

— Eu estou, e isto também está.

Joga-lhe na frente do seu rosto o extrato de seu cartão de crédito, com a penúltima linha sublinhada com caneta florescente. Claudio pega com suas mãos, apavorado. Raffaella se aproxima ainda mais.

— Posso saber o que significa isto? Pode me dar uma explicação?

Claudio fica enjoado. Seu extrato bancário aberto e jogado ali, na frente de todos. De todos... de sua mulher. Meu Deus — pensa. — O que terá encontrado? Faz um veloz repasso mental. Não, não teria que haver nada. Depois a vê. Abaixo do extrato, a penúltima linha sublinhada entre todas as demais. Prova irrefutável de sua culpa, de ter querido voltar ao lugar do crime. Mas ela não pode saber, não pode imaginar.

— Ah, isto... Nada, não é nada.

— Cento e oitenta euros por nada? Não me parece um bom negócio.

— É que eu comprei um taco de sinuca.

— Ah, sim? Isso eu sei. No extrato se lê perfeitamente: A Loja de

Sinuca. O que não sei é desde quando você joga sinuca. E, além disso, quem sabe quantas outras coisas também não sei.

— Raffaella, por favor, você está errada: não é para mim.

Depois, uma espécie de iluminação, um farol na escuridão, a possibilidade de sair ileso do mar tormentoso, deste navegar entre rochas pontiagudas escondidas pelo furacão Raffaella.

— Não sabia o que dar de presente ao doutor Farini e, como sei que na casa de praia tem uma mesa de sinuca, pensei que isso seria um bom presente! De fato, ele gostou muito. Esta noite iremos sair, jantar e depois inclusive jogaremos uma partida!

Não era precisamente esse o plano que eu tinha pensado durante toda a tarde, mas, às vezes, a improvisação cria mentiras milagrosas. Raffaella não sabe se acredita.

— Você e ele vão jogar sinuca?

— Sim, e sabe o que mais? Disse que com o taco que eu lhe presenteei se despertou novamente uma antiga paixão. Desde que voltou a jogar, até a empresa vai melhor, entende? A sinuca o relaxa, não é ótimo? — Depois, tremendamente orgulhoso, quase envaidecido, acrescenta: — Pensa que me confiou à gestão de centenas de milhares de euros graças a um taco de sinuca que só vale cento e oitenta. O que você acha?

Ela ainda parece duvidosa. Então, decidi jogar uma carta, uma imprudente mentira, equilibrista da mais baixa mentira, especialista da falsidade mais absurda.

— Ei, não sei como te convencer que isso é verdade... Olha, aqui está, podemos fazer o seguinte: venha conosco! Jantamos e depois você controla os nossos pontos na sinuca, você gostaria?

Raffaella fica um momento em silêncio:

— Não, obrigada.

Frente a este salto no vazio, tranquiliza-se. E Claudio também. E se houvesse dito que sim? Onde encontraria Farini às sete da tarde? Faz ao menos um ano que não sei dele, teria sido difícil organizar um jantar assim, improvisado, e, sobretudo uma partida de sinuca, pois Farini não tinha precisamente pinta de jogador. Claudio decide não pensar mais nisso. Só a

ideia lhe faz sentir mal. De modo que sorri, tentando afugentar completamente qualquer mínima perplexidade. Mas Raffaella tem uma última ocorrência:

— Mas se era um presente de trabalho, por que você não usou o cartão do escritório?

— Você não sabe como é Panella, ele mexe em tudo, e se depois Farini decidisse não confiar em nosso trabalho? Eu sei muito bem, teria me jogado isso na cara durante todo o ano! E pensei que por cento e oitenta euros poderia me arriscar!

Precisamente enquanto diz isso, Claudio se dá conta de quanto se arriscou desta vez. Tira a jaqueta, está suando, e vai até o quarto para esconder de alguma maneira a tensão dramática do momento.

— Raffaella, não se preocupe, hein? Agora que Farini nos contratou, serei reembolsado por estes cento e oitenta euros, certo?

Raffaella o segue e se reúne com ele no quarto. Está prestes a dizer algo, mas Claudio não aguenta mais. Aproxima-se e a pega pelos braços.

— Sabe, gosto que depois de tantos anos você ainda seja ciumenta. Isso significa que nossa relação ainda está viva.

Raffaella sorri. De alguma maneira, parece como se tivesse voltado a ser uma jovenzinha, ou ao menos mais jovem do que realmente é; é como se em um instante estas rugas que viu no espelho, tivessem desaparecido. Claudio se aproxima e lhe dá um beijo. Pouco a pouco, começam a se despir, como não faziam a muito, muito tempo. E Claudio se sente culpavelmente excitado. Raffaella o olha.

— Sim, me pareceu absurdo que você pudesse fazer algo assim e agora me deu uma vontade louca; noto a raiva convertida em desejo.

Claudio baixa suas calças e levanta a saia dela, deixa que caia lentamente na cama e tira sua calcinha, levantando suas pernas com os sapatos ainda postos. Na penumbra do quarto, com o ar ainda incerto, estremecido por dúvidas e mentiras, de enganos, da desesperada busca pela verdade, começam a se tocar. Depois, Claudio baixa sua cueca, lhe separa as pernas e toma sua mulher. Claudio sobe e desce. Treme e soa a camisa. Raffaella percebe.

— Mas tire a roupa toda...

— E se as meninas chegarem?

Raffaella sorri e fecha os olhos, desfrutando, atraindo-o para si.

— Tem razão... assim é bom... Continue, mais, vamos...

E Claudio empurra com força, tentando satisfazê-la, excitado mais ao mesmo tempo preocupado. Como será mais tarde sua prestação na mesa de sinuca-cama com a contra figura de Farini? Prefere não pensar. Leu um artigo sobre a ânsia da prestação. Tem que evitar pensar nisso. Uma coisa é certa: os arranhões da semana passada ficaram bem ocultos na camisa completamente suada. De repente, do corredor se ouve a voz de Babi.

— Papai, mamãe... estão aqui?

Raffaella, do quarto, com a voz um pouco rouca, tenta ganhar tempo.

— Um momento, já vamos.

E precisamente nesse instante, Claudio, excitado com o absurdo da situação, goza. Raffaella, fica assim, interrompida no melhor momento, e se vê obrigada a sob seu pesar, sorrir. Logo Claudio lhe dá um beijo nos lábios.

— Perdoe-me... — E se mete no banheiro.

Lava-se rapidamente. Também o rosto. Que estranho se viu, quase fatal. No entanto, tudo saiu bem. Agora é só esperar anoitecer, pois finalmente o plano é perfeito. Depois se lembra de que não tem que pensar nisso. De outro modo, já sabe, ficará com a ânsia da prestação.

Trinta e seis

Gin sorri e sentamos numa mesa. Ao lado, um intelectual com óculos e com livro sobre a mesa beberica um cappuccino, depois abre nas mãos um artigo do "Leggere". Mais pra lá, uma mulher de uns 40 anos com os cabelos longos e um vira-lata debaixo da sua cadeira fuma desenganada um cigarro, triste e nostálgica talvez de todos aqueles cigarros que já não fuma mais.

— Belo lugar não?

Gin se dá conta daquilo que eu estava olhando.

— Bom, vamos nos animar? O que vai tomar?

Nas suas costas apareceu um garçom.

— Bom dia senhores.

Tem cerca de 60 anos e nos trata de maneira elegante.

— Para mim um Ace.

— Para mim uma Coca-Cola e uma pizza de presunto e mozzarella.

O garçom concordando com a cabeça se afasta.

— Depois da academia se trata bem hein? Uma pizza e uma coca-cola, a dieta dos atletas.

— Por falar em atleta, você que é uma atleta nata, me dê a lista das tuas academias nos 365 dias no ano.

— Claro, te faço já uma cópia.

— Parabéns é uma ótima ideia.

— Não é só isso, se ficar atento consegue também fazer o mesmo tipo de aula cada semana, a única coisa é que deve se tornar amigo dos instrutores por que senão, cedo ou tarde te descobrem.

— E então?

— Depois da aula lhes ofereça dois Gatorades, exponha suas dificuldades financeiras, e assim vai como uma seda. Fácil não?

— Tem mais alguém que usa esses métodos?

O garçom volta.

— Aqui está, o Ace para a senhorita e para ele a pizza e Coca-Cola.

O garçom coloca tudo no centro da mesa, deixa a conta sob o prato e se distancia.

— Acho que não.

Gin morde uma batatinha e a come, Depois rindo, cobre a boca com as mãos.

— Pelo menos espero... — Continuamos a conversar assim, conhecer-nos, rir e tentar adivinhar o que temos em comum.

— Mas nunca esteve fora da Europa?

— Não, Grécia, Inglaterra, França, uma vez até a Alemanha na Oktober Fest com duas amigas.

— Eu também fui.

— Mas quando?

— Em 2002.

— Eu também.

— Que forte, não?

— Sim, mas a coisa mais absurda é que uma das minhas amigas era abstemia. Não sabe no que ela se transformou: pegou uma cerveja de um litro, naquelas jarras cheias até a boca. Bebeu a metade e antes de meia hora estava sobre uma mesa dançando uma espécie de tarantella e depois começou a gritar: "a fonte, a fonte" e caiu no chão, um desastre.

●●●

A olha enquanto bebe o Ace. Tinha uma menina que dançava na mesa na sala onde nós estávamos. Mas que não dançava sobre a mesa aquela noite na Oktober Fest? Me lembro que quando disse a Babi que ia com Pollo e Schello e um outro carro de amigos a Mônaco, ficou muito irritada.

— Isto é, vai pra Mônaco, e eu?

— Você não... somos somente homens.

— Ah sim? Quero mesmo ver.

E depois aquele imbecil do Manetta no outro carro o que faz? Chega

com a namorada. E na volta, discuto de novo com Babi, porque como sempre, acabou sabendo disso também.

●●●

— No que está pensando?

Minto. — Na sua amiga que dançava sob re a mesa. Deveria tê-la filmado. Para rirmos depois.

— Mas nós rimos como loucas no momento, o que te importa o depois... depois, depois...Agora!

E bebe um outro gole de Ace, me olhando provocativa. Ai, o que quer dizer? A coisa fica mal. Bem mal. Gin quer o "agora". Mas não agora, agora. Talvez amanhã, sim, ou talvez daqui a pouco, depois...

— No que está pensando? Ainda na minha amiga que dançava sobre a mesa? Não acredito, acho que conheceu qualquer uma na Oktober Fest e está se lembrando das suas conquistas.

— Viu mal.

— Eu vejo muito bem. Não tenho nada.

— Não, vê mal o nosso grupo. Pensa algo que não somos. Nós somos pessoas tranquilas, serenas. Claro que somos do tipo alegres, não daqueles que vão ao restaurante e ficam ali só pensando nas boas maneiras: "Não isso não se faz, nem isso..." sim, definitivamente aqueles chatos. — Me viro e tenho sorte. Um casal acabou de se sentar. Têm um setter inglês, usam roupas de marca e, como o mais natural dos contra sensos, os dois tem sobre o braço "Il manifesto". O garçom chega e pedem alguma coisa.

— Pronto, olha aqueles dois. Não se dirigem a palavra. — De fato fazem os pedido separadamente, sem darem-se às vezes, sem perguntarem um ao outro o que querem dessa vez. Distraidamente, dando-se por satisfeitos, vão assim à deriva. — Olha, o garçom vai embora e eles voltam a ler "Il manifesto" depois... Não que eu tenha alguma coisa contra esse jornal.

Ou melhor, eu tenho, mas não sei bem o que pensa Gin, alguém poderia dizer: "então não quer se mostrar?" Sim, imbecil, é isso mesmo.

— Nem mesmo se dão conta que compram todo dia o mesmo jornal? O

que é pior? Indiferença total...

O garçom volta rápido àquela mesa. Os dois pediram um simples café.

— E agora o homem paga só porque é sua vez de pagar, assim é a regra. — Ele se levanta um pouco da cadeira, se apoia sobre a perna direita, a carteira evidentemente está na esquerda, coloca a mão no bolso, e paga enquanto a mulher sem ao menos olhá-lo continua a beber seu café.

— Distraídos e entediados. Bem vindos sejam meus amigos né? Que demônios! Inventam histórias, arrotam, se batem, não pagam, e o fazem gritando e pedindo um euro por pessoa, mas pelo menos para eles a vida não é só sobreviver, caramba!

Gin sorri.

— Sim, tem razão, pelo menos sobre isso.

E isso me basta, não preciso de mais. Não por agora, pelo menos.

— Tudo bem, mas relaxe agora Step, mesmo porque tem outra coisa pra fazer.

— Isto é?

— Deve resolver o problema com o senhor.

Me viro, nas minhas costas está o garçom que sorri. Não me tinha dado conta.

— Permite?

Não consigo nem mesmo responder. O tipo se estica para frente e pega a conta debaixo do prato. Não percebi ele chegar. Estranho, não acontece isso comigo. Pois é, com Gin estou pela primeira vez relaxado. É bom?

— São 11 euros, senhor.

Faço exatamente o mesmo movimento do tipo esquálido do casal bucólico e tiro a carteira do bolso. A abro e sorrio.

— Menos mal.

— O que?

— Que somos diferentes daqueles dois esquálidos.

— O que quer dizer?

Gin me olha levantando a sobrancelha. — Me explica melhor!

— É muito simples. Você tem que pagar, não tenho dinheiro.

— Não precisa ser extravagante para parecer diferente. Isto é, era

melhor se fossemos iguais àqueles dois e você pagasse a conta.

Gin toda elegante e sorridente, perfeitamente vestida e maquiada, faz uma careta falsamente irônica. Depois sorri ao garçom, se desculpando pela conta pendente. Abre a bolsa, tira fora a carteira, a abre e agora não sorri mais. De fato um pouco sem jeito, fica corada.

— Somos mesmo diferentes daqueles dois. Eu também não tenho dinheiro. — Depois, olhando para o garçom: — Sabe, me troquei porque tenho um almoço com os meus parentes, e como eles pagam, não pensei nisso.

— Mal...

O garçom muda o tom, expressão. Aquela sua cortesia parece sumir no nada. Talvez o homem maduro, quase um ancião sinta que estamos tirando sarro dele.

— Pra mim não interessa nada disso.

Tomo as rédeas da situação.

— Olha, não se preocupe, acompanho a senhorita até o carro, pego o dinheiro em um caixa eletrônico e e volto aqui para pagar.

— Sim, certo... e eu me chamo Joe Condor. Pareço estúpido? Paguem ou chamo a polícia.

Sorrio à Gin. — Desculpe. — Me levanto decisivo o garçom pelo braço, gentilmente no inicio, e com a rebeldia do garçom: — O que quer? Fique parado! — Aperto um pouco mais e o coloco longe. Ok, senhor garçom. Tem razão, mas não exagere. Não queremos roubar 11 euros. Está claro?

— Mas eu...

Aperto mais forte, dessa vez de maneira decisa. Vejo no seu rosto uma careta de dor, e o deixo ir.

— Por favor, estou te pedindo por favor. È a primeira vez que estou saindo com essa menina... — Talvez comovido e convencido mais que qualquer outra coisa, com essa minha última confissão, concorda.

— Ok, então, te espero mais tarde.

Voltamos a mesa. Sorrio a Gin — tudo resolvido. — Gin se levanta e olha o garçom sinceramente com olhar desagradável.

— Me desculpe, de verdade.

— Não se preocupe. São coisas que se entendem.

Eu sorrio ao garçom. Ele me olha. Acho que tenta averiguar se voltarei ou não.

— Não volte muito tarde, por favor.

— Não se preocupe.

E vamos embora assim. Com um sorriso gentil e um fio de esperança.

Trinta e sete

Estou atrás de Step na moto, em sua moto, com as ideias ao vento. Onde você se meteu, Gin? É um absurdo. Primeiro encontro ou, melhor dizendo, segundo. No primeiro, ele e seus amigos saíram correndo daquele lugar. Como se chamava? II Colonnello. E agora, esta manhã, que tem a possibilidade, a grande exclusividade de sair contigo, Gin, a única, a irrepetível, a formidável, o que faz? Apresenta-se sem dinheiro. Faltou pouco para que nos parasse. Loucura. Meu tio Ardisio diria: "Cuidado, cuidado, Ginevra, esse não é o príncipe azul". Já imagino sua voz, toda rouca, toda impostada, com os "e" fechando os "t" que se transformam facilmente em "d"... "Adenda, adenda, princesa...". Tio Ardisio. "Esse é o príncipe dos porcos... Nem sequer uma flor para minha princesa, você deve fechar os olhos e se obrigar a sonhar... Adenda, adenda, princesa...". Sacudo a cabeça, mas ele percebe e finge olhar para o outro lado. Segue-me pelo retrovisor e se inclina para trás para que eu o ouça.

— O que está acontecendo? Você ficou chateada, verdade?

— Por quê?

— Primeiro encontro, eu não pago e quase te faço pagar. Pior ainda: por pouco não nos pegam. Já sei o que está pensando... — Step sorri e faz uma voz falsa para imitá-la. — Eu sabia, este cara é um bandido. — E continua com um discurso retórico. Eu escuto. — Olha com quem estou. Ah, se meus pais soubessem... — Step sorri e continua implacável. Oh, adivinhou todos os meus pensamentos. Mas é simpático. Tento não sorrir, mas não consigo. — Eu estraguei tudo, verdade? Diga-me a verdade, vamos.

— Não, estava pensando no que diria meu tio Ardosio.

— Vê? Havia alguma verdade nesse seu sorriso.

— Diria que você é o príncipe dos porcos.

— Eu? — Finge-se de difícil. — Melhor que não tente.

Paro.

Gin desce na frente de seu carro. Está serena, divertida, realmente elegante.

Permanece assim, com as pernas ligeiramente separadas e o cabelo caindo sobre seus olhos enquanto procura as chaves na bolsa. Usa uma bolsinha pequena e, no entanto, dentro deve ter um montão de coisas. Gin cutuca, mexe, afasta as coisas de um lado para o outro.

Enquanto a olho, emoldurada pelo Arco di Travertino, na entrada da Via Veneto.

Toda sua beleza moderna resplandece nesse marco antigo.

Um vento acaricia as transparências de sua saia. Sob esse suave azul celeste, dentre esses desenhos de flores, aparece um azul liso e decidido que esconde mais acima, entre suas pernas ainda bronzeadas, sua flor proibida.

— Aqui estão! Oh, não sei o que acontecem mais sempre acabam no fundo.

Tira da bolsa umas chaves com uma ovelha negra.

— É um presente de Ele, a ovelha Beee! Bonita, não é? Mas tenha cuidado com a ovelha Beee...

— Por quê?

— Dá patadas em todos os lobos que se aproximam.

— Tranquila, praticamente já comi...

— Imbecil... Bem, obrigada pelo aperitivo, foi, como posso dizer?... Único. Quer que eu te leve algo para comer quando terminar aqui com meus tios?

— A história interminável... pior que um filme. Ei, todo mundo pode esquecer-se do dinheiro, né?

— Claro, mas é estranho que isso sempre aconteça com você.

E com esta bonita frase se afasta e sobe no carro.

— Vá ver o garçom. Está te esperando, lembra? Não é legal enganar as pessoas.

Depois arranca, quase derrapando, conduzindo de sua maneira. Me dá vontade de gritar: "Ei, bela! Ainda me deve vinte euros de gasolina...", mas acabo me arrependendo inclusive de meu pensamento.

Trinta e oito

– Olha, Gin está chegando!

Os comprimento de longe. Que estranho grupo todo juntos, que alturas descompensadas, roupas diferentes. Meu irmão de jeans e camiseta Nike, minha mãe com um vestido escuro florido e um xale azul, meu pai impecável de terno e gravata, e meu tio Ardisio com uma jaqueta laranja e uma gravata preta de bolinhas brancas. È incrível como encontra essas coisas. Os estilistas, incluso Fellini, da televisão ficariam loucos ao ver isso. Com esse cabelo branco e caprichado que emolduram aquele rosto divertido, embaixo daqueles óculos redondos. Como um ponto de exclamação depois da frase: " que tipo é o meu tio!"

— Oi. — Nos cumprimentamos com afeto, amor, ternura e minha mãe, como sempre, me beija colocando a mão dobre as bochechas para enfatizar mais amor àquele seu simples beijo, como se quisesse pará-lo por um momento em respeito a todos os outros. Meu tio ao contrário, como sempre exagera e enquanto me beija, aperta minhas bochechas, me obrigando a sacudir a cabeça pra lá e pra cá.

— Aqui está minha princesinha. — Depois me solta, me deixando dolorida. Forçada, tenho que passar a mão embaixo do queixo para acalmá-lo e o tio me dá uma olhada levemente de ódio. Mas é por um instante. Depois sorrio ao seu sorriso. Meu tio é assim. — Então? — Começamos sempre assim os nossos encontros. — Quem escolheu este lugar?

Levanto timidamente a mão – Eu tio... — E fico esperando. O tio me olha com a sobrancelha levemente levantada, uma expressão um pouco duvidosa, e o lábio treme. Depois de um tempo começo a me preocupar.

— Muito bem, é bonito, muito bem minha filha. Sério. Há um tempo se comia por entre a arte.

Suspiro, fiuu... Me dou bem, e mesmo não sendo "sua filha" quero bem

ao meu tio. Achei que gostaria de comer aqui com todos nós no Caffè dell' arte, perto da rua Bruno Buozze.

Tio Ardisio começa umas de suas histórias.

— Me lembra quando voava sobre o acampamento, aquele com meus soldados... — a sua voz fica mais rouca, quase modulada pela pressão das lembranças, comovido com a nostalgia. — E eu gritava a eles "estudem, leiam". Mas eles estavam muito preocupados com a morte. E depois dava um volta com o meu bimotor, e a seguir voltava para dar noticias, e aterrizava sobre o mato ali perto. Burubu, burubam, chegava pulando com aquele avião que era um milagre da "aveação"...

Luke que naturalmente corrige todo mundo nos poucos momentos quando não deveria ser.

— Aviação tio, aviação com i.

— E o que eu disse? Aveação é?

Luke inclina a cabeça e sorri. Menos mal que agora Luke desiste.

Na mesa chega um garçom jovem, com os cabelos curtos, mas não muito, com um olhar ingênuo, mas lúcido. Quase perfeito ousaria dizer, se não fosse porque empurra um carrinho com taças brilhantes, como novas, e uma garrafa já colocada num balde cheio de gelo. É um Moet, ótimo champanhe, e claro, pagaremos nós.

— Me desculpe, mas acho que não é pra nós. Ninguém pediu nada...

Já vejo minha mãe que me olha preocupada. O jovem garçom intervém sorrindo.

— Não senhora, está garrafa foi ofer...

— Obrigada pelo senhora, mas não insista.

— Se gentilmente me deixar terminar, aquele senhor ali que a ofereceu.

O garçom agora, mais sério, indica algumas mesas distantes, quase no fundo do restaurante. Escondido pelas arvores no vitral nas suas costas, lá está ele, Step. Se levanta da mesa e sorrindo move a cabeça acenando com uma reverencia. Não posso acreditar, me seguiu até aqui. É claro, queria ver onde eu ia, queria descobrir se eu estava mesmo com a minha família. E esse é o pensamento de Gin a vingativa, Gin-selvagem. Mas Gin não é assim! Uma parte de mim se revolta. Talvez só queria se desculpar pelo aperitivo, no fundo

você também fez um papelão. E este pensamento é de Gin a sábia. E não sei bem por que me parece mais simpática Gin-serena.

— Este bilhete é para a senhora.

O garçom me dá um bilhete e isso ainda me faz pensar que a minha escolha seja justa. O abro envergonhada, os olhos de todos em mim, papai, mamãe, Luke, tio Ardisio. Antes de ler fico vermelha. Que saco. Mas porque agora. Leio. "É lindo te olhar de longe... mas de perto é melhor... Nos vemos está noite? P.S. Não se preocupe, encontrei um caixa eletrônico e já paguei o garçom do nosso aperitivo." Fecho o bilhete e sorrio e quase esqueço que todos os olhos estão sobre mim. Tio Ardisio, papai, mamãe, Luke. Todos querem saber o que tem escrito, o porquê daquela garrafa e naturalmente o mais inquieto, aquele que resiste menos de todos é o Tio Ardisio.

— Então princesa... A que devemos essa garrafa?

— Bem. Eu ajudei aquele menino... não era capaz, não sabia, conclusão, está se preparando para um exame.

— Ardisio, mas o que te importa? — Minha mãe me salva.

— Aqui tem uma bela garrafa, brindamos e paz! Não?

— Isso mesmo...

Olho Step e sorrio, ele me vê de longe, e se senta de novo. Mas o que faz agora? Por que não vai embora? Foi fofo, mas chega. E vá embora Step, o que espera? — Com licença?

O garçom me olha sorrindo, não abriu ainda a garrafa.

— Sim?

— O senhor me disse que você que deveria me responder.

— O que?

— Não sei, acho que o bilhete.

Todos me olha de novo, agora mais atenção que antes.

— Diga que sim. — Depois olho para eles. — Sim, ele queria saber se me inscrevi no exame.

O garçom me mostra outro bilhete. — Agora te devo dar este.

— Outro?

Todos ficam um pouco abalados.

— Mas desta vez te disse o que tem escrito?

Mas o que é, uma caça ao tesouro?

Fico naturalmente vermelha de novo e o abro. "Então, as 8 estou na sua casa. Te espero, não se atrase, não invente histórias...P.S. Leve dinheiro, nunca se sabe."

Sorrio sozinha.

O garçom finalmente abre a garrafa, coloca rapidamente o champanhe nas taças e vai embora.

— Escuta, me desculpe...

— Sim.

Gira e me olha.

— Mas se eu respondesse não, teria um outro bilhete? — O garçom sorri, e balança a cabeça. — Não, neste caso me disse que devia simplesmente levar embora a garrafa.

Trinta e nove

Raffaella se reúne com Babi no salão.

— Olá, Babi, o que está acontecendo?

— Nada, só quero te mostrar algo. Mas mamãe, o que você tem? Parece acalorada... — Babi a olha, preocupada. — Vocês brigaram?

— Não, pelo contrário...

Raffaella a olha, sorrindo. Mas Babi não se dá por satisfeita e mostra um jornal.

— Bom, o que eu dizia é que, você gosta disto para a mesa? Não parecem bonitos? Ou prefere estes outros que são mais naturais? Espiga e grãos, bonito, não? Melhor este, verdade?

— Deixe que eu pense durante esta noite, certo?

— Vai sair, não?

— Sim, vou à casa dos Flavi.

— Mamãe, temos que nos decidir, você está levando isso pouco a sério.

— Amanhã decidimos tudo, Babi, agora irei me atrasar.

Raffaella vai ao banheiro e começa a se maquiar com rapidez. Precisamente neste momento, chega também Daniela.

— Mamãe, tenho que falar contigo.

— Estou atrasada...

— Mas é importante!

— Amanhã! Não há nada que não possa ser resolvido amanhã!

Nesse momento, passa Claudio. Ele também está com pressa. Daniela tenta detê-lo de alguma maneira.

— Olá, papai, você tem um segundo? Tenho que te contar uma coisa, é muito importante!

— Tenho um jantar com Farini. Eu já disse para sua mãe. Perdão, mas é um assunto de negócios importantíssimo e depois tenho também uma

partida... Claudio beija apressadamente Daniela. Raffaella o alcança na porta.

— Claudio, espere-me, vamos descer juntos.

Daniela fica assim, no meio do corredor, vendo seus pais saírem. Depois se aproxima do quarto de Babi, mas a porta está fechada. Daniela bate.

— Entre, quem é?

— Olá... desculpe, mas tenho que te contar uma coisa. Podemos conversar?

— Olha, vou sair. Mamãe saiu e temos que decidir um montão de coisas importantes. Desculpe, mas não é o momento. Vou para a casa de Smeralda, pelo menos, ela me dirá algo. Se precisar de mim, ligue no celular.

E ela sai também de cena. Daniela, que ficou sozinha, se aproxima do telefone fixo e digita um número.

— Olá, Giuli... E aí?... O que está fazendo? Ah, bem... ei, desculpe, mas posso passar na sua casa? Tenho que te contar algo, sim, uma coisa importante. Prometo que só te roubarei dois minutos. Sim, perdão, mas é que não sei o que fazer. Juro, sim, falaremos durante os intervalos. De acordo, obrigada.

Daniela desliga, fecha a porta de sua casa rapidamente, e desce as escadas como se fosse um tiro. Abre o portão e sai.

●●●

Precisamente nesse momento, por trás de um arbusto: — Dani! É Alfredo.

— Meu Deus, que susto você me deu... Minha mãe, meu coração está a mil. Mas, o que está acontecendo? Por que você está se escondendo aí?

— Perdoe-me, eu vi Babi sair faz um momento. — Daniela percebe que está magro, pálido e nervoso. — Então, queria falar um pouco com você, que é sua irmã.

Daniela o olha. Meu Deus, este certamente soltará uma conversa fiada sobre Babi.

— Não, Alfredo, perdoe-me, mas não sei de nada... Você tem que falar com ela.

— De acordo, perdão, você tem razão. E você como está?

— Bem, obrigada...

Daniela o olha melhor. Alfredo poderia ser a pessoa adequada com que se falar. É médico, é maduro, e talvez me desse um bom conselho.

— Ei, perdoe-me se te assustei.

— Oh, não se preocupe, já passou.

— No entanto, não sei se passou para mim. Continuo pensando em sua irmã e estou péssimo. Inclusive estou tomando ansiolíticos.

— Sinto muito.

Fica um momento em silêncio. Depois Daniela decide acabar com essa conversa impossível.

— Bom, agora me perdoe, mas tenho que ir, uma amiga está me esperando...

— De acordo, desculpe.

Daniela vai correndo pegar sua Vespa na garagem. Espera chegar na casa de Giuli antes que comece o filme. Depois pensa em Alfredo. Pobrezinho, olha como está. Está claro que a paixão por Babi o destrói todo. Neste momento, é um homem abatido, instável e paranoico. E sobre sua decisão, Daniela não tem dúvidas: Alfredo era a última pessoa a quem deveria contar que estava grávida.

Quarenta

Cômodo e tranquilo, elegante como nunca, pelo menos eu acho. Me olho no espelho e não consigo me reconhecer. Cabelos ainda molhados do banho que acabei de tomar, jaqueta azul, blusa branca, e calça de linho bege, com mocassins marrons escuros, com costuras marcadas que não ressaltam muito, mas dão um ar moderno. Cinto grosso de um marrom idêntico ao sapato. Ah, me esquecia, camisa abotoada até o penúltimo botão e celular no bolso. Eu com o celular. Ainda não posso acreditar. Sempre localizável, onde esteja, jamais livre, e então como por mágica ou por má sorte, naturalmente toca. Caramba, justo agora, o abro , quer ver que Gin tem algum problema? Se é assim, não me importo, passo para pegá-la lá embaixo, senão, subo e a sequestro. Continuo frenético com os meus pensamentos.

— Alô?

— Step, ainda bem que atendeu...

É Paolo, como não pensei nisso.

— O que foi?

— Aconteceu uma coisa absurda, me roubaram o carro.

— Puta merda... Pensei no pai e na mãe.

— Não, eles estão bem. Desci e meu Audi 4 não estava mais lá. Caramba, mas como conseguiram? Não tem vidro no chão, não destruíram o vidro. Mas a garagem estava aberta e sem ser forçado. Mas como fizeram isso?

— Ah Pa', olha que agora os ladrões tem a técnica perfeita hein? As garagens com controle remoto não se abrem por nada. Tem uma variação de frequência. Giram até a garagem abrir.

— Ah, não tinha pensado nisso. Saco!

Eu gosto de ver meu irmão assim irritado, me parece mais vivo, e finalmente, caramba, fica nervoso. Mas sempre por por nada... seu carro. Mas por o que seria?

— Justo agora me roubaram o carro. Merda!

Pois é, merda. O que quis dizer com isso?

— Paguei a semana passada a ultima parcela do financiamento. Podia ter acontecido antes, pelo menos economizava aquele dinheiro.

Eca, que nojo! Inacreditável um contador. Assessor financeiro até o fim.

— Tudo bem, Pa', conclusão, o que quer fazer?

— Não, eu esperava...

— Que eu o tivesse roubado?

— Não, mas está de brincadeira? Mesmo porque as chaves e as cópias estão aqui.

— Ah, por um instante você chegou a pensar, né?

— Não, porque, isto é...

— Se foi ver onde estavam as cópias, quer dizer que pensou nisso. Somente eu poderia pegá-las.

Pausa de silêncio.

— Ok, sim, cheguei a pensar. Mas eu teria gostado, isto é, melhor fosse você...

Meu irmão – Pa' , fica quieta vai, que é melhor.

— Por que?

Por que. É eu estúpido tentando fazê-lo entender.

— Nada Pa', tudo certo.

— Eu quero saber Step, sem te ofender hein?

— O que? Me diga.

— Bom, você bem ou mal conhece um monte de gente por aí. Se não tiver problema... poderia ver se sabe de alguém que o tenha pego.

— Mas aqueles querem dinheiro né? Não quer que arrume confusão com aquela gente por uma máquina qualquer.

— Qualquer... por um Audi 4!

— Sim, sim, por um Audi 4.

— Não, não, isso não, absolutamente... então eu já tinha pensado nisso,estou disposto a pagar 4300 euros.

— E por que esse valor?

— Pensei que com a franquia e todo o resto...

Meu irmão, grande assessor financeiro. O melhor.

— Ok Pa', vou tentar.

— Obrigado Step, sabia que poderia contar com você.

Meu irmão que pode contar comigo, isso é o máximo. Duas curtas e estou na casa dela. Enquanto estou indo interfonar, me lembro que que ela tem um celular. Dou dois toques para avisá-la. Terá entendido? Na dúvida espero um pouco. Logo descerá. Logo. As mulheres e seus preparativos. Talvez é melhor interfonar. Ainda um minuto. Me concedo um outro minuto para esperá-la. Acendo um cigarro. Isso, termino de fumar e interfono. Rua tranquila. Olho em volta. Algum carro que passa ao fundo. Um que breca porque um outro prepotente não o deixa passar. Mas depois o último parte e tudo volta ao normal, tranquilo, disperso nesta grande cidade. Que saco! Que pensamento idiota! Mas onde a levo esta noite? Que estranho, pensei em tudo mas não nisso. Onde a levo? Isso era uma coisa que deveria pensar. Me vem uma ideia, mas depois me preocupo. Me preocupo com o que estou pensando. Eu que me preocupo onde devo levá-la pra jantar? Não estarei me preocupando um pouco demais? Quando sai com uma mulher se se preocupa muito com a noite, é ai que sai cagada.

E cagada da grande! Não pode. É necessário desenvoltura, casualidade, aquilo que é, é. Depois improvisadamente vem uma ideia. Caramba, eu gosto da ideia. Fumo mais um e interfono. Mas a cancela nesse momento se abre. Um barulho, um barulho de fechaduras. O portão ao fundo se abre lentamente. Uma luz alaranjada começa a aparecer. Ilumina as folhas no jardim, as grades distantes, a moto estacionada. Depois sai um senhora. Caminha lentamente, sorridente, com as pernas ligeiramente encurvadas pelo peso da idade. Depois, logo depois, ela. Ela que a deixou passar, ela que ainda segura a cancela, ela que a ajuda a sair, que fala sorrindo, que concorda com qualquer pergunta ocasional, ela gentil, ela linda, ela sorridente. Ela. A senhora passa na minha frente e mesmo que não a conheça, me escapa um "boa noite".

Me sorri. Como se me conhecesse há tempos.

— Boa noite — e se distancia me deixando sozinho com Gin. Tem os cabelos presos, uma jaqueta curta de pele, com zíperes e correntes, um cinto

azul 55 DSL, a calça escura de cintura baixa, de cinco bolsos e costuras marcadas. Bolsa grande de tecido Fake London Genius. Tem estilo. E por ter estilo não gastou nada. Incrível como repara em tudo quando gostamos de alguém. Tem o rosto divertido. Mas o que digo? Linda.

— Mas e a moto? Não veio de moto?

— Não.

— E eu me vesti assim. — Faz uma espécie de pirueta na minha frente. — Não pareço um pouco o "selvagem Marlon Brando"?

Sorrio. — Mais ou menos.

— Mas então, como veio?

— Com esse, pensei que seria mais confortável.

— Um Audi 4! E de quem você roubou?

— Ah, me subestima, é minha.

— Sim, e eu sou Julia Roberts.

— Depende do filme. Entendi, Uma linda Mulher.

— Humpf...

Gin vai até o portão e me dá um soco nas costas.

— Ai.

— Começamos mal. Não gostei dessa piada.

— Mas não, Uma linda mulher no sentido que tem um sonho.

— E então?

— Então encontrou o seu sonho.

— Mas o que? O Audi 4?

— Não, eu. — Sorrio, entramos no carro e parto cantando pneu.

— Mais que um sonho, isso me parece um pesadelo. Vai, diz a verdade, de quem você roubou?

— Do meu irmão.

— Isso, assim eu gosto, será sempre uma mentira, mas pelo menos é mais crível.

Acelero e nos perdemos na noite. E penso nas cópias das chaves compradas daquele tipo vizinho ao bar Sorci Verdi, na rua Francia, aquele que tem as cópias de todas as chaves de todos os carros possíveis e imagináveis. Penso em Pollo e na primeira vez que me levou, penso nas brincadeiras que

fazíamos, penso no meu irmão preocupado com seu carro roubado, penso na noite, penso na minha ideia, penso no meu passado. Um pensamento veloz, mais forte que os outros. Passo na frente do Assunzione. Quero me distrair. Me viro para Gin. Ela ligou o rádio, canta uma música e acendeu um cigarro. Depois me olha e sorri.

— Então, onde vamos?

— Ah, é uma surpresa.

— Esperava que dissesse isso.

Me sorri, e inclina a cabeça pro lado, e solta seu cabelo. E naquele momento percebo que a verdadeira surpresa é ela.

Quarenta e um

– Bem. Qual é a surpresa? É uma surpresa agradável?

— São várias surpresas.

— Pois diga uma.

— Não, assim não seria uma surpresa.

Estaciono e desço do carro. Um marroquino ou algo parecido vem até mim com a mão aberta. Pego-a e a aperto.

— Olá, chefe... — ri, divertido, e exibe uma espécie de dentadura do tipo "É que os dentistas aqui são muito caros!"

— São dois euros.

— É claro. Mas pagarei quando voltar. — Aperto um pouco mais forte sua mão. — Assim me asseguro que encontrarei o carro em perfeitas condições, certo? Pago depois pelo serviço. — Olha-me preocupado. — Ou seja, vigie, não quero arranhões. Está claro?

— Mas eu depois das doze estou...

— Voltaremos antes.

E me afasto.

— Então, espero, né?

Não respondo e olho para Gin.

— Seu irmão tem muito carinho por este carro, né?

— Está obcecado. Neste momento, deve estar desesperado pensando que foi roubado.

— E a polícia não irá nos parar e acabaremos na prisão?

— Deu-me uma noite para encontrá-lo.

— E depois?

— Depois faz uma denúncia. Mas não se preocupe, já foi encontrado, né?

Gin ri e sacode a cabeça.

— Pobrezinho, seu irmão, imagino o tipo de coisas que você já o fez passar.

Realmente ele não sabe, mas eu já o salvei de várias situações.

Por um instante, penso em minha mãe. Dá vontade de contar-lhe... Mas essa é nossa noite, sua e minha. E pronto.

— Em que está pensando?

— Que estou com fome... Vem!

E a levo comigo, segurando sua mão. No Angel's um aperitivo, um martíni gelado para os dois, agitado, gelo e limão no estilo James Bond ou algo parecido. Com o estômago vazio cai como uma maravilha. Gin ri e me conta coisas. Histórias do passado, de amigas suas e de Ele, de como se conheceram, as discussões, e os ciúmes da amiga. Eu pego sua mão, cumprimento um cara que parece me conhecer e depois a levo ao banheiro.

— Ei, mas o que pretende fazer? Não me parece o lugar mais apropriado, né?

— Não, olha...

Passo vinte centavos para ela, ou talvez cinquenta, ou talvez um euro, ou dois, nem sequer o olho. Coloco a moeda na sua mão. Penso no cara no estacionamento. Quando eu voltar e lhe dizer que não tenho mais moedas.

— Este é o poço dos desejos, vê quanto dinheiro há no fundo? — Gin olha dentro de uma espécie de poço nesse banheiro cheio de plantas e tapetes coloridos, vermelho, violeta, laranja e uma luz azul e amarela, paredes brancas e vermelhas. — Vamos... Já pensou?

Ela sorri, se vira e lança minha moeda com um desejo que acaba no fundo com a esperança de que se cumpra. Depois, a imito e faço com que a minha voe sobre seu ombro. E voa perfeitamente e desaparece formando ondas em meio da água com um estranho zigzag para depois pousar no fundo entre outros mil sonhos e talvez algum outro desejo realizado.

Saímos em silêncio assim que um cara entra depressa e quase se choca conosco enquanto desabotoa suas calças, mas depois pensa bem e se lança sobre a pia começando a vomitar. Nos olhamos e começamos a gargalhar, enojados e estremecidos... Uf... Fechamos a porta em nossas costas e saímos de lá.

Deixo quinze euros em cima da mesa e em um instante estamos fora. Encontro-me com Angel, que me cumprimenta.

— Olá, Step, quanto tempo...

— Sim, sim. Bem, logo voltarei.

Na realidade se chama Pier Angelo, lembro-me, e vendia quadros estranhos na Piazza Navona para os estrangeiros, telas duvidosas por preços mais duvidosos ainda. Um alemão, um japonês, um americano, e uma estranha explicação em um inglês não completamente perfeito, macarrônico e inventado, e outro feixe para poder comprar-se algum dia, como logo fez, com o Angel's.

— Então, é isso?

— Fique tranquila... Entendo que não quer se cansar.

Pego-a em um segundo e a jogo sobre meu ombro.

— Mas, o que está fazendo?

Ri, divertida, e tenta me bater, mas faz sem maldade.

— Eu te levo... Basta que não faça mais perguntas.

— Vamos, coloque-me no chão.

Passamos na frente de um grupinho de garotos e garotas que nos olham mais ou menos divertidos, aqueles envergonhados, e estas sonhadoras. Isto é o que consigo ler em suas expressões. E desaparecemos. Cul de Sac[10].

— Agora pode descer. Aqui, um aperitivo de queijos e vinhos.

Gin abaixa sua jaqueta, que havia levantado, e sua camisa também, que havia deixado descoberta sua barriga, esguia, mas compacta, sem estranhos piercings no umbigo, natural e redonda.

— O que você está olhando? Minha barriguinha não é tão grande.

Bonita e insegura.

— Quer dizer que há algo mais? — Gin bufa. — Estou magnetizado, atraído, inevitavelmente absorvido e...

— Sim, sim, certo. Eu entendi o conceito.

Sentamos na primeira mesa e peço para um cara de cor vagamente francesa com um avental branco:

— Um queijo de cabra forte e seco e dois copos de Traminer.

---

[10] [N/T:Expressão de origem francesa que traduzida literalmente significa fundo do saco. Mas também quer dizer, rua sem saída ou beco sem saída.]

O cara acena e eu, em sua incerteza, espero que tenha entendido de verdade.

— Onde você leu isso do Traminer e do queijo de cabra? Seu irmão sugeriu para você?

— Pérfida...

Aponto com os dedos indicador e médio.

— Víbora... Eu fiz um curso com um sommelier[11] francês. Uma sommelier, para ser exato. Em Epernay, na região de Champagne. Meio cinza transparente, finíssimo, e sempre rigorosamente engrossado. Quer mais detalhes?

Bufa, irritada.

— Não, obrigado, ou voltará a começar a dizer que se sente naturalmente atraído e outras bobagens no estilo...

O cara vagamente francês deixa uma tábua de madeira sobre a mesinha, e voilà, acertou: queijo de cabra e Traminer frio. Incrível, e as coisas não acabam aqui.

— Também trouxe mel natural...

— Obrigado.

É fantástico quando alguém gosta de seu trabalho. Mas não há nada mais bonito do que uma garota que come com vontade. Como ela. Sorri e unta o mel com o pão ainda quente, recém-tostado, perfeitamente dourado, não queimado. Coloca em cima um pedaço de queijo e dá uma grande mordida, decida mais lenta, enquanto com a outra mão protege a caída livre de migalhas enlouquecidas. Depois se toca com a ponta dos dedos a palma e, como interpretando um estranho tema musical, deixa-as cair em um pequeno prato, perto do pão que restou, enquanto com a outra mão pego o Traminer e acompanha tudo com um pequeno gole.

É perfeita, porra, é perfeita, eu sei. Pequenas cócegas... Não sei que sentido tem... mas na verdade... sim, eu sei. O Traminer desce depressa, frio com seu gosto. Gelado. Um copo atrás do outro. Sim, eu sei, é perfeita. E pelo que penso, como eu perco meu equilíbrio, pelo "eu sei, eu não sei", entendo que estou meio bêbado. Espero que termine o último pedaço, deixo dinheiro

[11] [N/T: Sommelier ou escanção é um profissional especializado, encarregado em conhecer os vinhos e de todos os assuntos relacionados ao serviço deste.]

na mesa e a rapto.

— Anda, vamos.

— Mas para aonde?

— Um lugar para cada especialidade.

E saímos, com pressa, assim, um pouco de vinho, algumas risadas. Entre olhadas indiscretas, pessoas em outras mesas, cabeças que se levantam para olhar, espiar, observar esses dois desconhecidos... Nós dois, meteoros de uma noite qualquer, em um lugar qualquer, em um momento qualquer, mas só nós. Como este tour da comida.

— Ei, Step...

— Sim?

— A quantos lugares mais iremos?

— O que quer dizer?

— Como vamos comer uma coisa em cada lugar, quero saber quantos, por que tenho medo de explodir. Em quantos lugares pararemos?

— Em vinte e um!

Responde decidido, levemente irritado, porra. Nem sequer deu um comentário amável, que seja: Bonita a ideia, original, divertida. Repentinamente, Gin para. Detêm-se no meio da rua e crava seus pés no chão.

— O que está acontecendo?

Me segura pela minha jaqueta e me atraí para si com suas duas mãos, puxando-me pelas lapelas.

— Diga-me de quem você roubou.

— O Audi A4? Eu já disse: é do meu irmão...

— Não, este tour, comer uma coisa diferente em cada lugar, de quem você roubou a ideia?

Riu, sacudindo a cabeça, mais bêbado do que nunca, com um pouco de diversão etílica.

— A ideia é minha.

— Quer dizer que é uma ideia totalmente sua, que não roubou de nenhum lugar? De algum livro estúpido, de algum filme romântico, de alguma lenda urbana?

Estico os braços e levanto os ombros.

— Totalmente minha — Sorrio. — Pensei de repente...

Estralo meus dedos. Gin ainda me segura pela lapela e me olha com ar duvidoso.

— E você não fez isso com alguma outra?

— Não, só com você. Se for por isso, até os lugares que escolhi nunca levei nenhuma outra.

Me solta de um golpe, empurrando-me para trás.

— Vamos! Isso sim é uma grande mentira! Pum! — Finge explodir um falso globo, inchando suas bochechas. — Pum! Idiota! Step disse uma idiotice...

E quase me dá um sermão. Seguro-a pelas lapelas e dou a volta sobre si mesma antes que ela se afaste de mim. Dá meia volta e acaba junto ao meu rosto. Sua boca.

— Certo, eu disse uma idiotice. Mas sempre vim em grupo. Nunca só como estou agora com você...

— Certo, melhor assim. Assim posso acreditar em você.

— Tem que acreditar em mim.

Baixo a voz e surpreendo até eu mesmo ao ouvi-la assim afogada, quase sussurrada, em seus ouvidos, em seu pescoço, entre seu cabelo. Olho em seus olhos e sorrio sincero. Ela aprecia e acredita em mim. Mas quero finalizar:

— Eu juro...

E, desta vez, me desafia. Ela também sorri e relaxa. Beijo. Beijo suave, beijo lento, beijo não impetuoso. Beijo ao Traminer, beijo leviano, beijo de línguas em luta, beijo surfe, beijo na onda, beijo com mordida, beijo "queria continuar, mas não podemos". Beijo "não posso mais". Beijo "há pessoas"...

Quarenta e dois

Não posso acreditar. Eu, Gin, aqui na rua del Governo Vecchio, beijando no meio a rua. Gente que passa, gente que me olha, gente que para, gente que me encara... E eu no meio da rua. Sem pensar, sem olhar, sem me preocupar. Olhos fechados. Gente em volta. Então penso que poderia ter alguém me olhando a cinco centímetros do nosso beijo. Abro um pouco o olho direito. Nada. Tudo tranquilo. O fecho.

Talvez, de outra parte... mas não me importo. Eu e Step. Disso sou segura. O abraço mais forte e continuamos a nos beijar assim, sem problemas, sem pensamentos. Depois começamos a rir, quem sabe por quê. Talvez porque tenha mexido um pouco a mão e tocou no quadril, escorregando quem sabe pra onde. Mas sou honesta. Eu não havia nem mesmo pensado nisso. Só me deu vontade de rir. E pra ele também. E assim fizemos! E começamos a rir. Me tocou com a bochecha direita as costas, sorrindo, me apoiando de lado, deixando passar um calafrio... ou talvez um desejo.

— Vamos, "I Primi della Classe" nos espera.

— E que são, alguns amigos seus enrrolões?

— Mas o que diz! É um lugar onde se come somente pasta.

— Ah, vai saber. Talvez o cozinheiro se formou em Filosofia.

Tento resolver assim minha piadinha. Com Step consigo. Quem sabe, talvez. Até mesmo, aqueles dois irmãos, apesar de todo sucesso, a ouvindo teriam rido.

O proprietário se apresenta como Alberto. Comprimento, é gentil, nos acomoda, nos sugere um um "trittico". Trofie ao pesto, tortelloni de abobora e arroz de champanhe e camarões.

Olhamos e fazemos sim com a cabeça, ok, está bem, sim. Aliás, escuta Alberto, por que não vai embora?

— E para beber?

Step pergunta se tem um vinho branco, pelo menos acho. Mas não escutei direito... Farfallina ou algo parecido.

— Ótimo. — Alberto que escutou, se distancia.

Olho ao redor, Arcos feitos de ladrilhos antigos, pedras que se sobressaem dos muros, branco, marrom, vermelho e focos de luz dirigidos ao teto. Olho pra cima. Ladrilhos de barro, perfeitos e novos. Um pouco mais pra lá a cozinha. Falsa antiguidade, pedaços mais escuros, ferro ou outra coisa, e duas portas se batem, tipo saloon enquanto sai um menino com um prato quente e fumegante. Uma mesa lhe faz um sinal, feliz de vê-lo. Quem sabe quanto tempo estavam esperando.

— Aqui está a Falanghina de vocês.

Alberto coloca uma garrafa de vinho branco no meio da mesa e a abre com facilidade. Falanghina... No farfallina. Errei. Step a pega e coloca um pouco no meu copo. Depois espero que faça o mesmo com o seu copo e bebemos.

— Espera, vamos brindar.

O olho preocupada.

— Escuta, — sorrio – brindamos a que?

— Aquilo que você quiser. Cada um decide e depois brindamos juntos.

Me concentro um pouco. Ele me olha nos olhos. Depois leva o copo até o meu e brinda.

— Tomara que seja o mesmo desejo.

— Talvez um dia diremos.

— Veremos.

Vejo Step tentando entender. Ele me sorri. — Veremos, veremos...

E jogo fora o fio de esperança que aquele desejo, pelo menos o meu, acontecerá... Faremos amor... Ops... Ajuda! Mas o que digo? Ódio. Me distraio. Olho em volta. Como parecem diferentes os casais que comem nas outras mesas. Quem sabe como é, mas esperamos sempre sermos os melhores. No meu caso, pelo menos. Sim, Gin, a pretensiosa. Mas não poderia jamais estar na mesa com alguém ao qual não dirigia uma palavra. Comer em silencio. Mas qual o sentido? Assim fazem aqueles dois. De vez em quando, entre uma garfada e outra, olham pra fora, fora das suas vidas, dos seus

pensamentos. Procurando qualquer coisa. Entediados do que esta perto. Daquela vida que eles mesmos escolheram. Olham de relance as outras mesas, entre as pessoas, e continuam a mastigar em busca de curiosidades. Mas se dá conta?

— Ahhhhh!

— Mas o que faz? Grita? — Step me olha preocupado, mas eu rio.

— Você é louca.

— Não, eu sou feliz.

E grito de novo enquanto a moça entediada na mesa parou por um instante de mastigar e me olha surpresa, com curiosidade. E eu, bom, eu a cumprimento. Pego um pouco do prato que acabou de chegar e coloco na boca. - hmmm, bom...

Giro o indicador na bochecha sempre olhando a vizinha entendiada, que balança cabeça sem entender. E pensar que o homem, aquele de frente pra ela, nem se deu conta de nada. E Step ri. E me olha. E balança a cabeça. E eu sorrio pra ele.

— Ei, mas não está gastando um pouco demais?

— O jantar é oferta do meu irmão. Na verdade ele é um pouco mão de vaca, mas não tem problema de dinheiro.

— Legal, mas por que?

— Talvez para me ajudar, o irmão menor tem problemas com as mulheres.

— Pare! Sim, sem dúvida é por isso.

E saímos de novo, velozes, sorrindo. Depois entramos no carro. Não sei como encontro dois euros no bolso. Os dou ao marroquino que talvez esperava mais. Mas depois repensa, fica satisfeito, e já como romano de adoção, me ajuda a fazer a manobra: — Venha, venha doutor, tudo certo, vigiei como um se fosse uma flor.

Não encontra mais nada além do meu sim com a cabeça.

Si, sim, tudo bem assim.

Música. 107,10. TMC. As palavras do DJ deixam espaço para as notas do U2. E Gin, obviamente, conhece a música. "And I miss you when you're not around, I'm getting ready to leave the ground..."

— Mas você sabe todas as letras!

— Não. Só as que falam de nós dois.

Lungotevere. Depois passamos a ponte. Direita, esquerda, praça Cavour, Rua Crescenzo. Papillon, Mario, o proprietário nos cumprimenta. — Olá, são 2 pessoas?

— Sim, mas dois especiais hein? — Sorrio a Gin, apertando-a. O tipo nos olha. Fecha um pouco os olhos. Deve estar pensando: "Mas eu conheço? Quem é? È alguém importante?"

Mas não encontra resposta, mesmo porque não existe,

— Por favor, venham, os coloco aqui assim ficam mais acomodados.

— Obrigado.

Na indecisão optou que somos duas pessoas que devem ser tratadas bem. Definitivamente. Atravessamos uma sala com uma mesa cheia de gente, a maioria mulheres. Loiras, morenas, ruivas, sorrindo, rindo, todas maquiadas falando alto, mas comendo educadamente, beliscando pedaços de pizza de um prato no centro da mesa. Um pouco mais pra lá, garfos esfomeados mergulham sobre pedaços de presunto cortados há pouco, rosa, fino, filhos de quem sabe qual porco.

— Porco...

— Ai, o que foi?

Gin acaba de acertar com um golpe certeiro.

— Me pegou desprevenido.

— Eu vi como olhava para aquela!

— O que? Estava pensando no presunto.

— Claro! Pensa que sou idiota?

Mario finge não escutar. Nos acomoda em uma mesa e nos deixa.

— Sim, no presunto... eu sei o que estava pensando. Aquelas devem ser as bailarinas do Bagaglino. Festejam a primeira apresentação ou qualquer coisa do gênero. Aquele com pouco cabelo é o diretor, e aquelas duas ao lado são as primeiras bailarinas.

— Como sabe?

— Casualmente, de vez em quando eu faço os testes... Você que é o infiltrado no mundo do espetáculo.

Uma do grupo se levanta da mesa, se dirige até o banheiro, passa por nós, sorri e depois vira sumindo no fundo da sala, mas deixando uma vista perfeita, duas pernas musculosas, um traseiro redondo aprisionado com alguma dificuldade numa saia muito apertada.

— Sim, olha como baba e estava pensando no presunto! Que lástima!

— Lástima o que?

— Jogou fora a noite.

— Isto é?

— Se tinha qualquer chance mínima comigo, e olha que tinha um "feeling", acabou de perder.

— E por quê?

— Porque sim. Antes te dou um conselho. Vai ao banheiro, segue aquela, no máximo vai conseguir uma rapidinha ou duas entradas para o Bagaglino.

— E depois vamos juntos.

— Nem morta.

— Não gosta do Bagaglino?

— Não gosto de você!

— Ótimo.

— O que quer dizer ótimo?

— Que tenho uma chance.

— Isto é?

— Que é ciumenta, um pouco chata, mas no fim...

— No fim?

— Esta aqui!

Gin está para sair quando a seguro com a mão.

— Espera, pelo menos vamos pedir.

Mario está parado nas costas de Gin.

— Então, o que preparo?

— Viemos para experimentar aqueles maravilhosos filés, grande, ao ponto. Ouvimos falar muito deles.

— Perfeito.

Mario sorri feliz de ser famoso pelo menos pelo filé.

— E nos traga um bom cabernet.

— Está bom o Piccioni?

— Você decide.

— Ótimo.

E fica ainda mais satisfeito pelo fato eu deixar por conta dele a escolha do vinho.

— Gin, vai, não brigamos, quer mudar de lugar. Quer sentar aqui?

— Por quê?

— Assim você olhas aquelas mulheres, as bailarinas.

— Não, não. — Sorri. — Mi divirto que você as olhe, aliás, eu gosto.

— Você gosta?

— Não tem casal mais aberto que esse. **A**- porque nós não somos um casal, **B**- depois, aquela vista de peitos e bundas será mais serenos para você ouvir um "não" de uma simples morta.

— Terceiro dan em tudo e pra tudo né?

A mulher que foi ao banheiro, passa na nossa afrente para voltar a sua mesa. Me giro instintivamente. Gin não esperava outra coisa e a chama.

— Desculpe.

— Pode vir aqui um pouco?

A mulher, surpresa, concorda.

— Vai Gin, para. Passemos pelo menos uma noite tranquila.

— Mas por que se preocupa? Estou simplesmente trabalhando para você.

A mulher se aproxima gentil e curiosa a nossa mesa.

— Obrigada... Veja este moço, Stefano, o mito Step para alguns, queria o teu numero de telefone, mas não tem coragem de pedi-lo.

A mulher fica surpresa, com a boca entreaberta.

— Na verdade...

Gin sorri.

— Não se preocupe comigo. Sou sua prima.

— Ah.

Agora parece mais relaxada. Ela me olha, pensa se é o caso de me dar o número ou não, e eu, talvez pela primeira vez na minha vida fico

envergonhado.

— Pensei que estivessem brigando ou talvez fosse uma brincadeira.

— Não, absolutamente.

Gin permanece firme com sua afirmação.

— Ok, pensou demais, Não faça nada. Gostei da sua saia. É da Ann Demeulemeester?

— De quem?

— Parecia. Tamanho 40, cintura com passante, botões escondidos, um bolso.

— Não, é Uragan.

— Uragan?

— Sim, é a marca nova de um amigo meu.

— Ah, entendi, e você é tipo a imagem da marca?

Ela sorri, alisando a saia e tentando se arrumar um pouco.

— Sim, digamos que sim.

Inútil. A saia continua fixa, grudada no seu quadril, não mostrando por pouco sua calcinha.

— Bem...

Tento contornar a situação.

— Nos desculpe. Mas vejo que te chamam na mesa.

A mulher se gira. Estão indo embora mesmo.

— Ah, sim, com licença.

— Tchau.

— Sim, tchau.

Ela se distancia.

Permanecemos assim a olhar seu majestoso andar, e não se sabe porque, rebola mais que antes.

— Parabéns.

— Por quê?

— É a primeira vez que uma mulher consegue me deixar envergonhado... e pior, com outra.

— Bom, me esforcei. Estranho... mas se não te deu o número de telefone, imagine o resto.

— Pelo menos posso brincar com esse sentimento de culpa.

— Por quê?

— Não é todo dia que um mito como eu falha... Step que não consegue o número de telefone de uma mulher que veste Uragan. Não coisa de todo dia.

— Não sei se isso pode te consolar, mas tinha os peitos operados.

— Não me importa. Gostei mais da sua bunda.

Sorrio maliciosamente – Sobre isso não tem nada pra falar né?

— Na verdade tenho dúvidas sobre isso. Me desculpe que não poderá tirar a prova.

— Nunca diga nunca.

Neste momento Mario coloca os dois pratos de filé na nossa frente.

— Aqui estão.

— Obrigada, Mario.

— De nada. — Nos sorri. Gin começa a corta-lo rápido.

— Bom Step, contente-se com esta carne aqui.

— Ah mas se está não for natural, nós dois nos ferramos.

Ao escutar estas palavras, Mario fica irritado.

— Mas estão brincando? Aqui só temos carne DOC. Oh, não espalhem historias estranhas que vou à falência.

Começamos a rir.

— Não se preocupe. Falávamos de outra carne, sério.

Continuamos a comer, bebendo o cabernet, comendo lentamente, rindo, contando os fatos insignificantes, mas que nos parece tão importantes. Coisas da vida, de um e de outro, ao qual não participamos nunca. Momentos euforicos e diferentes com amigos do passado, que hoje, porém, revendo bem, não parecem assim grande coisa. Ou talvez seja o temor de não ser divertido o suficiente. Gin me serve vinho. E somente o fato que seja ela que faça isso já me faz esquecer tudo.

Quarenta e três

Giuli olha para Daniela com a boca aberta.

— Fecha a boca, assim você me faz sentir ainda mais culpada!

Giuli a fecha. Depois traga saliva e tenta se recuperar.

— Sim, entendo... Mas como é possível?

— Como é possível? Você deveria saber, por que você também já fez e antes que eu. Quer que eu te explique?

— Não, tonta, isso eu sei; em todo caso, é você que não sabe. Eu dizia como é possível que você tenha engravidado.

— Ei, Giuli, peço que você não diga isso, estou mal. Por favor... e pensa que estou dizendo a você... imagina quando eu contar aos meus pais!

— Por quê? Você vai contar?

— É claro que eu direi, o que você quer que eu faça?

— Mas e se não for nada. Basta só um dia no hospital e o problema, poof, desaparece! Entende?

— Mas, o que está dizendo? Está louca? Eu quero ter o bebê!

— Quer ter? Então você está completamente louca!

— Giuli, não esperava isso de você. Obriga-me a ir todos os domingos a missa com você e agora... tem coragem de dizer uma coisa como essa!

— Oh, perfeito, agora dá um sermão em mim! Você quis fazer de qualquer forma antes dos dezoito por que se sentia envergonhada e agora foi castigada, vê? O seu parece um discurso religioso? Mas, por favor! De qualquer forma, faça o que quiser, a vida é sua.

— Está errada. É também sua vida. Vê? É nisso que você não pensa. Agora há outra pessoa além de mim.

— E você já pensou em todo o resto, né? Por exemplo, você já disse a ele?

— A quem?

— Como a quem? Ao pai!

— Não.

— Perfeito! E você não pensou em como tomará Chicco Brandelli quando ouvir essa notícia, hein? Não, não pensou...

— Não, não pensei.

— Claro, você não se importa com nada! Estou certa que o pobre acabará se suicidando.

— Não acho que ele seja o pai.

— O que? E de quem é? Entendo... Peço que não me diga que é de Andrea Palombi. Ele se tornou um monstro, é terrível, um desgraçado; pensa em como será essa pobre criança.

— Meu bebê será maravilhoso, se parecerá completamente comigo.

— Isso você não sabe, não tem como saber. Talvez, no entanto, saía idêntico a Palombi. Minha mãe, se for assim, eu não serei madrinha, eu te digo agora, eu não vou ser madrinha!

— Oh, não se preocupe, não saíra igual a ele.

— E por quê?

— Por que ele não é o pai.

— Ele também não é o pai? Então quem é? Droga, em certo momento você desapareceu da festa, mas pensei que você tinha ido embora com Chicco.

— Não, só lembro que tomei o ecstasy branco da traficante que você me mandou e depois...

— Um ecstasy branco? Você tomou um scoop!

— Um scoop? E o que é isso?

— É claro que você não se lembra de nada. Menos mal que você não tenha acabado debaixo d'água. Isso te desloca, remove seus freios inibidores, você faz de tudo, você se torna a vagabunda mais vagabunda do mundo, e depois, puf, não se lembra nem de como se chama!

— Sim, acho que foi exatamente assim... Acho...

— Não posso acreditar, você tomou um scoop.

— Foi coisa de Madda, que quis castigar de alguma forma a minha irmã.

— Sim, deixando você desfrutar!

— Mas ela não podia saber que depois estaria também.

— Inferno, você sempre consegue me assustar.

— Sou a limpa, hein?

— É verdade... Mas como você não se lembra de nada, nenhuma pista?

— Nada, juro, escuridão total. Foi bonito, sim, isso me lembro!

Giuli fica por um momento em silêncio no sofá. Depois bebe um gole de água, olha para Daniela e encontra forças para falar.

— Bem, há algo que eu posso imaginar...

— O que?

— A cara de seus pais.

— Pois eu não.

— Acho que deixarão seu rosto tão inchado que você nem sequer se parecerá com eles.

— Não, eu acho que eles entenderão. É neste tipo de situação onde se vê verdadeiro amor da família, né? Se sempre vai tudo bem, que mérito tem? Nesse caso seria inclusive muito fácil, não?

— Sim, sim, claro. Você me convenceu, mas vamos ver se você consegue convencer eles!

— Bom... — Daniela se levanta do sofá. — Vou indo. Quero contar esta noite; não suporto guardar o segredo por mais tempo. Será uma libertação. Adeus, Giuli...

Dá um beijo em sua bochecha. Depois Giuli a cumprimenta, e enquanto sai, diz:

— Conte-me tudo, certo! E me ligue se precisar.

— Certo, obrigada.

Giuli ouve como fecha a porta de sua casa. Sobe o volume da televisão e começa a assistir o filme. Depois, desliga. Decidi ir para a cama. Uma coisa é certa: depois da história de Daniela, qualquer outro filme seria chato.

Quarenta e quatro

Mario chega preocupado na nossa mesa.

— Mas o que fazem? Já vão embora? Pediram somente o segundo prato. Tenho um doce muito bom feito em casa, com as minhas mãos. Na verdade, pra ser sincero, com as mãos da minha esposa.

E esta última confissão me pega de surpresa. Queria lhe contar tudo, explicar-lhe que não é que comemos mal, mas que tive esta grande ideia, grande... Uma ideia. Um prato particular de cada restaurante famoso por aquele prato. Até o Cabernet teve participação na festa. Assim prefiro uma simples mentira.

— Não, é que temos um compromisso com nossos amigos, senão eles somem.

Mario parece aceitar com tranquilidade esta explicação.

— Então tchau... mas voltem em breve.

— Claro.

Até Gin participa. — O filé estava muito bom.

Mas enquanto saíamos, acontece um imprevisto.

— Esperem, esperem!

Um menino de aspecto divertido com o cabelo enrolado a modo de chapéu de cozinheiro vem ao nosso encontro.

— Step, você é Step, não é?

Concordo.

Sorri satisfeito de ter acertado.

— Pegue, isto é pra você.

Pego um folheto mas nem dá tempo de ler porque Gin é mais rápida e o tira da minha mão, enquanto o menino continua.

— Foi uma menina loira que me deu, uma bailarina. — Sorri feliz.

— É uma daquelas do Bagaglino. Me pediu para dar a você ou a sua

prima.

Mario o olha preocupado e depois quase se desculpa. — É meu filho. Vem, vamos pra lá que ainda tem gente para servir.

— Mas terminaram tudo.

Mario o chacoalha.

— Mas não entende nada. — E o empurra pra frente. — Força! Mexa-se!

— E o menino, mortificado, abaixa a cabeça já pronto para ouvir o sermão do pai perguntado-se por que sempre e somente ele.

— Toma.- Gin me passa o papel.

— Mastrocchia Simona... E já é daquelas que coloca primeiro sobrenome e depois o nome...

Depois me olha com um certo ar de superior.

— Celular, fixo e e-mail no bilhete. Quer ser encontrada. E também sabe usar o computador. É tecnológica. Como a saia Uragan. Menos mal que não foi uma noite perdida.

— É verdade. Em tempo de guerra, não se joga nada fora.

Pego o bilhete e o coloco no bolso.

— Ah muito divertido, sério.

Ficamos um pouco em silencio, caminhando. Vento de começo de outubro, alguma folha aqui e ali na calçada. Esse silêncio entedia.

— Olha como você é, fez esse *showzinho*, pediu o número dela, se passou por minha prima preocupada, ela sorri, e finalmente nos dá o número, você fica irritada. Olha, você é insuperável.

— Insuperável, disse bem. E então? Acabou o tour gastronômico, ou sei lá como se chama? Não inventou nem mesmo um título para esta tua grande ideias!

Dá uma enfase em tudo o que diz, e continua a me olhar um pouco. Depois abre a boca, faz uma careta imitando uma bocona, um estupido peixe, ou um simples humano qualquer que não encontra palavras para responder. No fim, mamífero ou anfíbio, está falando de mim. Até se me adianta no tempo. E dizer que tinha pensado em chamá-lo mesmo de tour gastronômico... Bem, pego bilhete com o número de Mastrocchia Simona, o

celular que Paolo me deu, e começo a discar. Na verdade faço a toa, sem olhar. Com os olhos, mas sem deixá-la perceber, a estou controlando. E a pequena tigresa ataca.

— Mas olha que idiota!

Vem ao meu encontro. Fecho rápido o celular e o coloco no bolso enquanto paro o seu golpe, forte, direto na cara, enquanto Mastrocchia Simona com seu número cai sobre o chão. Pego seu pulso e veloz o giro colocando o braço direito nas costas. Meia volta e está gruda de em mim. — Ai! — Surpresa com a velocidade e a dor. Solto um pouco a presa. E a trago a mim. Com a mão esquerda pego seus cabelos, e coloco os dedos entre suas mechas. E como um pente selvagem, um pouco bruto, um pouco natural, coloco os cabelos para traz. Libero seu rosto. Seus olhos são grandes, intensos, amplos. Me olham. Como eu gosto deles. Depois os fecha. Os abre e se revolta. Tenta se soltar. Mas domino um pouco a presa.

— Boazinha... shh. — Sussurro. — É muito ciumenta...

Com essa palavra fica louca, ansiosa, se agita, tenta me golpear com os pés, com os joelhos...

— Eu não sou ciumenta! Nunca fui e jamais serei. Sou famosa por não ser.

Rio segurando seus golpes. Se joga com a boca aberta na minha cara, tentando me morder, Começa uma guerra de bochechas, seus dentes se abrem e se fecham, me procurando, não encontrando, me aproximo e me distancio, a sua boca me segue, eu me movo para baixo , balançando a cabeça, me livrando, me escondendo entre os cabelos e o pescoço. . Abro a boca o máximo que posso. Queria engoli-la inteira, e ao mesmo tempo respiro, sentindo a pele, o pescoço, a jugular, e com uma suave mordida gigantesca a bloqueio, a seguro, a possuo.

— Ai, ai. Ok, chega. — Começa a rir. — Me faz cócegas, por favor, não, o pescoço não.

Inclina a cabeça até mim tentando se liberar. Articula um estranho ballet, pequenos passos que se deslocam para a esquerda enquanto continua a rir. E arrepios e sorrisos, dobra a cabeça sobre o ombro, fecha os olhos, derrotada, abandonada, seu ponto fraco, conquistado por estas sensuais cócegas. E eu a

beijo. Suave, de uns lábios quentes como jamais senti. Como uma febre. De desejo. Ou pela luta que tivemos... Mas todo o resto me parece fresco, incluso ali, sob a jaqueta, sob a blusa que me deixou visitar. Depois seus seios... Os acaricio por um instante com a minha mão, suave e gentil. Mas é só por um instante... sento seu coração bater veloz, mais veloz. E não sei porque, juro que não sei, os deixo ali, os dois. Não quero perturbar. A pego pela mão.

— Venha, ainda falta a sobremesa...

Tranquila, se deixa levar. De repente para por um instante. Me segura pela mão e avança com os lábios, manhosa, ligeiramente irritada.

— Eu não sirvo como sobremesa?

E tento dizer qualquer coisa, mas não dá tempo. Se solta da minha mão e sai correndo, com o peito empinado, esses seios que eram meus prisioneiros, com as pernas para trás, rindo, livre. E eu a sigo enquanto um pouco mais a frente, agora pega pelo vento, ou talvez de outro destino, cai um número de telefone e um nome; melhor dizendo, um sobrenome e um nome: Mastrocchia Simona.

Quarenta e cinco

Claudio está parado em sua Mercedes na via Marsala. Olha ao seu redor, preocupado. Depois, se pergunta: mas que problema há em estar no carro? Pode estar cansado, talvez dirigiu muito e corre o risco de dormir ao volante. Ou talvez queira fumar um cigarro. Isso, sim. Fumarei um bom cigarro. Não há nada de errado. Claudio tira do pacote um Marlboro, mas volta a colocá-lo, em seguida. Não, melhor não. Ele leu em um jornal que reduz certas prestações. Não, não tenho que pensar nisso. Tenho que afastar esse pensamento por que, do contrário, alimentaria a ansiedade. Aqui está. Já chegou.

Caminha como se estivesse brincando. Leva um leitor de CD na mão e fones de ouvido nas orelhas. Sorri, seguindo o ritmo com a cabeça, o cabelo solto e a pele ligeiramente bronzeada, como é natural nela. Um vestido curto de cor verde com girassóis amarelos e seu peito pequeno. Bonita, como sempre. Como a viu pela primeira vez. Jovem como a seguiu desejando-a desde essa noite, desde esse beijo que se deram no carro, depois da partida de sinuca ganhada com Step, o garoto com que Babi saia na época. Simpático esse garoto, um pouco violento talvez... mas que partida daquela noite! Claudio continua jogando desde então. Por uma paixão recuperada. Mas não pela sinuca, e sim por ela, Francesca, a jovem brasileira que vem vindo. No fundo foi por ela por que se inscreveu nesse clube, é por ela que comprou um taco novo, um Zenith, é por ela que queria ganhar esse torneio na Casilina.

Que loucura. Mas não menos que esta: ir quase todas as semanas ao motel Marsala com ela. Já faz mais de um ano que dura essa história. Se trata de um pequeno hotel, fora do círculo de suas amizades, frequentado só por jovens turistas, marroquinos ou albaneses que talvez queiram gastar pouco. Mas o que vai fazer? Ele queria ela, e essa era a única maneira de se verem. Naturalmente, pagando o quarto em dinheiro.

— Francesca!

A chama de longe. A garota, com o Sony nas orelhas, parece não ouvir. Então Claudio aciona duas vezes a alavanca das luzes, fazendo-as piscar. Francesca percebe, sorri, tira os fones de ouvido e corre depressa em sua direção. Entra no carro. Sobe em cima, quase mergulha em seus lábios.

— Olá! Te desejo!

E é sincera. E ri. E se faz de louca. E o beija com força, com desejo, com paixão, suave, lambendo-o, surpreendendo-o como sempre. Como nunca.

— Francesca, onde você se meteu? Estive te procurando.

— Eu sei... Eu vi seu número, mas não queria responder.

— Como que não queria responder?

— Sim, não deve se acostumar. Eu sou a música e a poesia... livre como o mar, como a lua, e suas marés.

E dito isso, Francesca começa a tirar sua camisa e a beijar seu peito. Depois afrouxa seu cinto e continua beijando-o, e o botão, e o zíper, e depois mais abaixo, e ainda mais abaixo, até tirar-lhe as cuecas e alcançar, sem medo, sem problemas, como a lua e suas marés. Isto é uma marulhada!, pensa Claudio, e olha ao seu redor, deslizando para baixo no assento, escondendo-se de tudo que pode. E se o pegarem agora... Não acreditarão no cigarro e descanso. Esses são atos obscenos em um lugar público. O que é certo é que a falta de prestações não há nem rastros. Só espera que Raffaella não ligue nesse momento para saber como vai a partida de sinuca. Não saberia o que responder. É uma partida maravilhosa. Claudio fecha os olhos e relaxa. Sonha com um pano verde e com as bolas que vão no buraco, uma atrás da outra, sem sequer golpear-lhe, assim, como por magia. E logo, por último, vê a si mesmo sobre essa tela. Roda docemente, resvala, acima e abaixo, até desaparecer dentro do último buraco do fundo... Oh, sim, que partida!

Francesca sai de debaixo do painel.

— Anda, vamos... — Pega sua mão e o tira do carro sem sequer fechar a janela.

Claudio com dificuldade consegue fechar as calças e colocar o alarme na Mercedes de longe. Quem importa? Total, por quatro mil euros... No entanto,

com o Z4 seria diferente... isso sim que é um sonho. Precisamente como ela, como Francesca, que cumprimenta o porteiro.

— Boa noite, Pino, o dezoito, por favor.

— Claro, boa noite, senhores — lhe dá apenas tempo de responder o porteiro. Francesca lhe rouba as chaves da mão e empurra Claudio dentro do elevador.

— Devemos ter cuidado.

Francesca ri e o faz se calar, beijando-o, sem querer ouvi-lo.

— Sh... Silêncio!

Mas não pode imaginar o que Claudio está pensando. Mas se já fizemos no carro; poderíamos ir tomar simplesmente um sorvete ou uma cerveja ou inclusive um prosecco, que sei eu. Mas que há com as prestações? Claudio nota que está voltando a se excitar. Tenta afastá-la.

— Francesca...

— Sim, tesouro?

— Por favor, não fale nunca com ninguém, hein? Nem sequer com as pessoas que pensa que nunca vão me conhecer.

— Mas, sobre o que?

— Sobre nós.

— Nós, quem? Não sei do que está falando. — ri e o beija outra vez. — Vamos, já chegamos.

Arrasta-o pelo corredor e Claudio quase tropeça. A segue e no final se deixa levar, sacudindo a cabeça. Mas enquanto caminha olha seu traseiro. É muito "brasileiro": duro, forte, alegre, vivaz, bailarino, louco... Vão faltar prestações! O que tem é vontade de marulhar, de cavalgar as ondas, de surfar, perder-se nesse mar brasileiro... Um último...

— Sabe o que está acontecendo? É que minha mulher descobriu que eu comprei um taco de sinuca.

— E?

— Eu disse que era um presente para uma pessoa que eu conheço.

— Muito bem, vê? Você acha que ela descobrirá dessa noite que você jogou sinuca e nos conhecemos? Passou muito tempo, o que pode saber? Além disso, já fecharam o local, por isso agora estou no Casilina.

— Não, não me entendeu. Não é que ela saiba de nada, é que adivinhou!

— Pois veja se adivinha o que estou prestes a fazer...

E dizendo isto, abre a porta, empurra Claudio para o interior e fecha a dezoito em suas costas. Claudio acaba na cama e ela salta em cima, dona, selvagem, mais além da lua e das marés. Claudio esquece todas as preocupações, inclusive esquece onde está. A deixa fazer. E depois tem uma única certeza: não, isso não teria adivinhado nunca ninguém, nem sequer sua mulher.

Quarenta e seis

– Então, vamos entrar?

— Claro, por que não?

— Me parece que não vão nos deixar entrar. Olha, eles tem uma lista.

— Mas eu conheço as pessoas do Follia.

— Que saco, você conhece todo mundo.

— Tudo bem, se vocês preferem, entramos na fila e pagamos. O dinheiro é do meu irmão mesmo.

— Coitado. Mesmo que seja rico, não destrua seu patrimônio.

Uma garota sai empurrada... Os dois seguranças na porta só tem tempo de levantar a corrente, Uma espécie de energúmeno dos cabelos longos sai atrás dela, e a empurra novamente.

— E se mexa, que já me encheu o saco!

A garota tenta dizer alguma, mas não dá tempo. Um outro empurrão rompe suas palavras e se encontra em cima do capô de um carro estacionado. O tipo suado, com os cabelos engomados mete a mão na sua cara.

— Então? Eu vi você olhando aquele loiro.

Gin não consegue falar, olha incrédula o que acontece.

O toro raivoso, fecha a mão transformando-a em um punho cheio de raiva e violência, range os dentes, tem a cara de louco.

— Te disse várias vezes, sua vadia!

E sem piedade golpeia o peito.

A garota se dobra em duas e coloca os braços no rosto assustada. Gin não se aguenta e explode, parece fora de si.

— Chega! Já acabou!

O tipo se vira em nossa direção, aperta os olhos e encara Gin que o olha com descaso.

— E você, quer o que?

— Que a largue. Mal caráter nojento!

Dá um passo até ele, mas não dá tempo. A pego pelo braço trazendo-a junto a mim.

— Ei, calma, Essa cena tua o irrita. Ok?

— E o que me importa?

Fico em silêncio por um tempo, tento contar até dez, não quero partir para briga. A primeira saída de verdade com Gin... Não é o momento...

O tipo: — Então?

Abre as pernas, está pronto para brigar. Que saco... Os dois brutamontes da porta tentam apartar.

— Calma, está tudo sob controle.

Parecem preocupados. Estranho. Não me conhecem. Talvez conheçam o tipo. É grande, forte, duro. Devem temer a ele. Mas é nervoso, irritado, mal humorado. Não parece lúcido. A raiva as vezes ofusca e faz perder a calma, a frieza. O mais importante. De qualquer jeito é grande.

— Calma Giorgio. Não te disse nada de mal.. Está brigando com sua namorada aqui na frente de todo mundo, e pode ser que alguém...

O conheço. Isso não é bom.

— Não é que pode ser, é! Está massacrando aquela pobrezinha.

Gin não consegue ficar calada mesmo. E agora isso é pior. E continua.

— Se acha muito valente? Ao contrário, é somente um babaca.

Os dois brutamontes ficam pálidos. Me olham com uma cara como se dissessem: "E agora o que fazemos?". O toro parece ter ouvido. E atônito, sem palavras, sacode a cabeça atordoado, como se aquelas palavras fossem um soco em cheio no tosto, um manto vermelho aberto de repente no meio da arena. A garota atrás dele massageia seu peito, chora e funga com o nariz. Parece não conseguir respirar bem, o seu peito sobre e desce com uma estranha sincronia naquele silencio que paira no lugar.

— Ei, Step, o que foi? Vamos, entre. Tinha sumido hein? Me conte tudo...

Viro-me, é o Ballerino. Ele sempre está aqui no Follia, nunca saiu daqui.

— Mas quando voltou?

— Um mês mais ou menos...

— E nem mesmo me ligou. Que idiota! Vai, entre que está tendo uma festa, estamos cortando um bolo muito bom, de fubá. Vamos. Corte um belo pedaço para você e sua namorada. É boa, doce e o melhor, não precisa pagar!

— O que? A minha namorada?

— Não, o bolo.

Ri e começa a tossir. Talvez os mil cigarros acendidos e aspirados nos seus pulmões também se divertiram com essa piadinha boba.

Viro-me e entro, seguido de Gin, e dos brutamontes. Mas na verdade é como se olhasse ainda para trás. É como se meus olhos não o perdessem nunca de vista. Tenho os ouvidos aguçados, meu sentido sempre de guarda, em pé. De fato. Não estava errado. Três passos velozes nas minhas costas, um barulho de sapatos estranho, e de instinto me pego girando. Então aparece como uma fúria. O toro empurra pra escanteio os dois seguranças e vem pra cima de mim. O golpeio de esquerda, e ele bate contra a parede. Depois grita e rapidamente se gira. Está com o rosto marcado com o pó amarelo da parede destruída. Um pouco de sangue começa a escorrer do olho esquerdo, em cima da sobrancelha. Está para partir pra cima de mim de novo. Mas por isso não esperava. O golpeio de direita, muito rápido, mesmo porque é enorme, e não poderia fazer outra coisa. O acerto no meio da cara, nariz e boca. Coloca as mãos no rosto. Não perco tempo, acerto um chute no saco, melhor que qualquer chute que eu tenha dado em uma partida de futebol. *Bum.* Agacha-se como se não fosse nada, e instintivamente o golpeio assim que cai no chão. Na cara. Um chute direto, certeiro e definitivo. Mas ele é durão. Poderia se levantar. Então recarrego de novo...

— Chega Step, mas que merda está pensando? — O Ballerino me pega pela jaqueta. — Venha comer a torta antes que acabe. — Ajeito meu casaco e dou dois longos respiros. *Sim, é melhor parar. Mas que merda me deu na cabeça? O que me importa essa confusão?*

Pronto, lá está, a encontro depois de um tempo. Está ali me olhando em silêncio. Gin. Tem um olhar... Não sei defini-lo. Talvez não saiba o que pensar. Sorrio pra ela tentando romper o gelo.

— Quer um pedaço de torta?

Concorda, sem responder. Sorrio. Queria que esquecesse que tem gente

assim... Mas Gin acredita ainda em tantas coisas. E entendo que é difícil. Então a sacudo, a abraço e a empurro. — Vamos...

E finalmente sorri. Depois a deixa ir na frente. Pego na sua mão, de maneira elegante, talvez um pouco desconcertada por tudo o que aconteceu, a ajudo a passar por cima do tipo que ficou no chão.

Quarenta e sete

Raffaella para o carro no pátio do edifício. Sua garagem está aberta. Claudio ainda não voltou. Olha o relógio: é meia-noite. Isso significa que a partida de sinuca tinha sido longa... Bom, se isso trouxer trabalho, será para o bem. Fecha o carro e olha para cima. A luz do quarto de Babi ainda está acesa. Raffaella se dirige para a porta. Não sabe por que, mas ultimamente não consegue estar nunca completamente serena. Talvez pensa muito.

Alfredo ainda está escondido no jardim, detrás de uma planta. Ao vê-la dá um passo para trás, e se esconde na vegetação, na escuridão do jardim. Raffaella ouve o craque de um ramo. Vira-se de uma vez.

— Há alguém?

Alfredo quase deixa de respirar. Está imóvel, paralisado. Raffaella procura frenética as chaves no bolso, as encontra, abre a porta, e fecha com pressa atrás dela. Alfredo relaxa. Suspira aliviado e começa a respirar novamente. Não, assim não pode continuar. Mas se a notícia for certa, nada pode continuar.

— Babi, está aí? — Raffaella vai até a porta entreaberta e um feixe de luz que sai do quarto. — Posso?

Babi está na cama, folheando umas revistas.

— Olá, mamãe. Perdão, não ouvi você chegar. Olha, eu peguei estas, você gosta?

Mostra algumas fotos.

— Muito... Acabo de levar um susto de morte. Ouvi um ruído entre o mato, perto da porta...

— Ah, não se preocupe, é Alfredo.

— Alfredo?!

— Sim, faz dois dias que se esconde durante a noite ali atrás.

— Mas não pode fazer isso, assustar as pessoas. Além disso, na próxima

semana vou dar um jantar aqui, em casa. Muitos dos convidados o conhece, o que vão pensar se o virem?

— Isso não importa. — Mas para que Raffaella não continue com isso, Babi continua: — Certo, se a semana que vem continuar assim, falarei com ele, de acordo, mamãe? — Coloca na sua frente outra revista. — Olha, Smeralda me ajudou a escolher. Escolhemos estes: espigas e sementes, que trazem boa sorte, de acordo?

— Sim, mas...

— Não, mamãe. Você saiu para ir jogar, eu sei. Chega, já decidimos, não? Se não, não avançamos nunca. — Eu peço, estou preocupada, acho que ainda está tudo no ar, por favor...

Raffaella a olha e sorri.

— De acordo, Babi, parecem perfeitos.

Vem relaxar-se, ficar mais tranquila.

— Sério?

— Sim, sério.

— Tem certeza que não está me dizendo só para que eu fique contente?

— Não, realmente são os mais bonitos.

Babi está radiante. Raffaella decide dar-se um presente ela também.

— Ei, Babi, queria te perguntar algo.

— Sim, diga

— Se lembra daquela vez que seu pai teve que ficar com Step, e que tinha que dizer que deixasse de te ver?

— Mamãe, ainda está pensando nessa história? Já passou mais de dois anos, estamos dizendo algo muito importante e você ainda pensa nisso...

— Eu sei, eu sei, mas não é o que pensa, é só uma curiosidade. Lembra que nessa noite, por casualidade, jogaram sinuca?

— Sim, claro que me lembro, e ganharam! Me parece que duzentos euros.

— E com quem estavam?

— Como que com quem estavam?

Babi olha fixamente para a sua mãe. Parece estranha, absorta. Sorri, sacudindo a cabeça.

— Mamãe, você acha que na sua idade tem que estar ciumenta? Vamos, mamãe!

— Perdão, tem razão. É que comprou um taco de sinuca faz um tempo, mas parece que foi para presentear alguém.

— Nesse caso, o que há de errado? Além disso, acho que já fecharam esse local!

Ante a notícia, Raffaella se tranquiliza completamente.

— De acordo, tem razão. Bem, mostre-me as outras coisas bonitas que você escolheu.

Abre a revista e Babi aponta suas favoritas.

— Olha, gosto destas muitíssimo, mas me parece que são caras.

Precisamente nesse momento, Daniela aparece na porta.

— Mamãe, tenho que falar com você.

— Meu Deus, não te ouvi, você me assustou. Esta noite você fez tudo comigo. De qualquer forma, agora não pode ser, Daniela: estamos decidindo coisas importantes.

— Acho que a minha é muito mais importante. Estou grávida!

— O que? — Raffaella se levanta da cama, seguida por Babi. — É uma brincadeira?!

— Não, é verdade.

Raffaella leva as mãos a cabeça e passeia para cima e para baixo no quarto. Babi se deixa cair na cama.

— Logo agora.

Daniela a olha.

— Logo agora, logo agora... quer parar? Perdoe-me se escolhi um mal momento!

Raffaella se aproxima e a sacode.

— Mas, como é possível? Nem sequer sabia que saia com um garoto! — Depois entende que a está tratando com muita dureza. Então deixa cair os braços e lhe faz uma carícia. — Me pegou desprevenida. Mas quem é ele?

Daniela olha sua mãe e depois para Babi. As duas esperam a resposta. Elas também têm a boca aberta naquela espera espasmódica, exatamente como Giuli. *Mas elas aceitarão melhor,* estou certa. *Ao menos minha mãe. Giuli se*

supreenderá por sua reação, pensa.

— Pois, mamãe, veja... há um pequeno problema... quer dizer, para mim não é nenhum problema, e espero que também não seja para vocês.

Precisamente nesse momento, Claudio acaba de entrar no andar. Viu o carro de Raffaella e o de Babi estacionados, e inclusive a Vespa. Estão todas em casa. Já deveriam estar dormindo. Sua noite foi perfeita... mais ainda, muito diferente do Desafio à Corrupção do duvidoso Nuti. Foi a partida de sinuca mais bonita da sua vida. Mas não dá tempo de terminar de pensar quando um grito rompe sua noite. Um grito na noite, uma sirene, um alarme. Pior: o grito de Raffaella. Claudio pensa em todas as possibilidades: Ligaram do hotel por que fizemos muito barulho; nos viu uma amiga sua que a odeia e contou-lhe tudo; nos colocou um detetive particular que acabar de lhe dar as fotos... Mas não lhe ocorre mais nado do que fugir. Muito tarde. Raffaella o vê.

— Claudio, vem em seguida, vem aqui! — Raffaella segue gritando como uma possessa. — Vem ouvir o que aconteceu!

Claudio não sabe o que fazer. Obedece, totalmente dominado por esse grito que esmigalha toda possível reação sua, toda certeza ou toda tentativa de defesa.

— Quer saber o que aconteceu? Daniela está grávida!

Claudio suspira aliviado. A olha. Daniela está calada. Tem o olhar baixo. Mas Raffaella não para aí.

— E espera, espera! A coisa não acaba aí! Quer ouvir tudo? Está grávida e não sabe de quem!

Então Daniela levanta seus olhos e olha seu pai, implorando qualquer tipo de perdão, um pouco de amor, solidariedade de qualquer tipo. Depois está Babi, que olha desdenhosa para sua irmã, pensando que decidiu deliberadamente arruinar seu momento. E do outro lado está Raffaella. Também ela espera algo de Claudio. Uma bofetada, um grito, uma reação qualquer. Mas Claudio está completamente vazio. Não sabe o que dizer, o que pensar. Em parte se sente aliviado. Por um instante, teme ser descoberto. Então decidi sair do lugar, embora esteja seguro que pagará por muitos anos:

— Eu vou dormir. Perdão, mas também perdi na sinuca.

Quarenta e oito

Música. Primeira sala. Pessoas chegando, pessoas saindo, pessoas que brincam, pessoas que bebem, pessoas rindo. Meninos que tentam se fazer ouvir, mulheres que escutam e de vez em quando uma risada. Pessoas imóveis, gente que olha, gente que espera, gente que vai saber o que pensa.

Segunda sala, Um estranho DJ, muito normal pra dizer a verdade, coloca uma musica bonita. Todos dançam e é difícil passar. Algum exibicionista se apossa do terraço. Sobre qualquer outra sobresalencia colocada ali, sabe-se lá por qual arquiteto, dançam umas garotas. Uma *go-go* girl despojada. Umas mulheres de marinheiro. Uma sozinha vestida de rendas. Uma menina militar. Belas, Pelo menos assim parecem. Música e luzes, às vezes, fazem um truque feio. O bailarino abre caminho, empurra, de modo gentil, outros bailarinos menos musculosos que ele mas talvez mais ritmados. Devagar avançamos esta espécie de trincheira humana.

Terceira sala. A sala VIP. Um tipo com uma venda nos olhos e com um ar potente canta o último baluarte daquela hipotética banda sobre seus ombros. Não canta mal.

Alguns VIPs suficientemente desconhecidos sentam em um sofá na área VIP localizada em um mezzanino. Um tipo na entrada deste pequeno ringue controla para que ninguém entre naquele éden privado. Ou talvez que aqueles poucos Vips que entraram não se vão antes de uma certa hora. O Ballerino nos traz dois pedaços de bolo.

— Agora Walter dará a vocês uma mesa e duas taças de champagne. Me desculpe Step, eu devo voltar para a entrada.

Me olha e sorri. Está melhor. Não me lembrava dele com está estranha ironia.

Permanecemos assim, no meio da sala, com aqueles dois pedaços de bolo nas mãos. Gin com o garfo de plástico, em um estranho equilíbrio, tenta

beliscar um pouco.

— O que foi? Está irritada?

Sorri-me.

— Não, por quê? Aquele era mesmo um idiota. Teria feito o mesmo se conseguisse. Talvez com menos violência.

A olho e fico sério. Me passa ternura. Tento ser gentil.

— As vezes não pode escolher. Agora é melhor acalmar e fazer de conta que nada aconteceu. Mas no meu caso, foi você que escolheu...

— E não fiz bem?

— Certo, começo a te conhecer. Só sei que, se saio com você, devo estar em forma.

— Você acha que lhe servirá de lição?

— Não acredito, mas não podia fazer diferente. Talvez estivesse cheio de coca. Com um tipo assim não pode falar. Ou ele ou eu. Com que você queria comer esse bolo?

Pega veloz um outro pedaço de bolo. — É bom. — Me sorri, comendo-o com gosto. Está com a boca cheia e tenta fazer-se entender.

— Quero comê-lo com você...

Walter chega, um tipo de uns 40 anos, como a camisa branca com algum babado. Parece saído da França dos anos 70.

— Estes são pra vocês.

E deixa sobre uma mesa dois cálices de champagne. Deixo a torta e tomo o meu champagne. Gin também bebe o seu num gole só. Nos abraçamos e batemos em uma moça que passa com uma bandeja. Gin quase deixa cair, mas consigo pegar. Estou um pouco bêbado, mas estou lúcido.

— Vem, vamos.

A pego pelas mãos e a levo até a saída de emergência. Num instante estamos na rua. Vento noturno, suave, vento de outubro. Algumas folhas caem no chão. Olho em volta. Um pouco a frente tem a entrada do Follia, o tipo ainda está no chão. Está apoiado sobre os cotovelos, enquanto sua namorada está ali, o olhando, com os braços na cintura como se fossem alças. Quem sabe o que pensa. Talvez lá no fundo está satisfeita que alguém o tenha acertado assim. Claro que não deixa transparecer. Talvez as coisas mudem

entre os dois. Talvez, sim, talvez... É difícil. Mas não me importo muito. Ela que escolheu, não eu.

— Ei, posso saber no que está pensando? Não me diga que ainda está pensando como acertou o tipo. Você disse que era só um desafio. Ele ou você. Questão de segundos. E ele foi primeiro. Má sorte. O pegou desprevenido. Em um encontro normal não sei como teria acabado.

— Eu não sei como você acabaria se não parasse. Vai , sobe no carro.

— E agora, onde vai me levar? Já comemos o doce, até estufar.

— Falta a cereja.

— Isto é?

— Isto é, você.

Aumento o volume da música, de modo que Gin não possa responder, coloco no máximo e tenho sorte. — Outra como você não existe, nem se eu inventasse... me parece claro que... — Gin sorri inclinando a cabeça. Tento pegar sua mão e colocá-la na boca. A beijo docemente. É macia, suave, perfumada. Vive uma vida própria, apesar de tudo que tocou. E a beijo. Somente com os lábios. Por entre seus dedos. Sentindo, navegando, deslizando, sem parar, deixando acontecer. A vejo fechar os olhos, deixar sua cabeça cair para trás. Agora até os cabelos estão abandonados. Giro a sua mão e beijo a palma. Me olha docemente com os olhos apertados, enquanto respiro por entre suas linhas.... A vida, a sorte, o amor. Respiro devagar sem fazer barulho. Ela de repente abre os olhos e me olha. Parece diferentes, cristalinos, cobertos por uma nevoa suave. Felicidade? Não sei. Me olha na penumbra. Parecem sorrir. — Olhe para a rua...

Me repreende. Eu obedeço e pouco depois viro a direita, abaixo, ao longo do rio, Lungotevere, entre os carros, entre os outros, veloz, com a musica e a sua mão nas minhas, que se movem de vez em quando, bailarina, convidada de quem sabe qual dança. O que está pensando? E se adivinhou, qual será sua respostas? Sim, não... Como uma partida de poker, E ela está na minha frente, a olho por um instante. Os seus olhos ligeiramente abaixados me sorriem lá de baixo. Doces e divertidos. Não é mais preciso se dispor a comer para que tire as cartas. Será um si, será um não... Já está pronto... Nunca está pronto o suficiente. Não tem tempo para estas coisas e além do mais não

é uma partida de poker, não tem prato. as... talvez esteja serio? Que bonito é estar na expectativa como ela. Uma pequena mulher, que me olha, pensa, se diverte. Ri deste jovem que caminha sobre seu terraço, que não sabe o que fazer, que finge que nada acontece, que simplesmente sorri ou pede ajuda de uma trança... para subir... sorte sua que pode esperar meus movimentos.

— Vire a cabeça um pouco pra lá.

Me sorri enquanto diz. É uma pequena justificativa se por um acaso acontecesse alguma coisa? Ou é uma grande justificativa se já sabe que acontece alguma coisa. Ou simplesmente vira a cabeça e queria me dizer. Simplesmente. Mas o que tem de simples? Nada que valha... Quem disse isso? Não me lembro. Me entorto, giros complexos e complicados, raciocínio extremo para ver as possibilidade. Qual o percentual tenho de conseguir? Chega, saco... Não gosto de ficar pensando nisso.

— Vire pra mim.

É a minha simples resposta. Simplesmente. Gin aperta uma pouco mais forte a mão, e eu, estupidamente vejo um sina. Ou talvez não. Que saco!. Bebi demais.

Aventino.

Uma curva, e a saída. Este carro vai que é uma maravilha. Meu irmão ficará feliz que eu o reencontrei. Começo a rir. Ela me olha, me viro e me dou conta.

— Que foi? No que está pensando?

Gin, das sobrancelhas um pouco baixas, Gin do olhar um pouco franzido, Gin preocupada.

— Nada, coisas familiares.

Gianicolo. Horto-botanico. Paro de repente, puxo o freio de mão e desço.

— Ei, mas onde vai?

— Não se preocupe, volto já.

Fecha a porta do carro estendendo-se até mim e se tranca dentro. Gin serena. Gin segura. Gin prevenida. Olho ao redor. Nada. Perfeito, não tem ninguém. Um, dois e… três. Pulo o portão e estou dentro. Caminho em silêncio. Perfume suave, perfume mais forte, um pouco pungente. Futura

colonia que ainda não exite. Destilado no frasco, essência cara. Aqui está a minha presa. A escolha do instinto, a pego com cuidado. A arranco com força, mas sem maltratá-la. Um desejo que eu sempre tive e agora... agora é minha. Um, dois, três passos e somos de novo fora. Olho em volta. Nada. Perfeito não tem ninguém. Volto para o carro. Gin me vê de repente. Assusta-se. Depois abre a porta.

— Mas onde foi? Deixou-me com medo.

Abro a jaqueta. Como um spinnaker que de repente pega o vento no mar aberto. E um instante todo o seu perfume inunda o carro. Uma orquídea selvagem. Fica assim, entre as minhas mãos, como um simples gesto, mais como um prestigiado que um ladrão atrapalhado.

— Pra você. Uma flor para uma flor, diretamente do Orto botânico.

Gin a cheira, mergulha no centro da orquídea selvagem para sentir seu cheiro mais intensamente. Ela, jovem mulher em apneia, aparece de novo por entre aquelas grandes pétalas. Lembra-me um desenho. Bambi, isso, Bambi. Aqueles olhos grandes, lúcidos, emocionados que aparecem por trás daquelas pétalas delicadas de uma flor. Aqueles olhos assustados e incertos de um futuro próximo. Não um qualquer, o seu. Primeira, segunda, terceira, estamos de novo na estrada. Pequenas curvas, e uma saída. Desvio de uma valeta, que nos faria parar e estaciono um pouco mais acima. Campidoglio.

— Vem!

A faço descer do carro e ela me segue.

— Mas olha que...

— Shh! Fale baixo, aqui vive gente.

— Sim, ok. Mas quero te dizer... Olha que a noite aqui não casam. E ainda não falamos sobre isso. Mas eu quero um conto de fadas, já te disse.

— Isto é?

— Vestido branco, um pouco decotado, buque de flores mistas e uma bela igreja no campo, ou não, de frente para o mar.

Ri.,

— Ve como ainda é indecisa?

— Por quê?

— No campo ou no mar?

— Ah, pesnei que dizia que eu era indecisa se me casaria com você ou não.

— Não, com isso é muito decidida. Faria até armadilhas.

Puxo-a até mim e começo a beijá-la.

— Pretensioso e pouco romântico.

— Por que pouco romântico?

— Não se faz perguntas indiretas. Ahaha! — Finge rir e escapa dos meus braços como um peixe pula fora da minha rede e corre veloz, virando a esquina. Eu estou atrás. É um instante. Estamos na praça grande do Campidoglio. Luz mais forte. Uma estátua central com uma placa. Naturalmente estado fazendo algum serviço. Paramos próximo. Parece tudo muito bonito, principalmente ela. Aparece atrás da estátua.

— E agora, o que quer fazer? Não é capaz de me pegar?

Finjo que vou embora e ela sai detrás da estátua. Corro para a outra direção e a pego de repente. Ela grita.

— Não... não, para!

Levanto-me e a levo, tipo rapto das Sabinas ou algo parecido. Caminho da luz, caminho do centro. Terminamos sob os portais, na penumbra. A coloco no chão e ela arruma a jaqueta cobrindo a barriga. Macia e compacta que estava descoberta. Pego seus cabelos e descubro seu rosto levemente vermelhos, pela corrida que acabamos de fazer, por algum embaraço secreto, o quem sabe o que. O seu coração bate veloz, depois devagar vai diminuindo o ritmo.

— Seu coração está batendo forte né?

Minhas mãos sobre sua cintura, embaixo da jaqueta, embaixo da camiseta, quase como um simples arrepio, sobre sua própria pele. Ela fecha os olhos, e eu devagar subo, a bordo, sobre sua cintura, atrás das costas. Abro a mão e a puxo para mim, apertando-a sobre meu corpo, beijando-a. Atrás de nós tem uma coluna mais baixa que os outras, mais larga. Ali, docemente, a provoco, deixando-a descer, devagar. E ela se deixa ir. Os seus cabelos, a suas costas perdidas naquela base antiga, corroída pelo tempo, do mármore poroso cansado, e que viu muitas coisas... Está junto ao meu quadril com suas pernas, me apertando em uma mordida suave, balançando-se a direita e a esquerda. E

eu me deixo levar, enquanto minhas mãos navegam tranquilas por sua cintura, suas calças, seus botões. Sem pressa, sem... sem liberar nada. Por enquanto. Depois, de repente, Gin se vira para esquerda, e abre os olhos.

— Tem alguma coisa ali!

Assustada, determinada, talvez um pouco incomodada. Olho melhor na sombra ainda tonto com a embriaguez do amor.

— Não tem nada, é um mendigo.

— Nada? Mas é louco?

Sai de cima de mim decisiva. E eu que não ouvi nada, e acima de tudo não estou com vontade de brigar, a pego pela mão. A ajudo. Saímos assim, deixando aquela meia coluna antiga e aquela figura mais ou menos presente, esquecida na sombra. Como em um labirinto, vamos entre o verde escondido e as luzes mais ou menos difusas do Foro Romano. Sob nós, longe, antigas colunas, vigas e monumentos. Um atalho serpenteia até a praça do Campidoglio. Terraços com pequenos parapeitos, fincados no chão, vegetação cuidada, gramas selvagens. Tudo ao redor está mais baixo.

— Tarpea.

Assim, suspendidos no vazio daquelas ruínas, abaixo de um muro, em um cone de sombra perfeitamente projetada, um banco escondido. Gin, agora mais tranquila olha ao seu redor.

— Aqui ninguém pode nos ver.

— Você me vê.

— Se quiser, fecho os olhos.

Não diz sim, nem não. Não diz. Mas respira perto do meu ouvido enquanto se deixa despir. Tira a jaqueta, tira a camiseta, em desordem, caem do banco em uma sombra um pouco mais escura. Fora os sapatos, fora as calças. Cada um tira alguma coisa do outro. Então paramos. Esta na minha frente, cobre o seio abraçando-se sozinha com as mãos cruzadas nas costas, orlando por entre os cabelos da luz da lua, coberta mais abaixo somente pela sua calcinha. Não acredito. Ela, Gin. Aquela Gin que queria me roubar 20 euros.

— O que está fazendo? Me olhando?

— Não me disse não. E depois está errada, estou de olhos fechados.

De algum lugar ou de uma janela deixada aberta, notas de uma música bem longe. "*Won't you stop me, stop me,stop me*..." Não Gin, você não quer. Planet Funk também sabe disse.

— Como é mentiroso.

— Mas é verdade! Bom não usou exatamente essas palavras, mas queria dizer isso, mais ou menos.

— E depois outra coisa...

— Não, agora chega de falar...

A puxo junto a mim. Beijo o colo, deixa os cabelos para trás e eu pequeno vampiro continuo a sugá-la, saboreando-a, o seu perfume, o seu respiro. A minha mo parece ir sozinha, sobre sua cintura, sobre sua vida, por entre suas pernas, sua fonte de vida. A sinto suspirar calmamente, depois um pouco mais veloz, enquanto se agita por entre meus braços, quase dançando, docemente, pra cima e pra baixo, sem pensamentos, sem pudores, sorrindo, abrindo os olhos, me olhando, com uma tranquilidade e uma serenidade que me deixa envergonhado.

E como se não bastasse, enquanto mexo a mão para para nos dar segurança...

— Deixa, quero fazer eu.

— Mas olha que sou eu que devo colocar.

— Eu sei, cretino. Quer saber quantos já coloquei? Espera, me deixa pensar...

— Não quero saber.

— Este é o decimo sexto que ponho.

— Ah, menos mal.

— Por quê?

— Se fosse o décimo sétimo me preocuparia, má sorte.

Não me satisfaz, mas me diverte. Abre como se fosse uma bala, tenta com as unhas, mas não consegue, coloca na boca com malicia.

— Fique tranquilo, não vou comer...

Um estouro decidido entre suas mãos. Vira e revira sorrindo.

— É ridículo... É tudo o que diz. Depois mova a cabeça até mim — E agora?

Nu, estiro as pernas e ela me acaricia, acima, abaixo, e depois coloca em mim tranquila.

— Fiz bem?

— Muito bem!

Mas não digo mais nada. Agora astronauta perfeito desta viagem entre conjugações astrais sob um céu estrelado, sobre uma mulher encantadora, entre as ruínas do passado, no prazer do presente.

Galaxia, interespacial. Natural. Perfume. Nada de selvagem...

Um pouco de resistência, talvez demais... É estranho. Vou em frente enquanto ela fecha os olhos.

Mas deixa acontecer esticando completamente as costas e levanta um pouco as pernas, ajudando-me.

— Ai...

— Te machuquei?

— Não, não se preocupe.

Não se preocupe... não acredito, não acredito, eu, Gin, estou fazendo.. Fico um pouco em silêncio, quase escutando a minha vida que passa por mim, sob mim, dentro de mim. Neste momento decisivo, assim importante da minha vida, único, para sempre. Não poderei mais cancelar. A minha primeira vez. E escolhi você. E escolhi você. Quase parece aquela canção... Mas não é. É realidade. Estou aqui, eu, neste momento. E Step. O vejo, o sinto. É sobre mim. O abraço, o aperto, aperto forte, mais forte. Tenho medo, como todas as vezes que se faz alguma coisa que não se conhece. Mas é um medo normal mais que normal... Ou não? Que merda Gin, que agora não venha na cabeça todas as tuas obsessões, dos filmes que te faz, de tudo... Saco, Gin, mas o que está fazendo? Gin a selvagem, Gin a rebelde... Onde estão? Nada, foram pra puta que pariu... Mas como? Justo elas... Que ótimo... a odeio, a odeio, não. Tenho medo, ajuda. Fecho os olhos, respiro, suspiro, entretanto eu gosto. Estou apoiada no seu peito, nos seus ombros, não mais tensa, não mais preocupada... Em silêncio, assim, abandonada, naufragada... E eu gosto. O sinto. Sinto suas mãos, sinto que me toca toda, que me toca até o fim do meu dorso, tão docemente que quase não percebo... E agora o que faz? Não, ajuda. Está enfiando. Ódio dessa palavra, não quero pensar. Não quero ficar aqui

pensando, me ver de fora, me controlar, me desdobrar, de ter esta mente que continua a falar... Oh, mas o que quer... E chega... me solta. Não! Quero relaxar.

Na origem do seu amor, neste mar, no desejo, lentamente me deixar levar, das suas correntes. Perdidas. Sim, sem mais pensamentos. Perder-me nos seus braços... Então... assim.

A sinto ainda tensa, não, está relaxando... Um último movimento seguindo o tempo da música que não existe, mas ainda mais bela talvez por isso. Coração e suspiro...

Silêncio. Que ódio. Gin, você está fazendo... Sinto o perfume do seu respiro, do seu desejo. E procuro a boca de Step, o seu sorrido, seus lábios. Os encontro, e quase mergulho, para me esconder, mas me achar, em um beijo longo, mais profundo, mais envolvente, mais... mais tudo.

Um gemido mais forte e agora é minha. É estranho pensar isso. É minha, é minha. Minha agora. Minha nesse momento, somente minha. Só penso nisso. Minha. Minha para sempre. Talvez. Mas agora é minha, agora é amor... dentro dela. E agora e de novo, e ainda, sem parar... Então sorri, docemente, sem pensar.

Neste momento o sinto, é ele, dentro de mim... E um instante. Um santo, um mergulho ao contrário. Uma dor aguda, um barulho no ouvido, uma pequena tatuagem, um dente que caiu, uma flor que desabrocha, uma fruta arrancada, uma passo remediado, um tombo esquiando... sim, um tombo esquiado, na neve fresca, fria, branca, que acabou de cair, diretamente do céu, divertida, sua primeira que cai, deslizante. Naquela neve, suave e limpa, assim como eu me sinto neste momento. Finalmente. Está dentro de mim, o sinto, na minha barriga, ajuda, me ajuda... Mas que belo. E sorrio, me distancio da dor, volto a sentir, a experimentar, a degustar o prazer, uma pequena mordida... Estou bem, eu gosto, o quero. Como suas letras, na pele, desde hoje gravadas para sempre dentro de mim.

— Step, te quero.

— O que disse?

— Não ria de mim.

— Não, sério, não entendi.

Step continua a se mover em cima de mim. Dentro de mim. E o olho nos olhos, e perco no seu olhar, naqueles olhos que tem amor, ou talvez não, mas não me pergunto, não agora...

E me fala e não se entende, e suspira no meu ouvido, e o vento e o prazer, que rouba, que leva suas palavras, e sorri, e ri, e continua a se mover, e eu gosto, eu e gosto bastante, e não entendo, e beijo suas mãos, e estou faminta e repito...

— Step, te quero!

Mais tarde, não sei quanto mais tarde, Gin me abraça senta sobre as minhas pernas enquanto procuro tirar nossa proteção. Tiro. Um rastro suave de tinta vermelha entre os dedos. Assinatura inegável. Minhas... Pra sempre minhas. Pra sempre minhas. Não consigo acreditar.

— Mas...

— Era isso que queria te dizer...

— Isto é, você nunca?

— Não, eu nunca,

— Por que não me disse?

— Sim, nunca fiz amor, e então, qual é o problema? Tem sempre uma primeira vez para tudo não é? Então, essa foi minha primeira vez.

Fico sem palavras, não sei o que dizer. Talvez porque não tem nada a se dizer.

Gin se veste. Minha... Me olha e sorri levantando os ombros. — Viu que estranho? Entre tantos escolhi você, Não se sinta culpado. E nem espalhe por aí, espero.

Coloca a camiseta e a jaqueta sem o sutiã. Não consigo dizer nada. Coloca o sutiã no bolso da jaqueta.

— E depois o que sei... terá sido a noite... Porem a partir de amanhã não penses coisas estranhas: tenho que recuperar o tempo perdido. Mesmo porque, estatisticamente estou atrasada 4 anos. A maior parte das meninas começou com 15 anos.

Agora, completamente vestida já está sobre a escada embaixo do lampião, enquanto termino de vestir a minha jaqueta. Depois começa a rir. Segura, serena, perfeitamente confortável.

— Mas é também verdade que hoje voltou um pouco certos valores do passo. Diria que eu me coloco tranquilamente no meio.

Pouco depois estamos próximos e começamos a caminhar. Desta vez, finalmente em silêncio, mesmo porque eu não consegui dizer mais nada. Eu a abraço, apertando-a a mim. Continuamos assim, enquanto a respiro. Ela, Gin, ainda perfumada com seu primeiro amor. Minha, minha, minha.

— Sabe Step, estava pensando uma coisa...

Pronto, sabia. Esta bom demais. As mulheres e suas reflexões. Terminam por destruir também o momento mais bonito, o único que merecem ser em silêncio. Finjo não estar preocupado.

— O que?

Apoia sua cabeça nos meus ombros.

— Me veio um pensamento estranho, isto é, na verdade uma curiosidade... Já pensou nisso? Quem sabe do tempo da antiga Roma até hoje, naquele lugar alguém também já fez.

— Ninguém.

— Mas como pode ter tanta certeza?

— Certas coisas se sentem, se setem e basta.

Para. Me olha. Tem olhos intensos, e sorri de um jeito...

— Tenho certeza... ninguém. Acredite.

Agora apoia de novo a sua cabeça no meu ombro. A convenci. Talvez pelo jeito que disse. Caramba, queria saber se alguém já fez naquele lugar. Mas não tem jeito. E no mais, não sei como, mas eu também me convenci. Gin volta a falar,

— Então escrevemos um pedaço da história... a nossa. — Me sorri e me dá um beijo nos lábios. Suave. Quente. Amável. A nossa história. Mais que 20 euros. Parece-me que no fim me roubou de verdade.

Quarenta e nove

– Para aqui, freia.

Não penso duas vezes e freio. Rápido, veloz, tal como ela é. Menos mal que não venha nenhum carro por trás. Meu irmão... Quem o aguentaria depois? Claro que sempre poderia dizer que foi o ladrão. Gin desce do carro, depressa.

— Vem.

— Mas, para aonde?

— Siga-me. Olha quem faz perguntas...

Estamos na frente da ponte Milvio, em uma pequena praça junto ao Tíber de onde saí a via Flaminia, que chega até a Praça do Popolo. Gin corre para a ponte e para a meio caminho, na frente do terceiro farol.

— Já chegamos, é este aqui.

— Este o que?

— O terceiro farol. Há uma lenda sobre esta ponte, a ponte Milvio ou Mollo, como chamava Belli.

— O que é? Agora está se fazendo de culta?

— Sou culta! Sobre muitas poucas coisas, mas sou. Como por exemplo, este, quer escutar a lenda ou não?

— Antes quero um beijo.

— Vamos, escuta... É uma ótima história.

Gin se vira e bufa. Abraço-a pelas costas. Apoiamo-nos na grade e olhamos a distância. Um pouco mais além há outra ponte, a de corso Francia. Perco-me com a visão. E nenhuma lembrança altera este momento. Inclusive fantasmas do passado sabem respeitar determinados momentos? Parece que sim. Gin se deixa beijar. Debaixo de nós, o Tíber, escuro e lúgubre, corre silencioso. A luz fraca do farol nos ilumina ligeiramente. Ouve-se o lento chapinhar do rio nos diques. Seu curso se rompe, de repente, ao redor das

colunas da ponte. A água gorjeia, se levanta, revolve, incha. Depois, imediatamente depois, se une outra vez e segue em silêncio sua corrida para o mar.

— Vai me contar ou não?

— Este é o terceiro farol que dá para a outra ponte... Vê isso aqui?

— Sim... Parece que alguém errou amarrando a moto...

— Mas, o que está dizendo, tonto? É o "cadeado dos apaixonados". Se engancha um cadeado nessa correia, se fecha e joga a chave no Tíber.

— E depois?

— Nunca se separam.

— Mas quem inventou essa história?

— Não sei. Esta existe desde sempre, se refere inclusive Trilussa.

— Você está zombando de mim por que não sei.

— É verdade... O que ocorre é que você tem medo de colocar um cadeado.

— Eu não tenho medo.

— Isso é do livro de Ammaniti.

— Ou de um dos filmes dos Salvatores, segundo vi.

— De qualquer forma, tem medo.

— Eu já disse que não.

— Claro que sim, e brinca por que não temos um cadeado.

— Fica aqui, não se mova.

Volto depois de um minuto com um cadeado na mão.

— Você tirou isso de onde?

— Meu irmão. Leva um cadeado com uma correia para bloquear o volante.

— Claro, não sei o que pode ocorrer que seu irmão lhe roube o carro.

— Você é tão responsável como eu. Além disso, ainda me deve vinte euros.

— Avarento.

— Ladra!

— Mas o que está dizendo? O que quer? O dinheiro do cadeado? Nem quer, ao final passamos das contas...

— Então me deverá muito.

— De acordo, chega, deixemos assim. Então, vai fazer ou não?

— Claro que sim.

Coloco o cadeado na correia, o fecho e tiro a chave. Mantenho-a um momento entre os dedos enquanto olho para Gin. Ela me olha.

Me desafia, sorri e levanta uma sobrancelha.

— E agora?

Pego a chave entre o índice e o polegar. Deixo-a presa um pouco mais, suspensa no vazio, indecisa. Depois, de uma vez, solto. E voa para baixo, paira no ar, e se perde entre as águas do Tíber.

— Você fez de verdade...

Gin me olha com um aspecto estranho, sonhador, inclusive um pouco emocionada.

— Eu te disse. Não tenho medo.

Salta em cima de mim, rindo, me abraça, me beija, grita de alegria, está eufórica, está louca, está... Está maravilhosa.

— É, você está muito feliz. Por acaso funciona de verdade esta lenda?

— Tonto!

E começa a correr, gritando na ponte. Cruza-se com um grupo de homens. Pega o mais sério, o faz girar sobre si mesmo e quase o obriga a dançar com ela. Logo sai correndo outra vez, enquanto os outros riem. Empurram brincando o cara, que se irritou e quer repreendê-la. Passo perto do grupo e dou de ombros. Todos compartilham a felicidade de Gin. Inclusive o cara sério no fim, sorri. Sim, é verdade, é tão bonita que todo mundo, ao vê-la, não pode evitar sorrir.

Cinquenta

Manhã.

— Não acredito — Paolo entra como um furacão no quarto. — Eu não tinha dúvida, sabia que sempre vai ser o mitico Step. Mas como "diabos" conseguiu?

Ainda não entendo nada, só sei que "car*lho" seria melhor. "Diabos" não suporto. Me reviro na cama e apareço entre as almofadas.

— O que?

— O carro, o reencontrou e em tão pouco tempo. Te bastou uma noite. Você é muito bom.

— Ah, sim... dei uns telefonemas. E tive que fazer aquilo que você sabe.

— Que eu sei? Não eu não sei. — Paolo se senta na cama. — O que você precisou fazer?

— Não se faça de bobo... o dinheiro.

— Ah, certo. Mas isso não importa... estou feliz... Escuta, como era o tipo que o roubou? Um espertalhão, um idiota, um tipo duro, um daqueles com a cara...

Interrompo essa falsa hipotese de identificação.

— Não, não vi. Uma pessoa que conheço que me trouxe, mas que não tinha nada a ver com o roubo.

— Bom, melhor assim. O que está feito, está feito.

— O que quer dizer?

— Bom, dizem isso.

Me reviro na cama e coloco a cabeça embaixo de uma almofada. Meu irmão. Diz coisas que não sabe nem o que quer dizer. Sinto que se levanta da cama.

— Então, obrigada Step.

Sai do quarto. Levanto-me.

— Paolo...

— O que?

— O dinheiro...

— Ah sim, quanto devemos pagar?

— Devemos? Você deve pagar 2300 euros. Muito menos de quanto previu.

— Tudo isso? Puta que pariu.

Quando se trata de dinheiro ele fala palavrões.

— Que ladrão, tenho vontade de não dar.

— Na verdade eu já paguei. Mas se quiser denunciamos o furto e o devolvo em seguida.

— Não, não, está brincando? Além do mais, obrigada, Step, você não tem nada a ver com isso. Deixo para você encima da mesa.

Um pouco depois me levanto, agora a manhã começou e quero tomar o café da manhã. Cruzo com Paolo na sala. Está sentando terminando de preencher o cheque.

— Aqui está. — Dá o último risco na sua assinatura . — Deixei um pouco a mais pelo seu incomodo.

Pego o cheque e o olho. Aolo faz uma cara toda alegre como se dizesse: estão, está contente?

2400. Isto é 100 euros a mais do que eu tinha que dar para o ladrão. 100 euros para um que se esforçou a encontroar seu carro. Pelo menos é o que ele pensa. Mas que mão de vaca! Por isso vive bem! Fizesse pelo menos 2500 e pronto, não? Mas assim como na realidade me deu uma gorjeta enorme para "me emprestar" seu carro e por uma maravilhosa saída, um belo jantar e todo o resto... Não posso dizer outra coisa além de: - Obrigado Paolo.

— Imagina, obrigado você.

Estas são as frases que odeio.

— E depois Step, não sabe o absurdo, me roubara, também um cadeado.

— Um cadeado?

Faço-me de bobo.

— Sim, eu estava tão preocupado com o carro que quando eu

estacionava, colocava uma corrente no volante, Ontem não coloquei, mas não poderia pensar que conseguiriam me roubar o carro da garagem. E o que o ladrão vai fazer com o cadeado?

— Pois é, o que fará?

Sobre isso não sei exatamento o que responder. "Era para a corrente do apaixonados."

— Mas não acabou por aí Step. Olha.

O coloca na mesa. Pego na mão, olho melhor. Delicado, Simples, Reconheço a fechadura que abri ontem. Um sutiã. O seu sutiã.

— Entende... Este idiota me rouba o carro pra transar nele. Só espero que ela não tenha transado com esse ladrão de merda. Além disso, espero que ela tenha colocado nele o cadeado.

— Bom, se encontrou o sutião no carro, acho que as coisas não andaram como você espera.

— Bom, isso é verdae.

Levanto-me e vou até a cozinha.

— O que vai fazer? Vai guardar pra você?

Finjo não entender.

— O que?

— Como o que? O sutiã.

Sorrio, balançando- o em frente ao meu rosto,

— Bem, por que não, farei uma nova edição da Cinderela! Em vez do sapato, procurarei em quem servirá o sutiã.

— Bom, servirá em todos que usam o número 3

— Que olhos você tem. Melhor, não será tão difícil.

Paolo me olha e levanta a sobrancelha.

— Step, me desculpa a pergunta... mas você se acha um príncipe encantado?

— Depende de quem será a Cinderela dessa vez.

Cinquenta e um

– E então?

Ela vem até mim e quase salta em cima. Parece enlouquecida.

— Conte-me tudo, venha... O que você fez?

Depois me rodeia com os braços, torturando-me.

— Estou certa de que...

— E você como sabe que fez?

— Notou... notou... Sabe que sou sensível.

Senta-se circunspecta ao meu lado.

— Sim, tá, sensível... Bom, conto para você, mas não diga para ninguém, hein?

Ela assente, sorrindo, e arregala os olhos; não cabe em si de alegria.

— Fizemos amor.

— O que?

— Você ouviu.

— Não acredito.

— Pode acreditar.

— Sim, claro, grande coisa acaba de soltar.

— Bom, certo, não fizemos nada.

— Sim, nada! Não acredito.

— Vê? Não acredita em mim de qualquer forma.

— Certo, mas também há um ponto médio, hein?

— Sim, mas e se não foi assim, o que quer?

— Quero a verdade.

— A verdade eu já te disse.

— Qual é?

— A primeira.

— Ou seja, que você fodeu?

— Por que tem que falar sempre assim?

— Por que é o que você fez, não?

Olha-me, ofendida, sem acreditar ainda.

— Então, está mentindo.

— Está bem, pois fodemos, fizemos amor, fizemos sexo... chama como quiser. Mas fizemos.

— Ou seja, que assim, de repente, você fez com ele...

— Siiim, e com quem se não?!

— Bom, como você esperou tanto...

— Precisamente! Você é uma boba. Quantas vezes me disse: "Faça, vá com esse (e me colocava na frente de qualquer um), vá com ele, mas o que te importa? Se não gostar dele, não volte a vê-lo e pronto". E agora está se queixando por que eu fiz com Step. Você é estranha.

— É que me parece estranho... e como foi?

— Como foi? Como eu vou saber, não tenho como comparar.

— Bom, quero dizer se você se sentiu cômoda, se te machucou, se sentiu prazer, de quantas maneiras você fez... Onde esteve?

— Meu Deus, não posso acreditar, parece um rio transbordando com todas essas perguntas.

— Eu sei!

— O que?

— Um rio transbordando.

— Está bem, estivemos no Capitolio. Ali começamos... e depois fomos para o Foro Romano.

— E ali meteu em você?

— Ele! Por que você tem que sempre arruinar tudo? Foi maravilhoso. Se continuar assim, não te conto nada mais.

— É, se seguir assim, serei eu que te pedirei os direitos.

Não posso acreditar. É sua voz. Ele e eu nos viramos de uma vez. Estão exatamente ali, sentados duas filas atrás de Step e Marcantonio. Ouviram tudo. Mas desde quando estão ali? Que disse? Do que falaram? Em um décimo de segundo penso em tudo que aconteceu na última meia hora... minha vida, minhas palavras. Meu Deus! O que lhe contou? Algo assim que eu disse. Mas

desde quando estão aí? Estou perdida, acabada, gostaria de desaparecer debaixo da cadeira. Por outro lado, isto é TdV, o Teatro delle Vittorie, o templo do teatro. Quem é esse boneco? Provolino. Como era sua frase? "Boca minha, fique calada". E se fosse a Carra, queria fazer como a personagem dessa sua canção, Maga Maghella, e desaparecer. No entanto, cruzo meu olhar com o de Step, que levanta a sobrancelha:

— Bem, foi bom, não é, Gin?

Sorri, divertido. Não sei o que dizer... Não deve ter ouvido tanto. Ao menos, isso espero.

Marcantonio rompe esse dramático silêncio.

— Bem, o que faremos esta noite? Depois de todos esses bonitos relatos poderíamos ir a um privé. — Marcantonio me olha. Tem um olhar muito intenso. Brinca. Ao menos, isso espero... — Que tal uma troca de casais?

Ele estala em uma gargalhanda, olhando-me.

— Pois não seria ruim. Contigo, Gin, que loucura!

Marcantonio se aproxima e acaricia meu cabelo. Step permanece sentado na cadeira e brinca com o assento fazendo-lhe balançar para frente e para trás. Eu não sei o que fazer. É como se faltasse minha respiração. Ruborizo, ao menos acho que sim. Baixo os olhos, bufo. Meus pelos se arrepiam. Depois ocorre um milagre.

— Então, todos prontos? Comecemos os ensaios!

Debandada geral ante as palavras do ajudante de estúdio. Ou talvez, do supervisor, não sei. Seja quem for, me salvou. Saio disparada, mas um instante depois, volto atrás. Vejo-o desprevenido ante meu gesto, melhor assim. Aproximo-me e o chamo.

— Step?

Vira-se. Dou um beijo suave em seus lábios. Aí está. Step me olha e esboça um sorriso como só ele sabe.

— Só isso?

Não quero dar-lhe razão.

— Sim, só isso. Por agora.

E sem dizer mais nada, me afasto tranquila. O supervisor do estúdio se aproxima de Step.

— Que caráter tem essa garota, hein?
— Sim, que caráter.
— Como se chama?
— Ginevra, Gin para os amigos.
— É maravilhosa.
O supervisor do estúdio se afasta. E eu, por precaução, o vejo chamar.
— É...
— Sim?
— É verdade, é maravilhosa. E é minha.

Cinquenta e dois

Tarde de testes. Estou na sala do diretor com Marcantonio. Perto de nós, separados simplesmente por um vidro, estão Mariani e todos os outros. O Serpe se agira nervosamente. O Gatto & o Gatto estão sentados atrás de Romani. Olham os monitores loucamente, andam de um lado para outro da sala, procurando o enquadramento perfeito, aquele ideal que ofereça o melhor do que vemos. Romani não. Romani está calmo. Fuma lentamente um cigarro, o seguro a poucos centímetros do rosto em um estranho jogo de equilíbrio. As cinzas fazem um difícil arco partindo dos seus dedos, se prolonga no vazio permanecendo assim, suspensa no nada, sem cair. Romani com a outra mão faz rápidos movimentos, estalando os dedos. Alterna as câmeras que sem demora lhe é oferecido pelo tipo que está no mixer. O tipo é impassível. Aperta os botões de um teclado como se tocasse um piano, tira do monitor menor as imagens e as passa para o monitor maior na frente de Romani. Um, dois, três, passando, quatro, cinco, seis, vista aérea. — Aqui está Step, esta é a TV. — Marcantonio me dá um tapa nos ombros. — Vem, vamos para os nossos postos, estamos começando.

— Mas o que está fazendo?

— Bem, nada de especial. É só uma prova antes da geral. Praticamente estamos atrasados. Mas é sempre assim.

— Ah entendo.

Levanto os ombros, não que tenha ficado claro. Mas deve ser um momento importante, tem uma tensão estranha. Os cameramen começam a colocar os fones, os colocam na cabeça como soldados prontos para a guerra. Movem veloz o botão do zoom, um golpe seco, fazendo com que se balance e colocam as câmeras na posição, estiram as pernas e se põem em posição, proprietários de metralhadoras prontas para disparar sobra qualquer imagem que o general Romani solicite.

— Três, dois, um... Vá com o logo. — A música começa. O monitor a cores imóvel em frente a nós, de repente tem vida. Entram aqueles logos coloridos que nós fizemos. Depois desaparecem. E depois deles, uma série de telas se abres sucessivamente, perfeitamente a tempo. A câmera dois, onde um único cameraman tem o prazer e a possibilidade de estar sentado, avança lentamente ao centro do estúdio. No monitor a cores vejo o que está focando. A luz vermelha está acesa. É o sinal de que está no ar. Avança inexorável feito um fuzil de caça. Focou na última cortina, essa pequena porta do fundo que repentinamente se abre. Alí estão. Uma depois da outra, loira, morena, ruiva, saem como pequenas borboletas daquela pequena porta, como folhas coloridas que caem de um outono televisivo, elas, as bailarinas. Vestidas, descobertas, cobertas com um véu. Com os músculos escondidos, com sorrisos improvisados, dos cabelos penteados e coloridos, com os rostos maquiados. Rapidamente se colocam no centro. Ficam em seu lugar com elegância. Depois com um único passo, partem juntas como pequenos soldados delicados. Dançando, distanciando-se, e voltando ao seu lugar, levantam os braços e sorriem, apagando e acendendo em frente a cada câmera que se ilumina de vermelho avisando que está no ar. E os cameramen dançam com as câmeras impecavelmente, mudam o enquadramento, a levam pela mão, vão e volta. E Romani dirige tudo, perfeito maestro de uma música criada, composta de imagens e luzes. Marcantonio em silêncio golpeia o teclado do computador liberando, um depois do outro, os títulos que aparecem e desaparecem movendo-se em 3D, às vezes sobre o vulto daquela menina loira, depois sobre palco, depois uma panorâmica que vai sumindo. Bravíssimo. Não erra nada. Um último toque e a música para. Silêncio. As garotas em fila esticam os braços e com um só gesto indicam o fundo do teatro. Daquela pequena porta aparece o apresentador.

— Boa tarde, boa tarde. Aqui estamos nós... o que significa o título: " Os grandes gênios"? Pode querer dizer... por exemplo, ser genial quer dizer estar aqui com estas lindas garotas, e sobretudo, que te paguem para isso.

Olho Marcantonio. — Mas diria isso de verdade?

— Claro que não... Faz isso para se divertir, para parecer simpático e talvez pegar uma daquelas bailarinas, mas quando entra no ar é tudo diferente.

O mais clássico dos apresentadores. Antes fosse assim. Não entende que seria muito mais simpático. Hoje as pessoas são habituadas, todos leem, seguem tudo, e sabem tudo. Em vez disso, ele acredita que só os idiotas o assistiriam.

— Mas se o assistem tanto, são um pouco idiotas.

Marcantonio se vira e levanta a sobrancelha.

— Hmmm, vejo que está aprendendo. Nada mal. Sente-se aqui que te explico bem o que deve fazer.

— Como assim o que devo fazer? Você não está aqui pra isso?

— Mas um dia posso não estar, posso ter coisas para fazer e depois... hoje é estagiário, amanhã está tudo nas suas mãos e você deve ter o domínio da profissão.

Domínio da profissão. Me soa mal. É como ser absorvido por um enorme aspirador que te pega e não larga mais. Me sento perto de Marcantonio que começa a me explicar. — Agora com este botão dá o reset, com este envia outra vez o logo em 3D... — Tento acompanhar, depois me distraio um pouco. No monitor aparece Gin, levou alguma coisa ao apresentador que sorri e agradece. Olho que Gin está no primeiro plano, que Romani, gentilmente, nos cedeu. Depois Gin se afasta e o apresentador continua a explicar alguma coisa. Marcantoni também explica alguma coisa. Eu penso em Gin e o contrato que assinou neste trabalho. Maldito aspirador. Nos dois casos estou ferrado.

Mais tarde. Acabaram os testes. Atrás as quinze meninas se trocam com pressa, religam o celular que começam a tocar. Gin se aproxima de Ele que está curvada na esquina do vestiário.

— Ele, mas o que está fazendo?

— Nada, estou pegando fôlego, estou com vontade de vomitar. — Que cansaço. Mas é divertido. Mas é sempre assim?

— Isso não é nada, vai ver quando entrar no ar. Isso foi só um teste.

— Oh, as outras também estão quebradas. E faz uma vida que fazem isso. Eu mais dois ensaios e estou perfeita. Talvez porque tenho físico para isso.

Sorri e dá um tapa em seus ombros e uma piscada.

Está no sétimo céu. Bom finalmente foi pega.

Pelo menos dessa vez.

Quem sabe foi por esse intrometido... Gin não quer nem ao menos pensar. A olha enquanto se troca. Tira a roupa de um modo, Ele... pensa Gin. Sempre me diverti com seu jeito de se vestir ou se despir...Não o que veste, mas como o faz.

Parece uma luta entre ela e as roupas. Sempre tudo fica mal, tenta melhorar, o ajusta um pouco, mexe no cabelo, o coloca pra trás e chega, está pronta.

— Ei Gin, o que vai fazer depois?

— Não sei.

Me olha levantando a sobrancelha.

— Já tem um programa?

— De que? Tiro o moletom e a acerto em cheio.

— Mas até parece que se tenho um programa, como você diz, eu não te diria?

— Entendi, tem um programa.

Pega o moletom, o coloca como se fosse um lenço, e finge que vai soar o nariz. As outras a olham de boca aberta. Como de costume. É sua brincadeira preferida, o faz desde quando nos conhecemos.

Mas eu não falo nada. Ele finge enxugar o nariz com as mãos enquanto as outras, enojadas, continuam a olhá-la.

— Obrigada, é mesmo minha amiga.

E assim, me joga o moletom, sorri e vai embora.

Um pouco mais tarde. Tomei banho. É um mito este teatro.

Todas as comodidades respirando o que já foi o debut de Carra, de Corrado, de Pippo Baudo, de Celentano, e de quem sabe quantas outras artistas. Saio com a bolsa nas costas e olho em volta. Nada. Não o vejo.

— Senhorita... as suas amigas já foram embora.

O guarda parece não gostar. Ingenuo. Como se eu as procurasse.

— Quer uma carona? Daqui a pouco acaba meu turno e chega meu colega. — E ri mostrando os dentes amarelos, retorcidos lutadores de algum cigarro barato. Depois se perde justamente dando uma risada cafona.

— Para mim seria um prazer.

Não é tão ingênuo, além do mais é um pouco desagradável.
— Não, obrigada. Muito gentil.
E como minha mãe me ensinou, me distancio sem dar muita confiança.

Cinquenta e três

Eu encontrei a minha Cinderela. Step, que diabos está pensando? Você sugou seu cérebro... Sua Cinderela... Minha mãe, você está exausto. Certo, eu gosto. Tem caráter, é simpática, é divertida e é bonita! Está atrasada... Estou abaixo de sua casa, eu fiz uma chamada não atendida com o telefone e devolveu. Ou seja, você entendeu que estou aqui embaixo. Basta! Penso em ligá-la pelo interfone, o que me importa que seus pais não devam saber sobre sua vida privada! Gianluca, seu irmão, já nos viu beijando. Duas vezes. Imagine... E se seus pais veem que saímos... O que tem de mais? Se tivesse nos pegado transando, eu entenderia! Bem, isso sim que seria um problema. Basta, vou ligar.

Aproximo-me da porta e no interfone procuro Biro, seu sobrenome.

— Quieto. O que está fazendo?

— Como o que estou fazendo? Ligando para uma atrasada.

— Se sou pontualíssima! Você me fez uma ligação não atendida e eu desci de imediato. Mas eu pensei que você estava com o Audi A4 e, no entanto, você está de moto e eu de saia.

— Bom, os outros motoristas ficarão contentes... Está usando calcinha por baixo?

— Imbecil!

Me dá um soco no ombro de sempre. Já deve estar com uma mancha roxa.

— Sinto muito, mas eu discuti longamente com o ladrão, pactuei o preço e depois devolvi ao meu irmão, que estava encantado.

— Pobrezinho.

— Como assim pobrezinho? Além de que economicamente está muito bem; o cara estava disposto a pagar até quatro mil e trezentos euros para recuperar seu carro, e graças a mim saiu muito mais barato.

— Quer dizer?

— Algo mais da metade.

— Ou seja, na sua opinião, até que ele se saiu bem.

— Claro. Venha, sobe.

— Pois é um ótimo negócio ter um irmão como você!

— Diga mais forte!

Gin levanta a voz.

— Pois é um ótimo negócio ter um irmão como você!

— Está bem, eu já ouvi.

Me beija os lábios e sobe atrás ao mesmo tempo que acomoda sua saia debaixo de suas pernas.

— Muito sentido de humor, hein? Estava brincando.

Passo o capacete.

— Ouve, me ocorreu agora algo... Como vai seu irmão de dinheiro?

— Mal. Além disso, quem toca minha família tem claro: ao longo, entendido? Além disso, só o fato de que você pode pensar isso muda as coisas.

Gin baixa da moto e se planta diante de mim.

— Além disso, mudamos em breve!

— O que quer dizer? Vai me dar outro beijo melhor do que o de antes, que era um pouco esquivo e não precisamente longo?

— Mas o que está dizendo? Mudança de planos, venha, desça!

— Não, não me diga que temos que lutar outra vez. Para isso ficamos na academia.

— Mas, o que você entendeu? Mudança de planos quer dizer que desça da moto, que eu irei dirigir.

— O que? — Penso comigo mesmo que ela, Gin, quer dirigir a moto. Minha moto. Dirigir minha moto. E quem, se não? Uma mulher. Sim, de acordo, é Gin, mas continua sendo minha moto, e ela, embora sendo Gin, ainda é uma mulher. Depois percebo o absurdo. Não acredito no que ouço: — Tudo bem, eu gostaria de ver como você lida com isso.

Sou eu quem diz isso, Step. Será que eu fiquei louco? Nada. Já não raciocino, não posso acreditar. Puta que pariu... Estou péssimo. Deslizo sobre

a moto, mantendo as pernas retas. Deixo que a moto resvale debaixo de mim e acabo no assento de trás, dando espaço para Gin, que sobe na frente. E eu, para piorar as coisas, a ajudo! Ah... Eu fiquei louco.

— Sabe como dirigir?

— Claro! Quem acha que eu sou? Embora eu não te conhecesse, já fiz muitas coisas em minha vida.

— Sim, claro... — Me dá vontade de sorrir, mas me contenho. Penso no banco, na escuridão da outra noite, em "nossa história"... Queria dizer-lhe: "Sim, como na outra noite", mas não faço isso. Seria de mal gosto fazer. Puf. — Ai!

Me deu uma cotovelada na barriga.

— Já sei o que está pensando.

— O que?

— Está pensando: "Sim, claro, como na outra noite... Já vejo quantas coisas fez... Não tinha estado nunca com nenhum outro garoto e, se não tivesse sido por mim..." Verdade? Diga a verdade, você pensou nisso.

Não há nada que fazer, ela sempre pega tudo. Minto, descaradamente.

— Você não está bem da cabeça. Claro que não, não pensei nisso de forma alguma! Está obcecada de que penso sempre nisso. Mas está errada!

— Sim... então em que estava pensando? Eu vi você sorrir pelo retrovisor...

— Em nada... Na gasolina... Em que estou deixando você conduzir a moto.

— Sim, está bem... acredito em você. Vamos, é melhor! Como se liga isso?

— Isto é uma Honda Custom 750 com roda lenticular... Alcança os duzentos como se não fosse nada e se liga assim.

Inclino-me para frente, agarro o guidão e tenho Gin entre meus braços, como se estivesse abraçando-a por trás. Depois, com o polegar direito, coloco a moto em marcha. Acelero um pouco e respiro profundamente entre seu cabelo. Suave e perfumado, macio, quase me acaricia. Fecho os olhos. Perco-me.

— Ei!

Volto a abri-los.

— O que está acontecendo?

— Se você ficar assim, não vou conseguir dirigir.

Sorri.

— Ah, claro.

Afasto os braços e me recosto na moto. Gin coloca o capacete e o afivela. Eu faço o mesmo.

— Está pronto, Step?

— Sim. Sabe como colocar as mar...?

Eu não tenho tempo para terminar a frase quando Gin mete a primeira e salta para frente acelerando. Estou prestes a cair da moto por causa do salto para trás. Pegou-me desprevenido. Não voltará a acontecer... espero. Agarro-a forte, abraço-me a sua jaqueta e com os braços ao redor de sua cintura. Caramba, não dirige mal... Incrível.

Muda as marchas tranquilamente, brincando com a embreagem. Já dirigiu motos, de verdade. E talvez muito. Vermelho, freia no semáforo com uma marcha muito alta. Como não podia ser de outro modo. A moto para de repente e quase se crava. Nós cairíamos para a direita se não fosse por que baixo depressa a perna para o chão e seguro os dois, ela e a minha moto. Minha moto...

— Ei, como vai? Está certa de que você quer levá-la?

— Não vi que estava vermelho. Não acontecerá novamente.

Aciona as marchas para colocá-la em ponto morto.

— Está certa de que...?

— Eu já te disse, não voltará a acontecer. Já decidiu aonde vamos?

— Para Warner. Há um monte de salas e fazem...

Não me deixa acabar.

— De acordo, ótimo. Assim posso tomar um chope.

E sai muito rápido, de primeira, me pegando novamente desprevenido.

Warner Village. Catorze salas ou mais, filmes diferentes que começam em diferentes horas. Dois restaurantes, um pub, e um montão de gente.

— Ei, Gin, achei que não chegaríamos.

— O quê? Por que nós ficaríamos sem gasolina ou por que não

encontraríamos o cinema?

— Digamos que minha preocupação residia em... se chegaríamos vivos!

— Há, há! Você não gostou do trajeto? E com sua moto... Não te transmiti emoção e tranquilidade ao mesmo tempo? Acelerava, pegava uma curva muito fechada... Quando passava entre dois carros e te notava apertar minha jaqueta soltava o acelerador, freava um pouquinho e sentia que abandonava a pressa. Foi maravilhoso dirigir assim. Você e suas emoções. Era como se estivéssemos por um fio, o da aceleração.

Caminho em silêncio enquanto nos dirigimos para a bilheteria.

— Ei, Step, você entendeu ou não?

— O que?

— A história do fio da aceleração.

— Bem, não precisava de tanta enrolação, não?

— E eu que sei! Você ficou calado, como se tivesse perdido o controle da situação. Vamos, compre as entradas, que eu vou pegar a pipoca!

— Sim, mas para que sala?

— E eu que sei!

— Que tipo de filme você gosta de ver? Uma comédia, um romance, um de terror...?

— Escolha você... Eu te trouxe até aqui, e ainda tenho que escolher o filme? Isto é muito! Você pode fazer algo, não? Basta ter em mente que o filme de terror me parece que você já viu.

— Acho que você está errada, Gin, ainda não vi.

Olho o cartaz e o encontro: A verdade oculta. Não, não vi. Além disso, como ela sabe o que vi ou não vi?

— Como não? Se inclusive foi o protagonista: Sobre o asfalto por trás de Gin!, um filme assustador. Uuuh... Ainda está tremendo, posso ver. Melhor um romance, venha... que se você cair, você cai bem, e não te machucará!

Diante de mim, duas garotas riem. Gin se afasta, sacudindo a cabeça.

— De loucos...

Coloco minhas mãos nos bolsos. As garotas na minha frente me olham por um tempo e sorriem outra vez. Depois, por sorte, uma delas duas começa uma conversa que as leva para outro lugar. Pela primeira vez entendo o que

significa sentir-se como um "homem objeto". E, além disso, convertido em um homem objeto por uma garota, por Gin, a Gin que dirigiu minha moto, que dirigiu bem, tranquila, segura, veloz, que sabia o caminho, que chegou até aqui... Ao longo de todo o trajeto, de noite, com saia, com o tráfego rodando depressa. Gin... a primeira garota que dirigiu minha moto. E a primeira que me tornou um objeto! Me dá vontade de rir. Já me toca. Fico sério e compro as entradas, sem dúvidas, sobre a escolha.

Gin está na frente na entrada da sala com dois recipientes enormes de pipoca entre os braços e uma coca-cola com dois canudos dentro.

Ou seja, conseguiu...

Pego a Coca-cola, dou um gole, e me adianto.

— Venha, vamos.

Gin sacode a cabeça e me segue, tentando que não caiam suas pipocas.

— Posso saber que filme escolheu?

— Por quê? Rirá, de qualquer forma.

— Eu? Isso não está certo. Eu me adapto a tudo, não sou uma chata. Além disso, não vi nenhum desses. A comédia, o romance, e inclusive o de terror, todos me serviriam.

— Por isso... escolhi todos.

Tiro seis entradas do bolso.

— Primeiro o terror, depois a comédia para que você se recupere e depois o romance, para que assim eu me recupere.

— Com o romance?... De que?

— Recupere você, em sentido físico, quis dizer. Explico-me: Viemos, você dirigiu minha moto, vamos ver três filmes em vez de um; entre o segundo e o terceiro há um intervalo de vinte minutos e talvez possamos tomar algo... E o que eu ganho com tudo isso? Nada? Não é justo, assim no final espero que minha recompensa seja "uma coisa", quer dizer, "essa coisa", não?

— Uma só coisa? Você vale muito mais. Toma, você merece todas!

Gin me lança o recipiente de pipocas. Eu seguro como posso, tendo em conta que tenho na mão a coca-cola. O resultado não é o melhor. Fico com algumas pipocas pregadas em meu pulôver, uma inclusive no ombro, e muitas,

muitas, em meus pés. Gin se afasta, dando de ombros.

— Não se preocupe, convida a casa!

Precisamente neste momento passa as duas garotas que estavam na minha frente na fila e começam a rir novamente. Sacudo alguma outra pipoca de cima de mim e depois sorrio eu também.

— Tem que entendê-la, não quer admitir, mas está apaixonada!

Assinto. Bem, me parece que deram uma boa explicação. E um pouco mais satisfeito, entro na primeira sala. Está escuro.

— Gin... Gin, onde está?

Chamo-a em voz baixa, mas de qualquer forma sempre há alguém suscetível.

— Sh.

— Mas nem sequer começou os créditos iniciais... O que está acontecendo?! — Eu levanto a voz. — Gin, me faça um sinal.

Da direita me chega uma pipoca que bate em minha bochecha.

— Estou aqui...

Sento-me ao seu lado e, em seguida, me oferece seu recipiente.

— Se já comeu todas as suas pipocas, pode pegar as minhas. Sou generosa, você sabe.

— Sim, mas do que as oferecer, você as joga diretamente!

Coloco uma mão entre suas pipocas e pego algumas antes que acabem igual às outras.

— Step, diga-me uma coisa: esta ideia de ver três filmes você copiou de Antonello Venditti?

— Antonello Venditti? O que está dizendo? E quem é esse?

— Um cantor e compositor! Você sabe, essa canção que fala também de Milan Kundera, que fala do colégio, de Julio César...

— Nunca ouvi falar.

— Não?

— Não, nunca.

— Mas, em que mundo vive? Não presta atenção nas palavras...

— Não, não presto atenção em um cantor e compositor romano... — Diante de nós, um cara se vira decidido. — No entanto, nós sim prestamos

atenção as palavras de vocês, só que nós gostaríamos de ouvir o que dizem no filme. Ou que em, sua opinião, agora também saem os créditos?

Preciso, chato e vingativo. Esperou que falássemos precisamente para que soltasse sua piada dos créditos. Poderia ter voltado a fazer simplesmente "sh". Teríamos-nos calado e ponto. Mas passou, e muito. Faço movimento de me levantar.

— Perdão, mas...

Não me dá tempo de acabar a frase quando Gin puxa minha jaqueta e faz com que eu volte a cair em meu assento.

— Step, faça-me alguns mimos, anda.

Me atraí até si, sorrindo, e eu não me faço de rogar.

Depois do primeiro filme, A verdade oculta, vamos tomar uma cerveja no pub da Warner antes que comece a comédia.

— Diga-me a verdade, Gin... você teve medo?

— Eu? Não conheço essa palavra.

— Então por que você se apertava tanto contra mim e depois, quando não dava medo, apertava a mão?

— Tinha medo.

— Ah, está vendo? Você disse...

— Tinha medo que o cara de trás nos denunciasse... por brigarmos ou, pior ainda, por atos obscenos em um lugar público.

— Melhor a segunda opção.

— É claro, assim eu teria sido melhor parada também.

— Não, não digo por isso. É que coleciono denúncias, e falta a denúncia por atos obscenos!

— Bem, se é por isso, comigo nunca acabará sua coleção.

— Está certa? Ainda faltam dois filmes.

Faz um movimento veloz. Seguro a cerveja antes que jogue em cima de mim.

— Tranquilo. Só ia acabá-la por que está prestes a começar o outro filme. Se perder tempo, o que você fará com sua coleção?

Sorri e acaba a cerveja com um gole. Depois se levanta, limpando a boca com a manga da sua camisa.

— Vamos... você não quer?

Ofendida, entra na sala. Scary movie. Primeiro um de terror; agora uma comédia sobre os filmes de terror. Quem sabe o que parece minha escolha? Mas não lhe pergunto, muitas perguntas. Gin se move na cadeira. De vez em quando ri de alguma cena delirante. Bem, o fato de que está rindo já é animador. Ri de mim? Muitas perguntas, Step. O que está acontecendo com você? De onde vem tanta insegurança?

Gin se levanta.

— Ei, vou no banheiro.

— Certo.

— Entendeu?

— Sim, me disse que ia ao banheiro.

Gin sacode a cabeça e sorri saindo da fila, agachando-se para não incomodar as pessoas de trás. Ou para não chamar muita atenção? Viro-me. Detrás está vazio, não há ninguém. Volto a olhar o filme. Um cara com uma máscara corre tropeçando por todos os cantos. Mas não me dá vontade de rir. Talvez por que estou pensando em Gin. E no banheiro. Ou talvez por que simplesmente não me dá vontade de rir. De qualquer forma, eu também tenho que ir ao banheiro. Bem, "tenho" é algo exagerado. Eu quero, é melhor, principalmente para saber se eu entendi ou não.

Em todo caso, se Gin me disser, "Mas o que você entendeu?", eu direi, "O que você entendeu? Simplesmente tinha que ir ao banheiro. O que está acontecendo? Eu não posso mijar?" Hmm... nunca acreditaria. Cruzo a fila sem fazer muito ruído. As risadas de alguém mais a frente tapam o fato de que eu chocei contra uma poltrona. Esfrego o músculo anterior da coxa e entro no banheiro. Não a vejo. Se trancou no banheiro a sério?

— É, menos mal.

Aparece de repente por trás da pesada cortina vermelho escura.

— Por um momento pensei que você não tinha entendido — ri.

Não lhe digo que por um momento eu realmente não entendi. — Você me assustou!

Gin se aproxima e me beija. Está quente, suave, bonita, perfumada, desejável... e pronta para acabar a coleção!

— O que, não vai dizer nada?

— Sim. O que faremos, nos trancamos no banheiro?

Ela sorri.

— Não, ficamos aqui.

Apóia as mãos atrás, dá impulso com os antebraços e sobe para o lavabo, sentando-se em cima. Depois estica as pernas e me rodeia com elas. Quando estou a ponto de beijá-la vejo sobressair sua calcinha do bolso de sua jaqueta. Já as tirou e isso me excita ainda mais. Uma gargalhada da sala chega imprevista enquanto desabotôo minhas calças. Também isto me excita ainda mais. Depois estou dentro dela. Ela. Tudo. Rimos juntos enquanto a penetro. Depois ela, de repente, geme e suspira enquanto no outro lado estalam novas gargalhadas. Apoio as mãos em suas nádegas, quase me agarro a ela, e empurro para dentro para que seja ainda mais minha. Do outro lado riem outra vez. Ela também. É mais, não, não ri, sorri. E depois suspira. Apóia a cabeça em meu pescoço, e me morde com suavidade.

— Vamos, Step, continue, não pare...

Eu sigo lentamente e ela se move sobre a pia. Vejo suas pernas. A saia cai para um lado. Sua pele sobre a porcelana branca e fria do lavabo. Gin estremece. Move as mãos para trás e apóia a cabeça no espelho. Eu levanto suas coxas e entro ainda mais. Suspira cada vez mais forte. Suspira enquanto noto que está prestes a ter um orgasmo. Depois, uma grande gargalhada chega vindo da sala. O ruído da porta ao lado. Fecho os olhos, consigo com muita dificuldade sair e eu também gozo. Mas Gin perde o equilíbrio e está prestes a cair de lado no chão. Para não cair se agarra a uma torneira e a abre, molhando toda a saia por trás.

— Ah, está gelada!

Rimos. Fecho a torneira. Imediatamente depois, abotôo minhas calças e me arrumo da melhor maneira que posso. Gin se olha no espelho. Mas por trás tem a saia completamente molhada. Cruzo meu olhar com o seu.

— Você gostou, hein?

Uma gargalhada chega da sala no momento oportuno.

— Que engraçado!

— Bem, eu os fiz rir!

A pesada cortina vermelho escura se move e depois plop!, como se tirado de uma cartola de um prestidigitador um pouco torpe, uma senhora aparece.

— Oh, não podia sair; esta cortina pesa muito... O banheiro é aqui, verdade?

— Sim, o banheiro das senhoras é na porta à direita.

Diz Gin sem cruzar com seu olhar. Depois ela também desaparece por trás da cortina.

— Obrigada! — responde a senhora, e passa na minha frente sem perceber. Eu, que sim, percebi, me agacho e sigo Gin na direção da sala.

— Ei, perdeu isto.

Tira de minhas mãos de uma vez.

— Dê-me agora.

Sentada em seu lugar, Gin coloca suas calcinhas empurrando para trás na poltrona com os ombros.

— Minha mãe, que vergonha se essa senhora chegasse a encontrá-las!

— Sim, e se tivesse conseguido abrir antes as cortinas? Sabe o que teria ocorrido, então?

— Sim, você teria completado sua coleção!

E também, desta vez, a sala ri.

●●●

Um pouco mais tarde, depois do segundo filme. No restaurante do Warner, estilo californiano, ou algo parecido. Peito de frango na chapa com parmesão e espinafre fresco. Uma salada para compartilhar.

— Ei, essa folha era minha! — Gin dá um golpe em meu garfo.

— E como ia saber, hein?

— E esta?

Espeto uma, precisamente do seu lado.

— Esta também.

Mas não dá tempo para me deter, quando eu a meto na boca. Sorrio, mastigando-a, com a boca aberta como um estranho cachorro herbívoro, mas

divertidamente faminto.

— Que nojo...!

— Buh! — Respondo sua acusação dando um salto para frente para assustá-la. E precisamente nesse momento...

— Vejo que estão passando muito bem juntos... Assim deveriam ser todos os casais! O amor não é bonito se não é brigão...

Ficamos com a boca aberta. Ou melhor, dizendo, eu a fecho quase em seguida, já que a tenho cheia de espinafres. Não tenho muita confiança com essa senhora; e mais, para ser sincero, não tenho nenhuma. Só a vi uma vez, e... no banheiro. É a mesma de antes, a que esteve a ponto de nos descobrir... em uma atitude erótica. Gin a reconhece e baixa o olhar, ruborizando. Que ridícula. Foi ela quem quis e agora se envergonha.

— Perdoem se estou chateando-os, mas sabem onde há um banheiro por aqui?

Gin parece ter encontrado no prato um espinafre interessante, mas o abandona imediatamente e aponta com o garfo para o fundo da sala. Eu faço o mesmo, mas sem garfo.

— Por ali! — dizemos em uníssono, e depois, logo depois, começamos a rir.

— Por que estão rindo? Vocês têm que ir também?

Olho para Gin, irônico.

— Nós também temos que ir?

Ela nega com a cabeça, faz uma estranha careta e consegue não ruborizar.

— Não, agora não. Dentro de pouco começa nosso filme!

— Vão ver outro? Que bonito casal, quão unidos vocês estão!

— Sim... — Olho para Gin, sorrindo. — Tenho que dizer que o cinema nos une muito. Sobre tudo o banheiro do cinema!

— Não entendo...

Gin me olha e sacode a cabeça. Depois sorri para a senhora, amolecida por sua ingenuidade.

— Nada... era uma brincadeira.

— Bem, perdão. Vou indo, antes que o xixi me escape. Talvez tenha

bebido muito, ou será a idade...

— Tranquila, senhora. Nós também vamos muito ao banheiro...

Gin me dá um tapa no ombro.

— Acabou! Rápido, que já vai começar o filme, vamos!

E em alguns instantes, depois de nos despedirmos da mulher, estamos na outra sala. Aqui passa um filme antigo, mas para a Warner é novidade. Abraça-me e segue o filme com uma mão na boca. Remexe-se, mordisca um pouco as unhas, e se apóia de novo em mim. Mensagem em uma garrafa. Kevin Costner perdeu sua mulher e não quer voltar a recomeçar. Não quer continuar vivendo. Escreve cartas e coloca em uma garrafa que se perde no mar, uma atrás da outra; é seu amor que naufraga. Mas não escreve para ninguém. Depois alguém encontra a mensagem na garrafa. Uma jornalista. A carta a comove e se converte em um acontecimento. Acendem as luzes. Primeira parte. Gin ri, sorvendo pelo nariz, cobre o rosto com o cabelo e não se deixa ver. Volta para o outro lado, me olha por baixo, estala em uma gargalhada outra vez e voltar a sorver pelo nariz.

— Está chorando!

Aponto para ela, culpado.

— Pois... sim! Não tenho que me envergonhar.

— Está bem, mas é só um filme!

— Sim, e você é um insensível.

— Eu sabia... Como sempre a culpa é minha! Vamos para o banheiro fazer as pazes?

— Cretino... Agora não vem ao caso.

Gin me dá um soco no ombro.

— E por que, às vezes, vem ao caso e, às vezes, não? Além que isso de "vir" soa péssimo...

— Vê, você é um inoportuno! Continua fazendo brincadeirinhas, chato! Mas eu...

— Sh! Silêncio está começando o filme!

E desliza poltrona abaixo, lançando-se sobre mim. Abraçando-me e rindo segura minha mão, que procurava alguma distração.

Um pouco mais tarde, diante de uma cerveja.

— Você gostou?

— Muito, ainda estou mal.

— Inferno, Gin, não brinque!

— E o que quer que eu faça? Eu sou assim. Claro que se não tivesse afundado com o barco e tudo mais... Agora que tinha voltado a se apaixonar... a amar a jornalista... Que ruins são esses diretores.

— Mas por quê? É perfeito! Agora será a jornalista que irá escrever as cartas de amor e colocá-la em uma garrafa, assim encontrará outro e a história começará novamente... Ou pode colocar um peso dentro, assim as garrafas acabarão no fundo do mar e Kevin Costner poderá lê-las.

— Minha mãe, que macabro você é.

— Estou tentando desdramatizar este drama que você está vivendo.

— Não estou vivendo nenhum drama. Além disso, chorar é libertador, é bom, limpa as glândulas, entende? É um equilibrador, assim como os beijos.

— Os beijos?

— Sim. Os beijos contêm enzimas, estranhas substâncias... tipo... endorfinas, acho, em resumo, como uma droga. Os beijos tranquilizam... Por que acha que eu te beijo?

— Pois eu pensava... que era pura atração sexual.

— Pois não, é puro efeito calmante.

— Você está mostrando um aspecto novo de mim mesmo; teria que beijar mais mulheres, talvez descobrissem que eu sou melhor do que a tília, deveriam me vender no supermercado! Sabe o macarrão que...?

— Sabe a porrada que te daria?

— Ah, vê? Só de pensar nisso você fica ciumenta.

— Step, você pensou alguma vez...?

— Em que, em ser ciumento?

— Não, em escrever, que sei eu, uma nota, um poema...

— Sim, e colocá-lo em uma garrafa.

Na realidade tentei escrever para Babi. Era Natal. Lembro como se fosse ontem. As folhas de papel reduzidas a bolas debaixo da mesa, tentativas desesperadas em encontrar as palavras adequadas. Adequadas para um desesperado. Eu, eu que corria ofegante na inútil carreira, na impossibilidade

de reconquistar um amor que se foi, que já se foi. E depois voltar a vê-la, a ela, com outro, e não encontrar nem sequer a palavra mais simples. O que sei eu... Olá. Olá, como você está. Olá, está fazendo frio. Olá, é Natal. Olá, Feliz Natal. Ou pior ainda. Olá, mas como... Ou bem: olá, eu nunca te disse...? Olá, eu te quero. Mas o que tem a ver isto agora? Não tem nada a ver.

— Não, nunca escrevi nada. Nem sequer um cartão de felicitações.

— E nem sequer tentou?

— Não, nunca.

O que quer? Por que insiste? Me olha de soslaio.

— Hmm... — diz, perplexa. E depois ataca de novo. — Bem, que pena! Na minha opinião seria maravilhoso!

— O que?

— Receber algo escrito por você. Seria bom um poema, um bonito poema.

— E além do mais tem que ser bonito! Não basta que escreva, ainda tem que ser bonito.

— É claro, sobre tudo bonito. Não precisa ser longo. Um bonito poema sincero, cheio de amor... talvez para que te perdoe!

— Que é isso? Ainda não escrevi nem o poema e já fiz algo de errado.

— É claro. Por acaso não mentiu para mim antes? — Sorri, arqueia uma sobrancelha e se levanta, deixando-me na mesa. — Falso!

Acabo o último gole da cerveja e em um instante estou ao seu lado.

— Diga-me uma coisa: como você soube? — digo, confirmando que acertou.

— Seus olhos, Step. Sinto, mas seus olhos dizem tudo... ou, ao menos, o bastante!

— Ou seja?

— Me deram a entender que ao menos uma vez você tentou escrever uma carta, um poema ou outra coisa. Eu não sei, só você sabe.

— Ah... claro.

— Vê? Você disse "claro".

Me enrolei com esse "claro". Mas o que isso tem a ver? Caminhamos um ao lado do outro, perto, em silêncio, até a moto. Algo é certo: tenho que usar

mais vezes os óculos. Óculos de sol. Talvez inclusive de noite. Ou, pelo menos, não dizer mentiras. Não, é mais fácil usar óculos... Ah, claro.

Cinquenta e quatro

10 de outubro

Uau! O primeiro programa foi muito bem. Eu, Gin, não falhei em nada, Faltaria mais, Tinha uma única entrada no fim do programa onde devia levar simplesmente um envelope com o nome do vencedor. O que eu poderia errar? Bem, poderia tropeçar. Ela foi maravilhosa. Tinha que entrar no meio do programa para dar o envelope com a classificação provisório. Não tropeçou. Foi perfeita. Entrou, se juntou ao apresentador no momento certo, no lugar certo, mas... esqueceu-se de levar o envelope. Ótimo! Maravilha! Ele é sempre Ele. Porém todos riram, o apresentador fez uma boa piada (não devia ser muito boa, mas não me lembro agora). Todos simpatizaram com Ele, e no fim ao invés de ficarem bravos, bateram palmas e riram. Alguns disseram que ela fez de propósito. Ele... imaginem. O mundo do espetáculo... Querem ver algo de ruim. Como disse meu tio Ardisio quando soube que eu ia trabalhar na televisão: — Fique atenta minha sobrinha que ali o mais limpo tem sarna. — Talvez seja verdade. Seja como for, Step se perfuma sempre.

5 de novembro

Agora sou uma a mais. Me fizeram fazer uma das meninas adjuntas do ballet. Loucos. E seguia o ritmo dos ensaios. Amanhã temos o programa, precisa ver como faço. O peso do "ao vivo" é outra coisa, me disseram. — Ali erra com mais facilidade, e o seu erro chega ao vivo na casa de todos. — Ajuda! Não quero pensar nisso. Até minha mãe me verá. Não perde um

programa. Assiste até o final e sempre consegue me achar. A outra vez me disse: — Te vi no programa de hoje. — Mas olha mãe, acho que não, hoje não fiz nada. —Como não! Entrou no fim para os cumprimentos... era a última a direita no fundo do palco...— Minha mãe! Não se consegue esconder nada dela. Mais ou menos.

6 de novembro

Perfeita. O coreógrafo me disse: —Perfeita! — Levantei a sobrancelha e lhe disse: — Quem? Aquela na minha frente? — Carlo, o coreógrafo, riu como um louco. — Você é muito simpática. — me disse. Mas não parou ali. Me pediu o número do telefone. —Assim te ligo para treinar, pode melhorar se vem nos ensaios com as outras... — Perfeito, eu gosto de dançar!

Teria sido perfeito mesmo se enquanto Carlo anotava meu número não tivesse passado Step. Step e o seu dom de aparecer. Perfeito também pra ele. Só que ficou irritadíssimo. Step ciumento. Como devo interpretar. Ele diz que Step é fantástico, maravilhoso. Sim, com ela. Não só isso, mas Ele diz que Marcantonio quer uma relação aberta. Step não. Quer uma relação blindada. Mas não pode ser um meio termo?

Felizmente fizemos as pazes. Último andar do meu prédio, é o melhor lugar para fazer as pazes. Ainda bem que lá não chega o elevador e não acredito que as duas da manhã alguém decida subir no terraço. Meu irmão desta vez não viu nada. Ah, e nem a senhora do banheiro do cinema.

— Bom — disse Step — boa noite, o meu álbum deverá esperar —

Se continuarmos assim, mais cedo ou mais tarde o terminará de verdade!

10 de dezembro

Ufa! Mas por que sempre termina assim! Não pode haver uma relação serena e tranquila, sobretudo profissional, entre um homem e uma mulher que trabalham juntos? Evidente que não. Carlo, o coreógrafo, me provou que não. E feio. È muito chato. Já me encheu. Quis fazer uma ceninha sensual comigo,

e em vez disso me fez vomitar e ainda ganhou um empurrão dos fortes. Bateu contra a barra do meio do espelho e ficou partido em dois. Talvez exagerei. Não. Não exagerei. Só que me disse para não aparecer mais na sala de ensaio. — A não ser que... — me disse. A não quer que...! Tem noção? A não ser que... o que? Deveria ter respondido: — A não ser que venha com Step! — Outro empurrão depois... Decidi. Não direi nada a Step dobre Carlo. Para seu álbum, não servem as repetições.

20 de dezembro

Não acredito. Está sempre distraído com tudo e com todos no que diz respeito ao trabalho, mas isso Step percebeu.

— Como não está mais no ballet?

— Mas eu te disse, Carlo quer testar outra menina... — Não acreditou. E não parou de insistir até o final do ensaio. Preocupante na verdade.

— Sim, olha bem quem o Carlo escolheu? Arianna, a mais fácil de todas! — E você sabe o que disso? Quis lhe responder, mas pensei que era melhor não colocar mais lenha na fogueira. Me encheu de perguntas. — Mas como? Você gostava tanto de dançar... Não cumprimenta mais, mas no programa não errou nunca... Mas será o que te aborreceu? — Nesta última pergunta tive uma reação improvável. Não queria que Step tivesse notado.

No fim me disse: — Ok, chega! — Menos mal, pensei.

Estava já relaxando quando ele disse: — Vou perguntar diretamente a ele... qualquer coisa ele saberá me dizer, não?

— Faça como quiser —, eu disse. Depois pensei: o que Carlo dirá eu não sei, e sinceramente não estou nem ai. Uma coisa é certa. Se falar, vai se lamentar do meu empurrão.

24 de dezembro

Ensaiamos até às seis horas e depois todos para casa para o Natal! Carlos ainda está vivo, pois não falou nada. O estranho é que agora me cumprimenta

todo carinhoso. Bom, o milagre de Step. Talvez. Melhor não perguntar muito. Eu e Step tivemos uma ideia fantástica. Primeiro todos em casa com os pais para a ceia e depois da meia noite, todos na casa de Step, o melhor do seu irmão para distribuirmos os presentes. Vão também Ele e Marcantonio que estranhamente ainda estão juntos. Estranhamente por Ele, que conheço bem, e estranhamente para Marcantonio, que conheço pouco. Mas pelo que o conheço, não acredita que durasse tanto assim. Talvez colocaram em prática de verdade o esquema de relação aberta.

Bom, melhor pra eles. Releio então, aquilo que escrevi e e vejo que é cheio de bom, talvez, mas... tenho tantas incertezas? Uma coisa é certa. Na vida é melhor não ter tantas certezas. Por agora vai... com Step. E vai que é uma beleza!

25 de dezembro

Acordei meio dia e tomei um café da manhã fantástico, panettone e cappucino!. Uau! Estou muito feliz. Um monte de gente diz que o Natal entristece... Eu não. Eu adoro! A árvore com as luzinhas, o presépio, o jantar com todos juntos e cheio de coisas boas. Claro que se ganha alguns quilinhos, mas onde está a tristeza? Depois se perde. Um pouco de exercício e se perde. E com Step, tem vontade de perder quilos, e quando engorda? Que piada! Espero que ninguém encontre este diário. E por acaso você que o pegou e o está lendo... você está errado! Entendeu seu lado, fofoqueiro, maldito! Bom, não quero pensar nisso. Ontem a noite foi muito legal! A meia noite e meia, estávamos todos na casa do irmão de Step. Paolo, seu irmão, não estava. Ele também foi se encontrar com a sua namorada, uma tal Fabíola. E assim, estávamos apenas nós. Ótimo! Marcantonio levou um CD maravilhoso. Café *del mar* (ou outro) e o colocou. Atmosfera perfeita, apaixonante, mas não muito, suave ousaria dizer. E ousa Gin, ousa. Rum, brandy, champagne, tinha de tudo. Dei dois goles no rum de Step, e já fiquei bêbada. Fizemos o jogo da garrafa para ver quem abria primeiro o presente. Saiu Marcantonio, e assim foi sua vez. E Marcantonio aproveitou o jogo e saudoso, como disse ele, dos bons tempos, quando graças à bebida superava a timidez... se jogou sobre Ele,

agarrando-a. A beijou toda, e Ele ira, ira... estão muito bem. Juntos de verdade. Fico feliz por Ele. Belos presentes depois, muito bonitos. Ele, sempre exagerada, o presenteou com um programa de design que chegou dos EUA e custou muito caro (isso me disse Step, que o usou quando estava fora). Quando Marcantonio viu o presente, ficou enlouquecido, a abraçou e começou a gritar: — Você é a mulher da minha vida! — Ela ao invés de ficar feliz, ficou com raiva e disse: — Então seu amor se pode comprar... basta um programa de design... um Trambert xd americano! — E pulou sobre ele. Caíram no sofá e começaram a lutar.

Marcantonio a segurou e disse: — Não faça assim, você deve ser mais espirituosa, mais gentil, mais amável , você ficará bonita, ainda mais bonita. — No fim Ele ficou tão balançada que acabou gostando do presente também. E que presente. Um vestido de gueixa! De seda, azul escuro, lindo, com o casaco modelo coreano, muito elegante. Uma roupa de gueixa! Ele colocou o casaco e se olhou no espelho. Me olhou e me disse: — Era o meu sonho. — O seu sonho. Ser uma gueixa... só Ele mesmo. Voltaram às dúvidas. Mas passaram logo. Mesmo porque era a minha vez. Abri o presente que Step me deu.

— Não! Não acredito. Não tenho palavras.

— O que foi, não gostou? — Step pensou. Eu o olhei e sorri.

—Abra o seu... — Step começou a abrir o pacote, mas no entanto continuava: — Olha, você pode trocar...Se não te serve, troque tá? Ou não gostou da cor?

— Abra, anda! — eu lhe disse.

— Não. Não acredito — Copiou as minhas frases, mas não só isso. Nos presenteamos com duas jaquetas Napapijri azul escuro, idênticas, perfeitamente idênticas... Meu Deus, eu fiquei sem palavras.

— É lindo! Step, somos uma simbiose! Você percebeu? Tivemos a mesma ideia. Ou como sempre, você me seguiu?

— Mas o que diz?— Ri muito. Não queria parecer ciumento em frente ao seu amigo Marcantonio. Como se Ele não contasse a Marcantonio tudo o que conta a ela. Ou seja, moral da história, todo mundo sabe tudo de todos. Mas o que importa? Nos queremos bem! Isso importa! E o fim de noite foi ótimo. Música, torrones, bate-papo, depois Marcantonio e Ele foram embora.

Tirei as botas, me sentei no sofá, me apoiei em Step e coloquei os pés debaixo de uma almofada, para me esquentar. Posição de sonho. Conversamos bastante, ou melhor, eu falei bastante. Lhe conto sobre os brincos que ganhei dos meus pais, do presente do tio Ardisio, daqueles dos tios, da avó, etc. Depois, quando pergunto como foi o dele, sinto que fica tenso. Insisto e no fim descubro que ele e Paolo jantaram com o pai e sua nova namorada.

Step me conta que ganhou um par de sapatos pretos do irmão, muito bonitos, e um pulôver verde do seu pai, a única cor que diz não gostar (bom saber disso! Menos mal! Tinha uma jaqueta verde Napapijri. Mas eu também não gosto de verde! Ufa! Saiu tudo bem... sorte simbiótica). Step enfatiza que o cartão do presente que ganhou do seu pai tinha também a assinatura da sua namorada. Tento justificar, mas Step não tem dúvidas. Mas quem conhece aquela lá? Você gostaria de ganhar um presente de quem não conhece? Desde ponto de vista, ele tem razão. Depois a coisa mais absurda (depois de muita insistência minha), me diz que recebeu um presente de sua mãe, mas não abriu. E depois da minha piadinha: — mas sua mãe você conhece né? —, acho que estraguei tudo.

— Pensei que a conhecesse. — Ódio. Estraguei seu Natal. Com sorte, recupero. Com doçura, com tranquilidade, com paixão, com o tempo...

Escutamos Paolo entrar. Ok, fazer no Natal vai um pouco contra os meus princípios, mas me senti culpada. Bom, uma pequena justificativa. Vamos dizer que entrou em jogo um outro lado do ser cristão. Esperamos que nada mais tenha entrado no jogo. Mesmo porque um nascimento... justo no Natal! Nossa, seria o máximo. Rimos com Step. Por sorte ele estava tranquilo, fez também uma brincadeira com a escolha do nome. Fácil! Jesus ou Madonna, depende se vem menino ou menina. Blasfemo... Melhor, desagradável! — É tão irreverente como a Madonna — respondi a ele.

De qualquer modo, não abriu o presente de sua mãe.

Cinquenta e cinco

Cappuccino e croissant, o mais tranquilo que há em Vanni.

— Step! Não posso acreditar.

Pallina corre ao meu encontro. Não me dá tempo de me virar quando joga tudo em cima de mim. Me abraça. Alguns nos olham. Cruzo o olhar com o de uma senhora refletido no espelho que há na minha frente. Come um croissant e suspira. Olhos ligeiramente brilhantes. Fã nostálgica de — Caramba, que surpresa! —, e de outros programas de televisão parecidos. Ou talvez esteja impressionada com o cappuccino muito quente? Bah.

— Pallina, acalme-se. — Sorrio, abraçando-a. — Só falta que nos proponham participar de algum *reality show*.

Ela se afasta e me olha. Tem o braço em minha cintura e inclina ligeiramente a cabeça.

— Reality Show? Do que você está falando? Step, está muito mudado! Meu pai disse que você entrou em um funil.

— O que quer dizer? Em que funil?

— Olhe-se... — Me faz dar uma volta sobre mim mesmo e volto a parar na frente dela com uma gargalhada. — Você está vestido quase na moda.

— Sim, embora...

— Bom, seja como for, você abandonou a jaqueta cafona de delinquente idiota.

— Mas por que... — Olho o meu jaquetão azul marinho que uso sobre um par de jeans e uma camisa de gola alta. Quer dizer, que assim não estou bem?

— Não, não posso acreditar. Step procura aprovação! Ai, que mal estamos...!

— Um muda. Um se transforma, ficamos mais flexíveis, escutamos...

— Então estamos realmente mal. Você entrou totalmente no funil.

— Outra vez? Mas o que quer dizer isso de funil?

— Meu pai compara a vida social com um funil. No inicio nos movemos livremente pela parte larga, sem pensar, sem muitas obrigações, sem ter que refletir. Mas depois, quando entramos no funil, entramos na parte mais estreita e então têm que seguir em frente, as paredes se estreitam, não se pode voltar atrás, não se pode andar, os outros te empurram, tem que ir em fila, em ordem!

— Minha Mãe, que pesadelo! E tudo isso por que eu mudei de jaqueta? O que aconteceria então se me visse amanhã?

— Por quê?

— Temos programa direto e tenho que me vestir bem: paletó e gravata.

— Não, não posso acreditar. Irei amanhã. Como ia perder? Step com paletó e gravata! Incrível! Nem que viessem fazer um concerto lá em casa Boy George e George Michael e decidissem se deitar comigo!

— Se você diz, Pallina. Pode me explicar a comparação? Dois célebres gays do mundo da música, que relação tem com que eu coloque paletó e gravata? Se tivesse dito algo como — meter-se — na camisa de onze varas...

— Pois não sei. É verdade. Como comparação é estranha, terei que pensar. Mas nesse sentido, no que lhe diz respeito... não mudou nada, verdade? Por que dizem que na televisão, depois do mundo da moda, é onde está a porcentagem mais alta de...

Por um instante penso no encontro que tivemos no terraço na outra noite. Mas é só um instante. Riu. E passo. Riu de verdade.

— Não, não, fique tranquila. E tranquila sobre tudo suas amigas!

— Presunçoso!

Me dá um suave empurrão. Quem sabe se ela também pensou na outra noite.

— Certo, o que você faz nesse programa?

— O que estudei nos Estados Unidos. Logos, desenhos no computador, emitir os títulos de cabeçalho, subtítulos com os resultados ou o dinheiro que pode ganhar. Você sabe, os textos que há debaixo da cara dos apresentadores... Eu me ocupo disso.

— Caramba, televisão! Ou seja, bailarinas, recepcionistas, garotas boas

de todos os tipos e mulheres que se entregam em troca de trabalho. E quando muda de ideia, imagino que este seja o paraíso das consumações...

— Bem, não. Digamos que esse é o lado mais agradável do trabalho.

Precisamente nesse momento passa por nosso lado uma das bailarinas. Uma... que é muito gostosa.

— Olá, Stefano.

— Olá.

— Nos vemos lá dentro.

— Claro.

Vai sorrindo, bonita e segura, com passo decidido, tranquilo, consciente das atenções mais ou menos delicadas, dos pensamentos, os mais diferentes, que acompanham suas costas se afastando.

— Já entendi tudo, não?

Pallina está em uma forma excelente, não lhe escapa uma.

— E além do mais... Stefano? É a primeira vez que ouço alguém chamar você assim. Você está incógnito.

— Step é muito íntimo, sabe?

Precisamente nesse momento ouço me chamarem.

— Step!

Viro-me. É Gin. Avança sorridente e esplêndida, bonita em sua transparência selvagem. Pallina levanta uma sobrancelha.

— Sim, é verdade. Step é muito íntimo!

Gin chega e me beija rapidamente nos lábios. Depois fica de lado como se dizendo: estou pronta para conhecer sua amiga... Por que é uma amiga, verdade? Mulheres...

— Ah, sim, perdão, apresento a minha amiga Pallina. Pallina, esta é Ginevra.

— Olá. — Gin aperta sua mão. — Se quiser pode me chamar de Gin.

— Pois eu sou sempre Pallina para os amigos e não amigos.

Olham uma para a outra por um instante de cima para baixo, velozes. Depois, não sei por que, mas por sorte, decidem se dar bem. Começam a rir.

— Step — diz Gin. — eu vou indo. Não demore muito, por que estão te procurando lá dentro.

— Tchau, Pallina — a cumprimenta sorridente, e se afasta. — Encantada em conhecer você.

Ficamos um momento em silêncio olhando enquanto vai embora. Depois Pallina, curiosa, pergunta:

— É atriz?

— Não, tem um papel muito simples, é como uma recepcionista.

— Quer dizer...?

— Leva as fichas.

— Que pena, é um talento desperdiçado.

— A que se refere?

Pallina coloca uma voz falsa: — Encantada em conhecer você...

— Ou melhor, Gin gostou realmente de você.

— Vê? Seria uma atriz perfeita. Enganou inclusive a você!

— Você é muito receosa.

— Vocês, os homens, são muito poucos receosos. Verá como tenho razão. Quando voltará a vê-la?

— Daqui a pouco.

— Pois então, ou ficará calada e com uma cara feia ou bombardeará você de perguntas: — Quem é essa Pallina? O que faz? Desde quando a conhece? — E se preocupe sobre tudo se perguntar a você: — Teve uma história com ela?—

— Por quê?

— Por que não é só curiosa... como também está apaixonada.

E Pallina se afasta assim, como ela faz, como sempre fez, brincando.

Se reúne com uma amiga sua que não conheço e desaparece. E me deixa, uma vez mais, simplesmente preocupado.

Pouco depois estou dentro do Teatro delle Vittorie. Cumprimento Tony, o guarda da entrada, e olho ao meu redor, procurando-a.

— Toma — jogo o pacote. Tony o pega no voo como o melhor quarterback de uma equipe americana. Tudo bem se não fosse pelo físico, e que normalmente, são negros.

— Oh, obrigado, Step. Você lembrou.

Olha contente seu pacote de MS.

— Quanto te devo?

— Não importa. Se acabar os meus, me oferece algum.

Falso os dois. Eu não fumaria nunca um MS nem sequer se o meu acabasse. E parece que ele não sabe quanto vale um pacote, pelo que vejo, se fuma todo dia? Bem, de qualquer modo, gosto de convidá-lo. No fundo o acho simpático. Olho ao meu redor. Talvez esteja na máquina de Coca-Cola ou na de café. Não me dá tempo de verificar.

— Se procura Gin, ela foi se trocar.

Tony sorri, piscando um olho. Oh, não há nada o que fazer, não escapa nada para ninguém. Claro que o guarda de segurança... seria um contrassenso.

— Obrigada.

É inútil dizer: — Não, na verdade estava procurando Marcantonio.

Não faria mais que piorar as coisas.

— Olá, Step, vi você em Vanni falando com uma morena baixinha.

É Simona, uma das recepcionistas do programa.

— Era Pallina, uma amiga minha.

— Sim, sim, claro... como não! Olha que digo a Gin.

E assim... Simona se afasta. E precisamente nesse momento chega Marcantonio.

— Ei, eu estava procurando você, vem para nossa sala, que os autores querem falar conosco.

— Está bem, vou dentro de cinco minutos.

— Dois.

— Três.

— De acordo, mas nem um a mais!

Marcantonio joga seu cigarro na frente de seus passos, apaga enquanto toca o chão e desaparece por um dos corredores. Não me dá tempo de dobrar a esquina quando choco com alguém. Pum, como uma fúria. Quase cai para trás, mas a seguro em seguida.

— Gin... Mas aonde vai?

— Nada, corro para fazer um pouco de exercício. Não pude ir à academia. E mais, para ser sincera... — Se aproxima e sussurra em meu ouvido, depois de ter olhado ao redor para comprovar que não tinha ninguém.

— Hoje me jogaram do Urbani.

— Não!

— Sim. Veio um cara com uma folha e me disse: — Você já veio fazer aulas de teste em fevereiro e junho, não?

— Não!

— Pois foi! O que acontece, eu tenho que jurar para você?

— Não, o que isso tem a ver? É que não pode...

— Por quê?

— Por que você não passa inadvertida...

— Hum, que simpático! Eu acho que você estragou tudo!

— Eu? Mas por quê? Você está louca!

— Não, o louco é você, que me responde.

— Ei, ouve...

Agora começará com as perguntas. Eu sabia, Pallina tinha razão. Pallina sempre tem razão.

— Você viu Marcantonio? Procurava por você, disse que tem uma reunião importante!

— Sim, obrigada, eu já o vi.

Olho-a e sorrio. Gin faz menção de ir embora e a paro.

— Não tem que me dizer nada mais?

— Não, por quê? Ah, sim... — Eu sabia. Pallina não pode não ter razão. Gin me olha de soslaio como se sentindo aludida. Agora, eu sabia... — Esta noite meu tio vem jantar, assim que, infelizmente, depois não poderemos fazer nosso — ensaio geral.

— Ah!

Fico decepcionado. Nem tanto pelo ensaio, mas por sua falta de interesse.

— O que foi? — Olha-me com curiosidade.

— Não, nada...

— Step, lembra-se dos olhos...

— O que?

— Não tem que mentir, e está mentindo.

— Não, quer dizer, sim. É que eu me perguntava...

— Sim, eu sei... — Mas como pode ser que Gin não me pergunte: 'Quem é essa? De onde a conhece?'— O que foi? Você teve uma história com ela, verdade?

— Sim... exato.

— Bom. Primeiro, seja quem for, o que importa? Quer estar comigo? Pois isso é o que importa. Segundo, pode me dizer... ou não me dizer, seja a história que for. Assim que, por que correr o risco com seus olhos? Uma coisa é certa: Você gosta dela.

— Eu? Mas se é a namorada de um amigo.

Sai quase natural usar o presente para meu amigo Pollo, e isso me faz sentir melhor.

— Você gosta dela, Step, confia em mim! Talvez até já deu em cima de você. Lembre-se, uma mulher vê outra. Confie em mim, Step. A mim, e às vezes apesar de mim, não escapa nada.

Se afasta assim, tentando compensar com uma corrida veloz sua falta na academia. É verdade, Gin, para você não escapa nada. Bem, vamos para essa reunião de autores. Ah, e outra coisa: Pallina nem sempre tem razão.

Entro na sala apenas a tempo para ver a cena. Renzo Micheli, o Serpente, está de pé na frente de Marcantonio. Tem uns papéis na mão e os agita em perfeita sintonia com sua voz. Agitada. Sesto e Toscani, o Gato & o Gato, estão ali atrás, encolhidos, rindo em silêncio e lançando-se de vez em quando olhadas divertidas por não sei o quê.

— Entende? Não volte a estragar tudo. Não pode se permitir errar. Não pode permitir. Se te digo uma coisa, você faz. Os resultados se dão em ordem da esquerda para a direita e não em coluna.

— Mas é como nós tínhamos falado com Romani de como fazê-los mais vistosos, eu pensei...

Micheli, o Serpente, o interrompe de imediato:

— Esse é o erro. Você pensou! Sabia que você tinha passado do limite, mas não entedia aonde. Você deve obedecer e ponto. Não se atreva a pensar! — E dito isto, Micheli, o Serpente, joga os papéis ainda quentes da impressora no seu rosto. — Toma, refaça-os e deixe-me ver depois!

Marcantonio consegue parar os primeiros papéis, mas os demais batem

em seu rosto e, como uma violenta chuva de papel, se abrem como um leque. Toscani, com seu habitual palito na boca, finge um estranho assombro divertido.

— Oh.

Depois, não satisfeito com isso, lambe o palito como se fosse um pirulito. Sesto, apoiado em uma mesa próxima, se levanta curioso para ver como reagirá Marcantonio. Mas nada, não acontece nada. Micheli espera ainda um momento. Depois: — Anda, vamos...

Parece quase desgostoso por não conseguir resposta a sua provocação. Essas simples folhas de papel, como luvas de seda de um espadachim que pertence ao passado, não conseguiram resposta em sua ofensa. Marcantonio recolhe algumas folhas espalhadas sobre a mesa. Renzo Micheli, seguido pelo Gato & o Gato, está a ponto de sair da sala quando me encontra no meio. É um instante, uma hesitação. Olha-me levantando uma sobrancelha e aperta um pouco os olhos, como dizendo: por acaso você quer responder? Mas é só um instante. Dou um passo para o lado, deixando-os passar. Esses estranhos padrinhos de um duelo que acabou mal saem divertidos da sala. Imediatamente depois me inclino para recolher as folhas espalhadas ao redor, para romper esse incômodo silêncio, para dar uma mão, ali onde eu posso, para Marcantonio. Teria sido um absurdo decidir reagir em seu lugar ante esse inútil desafio. E é Marcantonio que me ajuda a sair.

— E assim é, querido Step, como hoje aprendeu outra lição. Às vezes, no trabalho, sua força e suas razões devem ser deixadas de lado quando você se choca com o poder... Brigar com Micheli seria como se apagar do mapa, jogar ao rio uma hipoteca para o futuro. Ele será o substituto de Romani.

Suas palavras começam a turvar-se.

— E eu, sabe? Acabo de comprar um apartamento, tenho uma hipoteca e... já não sou o nobre dos outros tempos... em resumo, antes era diferente.

Assinto com a cabeça, continuo fingindo que escuto. Fragmentos de palavras um pouco balbuciantes. Uma estranha justificativa plantada ali, no ar, como pode. Parecem as letras de um anônimo, diferentes umas das outras, pregadas e depois enviadas para pedir o resgate que deve se pagar. Mas eu não tenho esse dinheiro. Eu não posso fazer nada. Recolho as últimas folhas,

coloco sobre a mesa e as deixo aí, delicadamente. Depois de um — Claro, Marcantonio, te entendo, tem razão... — saio de cena com um — Sim, talvez eu tivesse reagido dessa maneira. — E deixo assim, com esse talvez, uma dúvida tranquilizadora nele, um pequeno espaço para sua dignidade. Gin não teria tido dúvidas. Ela teria descoberto minha mentira em seguida. Talvez. Tomara! Tomara que os três joguem folhas em meu rosto alguma vez. Não espero nada mais. Estão de papo para o ar. E cultivando este pequeno sonho, me afasto. Fecho a porta e coloco os óculos. Depois me dá vontade de rir. Que estúpido, mas se Gin não está.

Cinquenta e seis

Entro em casa e deixo a bolsa. Tiro a jaqueta e escuto Paolo conversar. Está com alguém ou é a televisão? Paolo chega sorrindo até mim.

— Oi, tenho uma surpresa — Não é a televisão. Tem alguém. De repente aparece. Encostada no batente da porta da sala, com um pouco de luz da janela nas suas costas o que faz o seu contorno estar meio desfocado para os meus olhos, delicada visão assim, forte e presente na minha vida, em toda minha vida. Minha mãe.

— Preparei alguma coisa se estiver com fome, Step. — Diz Paolo pegando a jaqueta do armário e a colocando. — Está tudo a mesa, se estiver com fome. — Insiste, preocupado com aquela situação. Não sei se é na dúvida que eu tenha fome ou de ter me servido aquele prato que talvez eu não quisesse neste momento. Encontrar minha mãe. Talvez não tivesse vontade, poderia ter pensado, ou talvez não. Mas é um segundo. Paolo saiu nos deixando assim, sozinhos. Sozinhos como ficamos naquele dia. Pelo menos eu. Sozinha sem ela. Sem a mãe que eu desenhei inspirado em todos os seu contos, daquelas fábulas que me leu quando eu era pequeno, daquelas histórias na minha cama onde eu, com um pouco de febre, adorava me refugiar acomodando-me naquele calor, o calor das cobertas e dela. Sabendo que ela estava ali, perto de mim, contando, segurando a minha mão, medindo a minha febre, trazendo-se um copo de água. Aquele copo de água... Quantas vezes quis tê-la assim um segundo, no limite do sono, pedindo aquele último favor, para vê-la entrar mais uma vez, encostada no batente de uma outra porta, de uma outra casa, de uma outra história... Aquela com meu pai. E este esplendido desenho dela criado, cheio de amor, de fábula, de sonhos, de encanto, de luz, de sol... puff, cancelado em um segundo. A ter descoberto na cama com outro.

— Oi mãe. — Um qualquer, um desconhecido, um homem que não era

meu pai com a minha mãe, e desde então, a escuridão. Escuridão completa. Não vejo nem mesmo o que tem, e somente a ideia de comer me dá vontade de vomitar. Mas é a minha única fuga.

Calma Step. Vai passar. Tudo passa. Não, não tudo, Com ela, a dor ainda não passou. Aquele copo de água... Calma Step. Você cresceu. Bebo um pouco de água.

— Já sei que está trabalhando... está feliz? — Feliz? Dito por ela, parece uma palavra para me fazer rir. Não, não rio. Respondo qualquer coisa, assim como nas outras perguntas.— Como foi nos EUA? Teve algum problema? Tem muitos italianos? Pensa em voltar para lá? —Respondo. Respondo tudo tentando sorrir, ser gentil. Assim como ela me ensinou. Gentil.

— Olha, te trouxe isso.

E tira da bolsa, não aquela que lhe dei de presente naquele Natal, ou no seu último aniversário, quando foi não me lembro. Mas lembro de que aquela bolsa encontrei ali, na poltrona daquela casa. Na sala... a cama de um outro que a havia convidado. Minha mãe. Convidado. Convidado. Chega Step. Para.

— Reconhece? São os biscoitos que você gostava tanto.

— Sim. Eu gostava tanto. Eu gostava tudo que vinha de você, mãe. E agora pela primeira vez, depois de ter lhe olhado várias vezes, a vejo de novo. Minha mãe. Sorri com aquela pequena sacola transparente entre as mãos. A coloca sobre a mesa e me sorri inclinando a cabeça para o lado. Minha mãe. Tem os cabelos mais claros agora. Até mesmo a pele parece mais clara. Ela, delicada como sempre, parece mais frágil. Emagreceu. Sim, parece mais magra, e tem a pele ligeiramente encrespada por um vento ligeiro. E os olhos. Os seus olhos um pouco apagados, como se tivesse menos luz. É como se alguém, malvado comigo, tivesse girado um pouco o interruptor deixando na penumbra o nosso amor. O meu amor. Bebo um pouco mais de água.

— Sim , me lembro. Eu gostava muito.

E uso o passado sem querer, sem saber, com medo que aqueles simples biscoitos tenham perdido aquele sabor que eu tanto gostava.

— Abriu meu presente?

— Não, mãe. — Não consigo mentir. Ainda não consigo dizer-lhe uma mentira. E não é só o medo de ser descoberto... Me vem na cabeça Gin e a

história dos olhos. Por um instante sorrio. E é bom.

— Não, mãe, não o abri.

— Sabe que isso não é educado.

Mas não espera meu pedido de perdão, não é necessário. O seu sorriso me faz entender que está tudo certo, já passou, e ela não daz pensar.

— É um livro e gostaria muito que o lesse. Está aqui?

— Sim.

— Então pegue-o.

E as suas palavras são tão gentis que não consigo não me levantar, ir no quarto e voltar correndo com o presente, apoiá-lo na mesa e abri-lo. — Aqui está. É um Irwin Shaw. Lucy Creown. È uma história muito bonita. Caiu nas minhas mãos por acaso e me impressionou muito. Se tiver tempo, gostaria que o lesse.

— Sim mãe, se tiver tempo o lerei.

Ficamos um tempo em silêncio, e mesmo sendo só um instante, parece uma eternidade. Abaixo o olhar, mas a capa do livro não me ajuda a passar aquela eternidade. Dobro o papel do presente, que parecem aumentar o peso dos segundos que parecem não passar nunca. Minha mãe sorri. E é ela quem me ajuda a salvar essa eternidade.

— Minha mãe também dobrava sempre o papel dos presentes que recebia. Tua avó. — ri. — Talvez puxou isso dela. — Se levanta. — bom, eu vou...

Também me levanto — Te acompanho.

— Não, não se preocupe.

Me dá um beijo rápido na bochecha e sorri.

— Estou com o carro aqui embaixo.

Vai até a porta e sai de costas, sem se girar. Me parece cansada e eu me sinto esgotado. E não encontro mais toda aquela força que sempre pareci ter. Aquele beijo, talvez, não fosse tão rápido.

Cinquenta e sete

Um pouco mais tarde.

— Oh, precisamente estava pensando em você... Temos simbiose! Sério, estava prestes a ligar para você!

Sempre tão alegre, Gin me desarma.

— Onde está?

— Aqui embaixo. Abre para mim?

— Acabo de jantar; meu tio ainda está aqui. Além disso, o que quer? Subir a minha casa e que eu te apresente a toda a minha família?

Ri, alegre.

— Venha, Gin, invente algo. Qualquer coisa... que tem que recolher a roupa na lavanderia, que tem que pegar algo na casa de sua amiga no andar de baixo, que tem que fugir comigo, diga isso se quiser, mas sabe... Tenho vontade de você.

— Não disse "tenho vontade de te ver", e sim "tenho vontade de você".

— Sim, e repito!

Tenho a impressão de ser um participante de um desses estúpidos concursos. Espero não ter me equivocado na resposta. Gin faz uma pausa longa, muito longa. Talvez tenha errado na resposta...

— Eu também tenho vontade de você.

Não diz mais nada e ouço que abre a porta. Não pego o elevador. Subo as escadas veloz como um raio até o último andar, sem parar, às vezes inclusive de quatro em quatro degraus. E quando chego, o elevador se abre. É ela. Simbiose até nisso. Mergulho em seus lábios e procuro ali minha respiração. Beijando-a sem trégua, sem deixá-la respirar. Roubo a sua força, o sabor, os lábios, roubo-lhe até as palavras. Em silêncio. Um silêncio feito de suspiros, de sua camiseta que se abre, do gancho de seu sutiã que se solta, de nossas calças que se abaixam, da grade que se move, dela que ri fazendo "Sh"

para que não a ouçam, dela que suspira para que eu não goze, ao menos não em seguida. E estranhas posturas naquela armadilha de pernas, nessa confusão de jeans que me excita ainda mais, que me fascina, que me deixa em êxtase. Parar por um momento e de joelhos, sobre o frio mármore do patamar, beijá-la entre as pernas. Ela, Gin, cowgirl estranhamente desarrumada, imita um rodeio muito pessoal para não sair de meus lábios. Para depois cavalgá-la outra vez e gozarmos juntos, nós, estúpidos, selvagens, apaixonados, cavalos apaixonados agarrados ao chão por uma grade de ferro. Esta vibra em silêncio como nossa paixão. Por um instante, suspensos no vazio. Ruídos à distância. Ruídos das casas. Uma gota que cai. Um armário que se fecha. Passos. Depois não há nada. Nós. Só nós. Sua cabeça para trás, seu cabelo solto, abandonados em queda na escadaria. Movem-se frenéticos, quase queriam saltar, como nosso desejo. Mas um último beijo nos faz gozar juntos, voltar ao chão precisamente quando chamam o elevador.

— Sh — ela ri, derrubando-se no chão. Quase exausta, suada, molhada, e não só de suor. Com o cabelo pregado em seu rosto e riu com ela. Nos abraçamos juntos assim, pugilistas tocados, desinchados, esgotados, deitados ao chão, vencidos. Esperando um inútil veredicto: empatados em pontos... E sorrindo, nos beijamos. — Sh — diz outra vez ela. — Sh — gosta desse silêncio... Sh.

O elevador para em um andar abaixo. Nossos corações batem velozes e não certamente de medo. Me escondo entre seu cabelo. Me apoio em seu suave pescoço. Descanso tranquilo. Meus lábios cansados, felizes, satisfeitos em busca só de uma última resposta.

— Gin...

— Sim?

— Não me deixe...

E não sei por que, mas digo. E quase me arrependo. E ela fica em um momento em silêncio. Depois se separa de mim e me olha curiosa. Depois diz devagar, quase sussurrando:

— Você atirou ao rio a chave do cadeado.

Depois, carinhosa, pega minha cabeça entre suas mãos e me olha. Não é uma pergunta. Não é uma resposta. Depois me dá um beijo e outro, e outro

mais. E não diz mais nada. Só continua me beijando. E eu sorrio. E aceito encantado essa resposta.

Cinquenta e oito

Tarde quente, estranhamente quente por ser dezembro. O céu azul, intenso como aqueles dias na montanha, onde não se vê a hora de ir esquiar. Só que eu preciso trabalhar. Como diz Pallina, entrei no funil, mas é o último programa, ou melhor, o último dia de ensaios antes do último programa. E me parece um dia especial. Sinto algo estranho e não entendo o por que. Sexto sentido talvez. Mas não poderia jamais imaginar.

— Bom dia Tony...

— Bom dia Step.

Entro com pressa no teatro. Um grupo de fotógrafos mais ou menos lamentáveis, com as câmeras tão diferentes como suas roupas, me corta o passo. Certamente não são como aqueles precisos grupos de japoneses que se vê nas praças de Roma. Eles não perdem nenhuma imagem.

— Ali, por ali... rápido que pegamos de surpresa.

Continuo interditado e Tony esse, naturalmente, não o deixa escapar.

— Estão perseguindo a Schiffer. Chegou primeiro porque deve ensaiar a entrada no palco. Mas o que tem que ensaiar, se é somente uma caminhada? Talvez seja para justificar o dinheiro que cobra. Dane-se!

E já que Tony está lá, completa: — Ah , se procura Gin, foi ao seu camarim, ao lado da Schiffer. Um dos autores a chamou. Talvez a façam entrar com Schiffer. Se ela também aprender a andar como Schiffer, imagine o dinheiro que irá ganhar. Mas que andar! Prepare-se para dar a volta ao mundo. Viaje grátis com você e com o motorista. — Tony. Ri desajeitado, tropeçando em uma estranha tosse de quem fuma, e não tem nada de saúde. No mesmo instante acende um cigarro, jogando fora o maço vazio. Era aquele lhe comprei ontem ou um novo? O que importa. Se não importa a ele. Bom, melhor eu ir ver como esta Marcantonio e como vai o nosso trabalho. Isso, por ser contratado, deve me interessar.

Lá está. Sentado no computador, concentrado. O olha de longe pela porta semiaberta. Depois sorri sozinho, aperta uma tecla, manda imprimir, e satisfeito, acende um cigarro a tempo de me ver chegar.

— Ei Step, que um? — Bom, ele pelo menos, diferente de Tony, me oferece e não parece estar tão mal.

— Não obrigado.

Fecha o maço. — Melhor assim! — O coloca no bolso da jaqueta e alisa os poucos cabelos que tem do lado da cabeça, colocando-o para trás. — Já fiz... consegui colocar tudo como queríamos.

— Ah ótimo. — Me dou conta que evita de dizer como queriam os autores, mas não é o caso de fazê-lo notar. Muito menos porque me ofereceu um cigarro. Continuamos por um tempo em silêncio olhando as folhas que saem da impressora. Uma depois da outra. Precisas, limpas, ordenadas. Cores claras e suaves, perfeitamente legíveis, assim como queríamos, imagino. Marcantonio espera a saída da última folha, depois a pega delicadamente da máquina e assopra levemente para secar aquela última impressão.

— Aqui estão. Me parecem perfeitos

Me olha procurando minha aprovação. — Sim, acho que sim. Na verdade não tenho tanta certeza. Essas folhas na cara de Marcantonio me fez esquecer qual era a razão daquela discussão.

— Sim, perfeitos.

Me limito a dizer isso me esquivando. Mas não basta. Não é suficiente, entretanto.

— Escuta Step, me faz um favor? Você pode levar para os autores?

Conseguiu pronunciar aquela palavra finalmente. Mas é uma vitória, como se diz? De toda forma, me faz confrontá-los. Que saco! Mas não posso dar pra trás. Estou sem saída. E depois Marcantonio me pediu um favor. O meu mestre. Não posso dizer não.

— Claro, imagina.

Me olha aliviado. Me passa as folhas e enquanto saio da sala, se senta na cadeira, apaga o cigarro, e acendo em seguida outro. Que saco! De uma coisa tenho certeza. Fuma demais. Bom, tenho que fazê-lo. Não tem nada melhor que uma coisa que se tem que fazer. Estou começando a odiar isso. Tony me

cumprimenta com o seu sorriso divertido. Sempre o mesmo, cada vez que passo. Mas pode ser que Tony não fuma somente MS?

Onde ele disse que estavam os autores? Ah sim, no primeiro andar, onde está também o camarim da Schiffer. Subi correndo as escadas. Ali estão. Os fotográfos estão todos sentados, ou melhor, empoleirados sobre um pequeno sofá desbotado. Esperam a saída da diva na hipótese de poder pegá-la desprevenida, mas mesmo assim, sempre bonita. Tudo para poder dar mais valor as suas eventuais fotos roubadas. Profissão estranha. Cansativo e ligado a muita sorte. Quando chego não me dão nem uma olhada. Somente um fotógrafo, ou melhor, uma fotografa, me dedica um instante da sua simples atenção. Talvez curiosidade feminina. Mas nem assim levanta a máquina que está apoiada em seu colo. Melhor. Já me pesa levar estas folhas. Seguramente os autores tem alguma coisa a dizer. Só me falta o interesse de algum outro. Procuro onde estão. "Schiffer". A escrita, perfeitamente estampada com letras grandes com uma laser write, salta nitidamente da primeira porta. A segunda porta não tem indicação. A escolha me parece bastante natural. Bato. Não escuto resposta. Alguns segundos depois, abro. Nada. Silêncio. Aparece um grande corredor. No fundo outra porta. Mesmo tipo, mesma cor. Avanço com as folhas na mão. Talvez estejam lá. Nesta outra sala. Bom, como tem que estar em algum lugar, melhor comprovar. Mas quando me aproximo escuto um barulho. Um estranho barulho. Uma risada sufocada. Depois uns movimentos desordenados, surdos, rebeldes. Como chutes sem coordenação de uma criança tentando levantar uma bola no ar. Mas aquela bola está longe para lhe dar o prazer do chute. E assim abro a porta. Sem bater. Simplesmente mal educado. Mas é espontâneo. Assim como me parece irreal aquilo que vejo. Toscani abraçando Gin pelas costas. Sesto está apoiado em uma mesa com um palito na boca e sorri se divertindo com a cena. Micheli está em frente a Gin e se move em um ritmo estranho. Olho melhor a cena. Gin está com a camiseta levantada, o seio esta desnudo, descoberto por um sutiã retorcido. Tem um pedaço de fita adesiva na boca.

Toscani está lambendo seu colo com sua língua áspera. Micheli, o Serpente, está com as calças abertas na frente, com o pênis de fora se masturbando. Gin com os cabelos molhados de suor por causa da luta, se vira

de repente para mim. Está desesperada. Me vê. Suspira. Parece ter um segundo alívio. Toscani cruza com o meu olhar e para de lambê-la. Sua língua continua suspensa no ar e sua boca aberta. Sesto não está diferente. Fica confuso e também abre a boca. O seu estúpido palito continua suspenso no ar, apoiado no lábio inferior. Finalmente aquelas folhas têm uma utilidade. É um segundo. As jogo com força na cara de Sesto, o único que poderia intervir primeiro. O pego em cheio. Tenta evitar o golpe. Escorrega da mesa. Cai no chão. Micheli, o Serpente, não tem tempo de se girar. O golpeio com o punho fechado de direita para esquerda com o braço aberto para afastá-lo. O pego em cheio na traqueia. Voa para trás caindo de cabeça no chão, enquanto seu pênis tímido se retrai. Se envergonha inclusive de ter tentado coloca em cena aquela ridícula ereção. Toscani para de abraçar Gin. Em um segundo estou em cima deles. A libero definitivamente Tirando a fita dos seus lábios. — Está bem?

Move a cabeça dizendo que sim, com lágrimas nos olhos, franzindo a sobrancelha. Os lábios treme numa desesperada tentativa de falar. — Shhh! — Digo para ela. A conduzo gentilmente até a porta de saída. A vejo ir embora, de costas. Tenho a intuição que está arrumando o sutiã e abaixando a camiseta. Reordenando as ideias. Quer encontrar um lugar para sua dor. Tenta chorar, mas não consegue. Contudo, não se vira para trás. Simplesmente se distancia. Incerta de seus passos, com as pernas trêmulas, pensativa sobre o que fazer. Ao contrário de mim, que não tenho dúvidas. Pum. Me giro e golpeio Toscani com uma violência que jamais pensei ter. Acerto em cheio na cara, por baixo, na boca, o nariz, a testa, quase esfregando, mas colocando todo o meu peso, toda a minha raiva. Acaba contra a parede e não dá tempo de parar que estou em cima.

Chuto com o pé direito em cheio sua barriga, tirando-lhe o ar, dando apenas o tempo de cair para depois pegar força para bater como uma bola. Pum. Em cheio na cara. Como um chute a rigor, como o melhor Vieri, Signori, Ronaldo, e todos os outros juntos, todos, sem excluir nenhum. Com um único grito e ameaça. Não erro. Pum. De novo. Contra a parede. A bochecha se desfaz. Vem uma esguichada de sangue melhor que qualquer raivoso pintor da mais suja pop art. Salto por cima de Micheli que ainda tenta

recuperar o folego. Sorrio involuntariamente. Que bom que está se recuperando. Deve estar em forma para aquilo que naturalmente decido fazer para o gran finale. Vou até Sesto Cobre o rosto com as duas mãos esperando talvez algum milagre. Mas não vem nenhum. Pum! O soco de direita, grande, bonito, tenso, aberto. De direta, de esquerda, com todo o peso do meu corpo. Pum! De novo. Ali, na sua orelha, com uma violência tal que me surpreendo que não salto. Mas depois me tranquilizo. Bem, sangue. E ele estupido, surpreso, ainda incrédulo, tira a mão do rosto e as leva na frente dos olhos. E olha sem acreditar, procurando talvez alguma absurda explicação para aquela dor, aquele sangue, aquele barulho. Mas não dá tempo. Pum! Agora sua cara está livre. Pum. Pum. Um depois do outro lhe dou uma série de golpes nacara; Sem trégua. Sobre os olhos, nariz, na boca, nos dentes, nas maças do rosto, pum, pum. Um atrás do outro, sempre mais rápido, como um louco, como um normal. Pum! Pum! Pum! São os meus golpes que o mantém em pé, que sustentam aquele rosto que está se desmanchando. E não sinto dor, nem piedade, não sinto nada a não ser prazer. Não sei mais a quem pertence todo aquele sangue nas minhas mãos. Sorrio. Paro. Respiro. Enquanto ele cai como um morto. Desliza para o chão, atordoado, talvez feliz por estar lá, mesmo sem saber.

Talvez. Mas é um detalhe. Depois o vejo por acaso. Me parece o encerramento perfeito. Me inclino, o pego por entre os dedos com desgosto e desprezo. E pum. Coloco o seu palito no que sobrou dos seus lábios.

Não tenho tempo de girar. Strash. Joga em minhas costas uma cadeira. Me pega em cheio na nuca. Escuto somente o estrondo. Me viro. Micheli está de pé na minha frente. Recuperou o fôlego. Nas suas costas aparecem todos aqueles fotógrafos inúteis Vorazes, incrédulos, ávidos por aquele prato quente que acabou de ser servido. Agitam vorazes suas máquinas fotográficas nos inundando de flashes. Viram Gin ir embora. A viram desconcertada, com a camiseta levantada, chorando. Mas a viram ir embora. Isso me faz sentir melhor. Fecho os olho, tentando focar, depois do golpe que recebi. Justo a tempo. Vejo a cadeira vindo de novo. Me abaixo instintivamente fazendo-a passar sobre a minha cabeça. Fshhh, é um segundo. Sinto um vento suave nos meus cabelos. Me livrei. Foi por pouco, mas me livrei. Me levanto de repente

bloqueando-lhe o braço, aperto seu pulso, o fazendo cair na cadeira, e depois o trago até mim dando-lhe uma cabeçada. Pum! Uma cabeçada perfeita, em cheio no nariz, quebrando-o. Repito. Pum! Na sobrancelha. E de novo. Pum. No rosto. Se abaixa sob os flashes dos fotógrafos que continuam tirando fotos. Micheli está no chão. Pego de surpresa, da sua ideia, segundo ele, genial de me bater com uma cadeira, não pensou em esconder aquele estúpido utensílio que o fez fazer isso. Ainda está com o pênis de fora. O responsável por aquele nojento atentado está ali enrugado por entre a calça cinza. Como se bastasse um pouco de flanela para dar elegância. E eu não tenho dúvidas. Ele é o verdadeiro culpado. E agora é justo que pague. Não espero outra coisa. Me preparo. Está acabando o tempo. O pivô está parado com a bola na mão. É a última partida de basquete, decisiva para a vitória do campeonato.

E de repete ele tira... Ou como um saltador que se prepara para o último salto: oscila sobre seus passos, tenta encontrar um ritmo justo dentro dele, de bater o record anterior. Ou como no campo, esse jogo de patio de colégio em que depois de lançar uma pedra precisava saltar em maneira correta por um difícil e longo percurso.

Ou como em "Gunny — Fique atento àquele que procura, poderá encontrá-lo. Pronto, vocês me encontraram. Não tenho dúvidas e sem atirar a primeira pedra, me preparo, me levanto e salto, sincronizado com os flashes dos fotógrafos Não me importo. Pum! Salto em cima e pum! Pum! De calcanhar, no centro enquanto Micheli se contorce e aquela coisa engraçada entre as suas pernas se encolhe cada vez mais. Pum, sem piedade, esmagando com o peso aquele passarinho de fora , agora quebrado. Pum, sai sangue daquele pênis, ou daquilo que sobrou dele... Acabo assim, em perfeita sintonia com os flashes dos fotógrafos desintegrando o saco, supondo que alguém que haja assim, o tenha. Mas na dúvida prefiro me assegurar. Nunca se sabe se Micheli um dia queira gerar um outro verme assim como ele.... E assim faço, para selar o fim deste encontro , sou sortudo. Por outro lado, era a sala dos autores. Usá-la faz parte da profissão. A vejo. Pequena, vermelha, de ferro. Chama a minha atenção quase brilhando. A pego. Me abaixo sobre Micheli. Os flashes me acompanham curiosos. O que gostaria de fazer? Então os satisfaço. Clac! Um único golpe., com força, determinada, precisa, perfeita.

Micheli grita como um louco, enquanto o grampeador sela toda a vontade daquele passarinho sair e fazer "cuco". Micheli se abaixa. Procura desesperadamente por entre suas pernas o que sobrou daquela improvável ave fênix. E não acha a resposta. "Mas como? O meu grampeador... rebelar-se contra mim! Justo contra mim , que sou um autor..." Sorrio enquanto saio da sala. Mas eu não, eu não sou um autor. E o grampeador me ajudou. Fotógrafos preocupados me deixam passar. Sorrio me divertindo para os flashes.

A fotógrafa, que primeiro havia me olhado curiosa, me dedica toda a sua atenção. Está fascinada. Depois volta profissionalmente àquela imortal cena. Tira uma última foto. Mas é demais pra ela. Vomita apoiando-se na porta. Alguém se move. E tenta tirar uma foto minha mais de perto. Já vejo o grande título de um hipotético jornal: "Última notícia. Step conseguiu". Sim. Bravo. É isso. E estou feliz. Depois saio de cena.

Cinquenta e nove

Não me dá tempo descer. A notícia chegou antes que eu. Uma estranha agitação tornou o teatro febril. Parece que estamos em uma improvisação ao vivo. Todos correm de um lado para o outro. Curiosos, enlouquecidos, gritando, ansiosos por saber, já donos de uma história. Enfeitam como acham melhor, acrescentando dados, exagerando-os, mudando ao início, ao final. "Você soube?" "Mas o que aconteceu?" "Uma briga, um marroquino... um polonês... os albaneses de sempre... um guarda disparou... houve feridos? Todos!" Pergunto por Gin. Uma garota me diz que foi para casa. Melhor. Vou para a saída. Tony vem ao meu encontro. Ele também parece nervoso. Deve estar realmente, já que não está com um cigarro na boca.

— Vá, vá, Step. A polícia está chegando. — Parece o único que entendeu algo. — Seja como for, você fez bem. Esses três sempre me caíram mal.

E ri, divertido, por sua sinceridade. Ele, sempre porteiro na entrada do funil, se puder permitir. Vou até a moto. Ouço que me chamam.

— Step, Step. — É Marcantonio que corre até mim. — Tudo bem?

Olho por um instante as mãos ensanguentadas e, sem querer, as esfrego. Que estranho. Não doem. Marcantonio percebe. Tranquiliza-se.

— Sim, tudo bem.

— De acordo, melhor. Então vá para casa. Eu fico aqui. Ligo mais tarde e conto tudo, Gin está bem?

— Sim, foi para casa.

— Perfeito — Depois tenta desdramatizar. — Será que não gostaram do trabalho que você fez e jogaram as folhas na sua cara também? Sabe, eu me sentiria culpado se tudo isso tivesse acontecido por minha culpa...

Nós rimos.

— Não, gostaram muito. Eu só tinha uma pequena mudança a fazer.

Talvez até consigam dizer.

— Sim, talvez...

Volta a sua atitude quase profissional.

— Bom, esse último programa pode até sair na antena sem mudanças, não?

— Sim, acho que sim. Só tem que voltar a imprimir essas folhas, as que subi para eles, estão um pouco destruídas.

— Ah, as folhas? Pelo que eu ouvi, são eles que estão destruídos, e não só fisicamente. É uma história feia. Você verá como sai bem parado.

Arranco a moto.

— Obrigado, Marcantonio. Nos ligamos.

Coloco a primeira e me afasto. Bem parado? Mas de quê? Sinceramente, não me importa. Gin está bem, isso é o que importa.

Um pouco mais tarde. Estou em casa e ligo para ela. Falamos pelo telefone. Ainda está nervosa. Falou com seus pais. Contou tudo. Fala devagar. Não recuperou toda a força. Ouço suas palavras algum tom mais baixo do que de costume. Mas é normal.

— Por sorte chegou um garoto que me salvou, foi isso que eu disse aos meus pais.

Ri um pouco. Isso me alegra. Me faz pensar: "Não disse que chegou meu garoto..." Parece muito. Ainda é cedo para brincar sobre isso... Continuo escutando-a tranquilo.

— Me disseram que eu deveria denunciá-los. Você serviria de testemunha, verdade?

— Sim, claro.

Diverte-me ter mudado de papel. Estava farto do filme de costume onde eu sempre interpretava o mesmo personagem. Bem, de criminoso a testemunha. E, além disso, de parte da justiça. Contra o sistema! Não está mal. Embora tivesse que começar a mudar de gênero, por que meus filmes sempre tratam de julgamentos...

Escuto-a ainda mais um pouco. Depois lhe aconselho que tome uma pílula e que tente descansar. Mal desligo o telefone quando ele começa a tocar. Não quero responder e, além disso, Paolo está aqui, ou seja, talvez seja para

ele.

— Já vou.

Parece contente em atender.

— Claro.

Passa na minha frente. Assinto e decido tomar banho. Enquanto me dispo, entendo que não era para ele. Ouço-o falar na sala.

— Como? Sério! E como estão? Ah, nada grave... Como que gravíssimo? Ah, bastante grave. Estava me preocupando... Mas como aconteceu? Ah... como? Que querem convidá-lo ao programa de Mentana? Ah, e também a "Constanzo Show"? E ao de Vespa? Mas deve ter tido uma razão para ter feito o que fez... — Pelo tom entendo que tenta me salvar. — Bom, ele é assim... Ah... Diz que fez bem? Como? Querem apresenta-lo como um herói? Ah, uma espécie de herói, um paladino, o justiceiro no trabalho... Bom, não sei se aceitará... Não, eu não sou seu agente... só sou seu irmão.

Me dá vontade de rir e me meto na ducha. Que idiota, Paolo; poderia ter dito que era meu agente. Hoje em dia todos os irmãos se fazem de agentes dos divos. Só há um problema. Abro mais a torneira de água quente. Eu não sou um divo, nem tenho a intenção de ser. Mas sobre essa última decisão minha, ninguém parece estar de acordo comigo.

No dia seguinte, às sete da manhã, o telefone começa a tocar. Chegam às perguntas mais absurdas. Uma atrás da outra. Se apresentam todas as rádios, as mais diversas televisões, convites para todo tipo de programa, de qualquer formato, de qualquer gênero, a qualquer hora, sobre qualquer tema. E depois mais jornais, críticos, comentaristas, simples curiosos... E Paolo responde a todos. Depois do banho de ontem à noite, meu irmão quis saber a história com detalhes... Me teve por mais de uma hora em um pseudo-interrogatório, embora oferecendo-me, em lugar da lâmpada de costume na cara, um prato de espaguete. Não estava mal. Cozinha bem, meu irmãozinho. Falei e comi com gosto. Também tomei uma boa cerveja gelada. Precisava. Tomo café da manhã enquanto o olho. Está no telefone. Anota tudo e responde; aponta os números dos telefones, os encontros, os horários para participar em eventuais programas.

— Ah, enviarão o chofer. Sim, sim... e como retribuição? Mil e

quinhentos euros... Sim... Não... Não... De acordo... Embora no "Fatti e Fattaci" nos ofereceram dois mil e quinhentos...

Olha para mim, sorrindo, e pisca um olho. Sacudo a cabeça e mordo um croissant. Eu ouvi dizer que, normalmente, são os advogados cansados do direito que se tornam representantes. Mas um assessor financeiro que se faz de representante... Isso eu nunca ouvi falar, embora pudesse ser uma boa ideia.

O advogado que se faz de representante no fundo parte de um conceito do direito e da justiça para depois perdê-lo de vista. No entanto, o assessor financeiro não. O assessor financeiro parte do conceito de fisco, fraude e economia, e fazendo-se de representante não faz mais do que aperfeiçoá-lo. Meu irmão. Seguro que seria um excelente agente, mas eu seria um péssimo divo.

— Adeus, Pa, estou saindo.

Paolo fica assim, com o telefone suspenso no ar e a boca entreaberta.

— Não se preocupe, vou ver Gin.

E parece entender.

— Sim, sim, claro.

Vejo precipitar-se em seguida sobre a folha. Faz um resumo rápido do que poderiam ser seus hipotéticos lucros. Depois me olha e em um instante vê como se esfumam. Fecho a porta. Estou certo que está pensando no dia da festa que pegou no escritório. Meu irmão. Meu irmão, o assessor financeiro que se converte em meu representante. Que absurda é a vida.

Sessenta

Gin está bem. Ainda tem os olhos um pouco vermelhos, está um pouco agitada, mas está bem. A camiseta rasgada e o sutiã colocou em uma sacola. Como prova, ela disse. Não quero ver.

Me faz mal lembrar da cena. Lhe dou um beijo leve. Não quero encontrar seus pais. Não saberia o que dizer. Mas entenderam quem são. "Aquele da garrafa de champagne", disse Gin aos seus pais para faze-los entender.

— Sim, eu sei. Diga isso... Não, diga que estou com uns problemas, que tive que ir pra casa. Bom, diga o que você quiser.

Não tenho vontade de escutar o agradecimento deles. Obrigado. Obrigado às vezes é uma palavra que cansa. Existem coisas pelas quais não queremos ser agradecidos. Tem coisas que não deveriam acontecer. Tento explicar com gentileza. Parece que conseguiram. Mais tarde estou em casa. Paolo intui que deve me deixar quieto. Não me propõe nada, não me passa nem papai e mamãe. Algumas daquelas fotos saíram em alguns jornais, e um monte de gente me telefonou para me cumprimentar. Por estar perto do ocorrido. Ou talvez só para dizer: eu o conhecia bem... Mas eu não quero nada. Quero ver o programa. Pronto. São nove e dez. Começa o logo do programa. Depois de apenas dois sinais com o título como de costume, a surpresa. Os nomes e sobrenome dos três autores não aparecem mais. As bailarinas continuam dançando sorridentes e tranquilas apesar do que aconteceu. Além disso, elas sabem: o show deve continuar. O último programa. Até parece que não ia ao ar. Coisas do mercado. Alguma coisa eu aprendi. É fácil entender do que é feito o programa: de dinheiro. Os títulos continuam. As meninas dançam. A música é a mesma. O público sorri. Tem uma outra surpresa. Meu nome está lá agora. Meu celular toca. Vejo o número. É Gin. Respondo. Ri. Parece mais alegre, em plena recuperação.

— Você viu? Eu tinha razão. Pensei isso, mas não te disse, é como se te dissessem que não tem problema. Sou feliz por você.

Está feliz por mim. Ela está feliz por mim. Que tipo. É incrível. Sempre consegue me surpreender. A cumprimento. — Nos falamos depois, quando acabar. — Desligo. Não teria problema. Que problemas posso ter eu? No máximo uma denuncia por briga. O único problema é que não acabo o álbum. Abro uma cerveja e naquele momento toca o celular. Número desconhecido. Não deveria confiar, mas não sei por que atendo. E não errei. É Romani, Reconheço a voz. Olho para a TV. De fato está no comercial. A primeira da transmissão, quase sempre as nove e quarenta e cinco. Olho o relógio. Adiantaram alguns minutos. Quem será que fez a escala. Talvez já tinham feito aqueles três. Seguramente não podem mudar. Mas esqueço esses pensamentos. Tento entender o que está dizendo e fico surpreso escutando.

— Então Stefano, queria te dizer que me desculpe. Não sabia. Não poderia jamais imaginar.

E continua com a sua costumeira tranquilidade, com sua elegância, com sua voz calma e firme. Uma voz que dá segurança. Escuto em silêncio e continuo sem palavras mesmo que eu queira dizer alguma coisa. Outas duas meninas denunciaram o mesmo fato que aconteceu um tempo atrás. Não tiveram coragem de falar com medo de perder o emprego, ou pior, simplemente de desaparecerem. E talvez hajam outras.

— E depois disso que você fez Stefano, estão tendo segurança. Quanto tempo demoraria para se descobrir, talvez nunca. Então Stefano, me sinto culpado por te colocar numa situação dessa. Justo com a sua namorada...

Abaixo a cabeça. Não tem nada que possa ser feito. Romani também sabe. Deve ter sido Tony.

— Então te peço, aceite minhas desculpas e obrigado, obrigado de verdade Stefano. — Agora um obrigado. Um obrigado do Romani. Obrigado. A única palavra que eu não queria ouvir.

— Bom depois te cumprimento, devo voltar ao programa. Venha me encontrar. Tenho uma coisa pra você. É um presente. Eu não posso usar. Tenho uma outra transmissão que começa em dois meses e não posso largar.

Tenta não dar muito importância ao seu gesto. Não tem o que fazer.

— Assim ficam um pouco tranquilos. Depois, se quiser, trabalhamos juntos de novo.

Faz uma pausa.

— Se quiser... mas seria um grande prazer. Te espero... Stefano?

Por um momento achou que a linha tinha caído. Eu não disse nada. Mas termino bem.

— Sim, Romani, tudo bem, passo amanhã. Obrigado.

Terminamos assim o telefonema. Olho para a TV. Como por encanto o comercial termina e a transmissão recomeça. Abro a cerveja. Bom, pelo menos um obrigado eu também consegui dizer.

Sessenta e um

No TdV estão desmontando tudo. Pedaços do cenário são tirados uns atrás dos outros com uma facilidade extrema. Uma equipe de destruidores atua implacável, com determinação, sem nenhuma dúvida, quase com raiva. Riem entre si e quase parecem sentir prazer ao fazer isso.

— É mais fácil destruir do que construir...

Sua voz me surpreende às minhas costas, mas é sempre tranquilizadora. Sorrio, dando-lhe a mão. Gosto até do seu apertão. Sincero, sereno, forte, que não precisa demonstrar nada. Já não. Romani. Foi a pessoa mais interessante que conheci. A mais diferente, a mais inesperada. O verdadeiro dono desse funil, frustrante e preocupante por tantos lados, ao final consegui chegar a apreciá-lo. Andamos. Pedaços do cenário seguem caindo do alto. Pequenas demolições de colossos de rodas pictóricas, amanhã já esquecidas. Continuar adiante pela força, a importância e a estupidez do êxito, a droga do êxito, a beleza do êxito. Acha por um instante que não te esquecerão. Mas não será assim. Não será assim.

— Toma — me dá um envelope. — São os contratos para você e Ginevra para o próximo programa que farei e será transmitido em vários países da Europa. Alcança mais de trinta e cinco por cento na Espanha. Estará Marcantonio e também o mesmo coreógrafo. Confirmei algumas bailarinas e exclui outras. — Sorri referindo-se a esses três. — Também por que não acho que voltarão a trabalhar neste mundinho. Pedi uma campanha de imprensa contra esses três de tirar o fôlego. Não por nada... mas só para destacar que nós somos os bons! — ri. — Também escrevi um artigo especial sobre você. Sairá dentro de uns dias. Deixará você famoso. — Outra vez. Nada. Não há nada o que fazer. Estou condenado a ser famoso graças a uma briga. — Queria que Ginevra e você aceitassem esse contrato. Eu pedi que aumentem os salários dos dois. Digamos que é um contrato... reparador. Não por culpa

nossa, mas já que o canal aceitou minha sugestão... Por que vocês teriam que rechaçá-la? — ri. Depois permanece em silêncio. — Bom, pensando...

— Ouça, Romani, posso perguntar-lhe algo?

— Claro.

Olho-o por um instante. Mas o que importa? Se o pergunto.

— Por que usa sempre um desses botões do pescoço desabotoado?

Me olha e guarda um momento em silêncio. Depois sorri.

— É muito simples: para conhecer quem tenho a frente. Todos tem essa curiosidade, vontade de perguntar, de saber. Mas muitos não o fazem. Por isso as pessoas se dividem em dois grupos: quem não ousa fazer-me essa simples pergunta e quem se atreve. Os primeiros ficaram sempre com curiosidade. Os segundos, no entanto, descobriram a razão dessa besteira! — Rimos. Não sei se é verdade, mas como explicação, gostei muito e decido aceitá-la assim. — Este, no entanto, é um envelope de minha parte. Um lugar excelente aonde ir para pensar sobre o contrato... A praia e o calor ajudam a dizer que sim.

E sorri referindo-se a todos esses hipotéticos sons que se podem dizer. Depois se afasta veloz, fingindo que tem algo a fazer e dá alguma outra ordem inútil a equipe. No fim, já destruíram tudo. Mas assim me enganou. Desta vez, não tive tempo de lhe agradecer.

Sessenta e dois

Não posso acreditar. Gin disse que sim. Teve que inventar que, além de mim, vão mais outras três ou quatro pessoas, mas seus pais disseram que sim. Não só isso. Uma frase tranquilizadora: "Além disso, se ele vai..." Esse "ele" sou eu. Que absurdo. Pela primeira vez, pais imaginam que sua filha possa estar segura ao meu lado. Bom, pelo menos aquela briga serviu de alguma coisa. Gin segura... Sim, entre meus braços! Um sonho. Como sobre Romani. Outro sonho. Voo na primavera: Tailândia, Vietnã, Malásia. Tudo pago, tudo organizado. Às vezes, fazer as coisas certas vale a pena. Inclusive em um mundo muito indiferente e injusto. Às vezes. Quando encontra alguém valente e honesto. Como Romani. Os melhores voos. Os melhores bangalôs. As praias mais bonitas. O sol, o mar e um contrato que nos espera quando voltarmos para dizer sim ou não. E a liberdade. A liberdade em dizer que sim a cada minuto se nos apetece fazer algo ou não, sem compromissos, sem "a mesa está pronta", sem se "deve" fazer, sem chamadas inesperadas, sem problemas, sem encontros com quem não quer se encontrar. Subimos no avião livres e tranquilos.

Eu um pouco menos. Olho ao meu redor. Que bobo. Não, não está. Não pode estar. Eva, a aeromoça, não trabalha para a Thai. Uma senhorita com os olhos amendoados, a pele ligeiramente ambarina e um perfeito uniforme nos acomoda em nossos assentos. Sorrio. É muito amável. Também é muito bonita. Nos serve algo para beber. Quando vai embora, Gin me dá uma cotovelada.

— Ai!

— Quero que você fique mal educado e antipático com a aeromoça.

— Claro, sempre sou assim.

— Olhe-me nos olhos...

Coloco os óculos de sol, rindo.

— Agora sério, diga-me uma coisa: você já teve algo com uma aeromoça?

Sorrio. Bebo um gole do copo que a senhorita do Thai amavelmente nos ofereceu. Depois a beijo rapidamente. O suave champanhe tinge nossos lábios. Faço durar um pouco. As bolhas parecem tranquiliza-la. Talvez também meu beijo. Sobretudo minha resposta: "Jamais." E mais que nada, o fato de que o avião começa a decolar. Gin me abraça com força esquecendo meu eventual passado e preocupando-se pelo iminente presente. Estamos voando. Recolhem o trem de pouso. O aparato chega às nuvens. Um entardecer mais próximo nos acaricia pela janela. Gin afrouxa seu abraço e pousa sua cabeça sobre mim.

— Você fica chateado se eu ficar assim?

Quase não me dá tempo de responder. Noto como adormece, como abandona as últimas tensões, como se deixa ir entre meus braços, em um avião em pleno voo, entre nossas nuvens, suaves. Se sente segura. Terna. Tento mover-me o menos possível. Pego da bolsa que tenho ao lado Lucy Crown, o livro que mamãe me presenteou, e começo a ler. Gosto como foi escrito. Ao menos nas primeiras páginas não faz mal. Por agora.

●●●

— Oh, happy day...

Uma música inesperada. Percebo que adormeci. O livro está apoiado sobre a mesa. Gin está ao meu lado, olhando-me, e sorrindo. Tem uma câmera fotográfica nas mãos.

— Fiz algumas fotos suas enquanto dormia. Estava lindíssimo... parecia inclusive um bom garoto!

Abraço-a atraindo-a para mim.

— Mas eu sou um bom...

E a beijo. Mais ou menos convencida de minha informação, decide de qualquer modo participar. Depois advertimos a presença de alguém e nos separamos nem um pouco intimidados. Ao menos eu. Ela se ruboriza. É a aeromoça de antes, com os dois copos na mão. Amável e profissional, não faz

que nos pese nosso amor.

— São para vocês... Falta pouco...

Pegamos curiosos. A aeromoça, delicada e suave, se afasta assim como veio.

— Já não me lembrava: é 31 de dezembro... — Gin olha seu relógio. — Faltam só alguns segundos.

Uma estranha contagem com um sotaque americano sai da cabine do avião.

— Três, dois, um... Feliz Ano Novo!

Sobem a música. Gin me dá um beijo.

— Feliz Ano Novo, Step, o bom...

Brindamos com os dois copos que chegaram justo a tempo. Depois damos outro beijo. E outro. E mais outro. Já sem medo que nos interrompam. No avião todos cantam e festejam contentes pelo ano passado ou pelo que virá, contentes em estar de férias ou em voltar para casa. Seja como for, contentes. Com seu champanhe. Com a cabeça, e não só isso, entre as nuvens. O avião desce um pouco e não por casualidade.

— Olha... — diz Gin apontando pela janela. Em algum país ali embaixo estão celebrando. Os fogos de artifício abandonam a terra para vir nos saudar. Para celebrar que passamos. Explodem debaixo de nós como flores recém-abertas. De mil cores imprevisíveis. De mil desenhos pensados. Pólvora, perfeitamente coordenada, se libera acendendo-se no céu. Uma atrás da outra. Uma dentro da outra. E pela primeira vez vemos de cima. Gin e eu abraçados, com as caras marcadas na janela, divisamos o final, a parte sempre escondida, conhecida só pelas estrelas, pelas nuvens, pelo céu... Gin olha extasiada aos fogos de artifício. — Que bonito!

Luzes distantes conseguem pintá-la. Delicadas pinceladas de cores luminosas acariciam suas bochechas. E eu, tímido pintor improvisado, a abraço e a beijo. Sorri para mim. Seguimos olhando para fora. Um estranho jogo de fusos horários, de horas legais, de passo veloz sobre países distantes, nos presenteia com outro fim de ano, e outro, e mais outro. E fogos diferentes, de cores diferentes, lançados de um país diferente, vêm até nós. Sorriem se aproximando, trazendo a felicitação de quem sabe que pirotécnico.

E a música continua. E o avião, veloz e tranquilo, avança. Atravessa o céu, a felicidade e a esperança de quem sabe quantos países. E a aeromoça, precisa e ordenada, aparece e desaparece pontual a cada fim de ano, trazendo champanhe. Nós, bêbados de felicidade e não só disso, nos felicitamos uma e outra vez. Brindamos várias vezes por esse mesmo ano novo, com uma única grande certeza: "Que seja um ano feliz..."

E depois de ter celebrado tanto, cansados de todos esses anos passados em um instante, dormimos serenos e tranquilos. Despertamos na praia. E quase parece que continuamos sonhando. Frente a esse mar, frente a essa água cristalina sempre quente, esse sol e esses entardeceres.

Tailândia, Koh Samui.

— Você viu, Step? É igual aos postais que recebo. Sempre acreditei que um estranho falsificador tivesse retocado no computador.

Gin.

— Inclusive trabalhando não poderia ter imaginado tanto.

— Mas que grande fantasia tem Deus. E, além disso, do nada, Ele não tem exemplos para se referir... Grande pintor...

E sai assim, deixando-me na água, entre milhares de peixes coloridos e nenhuma resposta. Depois me ocorre algo.

— Bem, devemos um agradecimento a Romani.

Em sua pequena proporção. Ri e se afasta para o bangalô. Sem parar. Serena e tranquila como poucas. Rebolando, de propósito, divertida, saudando uma pequena menina tailandesa, que a chama por seu nome, já amigas, e não só por que Gin lhe presenteou com uma camiseta.

Vietnã. Phuquoc.

Outra vez na água, agora abraçados, agora salpicando-nos, agora em uma pequena batalha na areia ante os olhos divertidos de crianças curiosas ante esses dois estranhos turistas, que primeiro brigam e depois se beijam! E seguimos assim, beijando-nos um pouco mais, mexidos pelo sol, molhados de desejo, e antes que a curiosidade de todas essas crianças se torne malícia, entramos no bangalô. Uma ducha. Cortinas jogadas ao ritmo do vento, mas sem se afastar muito dos cristais. Agora que outra onda rompe contra as rochas e nós, próximos, seguimos seu ritmo.

— Ouve, é um milagre da natureza... Você ficou boa.

— Idiota!

Me dá um soco suave na barriga.

— Sempre esqueço que é terceiro dan.

— Agora eu quero guiar.

— Lembra-se da vez que você quis conduzir a minha moto... e quase caiu no semáforo.

— Cretino. Mais depois fui bem, não? Confie em mim.

— Está bem, quero confiar.

Sai de baixo e sobe em cima de mim, selando esse passo com um grande beijo, muito longo. Fica de cócoras sobre mim, me pega com a mão e se mete dentro, suave e decidida, com segurança. Continua me beijando. Inclinada sobre mim, tem os braços abertos e empurra para baixo a pélvis com força, acolhendo-me até o fundo de seu ventre. Eu fiz bem em confiar. Aperta com força meus pulsos e abandona por um instante seu beijo. Abre a boca, que fica suspensa sobre meus lábios. Suspira várias vezes para depois pronunciar essa frase fantástica. "Estou gozando". Diz lentamente, separando quase cada pequena letra, com uma voz baixa... muito baixa. Eroticamente insaciável... e em um instante gozo também. Gin joga o cabelo para trás, empurra uma ou duas vezes a pélvis para mim e depois para e abre os olhos. Plop. Como se houvesse voltado de repente. De novo reluzente de encanto.

— Você também gozou?

— Claro! O que você acha?

— Mas você está louco? — ri. — Está completamente louco. — Se desliza para o meu lado, se apoia em um ombro e me olha divertida. — Então você gozou dentro de mim...

— Claro, de quem se não? Aqui só estamos eu e você.

— Mas não tomo nada, não tomo pílula.

— Meu Deus! De verdade? Não é você quem toma pílula? Me confundi! Pensei que você fosse outra!

— Cretino... Imbecil!

Volta a ficar em cima de mim e começa a me bater.

— Ai! Ai! Basta, Gin, estava brincando.

Tranquiliza-se.

— Entendo, mas você estava brincando quando disse que gozou?

— Não, sobre isso, não. Claro que não!

— Que significa "claro que não"?

— Que era um momento tão bonito, tão único, tão fantástico, que me parecia estúpido interrompê-lo. Como posso dizer? Fora de lugar...

Volta a se deitar ao meu lado e se funde quase que com um mergulho na almofada.

— Você está louco... E agora o que faremos?

— Bom, recupero um pouco o fôlego e se quiser voltamos a começar. Está bom para você?

— Diga o que faremos, o que faremos, vamos, você entendeu! Não brinque sempre... Onde encontramos a pílula do dia seguinte no Vietnã? Isto é absurdo, nunca encontraremos.

— Pois então não vamos procurá-la.

— Como?

— Se não vamos encontrá-la nunca, é inútil que procuremos, não?

Beijo-a. Fica por um instante deitada. Mas se deixa beijar. Não participa muito. Separo-me e a olho.

— Então? — Tem uma cara divertida. Está surpresa e perplexa ao mesmo tempo. — Você racionalmente é indiscutível e...

— E então já te disse: não vamos procurar. Recupero o fôlego e voltamos a começar.

Sacode a cabeça e sorri, louca também ela, e me beija. Me acaricia e me beija de novo. E o fôlego volta logo. E eu decido guiar, sem pressa, sem sacudidas no motor, acelerando. E enquanto o entardecer mais uma vez se esconde, nós gozamos de novo, desta vez sem nos esconder, rindo, unidos, como antes, mais que antes. Loucos de absurdo, loucos de amor, e de tudo o que virá.

Mais tarde. Em um estranho pub chamado pelos irônicos donos vietnamitas de Apocalipse Now, tomamos uma cerveja. Gin escreve a toda velocidade em seu diário.

— Ei, posso saber que tipo de Divina Comédia você está escrevendo?

Desde que estamos aqui sentados não fez mais do que escrever, onde fica então a conversa? O casal também é diálogo, não?

— Sh! Estou imortalizando o momento.

Gin escreve uma última coisa rapidamente e depois fecha o diário.

— Feito! Muito melhor do que Bridget Jones. Será um best-seller mundial!

— O que você escreveu?

— O que fizemos.

— E demorou tanto para descrever uma transa?

— Idiota!

Em um instante. Gin joga sua cerveja em cima de mim. Alguns vietnamitas se viram. Primeiro riem e depois ficam em silêncio preocupados, um pouco indecisos sobre o que acontecerá. Eu sacudo a cerveja de meu rosto, me seco na medida do possível com a camiseta. E depois riu, tranquilizando-os.

— Tudo em ordem... Ela é assim! Como não sabe dizer "te amo", joga cerveja em sua cara.

Não entendem nada, mas sorriem. Gin também esboça um sorriso "simpático", mas é falso. Bebe outro gole.

— Quer saber o que eu escrevi? Tudo! Não só que fizemos amor, mas também o que aconteceu. É um fragmento do nosso destino. Talvez, graças a esse instante, tenhamos um filho. Estaremos juntos para sempre.

— Para sempre? Sabe? Eu pensei bem. Eu acho que no Vietnã talvez exista a pílula do dia seguinte. Vamos procurar logo!

Me agacho, veloz, precisamente quando Gin me lança a pouca cerveja que fica em seu copo. Desta vez não me alcança. Os vietnamitas riem divertidos e aplaudem. Entenderam o jogo, mais ou menos. Inclino-me para eles e me celebram com um estranho coro: "te amo... te amo... te amo". Pronunciam mal, mas entenderam de verdade. Não me dá tempo de voltar a me levantar. O copo de cerveja me alcança na barriga.

— Ai!

Desta vez é Gin quem se inclina e as mulheres vietnamitas explodem em aplausos. Não sei se teremos um filho, mas uma coisa é certa: se as coisas

forem mal, sempre podemos montar uma companhia de teatro e fazer espetáculos.

Malásia. Perentian. Tioman.

Dourados, sãs, ligeiramente tostados por um sol que não nos abandonou nunca.

Caminhamos. Uma tarde de um dia qualquer. Como são todos os dias quando está de férias. Paramos diante de um pintor deitado na sombra de uma palmeira e escolhemos sem pressa.

— Aquele, esse!

Um dos muitos quadros cravados na areia como grandes conchas de cores deixadas para secar ao ar livre. Escolhemos juntos, divertidos de que precisamente nos tenha impressionado o mesmo.

— Que simbiose a nossa, hein, Step?

— Sim.

Pago cinco dólares, o pintor nos entrega e levamos caminhando até nosso bangalô.

— Estou preocupada.

— Pelo que? Pela sua barriga? É cedo.

— Cretino! Me parece estranho. Dez dias e ainda não nos chateamos! Nem sequer uma vez. Todo dia juntos e nenhuma discussão.

— Bom, então é melhor dizer: "Todas as noites juntos e sempre temos..."

Gin se vira de uma vez. Fica com a cara séria.

— Feito amor! Não se irrite. Por que me olha desse jeito? Estava a ponto de dizer precisamente isto. Todas as noites juntos e sempre temos feito amor.

— Sim... sim... claro.

— Embora... — Continuamos andando. — Perdão, Gin, mas dizer que fodemos sempre, reflete melhor a ideia.

Começo a correr.

— Cretino! Então me diga que quer discutir.

Ela também começa a correr tentando me alcançar. Abro depressa a porta do bangalô e me meto dentro. Pouco depois ela chega também.

— Então... quer discutir.

— Não vê — aponto para a janela. — que é quase de noite? Já é tarde, se for discutir, se discute de dia! — Atraio-a para mim. — Por que de noite...

— De noite...? — diz ela.

— Se faz amor, de acordo? Ou diga como você prefere.

— Está bem.

Sorri. Beijo-a. É maravilhosa. Afasto-a um pouco de meu rosto e sorrio também.

— Mas agora foderemos!

Me bate outra vez. Mas é um instante. Depois nos perdemos entre os lençóis frescos que cheiram a mar. E fazemos o amor, fodendo.

Sessenta e três

Passamos vários dias na ilha. E é verdade, não discutimos em nenhum momento. E mais, até nos divertimos. Nunca teria imaginado que isso fosse possível, e com uma garota como ela... Na outra noite encontrei-me perdido entre as ondas do mar. Pareciam doces por serem suaves e quentes, naquelas águas baixas, sem correntes. Ou talvez tudo foi pela beleza e simplicidade desse beijo que nos demos. Assim, em silêncio, olhando-nos nos olhos, abraçados sob a lua, sem ir mais além. Rimos, conversamos, ficamos abraçados. O mais bonito de uma ilha como essa é que não temos compromissos. Tudo que você faz, só faz por que quer, não por que tem que fazer. Jantamos cada noite em um pequeno restaurante. É todo de madeira, e está precisamente sobre o mar, de modo que se baixa três degraus já está na água. Lemos o cardápio sem entender muito bem o que diz realmente. No final, sempre pedimos explicações. As pessoas que trabalham ali são todas muito amáveis e sorriem. E depois de escutar suas explicações mais ou menos compreensíveis, feitas de gestos e risadas, ficamos de acordo cada vez sobre um prato diferente. Talvez por que queremos provar um pouco de todos, por que esperamos que ao menos gostemos de um. Mas sobre tudo por que estamos bem.

— Por favor, sem molho extra, sem nada em cima. Nothing, nothing...

Os caras, ao nos ouvir falar assim, assentem com a cabeça. Sempre. Inclusive quando dizemos coisas absurdas. No final, nunca sabemos o que realmente nos trarão. Às vezes, dizemos bem, às vezes, mal. Tento aconselhar Gin.

— Esteja onde esteja, se você quiser peixe na chapa, sempre vá pelo mais seguro.

Ri.

— Minha mãe, você já fala como um velho. Com o bonito que é provar

tudo.

Olho ao redor. Nesta ilha não há quase ninguém. Em uma mesa afastada de nós come outro casal. São mais velhos e silenciosos que nós. É normal que ao envelhecer tenham menos coisas para dizer? Não sei, e não queria saber. Não tenho pressa. Descobrirei quando for o momento. Gin, no entanto, fala um montão, disto e daquilo, de coisas divertidas e interessantes. Me faz partícipe de trechos de sua vida que eu nunca teria conhecido, nem sequer imaginado, se não fosse através dela. E eu a escuto, olhando-a nos olhos, sem perdê-la de vista. Além disso, sempre tem mil propostas.

— Ei, tive uma ideia maravilhosa. Amanhã iremos a uma ilha que tem aqui na frente; melhor não, pegaremos um barco e sairemos para pescar; não, não, melhor fazermos um pouco de trekking[12] no interior... o que você diz?

Eu sorrio. Não lhe digo que a ilha tem um diâmetro de apenas um quilômetro.

— Claro, excelente ideia.

— Mas qual é excelente? Fiz três propostas!

— As três são excelentes.

— Às vezes, parece que você está brincando comigo.

— Por que está dizendo isso? Está maravilhosa.

— Vê? Está brincando comigo.

Levanto-me, me sento ao seu lado e lhe dou um beijo. Longo, longuíssimo, com os olhos fechados. Um beijo totalmente livre. E o vento tenta passar entre nossos lábios, nosso sorriso, nossas bochechas, entre nosso cabelo... Nada, não consegue, não passa. Nada nos separa. Só ouço pequenas ondas que se rompem debaixo de nós, a respiração do mar, que faz eco com nossas respirações, que tem gosto de sal... E a ela. E por um instante tenho medo. De ter vontade de me perder outra vez? E depois? O que acontecerá? Bah. Relaxo. Perco-me nesse beijo. E abandono esse pensamento. Por que é um medo que eu gosto, são. De repente Gin se afasta de mim, se afasta e me olha fixamente.

— Ei, por que está me olhando assim? No que está pensando?

Pego seu cabelo que o vento jogou para frente. Recolho docemente em

[12] N/T: Trekking é o nome genérico utilizado para designar o esporte a pé de regularidade ou lazer em caminhadas ecológicas.

minha mão. Depois o jogo para trás, liberando seu rosto, ainda mais bonito.

— Eu gosto de fazer amor com você.

Gin se levanta. Pega a jaqueta. Por um instante parece irritada. Depois se vira e esboça um sorriso maravilhoso.

— Passou a minha fome. Vamos?

Levanto-me, deixo dinheiro na mesa e me reúno com ela. Caminhamos pela margem. Abraço-a. A noite. A lua. Um vento ainda mais suave. Barcos distantes no mar aberto. Velas brancas que batem. Parecem lenços que nos cumprimentam. Mas não, não vamos embora. Ainda não. Pequenas ondas acariciam nossos tornozelos, sem fazer muito ruído. São quentes, lentas, silenciosas. São respeitosas. Parece um prelúdio de um beijo que quer ir mais além. Tem medo de quase deixar-se ouvir. Um garçom chega com os pratos a nossa mesa. Mas já não nos encontra. Depois nos vê. Agora já longe. Nos chama.

— Amanhã, comeremos amanhã.

O cara sacode a cabeça, e sorri. Sim, esta ilha é maravilhosa. Aqui todos respeitam o amor.

Sessenta e quatro

Quando eu era pequeno e voltava das férias, Roma me parecia sempre diferente. Mais limpa, mais organizada, com menos carros, uma sensação diferente ao dirigir, um semáforo a mais. Desta vez me pareceu idêntica de quando a deixamos. É Gin que me parece diferente. A olho sem que perceba. Espera na fila a nossa vez de pegar o táxi. Mexe nos cabelos, tira do rosto, e ainda com o cheiro do mar, ele obedece. Não, não diferente. Simplesmente mais mulher. Está com a mala entre as pernas e a mochila pesada sobre o ombro direito. Austera, mas suave. Se vira, me olha e sorri. É mãe? Que ódio, será que está esperando mesmo um filho? Fui um idiota. Me olha curiosa procurando talvez adiivinhar os meus pensamentos. Eu, ao contrário, a olho procurando adivinhar o que tem na sua barriga.

Já são dois? Me lembro de uma cena que vi quando era pequeno. A história de Ligabue. Mas não o cantor. O pintor. Olhando uma modelo, pintando-a na tela, Ligabue, das diferentes luzes dos seus olhos, das suaves curvas do seu corpo, entende que está grávida. Talvez eu seja mais idiota que Ligabue.

— Posso saber no que está pensando?

— Pode parecer absurdo, mas no Ligabue.

— Nossa, eu gosto dele tanto como cantor, quanto como homem.

Canta alegre. Sabe toda a letra de "Certe Notti", mas não adivinhou meus pensamentos. Ainda bem. Pelo menos dessa vez. — Ei, sabe uma coisa? Gosto do Ligabue também como diretor, você viu "Radiofreccia?

— Não.

Chegou nossa vez. Colocamos as malas no porta-malas do táxi e saímos.

— Que pena, em um certo ponto tem uma bela frase: "Credo che *c'è un bucco* grosso dentro, *ma che il rock and roll, qualche amichetta, il calcio, qualche soddisfazione sul lavoro, le stronzate con gli amici be', ogni tanto questo buco me lo*

riempiono."[13]

— Parece forte... você sempre lembra de citações, né?

Gin insiste. — E "Da deci a zero"?

— Também não.

— Tem certeza que pensava no cantor e não no Ligabue pintor?

Me olha curiosa e arrogante. Essa menina me preocupa. Falo o endereço da casa de Gin ao taxista, que acena com um sim com a cabeça, e parte. Todos sabem tudo. Coloco os óculos. Gin ri.

— Te peguei, né? Ou também não conhece?

Não espera a resposta. Decide deixar pra lá. Se apoia no meu ombro como durante o voo. Como todas estas últimas noites. Vejo seu reflexo no espelho do taxista. Fecha os olhos. Parece descansar, depois abre de novo. Cruza seu olhar com o meu por entre os óculos. Sorri. Talvez entendeu tudo. Talvez. Mas uma coisa é certa. Se for menina, se chamará Sibillia.

Um último cumprimento. — Tchau, nos falamos depois. — Com a mochila nas costas e a mala na mão, entra pelo portão. A vejo ir embora assim, sem poder lhe ajudar. Não quis.

— Não quero ser ajudada e sobre tudo eu não gosto de despedidas longas. E vá embora!

Gin forte. Subo no táxi e dou meu endereço. O taxista acena um sim com a cabeça. Conhece esse também. Bom, também, é o seu trabalho. Logo me voltam a mente os momentos da viagem. Como se fosse um álbum folheado rapidamente. Então escolho as fotos mais bonitas. Os conselhos, os beijos, os jantares, as conversas sem hora, o amor sem hora, o despertar sem hora.

E agora? Estou preocupado, mas não só pelo fuso horário. Sinto sua falta. Deixá-la em casa depois de uma viagem é como partir de novo, mas sem saber onde ir e com quem ir. Sozinho. E Gin já me faz falta. Estou preocupado com isso. Me tornei muito romântico?

— Chegamos, doutor.

Por sorte tem o taxista que me traz de volta a realidade. Desço. Não espero o troco, pego minhas coisas e entro em casa.

---

[13] Acredito que tenha um buraco grande dentro, mas que o rock and roll, uma namorada, o futebol, qualquer satisfação no trabalho, as besteiras com os amigos, este buraco de vez em quando eu preencho.

— Tem alguém? — Silêncio. Melhor assim. Preciso entrar devagar, sem muito barulho, sem muitas perguntas na minha vida cotidiana. Guardo algumas coisas, coloco pra lavar algumas coisas sujas, e tomo um banho. Não sinto o fuso, mas por sorte escuto o celular. Saio do banho. Pego rapidamente. Me enxugo um pouco antes de atender. É ela, Gin.

— Faz um segundo que liguei o celular, antes de entrar no banho. Sabia que não resistiria.

— Acha que eu te liguei para saber como você estava? Não é você que está dando as cabeçadas? Está em crise total de abstinência... de amor?

— Eu?

Distancio o celular um pouco e finjo falar com o público feminino em frente: — Calma meninas, calma, já chego.

Gin finge estar irritada.

— Estranho que não disse "já venho". E em um minuto. Teria sido mais sincero. Não as iluda. Ahahaha.

— Hmm, venenosa. Se for assim, falamos com Romani, duas participações em qualquer programa como o caso do ano, e saimos de novo pelo mundo.

—Sem ir muito longe... Começa a preparar o discurso para os meus pais, deverá vir aqui qualquer dia desses.

— O que?

— Mas sim, estamos no fim, e ela não vem, então estou grávida. Prepare o pedido de casamento, as desculpas e todo o resto.

Fico em silêncio.

— Isso, parabéns! Entendeu! Se divirta com essas meninas que estão ai, que te resta pouco tempo;

— Mas eu pensei que me preocuparia somente com a escolha do nome.

— Claro. O mais fácil. Olha, nisso penso eu. Você se preocupa com todo o resto. Sabe o que minha mãe sempre diz? "Não quis a bicicleta? Agora pedala!"

— Bicicleta... Se for menina, podemos chamá-la assim. Seguramente seria uma garota muito esportiva, e como se sabe, em homenagem a mãe.

— Menos mal. Achei que já estivesse depressivo. Em vez disso fica

falando essas coisas cretinas.

— Sim, mas são as últimas. Sabe, como pai devo mer tornar mais sério. Mas tem certeza que eu sou o pai? Meu avô sempre dizia: "*Mater semper certa est, pater numquam*"[14]

— Ótimo, vive na dúvida. Tenha certeza que se for idiota, é seu filho.

— Menos mal que eu estava em crise de abstinência de amor.

— Step... não vamos brigar.

— E quem quer brigar?

— Estou com saudade... - distancio de novo o celular.

— Meninas, querem saber o que ela me disse? Que está com saudade...

— Vai... não seja estúpido.

— Mudou?

— O que?

— Geralmente me chama de idiota.

— O que é melhor, idiota ou estúpido?

— Bom, acho que estúpido pra mim é melhor... e depois, idiota disse que chamará ao meu filho, então deve me chamar de estúpido, senão nesta casa não se entenderá mais nada. Que confusão!.

— Cretino!

— E cretino, quem é? Outro?

Rimos. Continuamos a rir. Falamos sem saber mais do que, nem por que, depois decidimos desligar, nos prometendo de nos falar amanhã. É uma promessa inútil. Mas mesmo assim a fazemos. Quando perde tempo no telefone, quando os minutos passam sem que se perceba, quando as palavras não tem sentido, quando pensa que se alguém te escutasse te acharia louco, quando nenhum dos dois tem vontade de desligar, quando depois que ela desligou, controla a raiva de verdade, então está ferrado. Ou melhor, apaixonado. Que na verdade é um pouco a mesma coisa.

[14] A mãe sempre quem é mãe, o pai nunca.

Sessenta e cinco

Em Roma, os dias seguintes voltam lentamente à normalidade. As horas ocupam de novo seu lugar. Volta a fazer frio. Cada um em sua casa. O mar se afasta, como sua recordação. Ficam só as fotos dessa esplêndida viagem. E logo acabam em quem sabe que caixa, também esquecidas. Romani se alegra em nos ver, tão contentes e morenos, sobretudo graças a ele. E ainda se alegra mais ao nos ver aceitar esse contrato de trabalho, sempre graças a ele. Paolo e Fabiola parecem estar de acordo. Paolo abandonou a ideia de ser um representante, meu representante. Voltou a trabalhar como assessor financeiro. Deixa tomar todas as decisões para Fabiola, sua namorada, e assim saem às contas. Por que se as contas não saíssem nem no escritório nem fora, poderia enlouquecer. Pelo que ouço dos relatos de Paolo, meu pai e sua namorada, do qual não lembro de jeito nenhum o nome nem quero fazer o mínimo esforço para lembrar, continuam apaixonados e em sintonia.

Apaixonados... tampouco sobre isto quero fazer o mínimo esforço. Da vida sentimental de mamãe, Paolo, no entanto, não sabe nada. Ou ao menos não se deu conta. No entanto, está preocupado com sua saúde. Viu-a fazer várias visitas ao hospital, mas tampouco disso sabia algo. Ou também neste caso não quis me contar nada. E tampouco sobre isto consigo fazer um esforço. Não posso. Já é difícil ler o livro que minha mãe me presenteou. Uma história parecida com a nossa, mas com um final feliz. Um final feliz, sim. Mas é um romance.

— Olá, o que está fazendo?

— Estou preparando minha mochila; irei passar um tempo na academia...

Tudo voltou ao normal. Também Gin.

— De verdade? Eu irei esta tarde. Hoje irei... — Faz uma pausa procurando em seu calendário de academias. — Ao Gregory Gim na via

Gregorio VII! Menos mal que não seja muito longe. Nos vemos mais tarde?

— Claro.

— Então, um beijo e até logo.

Então não sabia o que aconteceria, que desse "claro" não estaria depois tão certo.

Na academia cumprimento algumas pessoas. Depois começo a treinar. Sem apertar muito, sem exceder com o peso. Tenho medo de ter uma hérnia. Faz muito tempo que não treino.

●●●

— Ei, bem-vindo.

É Guido Balestri, magro e sorridente como sempre. Como seu moletom vermelho escuro velho, como sempre, com uma camisa radical-chique de marca, como todas as suas coisas, também estas como sempre.

— Olá. Está treinando?

— Não, passei na academia com a esperança precisamente de encontrar você.

— Não tenho um centavo... — Ri, divertido, talvez por que nós dois sabemos muito bem que é a última coisa que eu poderia necessitar. — E durante um tempo tenho que evitar as brigas. É claro, alguém pode se queimar se deixar-se ver muito. Você já é um divo das lutas! — Entendo que deve ter seguido toda a história. Mas ele prefere me avisar, e para o bem. — Recortei todos os artigos: o herói, o paladino, o justiceiro da tele...

— Sim, já passou.

— Bem, você também, pelas fotos que eu vi!

— Não sabia. Publicaram também as fotos dos três? Isso eu perdi.

Mas não é importante. Ainda tenho bem presente a cena real com os originais de carne e osso. Deixa o assunto de lado.

— Então, o que posso fazer por você?

— Sou eu que posso fazer algo por você. Passarei para te pegar as nove, Step, certo?

— Depende.

— Ei, você não se transformou nessas senhoritas que acham que tem a exclusividade do prazer masculino? Do estilo "iria, mas não posso"? Venha, levarei você para uma bonita festa, gente tranquila, coisa fina. Não me diga que acabou na jaulinha de alguma menina? Veremos os colegas, algo tranquilo!

A ideia de recordar velhos tempos me apetece. Passou um montão de tempo. Por que não? Desconectar um momento de tudo. Uma lembrança do passado. Penso em Pollo, mas não me dói. Um bom banho é o que me faz falta. Tapinha nos ombros de gente que não vejo faz muito tempo. Alguma história do passado, apertões de mãos e olhadas sinceras. Amigos de brigas, os amigos mais sinceros.

— Por que não?

— De acordo, então me dê o endereço e passo para buscar você no carro. — Nos despedimos. — Às nove. Esteja pronto...

Continuo treinando ainda um pouco. Coloco mais ímpeto. Presunçoso. O que está fazendo? Quer estar em forma para encontrar com seus amigos de antes? Estar a altura de suas recordações? Step, o mito! E, irônico, decido parar e tomar um banho.

Pouco depois já estou em casa. Meu celular toca.

— Olá, não passou para me buscar.

Gin parece decepcionada.

— Eu pensei que ainda estaria na academia.

— Eu gostaria! Tive que ajudar minha mãe a subir com as compras. Depois percebeu que tinha se esquecido de comprar leite e então eu fui. Depois que voltei, ela percebeu que tinha se esquecido do pão e eu tive que ir outra vez. E, além disso, o elevador está quebrado.

— Bem, não foi à academia, mas está igualmente em forma.

— Sim, claro. Tenho glúteos fantásticos! Quer vir vê-los agora? Agora tenho que subir no terraço para recolher a roupa estendida por que essa noite parece que choverá.

— Não, não posso. Dentro de pouco, um amigo passará para vir me buscar.

— Ah... — Gin parece ficar mal.

— Eu disse um amigo, Guido Balestri, aquele tipo alto e magro... Estava

na noite em que fomos ao Colonnello.

Tento tranquiliza-la.

— Não me lembro. Está bem, como quiser. Bem, eu subirei no terraço de qualquer forma. E quem estiver...

— Vamos, não seja tonta. Ainda nada?

— Ainda nada. Por agora, você é um papai hipotético...

— Bom, então aproveito e irei sair esta noite. Talvez falemos logo.

— Nada de talvez! Falaremos logo! E ligue-me sem ele!

— De acordo — riu. — Como queira, terceiro dan.

Não me dá nem tempo de desligar quando soa o interfone. É Guido.

— Vou descer agora.

Sessenta e seis

Raffaella dava voltas pelo andar. Nada o que fazer. Não para de pensar nas contas. Pior que o charcuteiro de debaixo da casa, que toda vez anota algo mais na conta, ou o frentista da praça, que leva seu carro e depois enche seu tanque. Pessoas de confiança que depois se desculpam com a frase de sempre: "Mas se não é tanto; é o euro, senhora, que nos fez dobrar o preço de tudo". Parece que foi embalado de propósito para a sua fraude. Mas aqui se trata de outra coisa, se trata de Claudio. Claudio mudou. Até como fez amor no outro dia, sem querer tirar a camisa. É estranho. Além da música, mudou inclusive seu gosto pela leitura. Sempre havia lido só Diabolik e, como muito, Panorama. E que casualidade que essa revista só a colhia quando saia na capa uma mulher bonita. Naturalmente, meio nua. Até aqui, tudo normal. Dizia sempre que dentro havia um importante artigo sobre o mundo das finanças. Mas agora? Como se explica esse livro? Raffaella se aproxima da mesa de noite de Claudio e a pega. Poemas, de Guido Gozzano. Folheia. Nada, não há nada. Depois, de repente, algo que está entre as páginas cai. Um postal. Vira em seguida para ver o que está escrito. Nada. Só o selo e a assinatura de quem enviou. Um "F", um simples "F". O selo é do Brasil. Quem poderia ter enviado? Alguém que esteve no Brasil. Olha a data do carimbo. Foi enviada há seis meses. Dos amigos que conhecemos, quem pode ter ido ao Brasil há seis meses? Filippo, Ferruccio, Franco. Não, não me parece que nenhum deles tenha ido. Por outro lado, nenhuma de suas mulheres teria os deixado irem. A menos que um deles fosse às escondidas... e enviasse um postal para Claudio com um "F"... Não, não encaixa. Dá a volta no postal e o olha. Há uma garota bonita brasileira. A clássica foto de uma garota passeando pela praia com a bunda ao ar e um biquíni tipo fio dental. O estranho é que dá para ver perfeitamente seu rosto e sorri. Nada. Volta a colocar no livro e começa a folheá-lo.

Em um ponto encontra uma frase sublinhada em vermelho. Como pode ser? Claudio odeia vermelho. Nunca usaria. Recorda os muitos erros que cometia no colégio nas aulas de italiano, precisamente por que nunca lia nada. E, além disso, o verso sublinhado era: "Não amo mais que as rosas que não colhi", com um sinal de exclamação acrescentado. Um sinal de exclamação? Além disso, alguém que para completar destruiu a sintaxe do poema, o deixando feio, violado. Alguém que não respeita nada nem ninguém. Nem sequer a mim. Sobre tudo, a mim. Raffaella vai rapidamente até as últimas páginas para ver se ainda está o preço, ou se foi recortado ou tapado. Não, o preço está aí. Olha melhor. Aproxima da cara e de repente se dá conta. Há restos de cola. O preço estava tapado. Tiraram o adesivo. Foi Claudio! Não queria que visse o nome da loja onde compraram este livro. Foi presenteado! E foi essa "F". Essa imbecil "F". Raffaella deixa tudo em seu lugar. Tem que pensar em um plano. Infelizmente, a única pessoa que conhece no Telecom é o doutor Franchi, um amigo de Claudio. Não diria nunca nada para ela, nem das chamadas nem das mensagens que Claudio envia. A estúpida solidariedade masculina... Não falaria nunca, nem sequer sob tortura.

Raffaella já examinou seu telefone, e várias vezes. Nem uma mensagem, nem enviada, nem recebida. Também as chamadas realizadas, as recebidas ou perdidas são poucas, muito poucas. É um celular limpo, muito limpo. Ou seja, estava sujo. Mas como pode descobrir? Não é evidente como esse imbecil de Mellini, que para poupar usava o "You & Me", esse plano de ligações onde escolhe o número ao que mais chama, e no contrato mandou incluir diretamente o número da amante. Esse foi um jogo inclusive muito fácil de descobrir. Pequeno desgraçado. Pelo menos nisso poderia ter um pouco de estilo. Deveria estar contente agora, com o que poupou: até a amante o deixou. Mas o melhor é que fez de propósito para que descobrissem.

Quando um marido deixa uma mensagem no celular, quer dizer que, de qualquer forma, não importa nada sua mulher. E que não sabe como dizer. Assim poupou também a briga. Que desgraçados são os homens. Ou seja, que, por absurdo que pareça, teria que estar contente que tenha tirado a etiqueta que tampava o preço do livro e que me esconda tudo... E assim, enquanto pesa desesperada essa sua última consideração, repentinamente lhe

ocorre uma ideia. Uma inspiração, um instante, uma iluminação. Entorna os olhos e começa a estudá-la em todos os seus detalhes. E ao final, sorri, por que sabe que é perfeita.

Um pouco mais tarde. Claudio volta para casa e Raffaella sai ao seu encontro, cumprimentando-o.

— Olá. Como está? Foi bem no trabalho?

— Muito bem.

— Vem que eu te ajudo.

Claudio se deixa tirar o paletó, mas fica perplexo. A que se deve essa repentina amabilidade? Há algo que não funciona. Terá descoberto algo? Outro problema com suas filhas? Pois terá que afrontá-lo logo. Claudio a segue até o quarto.

— Tudo bem, tesouro? Há algum problema?

— Não, tudo bem, por quê? Quer algo para beber?

Até me pergunta se quero algo para beber... Então há um problema, e grande.

— Como está Daniela?

— Muito bem, foi fazer exames. Hoje deveriam dar-lhe os resultados, mas parece que tudo está bem. Mas por que me faz todas essas perguntas?

— É que está tão amável, Raffaella...

— Eu sempre sou amável.

— Mas não tanto!

É verdade — pensa Raffaella. — Demônios, estou me traindo.

— Tem razão, não posso esconder nada de você! Havia esquecido por completo que Gabriella me convidou para jogar buraco com ela. Mas tínhamos dito que iríamos ao cinema com os Ferrini, não é?

— Ah. — Claudio suspira, relaxando. — Pois serei sincero, querida: eu também tinha esquecido. Além disso, Farini me ligou dizendo que iria me dar à revanche na sinuca hoje à noite. Agora certamente virá ao nosso escritório!

— Perfeito, me alegro por você! Então tome um bom banho, e relaxe. Se perder outra vez, pensará que faz de propósito para ficar bem com ele... e isso não é bom!

— Tem razão, essa noite eu ganho, estou certo.

Claudio se despe e se mete no chuveiro. Relaxa sob o jorro da água. "Que maravilha — pensa. — nunca nada me pareceu tão fácil". E ela até se sente culpada.

Pode ir ao hotel Marsala sem problemas e desfrutar até mais tarde. Que sorte tenho... E não sabe quanto se equivoca. Raffaella acaba de terminar seu plano. Agora não tem dúvidas. Não é perfeito: é diabólico. Claudio termina de tomar banho. Se seca rapidamente, excitado ante a ideia de sair, e se despede.

— Mas o que está fazendo? Não vai sair?

— Não, jogamos às dez. Então esperarei que Daniela volte.

— Certo, cumprimente-a de minha parte e se divirta.

— Você também.

Raffaella se despede dele com um sorriso. Claudio sai correndo. Mas se tivesse olhos na nuca teria visto como esse sorriso, em quanto se virou, se transformou em uma careta horripilante. De uma mulher que sabe o que faz. E que chegará até o fundo. Raffaella pega o telefone fixo e liga para suas duas filhas. Depois, para todas as suas amigas mais íntimas, as que poderiam de alguma maneira tentar localizá-la no celular. Para todas diz o mesmo. Para todas inventa a mesma mentira.

Sessenta e sete

Pouco depois estou no carro com Balestri. Trouxe uma cerveja. Dirige alegre e esportivo, talvez não só pela cerveja.

— Aqui está, chegamos.

Via di Grottarossa. Descemos. Alguns carros estão estacionados diante da casa, mas não reconheço nenhum. Chama em um interfone. Corsi. Também não conheço o sobrenome. Guido me olha curioso, parece divertido.

— Ei, Guido, você não errou de endereço? Não vejo a moto de ninguém. Além disso, quem é Corsi?

— Esta é a casa, confia em mim e fique tranquilo. Ao menos tenho certeza que conhece uma pessoa.

Abrem a grade. Entramos. A casa é muito bonita, janelas tapadas com cortinas de diferentes cores assomam sobre o jardim. Uma piscina meio vazia descansa algo mais além, esperando os primeiros dias de maio, e ali perto, uma quadra de tênis com terra batida e a rede tensa para montar guarda. Um garçom sorridente nos espera na porta, se afasta e nos faz passar fechando-a as nossas costas.

— Obrigado.

Guido o cumprimenta. Parecem se conhecer.

— Carola está?

— Claro, está ali, passem.

Acompanha-nos por um corredor. Quadros iluminados se alternam perfeitamente no interior de uma impecável biblioteca, entre livros antigos, vasos chineses suavemente pintados e objetos de cristal. Todos delicadamente encaixados nessa madeira clara. Chegamos a um grande salão. O garçom se afasta e uma garota corre ao nosso encontro.

— Olá.

Abraça Guido cumprimentando-o afetuosamente, mas sem beijá-lo nos

lábios. Deve ser Carola.

— Conseguiu?

Guido se vira para mim e sorri como se dizendo: "Claro, Carola, não vê que está aqui?" Ela me olha. Fica por um instante surpresa. Observa-me com atenção como se estivesse me sopesando. Entrecerra os olhos, como se não acreditasse que eu... sou eu.

— Mas ele... é ele?

Guido sorri.

— Sim, é ele.

— Sim, acho que sou eu... Normalmente, me chama de Stefano, Step para os amigos... Mas nunca haviam me chamado de "ele"... Mas pode explicar o que está acontecendo?

E repentinamente, desta porta aberta, deste salão cheio de pessoas desconhecidas, de vozes distantes e confusas, de livros antigos, de quadros pintados pelo tempo, ouço uma risada. Sua risada. A risada que eu adorei, que eu busquei, dela, que foi meu sonho de mil noites. Babi. Babi. Babi... Babi está sentada só em meio ao salão. É o centro da atenção, conta algo e ri, e todos riem. Enquanto eu, sozinho, fico em silêncio. Esse é o momento que tanto esperei. Quantas vezes nos Estados Unidos, xeretando as lembranças, afastando momentos dolorosos, penhascos de desilusão, eu cheguei ali, ao fundo, até encontrar esse sorriso? E agora está aqui, frente a mim. E a compartilho com outras pessoas. Tudo o que era meu, só meu. E repentinamente me vejo correndo através de um labirinto feito de momentos: nosso primeiro encontro, nosso primeiro beijo, a primeira vez... A explosão enlouquecida de meu amor por você. E em um instante recordo tudo que não pude dizer-lhe, tudo que quis que soubesse, a beleza de meu amor. Isso é o que eu queria mostrar-lhe. Eu, simples cortesão admitido em sua corte, ajoelhado diante de seu simples sorriso, frente à grandeza de seu reino, queria mostrar o meu. Sobre uma bandeja de prata, abrindo os braços em uma reverência infinita, mostrando-te meu presente, o que sentia por você: um amor sem limites. Aqui tem, minha senhora, vê? Tudo isto é seu. Só seu. Mais além do mar e no fundo, ali abaixo, mais além do horizonte. E ainda mais, Babi, além do céu e além das estrelas, e ainda mais, além da lua, e além do que

se esconde. Isso é, este é o amor que sinto por você. E ainda mais.

Por que isto é só o que podemos saber. Te amo por cima de tudo aquilo que não podemos ver, por cima do que não podemos conhecer. Aí está, isso é talvez o que também teria querido dizer-lhe. Mas não pude. Não pude dizer-te nada que queria escutar. E agora? O que eu poderia dizer agora a essa garota que está sentada no sofá? A quem posso mostrar as maravilhas desse grande império que lhe pertencia? Olho-a e já não está. Onde se meteu? Onde está esse sorriso que me converteu em um náufrago de certezas, mas tão seguro de felicidade? Queria escapar, mas não há tempo, já não há tempo. Aqui está. Babi se vira lentamente para mim.

— Step! Não posso acreditar... Que surpresa...

Se levanta e vem ao meu encontro. Me abraça, me aperta forte e me beija docemente. Na bochecha. Depois se separa, mas não muito. Me olha nos olhos e sorri.

— Que contente estou em te ver... Mas o que faz aqui?

Penso em "Caramba, que surpresa!" O que teria gritado Raffaella Carra? Ah, sim: "Babi está aqui!" Mas não me dá tempo. Começa a falar. Ri e fala, fala e ri. Parece saber tudo de mim. Sabe onde estive, o que fiz nos Estados Unidos, conhece meus estudos, meu trabalho...

— E voltou a Itália no início de setembro. Para ser exata, acho que no dia três. E nem sequer me felicitou por meu aniversário... Não se lembra, hein? Bom, te perdoo...

E continua assim, rindo. Dia 6 de setembro era seu aniversário, e esse dia me lembrei perfeitamente, como sempre. Como todos os anos, também nos Estados Unidos, como tudo que tinha a ver com ela, o mais bonito e o mais doloroso. E ela? Ela me perdoa. Pelo quê? Não ter sabido esquecê-la?

— É 6 de setembro! Vê como não lembra...

— Ah, é verdade.

Sorrio e a deixo continuar. Ela fala pelos dois, ela decide, ela avança, como sempre fez.

— E depois você fez um programa de televisão e depois vi os jornais, com essas fotos. Para salvar essa garota... Como se chama? Bem, agora não me lembro. De qualquer forma, te procurei, mas...

Por sorte continua. Sem pedir-me o nome. Ginevra, Gin para os amigos. Teria que ligar para ela. Tenho que ligar para ela. Disse que falaríamos logo, talvez. Sim, eu disse talvez. Sempre posso me desculpar com esse "talvez". Desligo o celular. Viro-me. Sai instintivamente. Vejo que Guido sorri para mim. Percebeu e pisca o olho. Ele, o pérfido Mecha, eu, estúpido Pinóquio nas mãos da Fada Azul. Boa ou má? E o vejo ir embora. Vejo como fecha a porta às suas costas e me deixa só. Só com ela, com Babi, só com o destino de meu passado. E Babi pega minha mão.

— Vem, vou apresentar você a meus amigos.

E me arrasta assim, mais namorada, mais mulher, mais segura, mais madura, mais... mais não sei o quê.

— Olha, este é Giovanni Franceschini, o proprietário do Caminetto Blu... Ele é Giorgio Maggi; acho que o conhece: tem essa grande empresa mobiliária que se dedica a compra e venda... Sim, agora é muito conhecida: se chama Casa Dolce Casa.

— Não, não a conheço, desculpe.

E sorrio, e cumprimento como se tudo isso me importasse. E outros nomes, e outras histórias. Títulos comerciais de jovens pseudo-nobres desta sociedade que já não tem nenhum título... Ao menos, para mim.

— E ela é Smeralda, minha melhor amiga! — Babi se aproxima, cúmplice, mansa, ronrona e me sugere quente ao ouvido. — Digamos que ocupou o lugar de Pallina.

E ri. E eu só percebo seu perfume: Caronne. E a olho. Ao menos nisso não mudou. E queria dizer-lhe: "E quem ocupou meu lugar?" Meu lugar. Há. "Por que pensava que tinha um?" Poderia me responder. Então fico calado, fico em silêncio. Olho-a enquanto continua com esse estranho baile de apresentações. Ela, hábil cortesã, dama impecável dessa sua alta sociedade, de sua corte dourada. E dança, e ri e joga para trás a cabeça e cascatas de cabelo e perfume e de novo seu sorriso.

E outra vez... Outra vez você. Mas não tínhamos que voltar a nos ver... e sinto toda minha dor. O que não sei, o que não vivi, o que agora me falta. Para sempre. Quantos braços você tocou para se tornar o que é? Quanta razão tem. Quão certo é. O que importa. No final, ela não me dirá, infelizmente. Mas isso

fica em silêncio. E a olho. Mas não a encontro. Então vou buscar esse filme em preto e branco que duraram dois anos. Toda uma vida. Essas noites passadas no sofá. Longe. Sem conseguir dar-me uma explicação. Arranhando-me as bochechas, pedindo ajuda as estrelas. Fora, na varanda, fumando um cigarro. Seguindo depois essa fumaça para o céu, para cima, mais acima, mais ainda... Ali, onde precisamente tínhamos estado. Quantas vezes nadei nesse mar noturno, me perdi no céu azul, levado pelos eflúvios do álcool, pela esperança de encontra-la outra vez. Acima e abaixo, sem trégua. Por Hidra, Perseu, Andrómeda... E abaixo, até chegar a Casiopea. A primeira estrela à direita e depois tudo reto, até a manhã. E outras muitas. E a todos perguntava: "Você viu? Por favor... Eu perdi minha estrela. Minha ilha, que não existe. Onde estará agora? O que estará fazendo? Com quem?" E ao meu redor, esse silêncio dessas estrelas intrometidas. O ruído incômodo de minhas lágrimas esgotadas. E eu, estúpido, procurando e esperando encontrar uma resposta. Dê-me um por que, um simples por que, qualquer por que. Mas que idiota. Já sabe. Quando um amor se acaba pode se encontra tudo, exceto um por quê.

Sessenta e oito

Claudio dirige tranquilo. De vez em quando olha o retrovisor para ver se Raffaela o está seguindo. Nada. Nenhum carro atrás dele, nenhuma suspeita. Só uma patrulha da polícia, que em um determinado momento acende as luzes e acelera derrapando. Claudio vê passar o veículo como uma flecha girando para a direita, Rua Cassia abaixo. Não se dignaram nem em dirigir-lhe um olhar. Entende, pensa para si mesmo. Eu sou um cidadão modelo, nunca fiz nada errado. E de todo convencido de sua completa inocência, acelera e pega a Corso Francia, a toda velocidade até a Via Marsela. Pouco depois está a Porta Pia. Para perto da Europa, estaciona e tira o celular do bolso. Abre, olha. Nada, nenhuma mensagem. Havia combinado com Francesca em se encontrarem no hotel às nove e meia. Se houvesse tido algum problema ou houvesse acabado antes, teria me mandado uma mensagem. Melhor assim. Quanto menos mensagens se enviem, menos probabilidades de sermos descobertos. Depois que Raffaella abriu o extrato bancário e me fez esse interrogatório sobre o taco de bilhar, não posso mais chamar ou mandar mensagens pelo meu celular. É muito arriscado. Raffaella seria capaz inclusive de chamar a Franchi e de fazer um interrogatório também a ele. Ele não está acostumado a uma fera como ela, e com mais ou menos solidariedade masculina, ao final cederia. Estou seguro. É melhor chamar sempre do escritório e apagar as mensagens depois de tê-las lido. Claudio fecha o telefone e volta a coloca-lo no bolso onde o leva sempre. Depois, tranquilo e relaxado, decidi permitir-se um cigarro. Quando é necessário, é necessário. Além disso, hoje não há nenhum tipo de inquietação. E assim Claudio acende um bom Marlboro. Mas se tivesse olhando bem seu celular, teria se dado conta que é ligeiramente mais novo que o de costume. E nesse caso não teria sentido inquietação, e sim autêntico terror.

●●●

Beep. Beep. O som da chegada de uma mensagem. O celular de Claudio brilha sobre a mesa. Sabia. Era só questão de tempo. Raffaella sorri e o pega. Espera um instante e o olha indecisa. Isso, este era o momento que poderia mudar totalmente a minha vida. E pensar em que quando Claudio quis comprar estes três celulares iguais, por que estavam em oferta, eu o critiquei. *Pobre Claudio*, pensa, *ter conseguido mudar meu celular pelo que ele sempre leva no terno não tinha preço.* Depois sua cara muda repentinamente, se endurece. A raiva se transforma. Então decido abri-lo. Descobrir esta carta, essa mensagem que poderia acabar definitivamente com a partida mais importante de sua vida. Abre e depois lê: "Olá, tesouro! Eu acabei agora. Nos vemos ali às nove e meia, como combinamos." Raffaella arregala os olhos, que ficam verdes de bílis, saem das órbitas, a raiva a faz estreitar os dentes, ofegar ao respirar. Queria jogar o celular de Claudio contra a parede, mas sabe que então perderia todo o rastro dessa "F" de merda, dessa mulher que permiti chamá-lo de "tesouro". E repentinamente entende a importância desse celular, único indício, única prova para um processo judicial futuro. Um mapa perfeito para poder levá-la até seu tesouro. Raffaella se tranquiliza, respira fundo, se relaxa. Deve recuperar a lucidez. Deve agir com astúcia. Pega o celular de Claudio e escreve lentamente a resposta.

"Tenho que ir de táxi. Em casa pegaram meu carro. Que digo ao taxista?" E depois o envia. E espera. Espera não ter cometido nenhum erro, não ter usado uma maneira de escrever diferente, que não houvesse nenhuma senha entre eles, tipo "curto e troco" ou alguma outra idiotice deste tipo. Claudio foi cuidadoso, mas não é tão esperto. Nunca teria suspeitado que eu mudasse seu celular pelo meu. E precisamente nesse momento chega a mensagem de resposta: "Tesouro, como é que me escreve? Havia dito que era perigoso. Não sei o nome da rua, mas basta que diga hotel Marsala e tenho certeza que te levará. Até logo. Quero te ter como da última vez..."

E ante a leitura destas últimas palavras, Raffaella quase se sente morrer. Encolhe seu estômago, tenciona sua mandíbula, lhe dá um ataque de fígado. Depois vai até o telefone fixo e marca o número: 3570. Segundos depois, a

voz da operadora de táxi lhe responde.

— Por favor, um táxi para piazza Jacini logo. É urgente. Espero na linha.

Alguns segundos depois, chega uma voz gravada:

— Veneza 31 em dois minutos.

Raffaella desliga para confirmar. Depois pensa e lhe vêm quase uma gargalhada histérica. Veneza 31. Veneza foi sua primeira viagem e é o táxi chamado assim que acabará com tudo. Depois corre até o banheiro e vomita inclusive o que não comeu.

●●●

Um pouco mais tarde. Parado na piazzale de Porta Pia, Claudio olha a hora. São às nove. Ainda tem meia hora. Tem sede. Decidi ir tomar uma cerveja em um bar próximo. Coloca o carro em marcha e faz mudança de sentido. Embora tenha cometido uma infração, foi imprudente: olhou para ver se não vinha ninguém. Só havia um táxi que chegava ao fundo da rua. Se houvesse estado atento, teria visto seu nome: Veneza 31. Claro que isto tampouco não teria lhe dito nada. Mas se houvesse estado ainda mais atento, se houvesse olhado também dentro do veículo, então entenderia que não haveria escapatória para ele.

●●●

Raffaella desce do táxi, paga e entra no hotel Marsala. Olha ao seu redor. Uma decoração horrível. Uma planta de plástico em um canto. No chão, um tapete vermelho roído. Perto da parede havia uma velha poltrona de madeira desgastada. Na frente, uma mesa com o cristal quebrado e algumas revistas velhas descuidadamente colocadas acima. Um zelador aparece no balcão.

— Boa noite. Posso ajudá-la? Precisa de algo?

— O senhor Gervasi me aconselhou este hotel. Está em seu quarto?

O zelador a olha. Mas é um instante. Já viu bastante como para saber que é melhor que se meta em seus assuntos. Depois se volta. Olha na caixa de

chaves. A dezoito ainda está lá.

— Não, ainda não chegou.

Sorri a senhora de maneira amável.

— Bem, obrigada, então. Se não se importa, esperarei aqui.

Raffaella se senta na poltrona, tentando não fazê-lo com muito ímpeto. Só faltaria isso, cair, quebrar uma perna e tivesse que levá-la para o hospital. Agora que sabe a verdade, que chegou ao objetivo, ao final de sua carreira. Este último encontro não quer perder por nada do mundo. Raffaella abre um jornal e o folheia velozmente. Mas é como se não visse as fotos, os textos, os anúncios. Só páginas de cores. De cor vermelho sangue. E precisamente nesse momento chega Francesca. Abre a porta de vidro do hotel e entra com sua alegria de sempre, cumprimentando o zelador.

— Olá, Pino! Claudio chegou?

O porteiro a olha e depois para Raffaella. Responde quase balbuciando.

— Não... ainda não.

— Então, dê-me as chaves; O esperarei lá em cima.

O porteiro lhe dá a chave número dezoito e depois decide sair para outro cômodo. Em alguns casos, é melhor não ter visto nada.

Raffaella joga o jornal sobre a mesa e se levanta. Caminha até ela, se detém a um passo e a olha nos olhos. Francesca fica sem palavras. Assustada, dá um passo para trás. Raffaella, repentinamente, a reconhece. Não pode acreditar. Que estúpida foi. Não era um postal: era uma foto plastificada. A garota da praia é ela. Ela é "F".

— Mas o que está acontecendo?

— Nada, uma inspeção. Como se chama?

— Francesca, por quê?

Em um instante, esse "F" toma forma. Francesca, a imbecil.

— Está esperando Claudio, verdade?

Francesca não entende nada. Ou talvez não queira entender. De qualquer forma, Raffaella não lhe dá tempo. Pega o telefone de seu marido e marca o número, seu próprio número.

— Espera, que agora te passo.

Claudio acaba de comprar uma cerveja e está bebendo um gole no carro quando quase fica de pedra ao ouvir soar esse celular em seu bolso. Vibra e soa com um timbre que não é o seu. O pega. Olha surpreso, sem entender nada. Depois o abre. E nesse momento vê o que nunca teria esperado: seu nome "Claudio", que brilha enorme na tela. Como é possível que esteja ligando para si mesmo? Não entende nada. Esse é seu último pensamento estúpido antes de poder reagir, entender, cair nas profundezas do drama. Segue olhando seu nome como se hipnotizado por este timbre, sem entender que esse som é sua chamada para uma viagem sem retorno ao inferno. Depois, de repente, não aguenta mais e decide responder.

— Sim? — diz quase temeroso, preocupado por ouvir quem sabe o quê do outro lado. E, de fato, é precisamente ela, a última pessoa que queria ouvir: sua mulher.

— Olá, Claudio, vou te passar para uma pessoa.

Ele fica sem palavras, não lhe dá tempo de dizer nada, enquanto Raffaella coloca o celular contra a orelha de Francesca. Claudio não pode imaginar, não quer imaginar qual será agora a segunda voz que ouvirá... Quem é a pessoa que está com sua mulher? Quem pode ser?

Então, completamente desorientado, decidi falar igualmente.

— Olá?

— Claudio, é você? Sou Francesca... Aqui há uma senhora que me perguntou...

Mas não lhe dá tempo de acabar. Raffaella tira o celular da sua orelha e volta a falar com Claudio.

— Te espero em casa.

Precisamente nesse momento, Claudio passa com o carro diante do hotel Marsala com o celular ainda aberto e as vê juntas: Raffaella e Francesca. Não acredita no que vê, fica aterrorizado e acelera, tentando fugir de alguma maneira. Mas não sabe que deste momento já não tem mais escapatória.

Francesca se dirige chateada para Raffaella:

— Perdão, mas estava falando com ele, por que me tirou o telefone? Você é uma mal-educada...

Raffaella sorri e depois pega de suas mãos as chaves do quarto.

Francesca a deixa fazer. O grande quadrado de madeira pesada, com o número dezoito pregado nas chaves, oscila na mão de Raffaella.

— Este é o quarto onde "tinha" Claudio? — Francesca não responde. Raffaella levanta uma sobrancelha. — Eu não sou uma mal-educada, eu sou a senhora Gervasi. E você, você não passa de uma merda! — E joga o quadrado de madeira em sua cara, quebrando seu nariz e gravando para sempre em suas recordações esse número dezoito.

Sessenta e nove

– Ei, Step, está me escutando?

— Claro... — minto.

— Estou muito contente em ver você... Por que não me ligou quando voltou?

— Bom, não sabia...

— Não sabia o quê? — Riu tapando a boca. Toca seu cabelo, jogando-o para trás. — Se estou sozinha?

Me olha. Agora com olhos mais intensos. Sem essa flor na boca. Mas não diz mais nada, e eu volto a pensar em nosso Battisti. Em quando ela se fazia tranças, em suas bochechas vermelhas, em nossos bares escuros... no mar negro. Mas não espero resposta.

— Vou tomar algo.

Por sorte encontro em seguida um rum. Um Pampero, o melhor. Pego um copo e bebo. Queria... Sirvo outro. Não queria... Bebo de um gole. Mas se quisesse... Outro copo mais. Como pode uma rocha deter o mar? Nunca soube responder essa pergunta. Volto com ela e nos sentamos no sofá. E olhando-a, encontra a resposta. É impossível. O mar é infinito. Precisamente como seus olhos. E minha rocha... Bom, minha rocha é muito pequena. Ela me olha e ri. Ri.

— Bebeu, verdade?

— Sim, um pouco.

E em um instante estamos ali, a sombra, como essas duas bicicletas abandonadas. E passa o tempo. Não sei quanto. E ela me conta tudo, tudo que se pode contar, o que decide contar-me. Ela, mulher. Ela, que era clara e transparente como eu... E antes que eu pergunte quantos braços estreitou para se converter no que é, a noite se acaba. Assim como minha garrafa.

— Adeus, Carola, adeus, garotos.

E todos se despedem, trocam beijos, encontros, lembram-se de compromissos futuros. E nos encontramos fora do portão. A sós, pouco depois.

— E agora o que vai fazer?

— Nada. Eu vi com meu amigo Guido de carro, mas ele foi embora.

— Não se preocupe, eu tenho o meu. Eu te levo, vamos. — E subo em um minicooper azul último modelo com CD incorporado. — Divertido, não?

Olha-me enquanto conduz.

— Nos conhecemos em um passeio de moto no que eu ia atrás de você e nos reencontramos com um passeio de carro e desta vez quem dirige sou eu.

— Sim, divertido...

Não sei o que acrescentar. Só me pergunto se Guido tinha imaginado também isto. Mistura impecável de mente genial. Volto a ver seu sorriso, pisca e sua perfeita saída de cena, de grande elaborador de destinos... Mas por que precisamente do meu?

— Toma.

Babi me dá seu cachecol.

—Obrigada, mas não tenho frio.

Ri.

— Tonto — Agora me olha mais séria. — Coloque nos olhos. Não tem que ver nada. Se lembra, não? Agora é a minha vez. Sei que você gosta de jogar.

Sem dizer nada, arramo ao redor da cabeça da mesma forma que ela fez naquela vez na moto atrás de mim. Ela e seus olhos vendados voando tranquilos. Ela abraçada a mim, sem ver, deixando-se levar até essa casa em Ansedonia, seu sonho, de noite, essa noite, sua primeira vez... Agora a sinto dirigir tranquila, subir um pouco a música. Me deixo levar pela música, por ela, por essa garrafa de rum que acabou dentro de mim.

— Pronto, já chegamos.

Tiro o cachecol — venda e na penumbra a diviso. A Torre.

— Se lembra? Aquela vez que você dormiu...?

Como poderia esquecer? Depois, quando acordei, discutimos e depois fizemos as pazes. Como fazíamos as pazes. Como se faz as pazes entre

apaixonados. E sem dar-me sequer conta, a encontro entre meus braços. E, no entanto, não discutimos. Desta vez, não... Me beija. Suave, sem pudores, e sorri na penumbra.

— Ei, mas quanto você bebeu?

— Um pouco.

Embora não me parece que lhe importe muito. E segue assim, acariciando-me.

— Senti sua falta, sabe?

Me sinto como um bobo. O que posso dizer? Como posso saber? E, além disso, será verdade? Por que me diz isto? Por quê? E eu? Eu nem sei o que dizer. Queria ficar calado, mas me sai um simples.

— Sim?

— Sério.

Sorri. Depois desabrocha minha camisa e baixa um pouco mais. E segue tranquila, sem pressa, mas decidida, segura, ainda mais segura, se é que lembro bem como a deixei.

— Vem, sai...

Quase me empurra para fora do carro e ri, divertida, por que começou a chover. Levanta a camisa e tira o sutiã, ficando com o peito nu. Se deixa acariciar pela água e depois por mim, que resvalo a língua por seus mamilos molhados. Com mãos seguras, desafivela meu cinto, desafivela minha calça deixando que caia, coloca a mão dentro e sussurra em meu ouvido:

— Aqui está... Olá... Quanto tempo...

Ousada como nunca tinha sido. Pelo menos não comigo. Depois me beija no peito enquanto a água do ciclo continua caindo. E Babi resvala para baixo, deixando-se levar por essas gotas até encontrá-lo. E eu relaxo assim, levado pelo rum, pela chuva que cai do céu, por ela caída tão abaixo. E eu gosto. E ela faz bem. Gosto muito e quase sofre em admitir. Agora molhado, de tudo e por todos os lados, raptado por sua boca que me chupa, quase com raiva, me deixo levar. Todo esse tempo passado, essa dor sofrida... Essa mulher perdida... Levanto a cabeça ao céu. As gotas de chuva vêm de repente, acariciadas por essa faixa de luz distante. Queria fazer o mesmo que Battisti... "Mas eu disse que não e agora volto a ti com minhas misérias, com as

esperanças nascidas mortas que já não tenho coragem de insuflar a vida...” E, no entanto, fico. E ela segue assim, sem parar, mais depressa, com sua boca ávida de tudo que é meu. Depois se separa, se levanta, investe contra mim, me joga no chão e eu me deixo cair. Deito ao seu lado, sob a chuva. E sobe em cima de mim e levanta a sua saia e debaixo não usa nada. Molhada por todas as partes, afasta minhas mãos e está em cima de mim. Começa a cavalgar-me. A água cai. Me agarro com as mãos ao chão. A cabeça me dá voltas, bebi muito, ela acima sorri, desfruta e me olha, desejosa, sensual, ousada. E eu toco a terra molhada, a grama, a aperto, e por um instante não quero estar ali.

Mas, como...? E esse sorriso seu tão querido? Acaso não voltei por isto? E de repente, um relâmpago. Sem luz. Como um pássaro noturno, um bater de asas, fragoroso em sua delicadeza. Sua voz.

— Ligará para mim logo?

— Sim, talvez te ligue.

— Nada de talvez. Falaremos logo! E me ligue sem ele!

Então, como os pixels, como os frames, uma foto sobreposta, uma imagem desfocada, um simples polaroide... Repentinamente se desenha nítida em minha mente. Gin. Doce Gin, terna Gin, divertida Gin, limpa Gin. Aparece toda, em todo seu esplendor. E a lua distante parece propor para ela um novo rosto: quebrada, desiludida, traída. E nessa palidez lunar vejo tudo que nunca quis ver... Como por arte de magia a chuva se espessa, os eflúvios do álcool se dissipam. E eu, repentinamente, lúcido, tento escapar de debaixo dela. Mas Babi me agarra com mais força, me mantém quieto, se move para cima e para baixo, quase com raiva, segue sua carreira com ainda mais ímpeto, não, não me deixa escapar. Quase arrastada por esse meu desejo de fugir, me cavalga e goza, sem me dar fôlego, nem trégua, nem repouso. Mais, mais e mais. Se afasta só no último momento, quando eu gozo. E satisfeita, contente, já saciada, se derruba sobre mim. Se abandona assim, deixando ali em qualquer lugar, pelo chão, a dois pobres inocentes. Meu sêmen e minha culpa. Depois me dá um beijo suave, que não sei qual o gosto. Só sei que me sinto ainda mais culpado. E me sorri, sob a chuva, mais ousada do que nunca, mais mulher que então. Espelho deforme do que tanto eu amei.

— Sabe, Step? Tenho que te dizer algo...

Enquanto volto a me vestir sob a água, sob a chuva que desejaria que fosse purificante, sob as nuvens escuras que me olham inquisidoras, sob essa lua que desdenhosa virou a cara, ela continua:

— Só espero que não se irrite.

Continuo me vestindo em silêncio. A olho. Irritar-me, eu? Agora que já não está? Como eu poderia me irritar?

Leva com suas duas mãos o cabelo molhado para trás. Depois inclina a cabeça, tentando voltar a ser uma garota por um instante. Mas não pode, não consegue.

— Pois isso... quero dizer a você que vou me casar dentro de alguns meses.

Setenta

Noite fechada. Claudio dá voltas por toda a Roma. Não pode acreditar como se deixou pegar. Como não se deu conta de que esse não era seu celular, e sim o da sua mulher. Por outro lado, são idênticos. Arruinei tudo e ainda fiz caso desse anúncio. Era uma armadilha. Eu fui pego, sim... mas quantas pensões terei que pagar agora? E durante quantos anos? Não consigo calcular tudo que lhe espera. Mas tem que afrontá-lo. Já são às duas. Estão todas deitadas, não? Estacionado debaixo da casa, fora da vista, principalmente para que não me ouçam voltar. Depois subo as escadas com passo lento, na noite, abro lentamente a porta e o fecha sem fazer ruído. Depois a porta de sua casa, muito devagar, lentamente, movendo a maçaneta da porta interna com suavidade, para não fazer ruído. Mas o impulso final o trai.

— Papai, é você? — Daniela aparece no salão. — Olá! Te esperei acordada por que estou muito contente! Fiz os exames e hoje me deram os resultados. O bebê está bem, e, sobretudo, não tenho AIDS!

Mas Claudio não tem tempo de se alegrar. Desde a escura cozinha, Raffaella salta em cima dele, o agride por trás, quase subindo nele como um cavalo, gritando, arranhando suas bochechas com as unhas, arrancando seu cabelo, mordendo as orelhas. Raffaella é uma espécie de harpia, uma estranha gritando em suas costas. Tem as pernas apertadas em torno de sua cintura e não o solta. Claudio começa a gritar de dor e corre como um louco pelo corredor, ante os olhos atônitos de Daniela, que não sabe absolutamente nada e que esperava poder compartilhar sua felicidade com seus pais. Claudio, que chegou ao final do corredor, se vira de uma vez e se lança com um empurrão dentro do armário, entrando com a harpia sobre os ombros. Acaba debaixo dos casacos, que cai dos cabides, em meio ao cheiro de naftalina, das caixas de sapatos, dos muitos presentes de festas passadas que já se perderam. Claudio

consegue se livrar de Raffaella, sai do armário e corre para seu quarto. Nesse momento, Babi sai de seu quarto.

— Mas o que está acontecendo? O que está acontecendo? Há ladrões? — Depois vê seu pai com a cara ensanguentada. — Mas o que aconteceu? O que fizeram com você?

Nesse momento, chega Raffaella.

— O que lhe fizeram? O que ele fez! Faz meses que fodia com uma brasileira em um hotel da estação! — E dizendo isto, arranca do armário, já quebrado, um pedaço de madeira e tenta golpear Claudio, que se tranca no quarto.

Claudio puxa sua mala. Depois abre o armário, mas não acredita no que vê: todas as camisas, as jaquetas, as calças, os jérseis e todos os ternos estão destruídos, cortados, acabados. Uma espécie de grande e imenso armário de confete. Então pega o único que restou. Abre a porta e sai do quarto. Babi corre para ele.

— Mas papai aonde vai?

— Vou embora. Todas vocês já me irritaram bastante. Não entendem que uma pessoa precisa de liberdade...

Raffaella se balança para ele por trás e o golpeia nas costas, entre o pescoço e a nuca, com o pedaço de madeira do armário. Mas Claudio é mais rápido e coloca no meio o livro do Gozzano, Poemas. E depois dizem que a literatura não serve para nada. Começa a correr, cruza o corredor e está a ponto de sair de casa, mas Babi o alcança na porta.

— Papai, mas me acompanhará ao altar, não?

— Sua mãe. Ela sempre decidiu tudo, pois que se ocupe também dessa última chatice!

E dizendo isto se livra também dela e desce correndo a escadaria. Uf. Claudio suspira aliviado. Pensava que seria pior. Desce a escadaria do portal e de repente outra pessoa se joga em cima dele.

— Ah!

Claudio fica na defensiva. Mas é Alfredo, o ex de Babi, completamente bêbado e com uma garrafa na mão.

— Senhor Gervasi, tem que me ajudar, olha como eu estou! Não pode

deixar que Babi se case com esse tal Lillo só por que ganha mais que eu. Como? Vendendo calças! Isso não lhe dá vergonha? E nossa amizade? E os dias passados à mesa? Onde os deixa, hein? Onde os deixa? Se arrependerá! Entende?

Claudio a olha e sorri esgotado.

— Não consegui salvar meu matrimônio, então imagina se eu devo me preocupar com os demais.

— Ah, sim? Então agora verá!

Alfredo avança. Agita ameaçador a cerveja, dando-lhe voltas na mão e avançando para ele. Claudio não duvida e lhe dá um chute nos ovos. Alfredo cai no chão e se dobra sobre si mesmo, dolorido. Claudio dá também um chute na cerveja, enviando-a para longe.

— Não tive problemas com Step, imagina se eu me preocupo com uma pessoa como você!

E vai embora contente, olhando as estrelas, sonhando com a nova vida que lhe espera e um pouco preocupado com toda a roupa que vai ter que comprar.

Setenta e um

– Sim, diga?

— Ei, onde você se meteu ontem à noite? Liguei para você um montão de vezes, mas primeiro não tinha cobertura e depois estava desligado.

Gin. Me sinto péssimo. Por que atendi o celular?

— Pois sim... Fui com Guido jantar em um lugar, mas não me dei conta de que não havia cobertura. Era um sótão.

Não sei o que dizer. Tenho vontade de vomitar. E ela, coisa absurda, me salva.

— Um sótão, certo... Tentei te localizar várias vezes, mas depois adormeci. Hoje não podemos nos ver! Que droga! Tenho que acompanhar minha mãe em uma visita a uma tia que vive fora de Roma. Falamos logo? Eu não desligarei... É brincadeira! Um beijo bonito e depois, quando você estiver acordado, um ainda mais bonito!

E desliga. Gin. Gin. Gin. Com sua alegria, Gin com sua vontade de viver. Gin com sua beleza. Gin com sua pureza. Me sinto como uma merda. Estou cheio de merda. Caio no rum, caio em tudo mais. Minha mãe, quanto bebi. Quanto eu tinha bebido poderia servir de justificativa? Não é suficiente. Era capaz de raciocinar e saber o que queria. De dizer não desde o início, de não ir com ela, de não aceitar o cachecol, de não beijá-la.

Culpado! Sem nenhuma sombra de dúvidas. Embora uma sombra que tenho... e se eu houvesse sonhado? Levanto da cama. Essa roupa que descansa sobre a cadeira ainda está molhada da chuva, estes sapatos ainda sujos de barro não deixam dúvidas. Não foi um sonho. É um pesadelo. Culpado. Culpado além de toda dúvida razoável. Procuro na cabeça uma frase, palavras ao que me agarrar. Por que não encontro nada ao meu redor? Recordo uma coisa que meu professor de filosofia me disse uma vez: "A fraca dúvida antes de tomar uma decisão; a forte depois". Parece que era de Kraus. Ou seja,

segundo ele, eu seria forte. E, no entanto, me sinto tão estúpido e fraco. E assim, estúpido artífice desta minha condenada, me arrasto até a cozinha. Um pouco de café me ajudará. Passará um dia e depois outro e depois outro mais. E depois tudo estará longe, pertencerá ao passado.

Sirvo-me o café já feito. Ainda está quente. Deve tê-lo deixado Paolo antes de sair. Sento-me na mesa. Bebo um pouco, com um biscoito. Depois vejo a nota. Reconheço a letra. É de Paolo. Perfeita e ordenada como sempre. Mas desta vez me parece um pouco trêmula. Talvez estivesse cansado e escreveu correndo. Leio. "Eu fui com papai ao Hospital Umberto I. Mamãe ingressou lá. Vem logo, por favor". Agora entendo a escrita incerta. Se trata de mamãe. Deixo o café e vou tomar um banho rápido. Sim, agora me lembro. Paolo tinha me dito algo, mas não parecia especialmente preocupado. Me seco e me visto, e alguns minutos depois já estou na moto. Um pouco de vento na cara faz com que eu me tranquilize, em seguida. Tudo está bem. Step, tudo está bem. É esse "vem logo, por favor", o que me preocupa.

Setenta e dois

— Perdão, eu estou procurando a senhora Mancini, me parece que ingressou hoje.

Um enfermeiro preguiçoso com um aspecto aborrecido sublinhado por um cigarro que pende de seus lábios apoia um Correrrio dello Sport aberto sobre quem sabe que objetos de contrabando e dá uma olhada no computador que tem na sua frente.

— Você disse Mancini?

— Sim.

Depois me ocorre que ela poderia ter usado o sobrenome de quando era jovem. Não pensei em chamá-la por seu nome de solteira. Qual era? Ah, sim.

— Poderia ser também Scauri.

— Scauri? Sim, aqui está. Segundo andar.

— Obrigado.

Faço o gesto de buscar na lista. Mas enquanto passo na frente de seu lugar, o enfermeiro aborrecido parece despertar de um golpe e me interpela:

— Não, agora não pode subir. As visitas são às três. — Olha o relógio que há em minhas costas. — E dura uma hora.

— Sim, eu sei, mas minha mãe...

— Entendo. Mas não posso fazer nada. É às três para todo mundo.

E nesse instante volto a ver a nota de Paolo. "Vem logo, por favor..."

E depois já não vejo nada. O agarro pelo pescoço com a mão direita e o empurro contra a parede mais próxima, contra a que o estampo. Me apoio com a mão aberta em seu pescoço com todo o meu peso.

— Tenho que ver a minha mãe. Agora. Imediatamente. Não quero armar confusão, assim não me impeça, por favor...

Uso as mesmas palavras que Paolo empregou esperando que possa obter algum resultado. O enfermeiro quer dizer algo. Afrouxo a pressão. O cara

recupera o fôlego e murmura: "Segundo andar." Depois tosse: "Quarto 114." Tosse de novo. "Pode ir."

— Obrigado!

Me afasto assim, rapidamente, antes que pense melhor, antes que diga ou faça algo justo mas que neste momento me pareceria profundamente equivocado. Cento e vinte, cento e dezenove. Direita e esquerda. Avanço assim entre alguns quartos, entre alguns quartos com pessoas deitadas, entre algumas vidas abandonadas, no umbral de mais ou menos um inferno feliz. Um velho desdentado me dirige um sorriso. Tento devolver, mas não consigo grande coisa. Cento e dezesseis. Cento e quinze. Cento e catorze. Aqui está. Quase tenho medo de me aproximar. Minha mãe. A vejo ali, deitada entre os lençóis, pálida, pequena como eu nunca a tinha visto antes. Minha mãe. Parece haver notado algo, um ligeiro ruído, que, no entanto, não o fez. Talvez só um batimento acelerado, o do meu coração ao vê-la desse modo. Se volta para mim e sorri. Se acomoda incorporando-se sobre os ombros, inclinando para trás as costas. Mas uma dor repentina se desenha no rosto fazendo que mude de ideia. Se afrouxa e volta a cair sobre a almofada, olhando-me envergonhada por esta tentativa falha.

Me aproximo de seu lado. Pego-a delicadamente por suas costas e a ajudo a incorporar-se lentamente. Ajudo-a tendo muito cuidado de não tocar todos esses tubos que estão presos com quem sabe que tipo de remédio, perdendo-se em seus braços. Tem a cara atravessada por uma careta, tingida de dor. Mas é só um instante. Já passou. Sorri para mim enquanto pego uma cadeira livre de um dos quartos ao lado e me sento junto a ela, junto a sua cabeceira para que não tenha que falar em voz alta, para que não se canse.

— Olá!

Tenta falar, mas a faço calar levando o índice à boca. Depois permanecemos em silêncio durante uns instantes, nos quais parece se sentir melhor.

— Como está, Stefano? — É absurdo. Ela perguntando a mim. Um sorriso delicado. Me olha buscando a resposta. Tento falar, mas não me saem as palavras.

— Bem. — Consigo dizer antes que isso aconteça. Uma palavra um

pouco mais longa se havia quebrado entre meus lábios, como um frágil cristal. Minha dor teria se feito em mil pedaços, cacos, como um espelho finíssimo que reflete toda nossa vida, a minha e a de minha mãe. Juntos. Suas palavras, seus contos, suas risadas, suas brincadeiras, suas carreiras, seus carinhos. Sua cozinha, sua beleza. Resvalam assim, sem possibilidade de serem retidos, como gotas de água em um cristal de um carro em marcha, na janela de um avião que decola, em queda livre de um douto de praia que foi deixada aberta e o vento varre. Mamãe.

Como ela fez comigo tantas vezes, me sai natural. Pego sua mão. Ela, como resposta, a aperta. Noto seus dedos mais magros, alguns anéis mais soltos, a pele quase posta ao azar sobre esses ossos finos. Aproximo sua mão da minha boca e a beijo. Ri, leve.

— Que é isso, o beijo do perdão?

— Sh — Não quero falar, não posso falar. — Sh.

Apoio à bochecha sobre o dorso de sua mão. Me tranquiliza estar sobre essa almofada humana, pequeno mais cheio de amor. O meu? O seu? Não sei. Fico ali descansando, com os olhos fechados, com o coração tranquilo, com as lágrimas suspendidas, no silêncio. Acaricia a minha cabeça com a outra mão e brinca com meu cabelo.

— Leu o livro que te dei de presente?

Assinto com a cabeça, movendo-me suavemente por sua mão, minha almofada. A noto sorrir.

— Entendeu então o que pode acontecer? Sua mãe é uma mulher, uma mulher como todas... Como todas? Talvez mais frágil.

Fico em silêncio. Busco uma ajuda, algo, não posso mais. Mordo meu lábio inferior, e contenho as lágrimas. Auxílio. Que alguém me ajude. Mamãe, me ajude.

— Me equivoquei, é verdade, e o Senhor quis que precisamente fosse você quem descobrisse. Mas foi um castigo muito grande. Perder por esse erro meu filho.

Me levanto de uma vez e consigo sorrir-lhe, tranquilo, forte, como ela me quer, como me fez ela, minha mãe.

— Não me perdeu: estou aqui.

Me sorri. Consegue alargar o braço e acariciar a minha bochecha.

— Então te reencontrei. — Sorrio e assinto com a cabeça. — Embora te perderei outra vez...

— Por quê? Não... logo verá como tudo vai acabar bem.

Mamãe fecha os olhos e sacode a cabeça.

— Não, já me disseram. Voltarei a te perder.

Faz uma pausa e me olha. Depois sorri lentamente. Vejo em seu rosto a felicidade de ter-me ao seu lado e depois, em troca, a dor que a assalta por dentro. Imprevisto. Uma pequena careta. Fecha os olhos. Pouco depois volta a abri-los, outra vez serena. A dor passou. Me olha e sorri.

— Mas desta vez não será por minha culpa.

Fico em silêncio. Queria encontrar algo para dizer, voltar atrás, retroceder.

Desculpar-me por todo o tempo passado. Queria não ter entrado nunca nessa casa, não tê-la visto com outro homem, não tê-la incomodado, não ter sofrido, haver sido capaz de entender antes, de aceitar, de perdoar. Mas não foi assim. Não posso falar. Não sei fazer nada mais que apertar-lhe a mão, suavemente, com medo de que tudo possa voltar a se quebrar. Mas ela me salva, me ajuda, uma vez mais. Por outro lado, é minha mãe. Mamãe.

— Falemos sobre o que nos afastou um do outro.

Me pega de surpresa. Fico em silêncio.

— Não vamos fingir que não aconteceu nada. Acho que o pior é fingir que não ocorreu nada. Se está aqui, quer dizer que de alguma maneira superou.

Nada, não falo. Então tenta me ajudar.

— Bom, de qualquer forma, não acredito que tenha ido para os Estados Unidos por minha culpa, não?

Sorri. E esse sorriso seu faz tudo... mais fácil.

— Necessitava umas férias.

— Dois anos? Você tomou com calma. De qualquer forma, sinto muito pelo que aconteceu. Seu irmão não entendeu nada. E seu pai... não quis entender. Teria que estar em seu lugar. Haviam passados coisas... — Se interrompe.

Repentinamente, uma pontada de dor atravessa seu rosto. Como uma

onda suave vinda de quem sabe onde. Depois desaparece de novo e mamãe volta a abrir os olhos. E volta a buscar o sorriso. E o encontra.

— Vê? Não tenho que falar. Melhor assim. Ao menos dele te ficará sempre uma boa recordação. Eu sou a culpada, a que destruiu tudo, e é justo que pague por isso.

Outra pontada. Desta vez parece mais forte. Me aproximo dela.

— Mamãe...

— Não é nada, estou bem, obrigada... — Respira fundo. — Os medicamentos que me dão são muito fortes. Às vezes é como se não estivesse. Sonho ainda estando acordada, já não sinto nada. É bonito. Deve ser a droga. Agora entendo por que os jovens tomam tanto. Faz esquecer qualquer tipo de dor.

— Mas se eu nunca tomei drogas...

— Eu sei. Você soube viver perto de sua dor. Mas agora basta. Não lhe permita mais nada. Faz com que devolva a sua vida.

Ficamos um momento em silêncio.

— Senti sua falta, mamãe.

Apoia sua mão na minha e a aperta. Tenta fazê-lo com força, mas a sinto fraca e frágil. Olho sua mão. É magra. Eu perdi muito dessa vida que ela mesma generosamente me deu.

— De qualquer forma, Stefano, não queria falar de mim.

— Que quer saber?

— Lembro que quando era muito jovem, mais jovem que você, tinha um namorado que gostava muitíssimo. Estava convencida de que compartilharia toda a minha vida com ele. No entanto, se foi com a minha melhor amiga e eu fiquei enlouquecida. Deveria ter visto meus pais... No final, superei e justo depois conheci seu pai. Sabe? Teria gostado que minha primeira vez tivesse sido com ele... Quero dizer, o que no momento concreto nos parece perfeito, com o passar do tempo, pode não ser. Talvez entendamos que não era tão perfeito, e embora o tenhamos perdido, ninguém diz que não podemos voltar a encontrá-lo, ou inclusive encontrar algo melhor.

Fica um momento em silêncio e sorri. Gostaria que eu fosse feliz. E eu gostaria muito de ser. Também para ela. — Eu conheci uma garota.

— Muito bem, isso era o que eu queria te ouvir dizer. Me conta como é?

— É divertida, é bonita, é diferente. É especial. — E precisamente nesse momento:

— Step! — Martina, a garota de onze anos que conheci em piazza Jacini, aparece na porta. — Não posso acreditar!

— Meu Deus... — Minha mãe fica sem palavras. — Não me diga que ela é esta garota tão "especial" com quem está saindo agora?

Depois começa a rir. Ao final tosse e depois vem uma pontada de dor. Mas passa em seguida. E volta a abrir os olhos. E sorri de novo.

— Martina, o que está fazendo aqui?

— Minha mãe trabalha aqui. Aí está.

No quarto entrar uma mulher bonita com uma bata branca.

— Olá. Sou a chefe da sala e preciso mudar o gotejo da senhora. De qualquer forma, esta não é a hora das visitas.

— Sim, eu sei, me perdoe.

— Mamãe, é meu amigo. Não sabe quem é? É Step, o da inscrição da ponte...

— Martina, acompanha para fora o senhor. Faço o meu trabalho e depois o deixo entrar um momento para se despedir da paciente, de acordo?

— Obrigada. — Estou a ponto de sair do quarto quando minha mãe me chama.

— Stefano, pode me fazer um favor? Pode me trazer um copo d'água?

— Claro — e saio com Martina.

— Quem é essa senhora?

— Minha mãe.

— Está muito mal?

— Acho que sim, mas ainda não sei com segurança.

— Se quiser, eu pergunto a minha mãe. Ela sabe tudo; é ótima em seu trabalho. Hoje não podia me deixar em casa e me fez vir. Bem, então, quer que eu pergunte?

— Não, Martina, não se incomode.

Fica um pouco desiludida. Caminha ao meu lado em silêncio.

— Mas mostre-me onde posso conseguir água.

— Claro! — Se anima outra vez. — Vem, vamos por aqui, que é mais rápido.

Pouco depois voltamos para o quarto. A chefa de sala acaba de controlar o último tubo. Dá um golpe preciso no gotejador, comprovando que o líquido está caindo. Parece que está tudo em ordem.

— Bom, passarei outra vez antes da meia-noite — Depois se dirige para a saída. — Pode ficar cinco minutos.

— Obrigada.

— Vem, Martina, vamos.

Pega sua filha pelo braço para ter certeza que saia do quarto.

— Ai, mamãe, não me puxe! Já vou. Adeus, Step, até logo.

Cumprimento-a com a mão e volto a ocupar meu lugar perto da cama. Deixo o copo de água sobre a mesa.

— Obrigada, Stefano. Não sabia que tinha tantas admiradoras. A enfermeira me contou que Martina e suas amigas estão literalmente enlouquecidas com sua inscrição da ponte.

— Não acreditava que ia ficar famoso por isso. Se nem sequer a assinei!

Minha mãe ri.

— Mas as pessoas falam, não sabe? Sempre se sabe tudo. E ela? A que estava contigo... a três metros sobre o céu... o que disse?

— A vi ontem.

— Que quer dizer que a viu ontem? Não está saindo com outra?

Guardo silêncio. Mamãe estica os braços.

— Bom... acho que sou a pessoa menos indicada para falar sobre isso, não? — Nos olhamos. Depois, de repente, começamos a rir. Parece estar melhor. O remédio fez efeito. — Não sei o que fez, mas quer um conselho? Não conte nada a outra, nem sequer que a viu. Supera só e em silêncio seu erro. Espero que o que eu fiz não seja hereditário, por que se não também teria que me sentir culpada por seus erros.

— Não, mamãe, esqueça, com que eu me sinta culpado já é suficiente. Eu desejei tanto voltar a vê-la, eu pensei nela dia e noite, eu imaginei esse momento, como seria...

— E como foi?

— Você e eu... a três metros sobre o céu!

— Às vezes fazemos coisas estúpidas. E não precisamente quando estamos apaixonados, se não quando acreditamos estar.

Ficamos em silêncio.

— Bom, melhor assim. Ao menos clareou algo. As histórias passadas são passado. Se acabou. Acho que não poderia ter evitado.

— Mas deveria tê-lo feito e, além disso... vai se casar.

— Ah, bem. E foi por isso que você ficou mal?

— Não. O absurdo é que não me importo. Me pareceu outra pessoa, alguém que não tem nada a ver comigo, com o que eu recordava; já não era mais a garota que eu tanto adorei, por culpa da qual estive tão mal. E o mais absurdo é que se casa e que me disse quando já tinha acontecido tudo. Me senti ainda mais culpado.

— Pelo que te disse?

— Não, pela outra garota. Pelo diferente que é dela e por que não a mereço.

Minha mãe me olha. Depois sorri. E volta a ser essa mãe que tanto senti falta.

— Stefano, há coisas que tem que acontecer, e sabe por quê? Por que se tivesse ocorrido mais para frente, então já não seria possível consertar. Disso, lamentavelmente, estou segura.

Ficamos assim um tempo, em silêncio.

— Bom, vou indo. Não quero que a enfermeira volte e me veja ainda aqui.

— Eu, em seu lugar, estaria mais preocupada em caso de que sua pequena admiradora volte.

— Ah, isso é seguro!

Dou um beijo em sua bochecha. Ela sorri.

— Vem me ver outra vez.

— Claro, mamãe.

Chego à porta e me viro para cumprimenta-la. Sorri-me de longe e levanta a mão. Até pisca o olho, talvez para que a veja mais forte.

— Stefano...

— Sim, mamãe, diga-me. Necessita de algo?
— Não, obrigada, já tenho tudo. Bem-vindo.

Setenta e três

O sol se põe. Interfono. Alguém responde.

— Desculpe, Ginevra está?

— Não. Está na igreja, aqui ao lado, em San Bellarmino. Quem é?

Afasto-me. Não tenho vontade de responder. Mal educado por uma vez. Perdoem-me vocês também, mas hoje posso me permitir. Entro na igreja em silêncio. Não sei o que dizer, o que fazer, acaso rezar, e nesse caso, por quê? Agora não. Agora não quero pensar. Algumas senhoras mais velhas de joelhos olham para o altar. Todas elas têm um rosário. Movem de vez em quando entre as mãos, nervosas, pronunciando palavras dirigidas ao Senhor, orações que esperam que ele possa ouvir. Ele pode, claro que sim. Mas quem sabe se quer. Quem sabe se considera justo, sempre que exista justiça. Mas não quero pensar. Tenho outras coisas que fazer. Já tenho meu pecado. Para mim é tudo mais fácil. Ali está. Vejo-a de costas. Não está ajoelhada, mas reza. De todos os modos, ela também diz algo ao Senhor. Aproximo-me lentamente.

— Gin?

Se vira e sorri para mim.

— Olá... Que bonita surpresa... Estava agradecendo ao Senhor, sabe?... — Leva as mãos ao ventre. — Tudo está em seu lugar. Estava muito preocupada... Quer dizer, não é que não quisesse... Mas assim, por casualidade, me parece feio. Uma coisa tão importante, tão bonita, ter um filho...

— Sh — digo.

Dou-lhe um beijo suave na bochecha. Me aproximo de sua orelha e sem pausa, sem esperar mais, sem medo, me lanço. Conto tudo, sussurro meu pecado, lentamente, esperando que entenda, que possa entender, que possa me perdoar. Já acabou. Inclino-me para trás. Ela me olha em silêncio. Eu a olho. Não acredita em mim.

— É uma brincadeira? — Tenta sorrir.

Sacudo a cabeça.

— Não. Perdoe-me, Gin.

Começa a me bater com os punhos, com raiva, chorando, gritando, esquecendo-se de que está na igreja ou, talvez, justificando-se por isso.

— Por quê? Por quê? Diga-me por quê? Por que fez isso? Por quê?

Continua assim, desesperada, cai de joelhos e continua chorando, soluçando, procurando essa resposta que eu não tenho. Depois sai correndo, deixando-me ali, nessa igreja quase vazia, sob os olhares dessas mulheres mais velhas que por um instante esqueceram suas orações e se ocupam de mim. Olho-as e estico meus braços. Talvez vocês possam me perdoar. Mas não podem, vocês não. Contra vocês não pequei. Só as incomodei um pouco... Sim, por isso talvez pudessem me perdoar. Se voltam de novo para o altar e retomam em silêncio suas orações. Talvez tenha me perdoado. Ao menos elas. Com ela será mais difícil.

Setenta e quatro

Alguns dias depois. A casa dos Gervasi está às escuras. Um silêncio e uma tranquilidade que há muito tempo não se viam. Suave perfume de flores. Babi olha na cozinha e percebe que há diferentes buquês de noiva para a prova.

— Vá, Lillo, não pode ver nada. Estragará tudo, venha! Será mais bonito se for uma surpresa.

— Esperava que pudéssemos ficar um tempo juntos, com todos estes preparativos, estamos deixando todos os outros tipos de treinamento...

— Talvez mais tarde, acho que há alguém em casa. Venha, vá, talvez depois te chame. Se forem embora, você vem, e se não, vou a sua casa, certo?

— Está bem, como quiser.

Babi dá um beijo rápido em seu futuro esposo. Lillo, ligeiramente irritado, sorri, depois desce velozmente as escadas e desaparece no patamar do andar de baixo. Babi fecha a porta.

— Mamãe... está em casa?

— Estou aqui, no salão.

Raffaella está sentada no sofá, com as pernas esticadas, bebendo um chá verde que, naturalmente, hoje em dia está muito na moda. Babi se reúne com ela. As persianas estão fechadas. Um amável relógio de pêndulo marca o tempo que passa. Se ouve algum ou outro ruído da rua como um eco distante e nada mais. Babi se senta no sofá diante dela. — Sabe, mamãe? Eu pensei que... Nós não sabemos realmente o que acontece nas outras famílias, as diferenças que tem de nós, que histórias tem...

— Pois não sei, mas está claro que o tem difícil para superar-nos.

Olham-se e repentinamente começam a rir.

— Não, estou certa que não. Tenho que te dizer algo. Ontem à noite vi Step.

Raffaella fica séria.

— Por que está me contando?

— Por que decidimos que nos contaríamos tudo.

A mãe fica pensativa.

— Sim, no outro dia estava arrumando seu quarto e encontrei o pôster que te trouxe, aquele que esteve tanto tempo pendurado em seu armário. Onde vocês faziam o "cavalinho", como vocês chamam.

— Sim, me lembro. Jogou fora?

— Não, quando for o momento você o jogará fora.

Um estranho silêncio entre elas, quebrado repentinamente por Babi:

— Ontem fiz amor com Step.

— Está dizendo de propósito? Pretende me irritar?

Raffaella se levanta e depois perde por um instante a calma.

— Diga-me a verdade! O que quer de mim, hein? Diga-me o que quer...

Parece querer esbofeteá-la, sacudi-la com violência. Está perto, muito perto. Babi levanta o olhar, e lhe sorri tranquila e serena.

— O que quero de ti? Se nem sequer sei o que quero de mim, imagina se possa saber o que quero de você. Além disso, o que você poderia me dar já me deu.

Raffaella volta a se sentar. Respira fundo. Volta a calma. Permanecem um momento em silêncio, sentadas no sofá. Figuras femininas de diferentes idades, mas muito parecidas em tantas coisas, em muitas coisas. Depois, Raffaella sorri.

— Esse novo corte de cabelo ficou muito bem em você.

— Obrigada, mamãe. Como vai papai?

— Bom. Já pode imaginar... voltará. Quis demonstrar algo a si mesmo, mas voltará. Não é capaz de ficar longe. Ele não é um problema. Mas o que você decidiu?

— Eu? Sobre o quê?

— Como sobre o quê? Diga-me o que tenho que fazer. Esta noite vou à festa dos Marini. Talvez alguma amiga me pergunte algo, queiram saber... Acaba de me dizer que viu Step ontem à noite... E bem? O que decidiu? Vai casar de qualquer jeito?

— Claro. Por que não iria casar?

Raffaella suspira; agora está mais tranquila. Tudo voltará a seu lugar. É só questão de tempo e tudo voltará a ser perfeito como antes, e mais, melhor que antes.

Um neto de quem sabe quem, um casamento como Deus manda e um marido castigado temporariamente. Sim, tudo voltará a seu lugar. Raffaella se levanta do sofá.

— Bom, então posso sair. Esta noite temos partida de buraco. Sabe jogar?

— Não. Uma vez vi que jogavam na casa de Ortensi, mas não me sentei.

— Tem que provar, é muito melhor do que o gin. É mais divertido. Um dia que eu tenha um pouco de tempo te ensinarei, você verá como vai gostar.

— De acordo.

Raffaella a beija e está a ponto de sair.

— Mamãe.

— Sim, diga.

— Há outro problema...

Raffaella volta a entrar na sala.

— Ver...

— Eu pensei muito e não quero que você se irrite, mas não quero chamar as mesas dos convidados com nomes de flores. É muito banal. Stefanelli também fez em seu casamento.

— Tem razão.

— Que sei eu, podemos usar, por exemplo, nomes de pedras preciosas. Não é mais elegante?

Raffaella sorri.

— Muito mais. Tem razão, é uma excelente ideia. Faremos com que mudem os cartazes e os cartões de mesa. Se todos os problemas fossem como esse...

A beija outra vez e sai feliz. Tenho uma filha esperta. É um pouco como eu, resolve sempre qualquer problema encontra a melhor solução. Raffaella vai ao seu quarto se arrumar. Depois de pouco tempo sai correndo, elegante e impecável como sempre. Quer chegar pontualmente na casa dos Marini. E,

sobretudo, tem uma última e grande preocupação. Esta noite tem que ganhar de qualquer jeito o buraco.

Setenta e cinco

– Mamãe, vou sair.

— Certo, Gin. Mas ligue-me se for se atrasar. Diga-me se virá jantar. Quero preparar essa pizza que você tanto gosta.

Não a escuto.

— Sim, obrigada, mamãe.

Coloco um moletom e decido sair, perder-me assim, sem pressa. Só eu posso entendê-lo. Eu desejei tanto tudo isto. E agora? Nada, agora me encontro sem nada, sem meu sonho. Mas era tudo verdade o que tanto tinha sonhado? Não queria pensar nisso. Estou péssima. *Uf,* não há nada pior do que encontrar-se em uma situação assim. Todos falam muito quando nos contam coisas parecidas que ocorrem a outras pessoas. Não sei por que, mas nunca pensamos que pode acontecer conosco e, no entanto, quando menos pensamos, *pam!,* acontece com você, como se você mesma tivesse trazido má sorte para si mesma. Inferno, Gin, tem que colocar em conta seu orgulho e sua vontade de seguir com ele... Mas não quero colocar em conta, quero que se foda! Que porra! Sempre fui péssima em matemática! Não existe o contador dos sentimentos, ou pior, o assessor financeiro do amor. E se tivéssemos que pagar um imposto para ser feliz? Se fosse verdade, pagaria com gosto... Mas que vontade tenho de estar com ele... Estou na ponte Milvio. Paro o carro e desço. Lembro-me dessa noite, desses beijos, de minha primeira vez. E depois aqui, na ponte... Paro diante do terceiro farol e vejo nosso cadeado e me lembro de quando jogou a chave no Tíber. Era uma promessa, Step. Tão difícil era mantê-la? Começo a chorar. Por um instante, queria ter algo para romper o cadeado. *Odeio você, Step!*

Entro no carro de novo e acelero. Vou dar uma volta, assim, sem saber para onde ir. Durante um bom tempo. Não sei quanto, não sei. Só sei que agora vou na direção do mar. Perdida no vento, distraída pelas ondas, pela

calmaria das correntes. Mas estou péssima. E, além disso, me sinto tão estúpida... Não posso acreditar, não é possível. Sinto muita falta desse imbecil, sinto muito falta do que sonhei. Sim, claro, eu sei, alguém poderia me dizer: "Mas, Gin, é normal, o que esperava? Era sua namorada! Step foi para os Estados Unidos por que estava mal. É normal que tenha tido uma recaída!" Ah, sim? Pois então, eu não sou em absoluto normal, entende? Não me sinto assim e, sobre tudo, não me importa nada! Sim, assim é. Então, o quê? Eu compreendi ou não, a gafe, que não é nada mais do que uma gafe? Ah, mas eu sei, estou segura... Pensava desde o início que aconteceria isto, verdade? Desde que começou a nossa história... Pois sabe o que digo a você, que não é mais que um asqueroso azarado? Não me importa nada de nada, por que estou louca. De acordo? Sim, estou louca, louca por ele, e por tudo que tinha sonhado para nós. Ou seja, te digo: se te vejo, parto sua cara. E mais: te faço um *terceiro dan* que lembrará por toda a sua vida. E, além disso, não pode imaginar o muito que desejo fazer.

Setenta e seis

O enfermeiro do turno se sentou em frente a um monitor. É sempre a mesma coisa. Termina de escrever qualquer coisa no computador e depois me vê entrar. Me reconhece. Se endurece de repente. Depois abre os braços, acena um meio sorriso como se dizesse: "Certo, certo, não é o horário, mas pode entrar."

— Obrigado. — Começo a rir. Mas não é justo. Me sinto um pouco culpado. E não só por isso. Eu sei. Não gosto de mudar as regras com violência. Mas preciso ver minha mãe. Agora que a reencontrei. Percorro o corredor em silêncio. Dos quartos ouço respiros sem fôlego e doloridos. Em volta um cheiro de limpeza e lavanda. Mas me soa falso. Um homem se arrasta de pijama com a barba mal feita e os olhos sem vida. Tem sob o braço o jornal "Gazzetta dello Sport" meio amassado. Talvez o comprou pois seu time comprou um novo jogador que pudesse melhorar o desempenho. Talvez.

Na dor, as coisas mais simples e banais assumem um valor inesperado. Tudo se torna um apoio para a vida, um interesse que possa distrair. Lá está. Repousando. Perdida em um travesseiro muito maior que seu rosto. Me vê e sorri.

— Oi, Stefano...

Pego uma cadeira e sento ao seu lado.

— E então?

Me olha interrogativa. Já sei o que quer saber.

— Nada. Não fiz. Sinto muito. Eu lhe disse.

— E como foi?

— Ela me bateu.

— Finalmente uma que te enfrenta. Você escolheu o caminho mais difícil. É uma menina muito especial?

A descrevo.

— E tenho uma foto.

Mostro a ela. É curiosa.

Pequenas rugas aparecem no seu rosto. Depois um sorriso de surpresa. Depois de novo um sinal de dor de qualquer parte do seu corpo, escondido, bem escondido. Infelizmente.

— Devo te dizer uma coisa...

Me preocupo. Ela percebe.

— Não, Stefano. Não é nada de importante... Bom, é... mas não deve te preocupar..

Fica um tempo em silêncio. Indecisa se me diz ou não. Parece que voltamos no tempo, quando eu era pequeno, e ela, ela estava bem. Brincava comigo, me escondia as coisas, me fazia rir. Começo a chorar. Não quero pensar.

— Então mãe, me diz?

— Eu a conheço, Ginevra.

— A conhece?

— Sim, você tem bom gosto, isto é, ela teve muito bom gosto... bom, é ela que te escolheu, e você faz essa bagunça...

Prefiro não pensar nisso.

— Mas como a conhece? Como aconteceu?

— Me fez jurar que não te diria. Como aconteceu? Ela quis me conhecer. Sempre via essa menina esperando na rua de casa. Sempre vinha. No inicio pensei que esperasse alguém do prédio. Depois quando saía com o carro, a via ir embora.

— E então?

— Então um dia nos demos um encontrão no supermercado. Não sei se foi por acaso. Fizemos amizade... Começamos a falar... — Tosse. Se sente mal. O esforço é grande.

Procura o ar no oxigenio, da vida, qualquer coisa... mas não encontra nada. Depois me olha e seus olhos cheios de amor, de doçura, olhos de uma mulher que quer gritar. Ei, o que faz? Por que me olha assim? Sou sua mãe. Não pode ter compaixão por mim. E então eu volto a ser seu filho, egoísta, menininho, assim como ela quer.

— Então, me conta direito?

— Sim, fizemos amizade, não sei como, mas começamos a conversar... Ela não sabia que já a tinha visto na rua de casa. Bom, concluindo, não tenho tanta certeza. Contei um pouco sobre mim, do papai, do Paolo, de você...

— O que você disse sobre mim?

— De você?

— Sim, de mim, vai ser de quem senão?

— Que te amo, que me fazia falta, que estava fora, que voltaria... no fim, parecia curiosa com nossa história. E sempre perguntava se você tinha telefonado... se falei com você.

— E você?

— E o que eu poderia dizer? Não sabia nada sobre você. Depois soube que tinha voltado aquele dia, quando Paolo me disse que tinha te buscado no aeroporto... E então quando eu falava com Ginevra no telefone.

— Vocês se falavam? Mas como? Se telefonavam?

— Sim, trocamos número de telefone. O que tem de estranho? Nos tornamos um pouco amigas.

Não acredito nisso. Que estranho. Tudo muito estranho.

— Então?

— Então o que?

— Nada, eu disse a ela.

— E ela?

— E ela continuou a falar, como se nada estivesse acontecendo, disse que havia se inscrito e que ia na piscina... ah sim, mas me fez rir, pois perguntou se eu queria ir com ela.. mas pensando agora, tem uma coisa estranha.

— O que?

— Desde que você voltou, fui mais frequentemente ao supermercado...

— E então?

— E então, não a encontrei mais.

A olho. Permaneço em silêncio. Depois concordo e sorrio. Ela quer sorrir de volta, mas uma onda de dor a faz fechar os olhos. Mais prolongada agora. Pego na sua mão. A aperta com força, uma força inesperada. Depois

solta um pouco e reabre os olhos, cansada, mais cansada que antes, tenta um sorriso.

— Stefano... por favor... — E indica um copo ali perto. — Me traga um pouco de água por favor.

Pego o copo e me levanto. Dou alguns passos e a escuto me chamar de novo.

— Stefano...

Me viro. — Sim?

— A esta minha amiga Gin... lhe mande flores, umas flores belíssimas.

Se apoia no travesseiro e me sorri.

— Está bem, mãe... — Saio do quarto e logo encontro o banheiro com a água potável que me havia dito Martina. Depois de fazer escorrer um pouco, encho o copo como ela me ensinou, nem cheio, nem vazio. Pouco depois da metade, na medida certa. Entro no quarto. Somente alguns passos. A vejo ali, tranquila, repousa. No cento e quatorze. Com um sorriso leve no seu rosto e os olhos fechados, assim como a deixei. Mas não me esperou. Mamãe sempre odiou dizer adeus. E não sei porque me veio na cabeça quando sai de trem na primeira excursão da escola para Firenze. As outras mães estavam todas ali com os seus lenços, brancos ou coloridos, ou o que tinha à mão, para se despedirem dos filhos que se aproximaram da janela do vagão. Eu também me aproximei. A procurei entre todas aquelas pessoas, entre as outras mães, mas não estava mais. Não estava mais. Assim como agora. Já se foi. Mãe. Coloco o copo na cômoda perto dela. Te trouxe água, mãe. Não enchi todo o copo, assim como você me ensinou. Mãe.

A única mulher que jamais deixei de amar. Mãe. Aquela que nunca quis perder. Pelo contrário, a perdi duas vezes. Mãe... me perdoe. E saio assim, em silêncio, entre os quartos com pessoas desconhecidas. Distraídos com suas dores, não percebem a minha. Um alarme toca longe. Dois enfermeiros passam por mim correndo. Se esbarra em mim sem querer, mas não me preocupo. Vão até minha mãe. Estúpidos, não sabem que ela já se foi. Não a perturbem. Ela é assim, não gosta de dar adeus, não volta atrás, não cumprimenta. Mãe. Sentirei saudades, mais do que já senti este ano. "Se aquele que me feriu, também te feri, penso em você num campo de morangos, penso

em você feliz, a dançar suavemente, linda, assim...” palavras de uma canção que floresce. Para você mãe, só pra você. Leve-as embora, tenha junto a você. Dance belissima naquele campo de morangos, livre finalmente de tudo aquilo que te prendia aqui. Estou chorando. Desço. Não tem nenhum enfermeiro. Tem uma mulher. Me olha curiosa, mas não diz nada. Viu muitas pessoas sairem sem esconder sua própria dor. Não me importo. Para ela são todos iguais, quase entediada nas nossas estúpidas lágrimas que não podem fazer nada. Saio. É de tarde. O sol ainda está alto, o céu limpo. Um dia como tantos outros, mas diferente de tudo e pra sempre. Vejo meu irmão e meu pai chegarem. Estão distantes. Conversam sorrindo. Vai saber do que falam. Não sei e não quero saber. Sorte deles qe ainda não sabem. Poucos momentos antes da dor inevitavel, da impotência total, da aceitação definitiva. Ainda estão tranquilos e felizes, com o desconhecimento. Por pouco tempo. Mudo de direção e me afasto. Tenho outras coisas para fazer agora. Vou sem destino, me perco no vento. Queria que minha dor fosse suave. Mas não é assim. E a compreendo, sem querer, juro. Agora não direi mais uma mentira. E vejo aquele menino com seu amigo.

— Então nos vemos no campinho as quatro, está bem? Ei Thomas, está bem?

— Sim, entendi, as quatro, não sou surdo.

— Surdo não, mas é bobo. Tanto, que é inútil estar aí, Michela não chega.

— Mas quem disse que espero Michela? Procuro Marco, que tem que me devolver a bola.

— Sim, sim, a bola...

Às vezes estamos no lugar certo na hora certa. O Olho. Não me parece certo um que há o direito de esnobar a criança dos Stellari. Martina pelo menos uma chance merece. Pelo menos uma. Me aproximo. Não se importam. Por um segundo me olha curioso, se já me viu em algum lugar. Então lhe dou um tapa na cara. E fica assim, sem palavras. Depois digo aquilo que deve ouvir. E ele escuta em silêncio, sem fugir. Eu gosto dele. Depois vou embora na moto. Olho no espelho. E o vejo ficar sempre menor. Formiga em um mundo ainda para descobrir e entender. Com a mão massageia sua

bochecha esquerda. Vermelha como aquela pizza que Martina me ofereceu. E por um instante, o fato que já estou, naqueles que serão as suas lembranças, me faz sentir seguro. Viverei um pouco mais. Depois penso na minha mãe, nas suas últimas palavras, no seu conselho. Sorrio. Sim, mãe. Certo, mãe, como você quiser mãe. E obediente como nunca fui, como aquele filho que quis tanto ser, entro na loja mais próxima.

Setenta e sete

Um pouco mais tarde. Na casa dos Biro.

— Ginevra, posso entrar?

Ginevra abre a porta de seu quarto para sua mãe.

— O que aconteceu, mamãe?

— Esta tarde trouxeram isso para você.

Rodeada por um grande buquê de rosas vermelhas, mamãe entra no quarto e sorri deixando-as sobre a cama.

— Você viu como são bonitas? E, além disso, olha... há uma rosa branca no centro. Sabe o que quer dizer, verdade?

— Não, o que quer dizer?

— É um pedido de desculpas. Alguém fez algo com você, alguém tem motivos para se desculpar?

— Não, mamãe, está tudo bem.

Mas não escapa nada para as mães. Além disso, os olhos vermelhos de Gin não deixam dúvidas.

— Toma... — Passa um lenço e sorri. — Quando quiser, venha à mesa.

— Obrigada, mamãe, mas agora não quero comer.

— Está bem. Mas não leve muito a sério. Não vale a pena.

Gin sorri para sua mãe.

— Ah... — Antes de sair, sua mãe lhe entrega uma nota. — Toma isto estava entre as rosas. Talvez seja a explicação da rosa branca.

— Talvez...

A mãe lhe deixa só, só com sua dor, só com suas flores, só com a nota. Há momentos que uma mãe conhece bem. Talvez por que já passou por eles. Talvez por que sabe que uma filha se pode amar inclusive de longe. Talvez por que, às vezes, quando se está em meio à dor, todo esse amor não pode ser mais do que um estorvo. Fecha a porta e a deixa assim, com essa nota entre as

mãos. Minha nota. Gin a abre. Gin lê curiosa no início: "Você me pediu muitas vezes e eu sempre disse que não. Eu gostaria de ter te presenteado em seu aniversário, no Natal, para uma festa qualquer. Nunca para te pedir perdão. Mas se tivesse que servir, se não bastasse, se tivesse que escrever ainda mil e mil e mil mais, eu faria também por que não posso viver sem você". E Gin continua lendo: "Aqui está o que você queria: o meu poema". Sorri e lê, lê. Resvala entre as palavras, chora, sorve pelo nariz e ri outra vez. Se levanta e continua. Nossos momentos, nossa paixão, a viagem, a emoção.

E continua sorrindo, sorvendo ainda pelo nariz, secando os olhos, refletindo alguma palavra minha com alguma outra lágrima que escapou de sua mão. E avança assim, até o final. Não digo nada de minha mãe. Só falo de nós. Não falei nada mais do que de mim, de meu coração, de meu amor, de meu erro. Roubo as palavras de um filme que eu vi e voltei a ver muitas vezes em Nova York... "Quero que levite, quero que cante com fervor... Tenha uma felicidade delirante ou ao menos não a rechace. Já sei que te soa brega, mas o amor é paixão, obsessão, alguém sem o qual não vive. Eu te digo: lance-se de cabeça, encontre alguém a quem amar com loucura, e que tem ame da mesma forma. Como encontrá-lo? Esqueça o cérebro e escuta seu coração. Eu não escuto seu coração. Por que a verdade, tesouro, é que não tem sentido viver se não tem isto. Fazer a viagem e não se apaixonar profundamente equivale a não viver. Mas tem que tentar, por que se não tenta, não viverá nunca..." E eu espero tê-la convencido que já encontrou esse alguém, um alguém que espera ser perdoado algum dia. Mas não tenho pressa. "Te esperarei. E esperarei. E esperarei ainda mais. Para te ver, para te ter, para sentir-me outra vez feliz. Feliz como um céu no ocaso". Gin começa a rir. Depois tem uma estranha sensação, repentina. Se vira de uma vez. Olha em sua mesa. Ali, no canto onde sempre os escondeu. E repentinamente entende. E se sente morrer. E sai correndo.

— Mamãe, você o deixou entrar em meu quarto!

— Mas se era um garoto tão simpático, o do buquê, não? Parece tão bom garoto... Além disso, trouxe para você estas maravilhosas flores... Não poderia dizer não, me parecia descortês.

— Mamãe... não sabe o que fez.

Setenta e oito

Estou sentado em meu quarto. Me sinto como um ladrão. E de fato, sou. Mas sou muito curioso. Quando o vi sobre a mesa, não pude acreditar. Três diários, um para cada ano. Desde o primeiro ano no instituto. Gin é incrível. Sempre tão desordenada, e depois, repentinamente precisa. Começo a folhear o primeiro. Fez um montão de anotações divertidas. Quem sabe quem é esse tal de Francesco. Fra, como ela o chama. As páginas estão todas cheias de coraçõezinhos. De qualquer forma, não a teve. Me surpreendo de verdade que nunca tenha estado com um garoto. Eu não teria acreditado nunca, sério. É muito terna. E, além disso, tão bonita... É como é. Única. Tem uma determinação, uma força... às vezes, parece distraída e, no entanto, está seguindo tudo; olha ao seu redor, inclusive nas festas, talvez enquanto conversa com uma amiga, ao mesmo tempo que observa com quem eu falo, com quem não falo, que passa ao fundo da sala, quem acaba de entrar, quem diz o quê e sobre quem... E ri como uma louca e tem sempre uma brincadeira preparada... Gin. Sinto muito pelo que aconteceu. A situação com Babi escapou de minhas mãos. Não sabia o que estava fazendo, havia bebido. Sim... Vamos, Step, parece que você a tem na sua frente e está voltando a explicar tudo... é absurdo. Às vezes, só procura o amor. Sim, mas não percebe que essa mulher que você tanto quis foi embora, já não está. Era você quem a tinha inventado? Busca nisto o desesperado sabor de tudo que já sentiu, experimentou... mas já não está. Quem te roubou? Escondido? Roubado? Quem? Eu reencontrei seus olhos, mas não esta luz, não esse sorriso que tanto adorei. Assim, ao me separar dela esta noite, repentinamente entendi: minha Babi já não estava. Nada, só seu cabelo apagado com esse sorriso naufragado quem sabe onde.

Então eu voltei a fechar os olhos e me escapou para longe, entre as recordações, dançando ainda com eles, como um carrossel grande e único,

todos de mãos dadas, rindo, brincando. E eu voltei a ver essa garota, a Babi de então, bela como um primeiro mar na primavera, fresca e assustada, desejosa de amar e ser amada, temerosa até o simples gesto de tirar um sutiã. Ali está, para sempre minha e de ninguém mais... Embora, às vezes, não haja que perturbar as recordações. Basta. Não quero pensar mais. O que está feito, está feito. Gin entenderá. Tem que entender. Se não tivesse contado, teria vivido sempre oculta, nunca teria saído à luz. Voltar à luz do amor. Entenderá. Tem que entender. No fundo não sabia nada sobre mim, nunca tinha me visto. Mas o que há aqui? Começo a ler.

28 de maio de 2002

Hoje sou feliz, feliz como nunca fui! Finalmente esqueci completamente Francesco, o apaguei, dinamitei, expulsei, para sempre...

Acredito em você, para saber que tipo de pessoa era...

Por que ontem aconteceu a coisa mais incrível da minha vida. Estava em uma festa na casa de Roberia Micchi, uma garota mais velha que eu. Estava com outras duas amigas (Ele e Simo) e estávamos nos divertindo quando eles chegaram... os penetras, os Budokani.

Inferno, não posso acreditar, fala de nós? Mas de quando estava falando? De que festa? Sigo lendo muito depressa.

Descobri que se chamavam assim enquanto jogavam bolo na homenageada e davam a Gió (o cafona que dava em cima de Ele!) em toda cara!!! Ótima pontaria. Armaram uma confusão... Acho que também desapareceu um montão de coisas. Em resumo, estou alucinada, estou completamente louca por ele. Quando entrou, chocou comigo. Mas me pediu desculpas, e para que eu não caísse, me agarrou, abraçando-me... Inferno! De repente tínhamos nossos rostos a milímetros e enlouqueci. Quem sabe se ele se deu conta. Só sei que se chama Step! Um nome divertido. Além disso, é lindo! Só espero voltar a vê-lo logo...

Quer dizer, que nos havíamos conhecido. Nos vimos. Ou, melhor dizendo, chocamos... Mas o que significa toda essa história? Inferno, então na

festa que conheci Babi, onde tomei banho com ela pendurada no ombro, estava também Gin? Chocamos... não me lembro. Mas ao melhor não se refere a essa vez... Continuo lendo veloz, folheando outras páginas, buscando outros momentos, outras recordações, outras verdades. E avanço como enlouquecido, surpreendido, alucinado. Folheio depressa as folhas do diário. Meus olhos voam entre as linhas... Adiante, atrás. Aqui.

Eu o vi! São às duas e meia da madrugada e não posso dormir. Eu estive na Olímpica e ele estava lá com seu amigo, que acho que se chama Pollo. Ganhou inclusive uma corrida! Eu gosto um montão dele, mas vejo que passeia demais com aquela imbecil, a Gervasi! Inferno, Step, se sai com ela perde pontos. Essa é uma imbecil (me repito...) de casa para a igreja! E mais, não sei nem sequer o que ela estava fazendo ali! Até a levou na garupa!!! Ou você a transforma, Step, ou não sei o que pensar. Deve ter um dom e não sei dizer qual, não queria ser brega, mas a verdade é que com isto você está criando uma confusão!! Estava também a ordinária da Maddalena. Quem sabe se é verdade o que dizem, que tem uma história com ela. Bom, não sei o que pensar. É, príncipe mágico! Cum Laude ou como demônios te chamem, antes ou depois você se dará conta que eu existo (espero). Até tinha posto o cinturão para ir na garupa. Passaste na minha frente e nem se dignou a olhar para mim... TRANSFORMA-ME... Do contrário, te enfeitiço eu. Bom, vou dormir.

Fico sem palavras e continuo. Outra vez algo que tem a ver comigo.

Isso é, eu sabia, está com os demais e passou pela piazza Euclide... Ele me disse que sempre ficam aí...

Continuo um pouco mais. Folheio duas ou três páginas depressa...

Não posso acreditar!!! Começaram a sair!! Step, te odeio!!! E se fosse pouco, essa boba da Gervasi brigou com a The Body! Com Madda Federici! Então era verdade que tinha uma história com ela! Claro que Babi soube de

tudo... e bateu nela. Não tem direito, inferno... Ei, quando é necessário, é necessário! Mas como diabos sai com uma garota assim, Step!!! Te juro que um dia terá que me explicar. Não se dá conta que essa garota não tem audácia? Que para ela você é só um brinquedo caro? Enquanto te tenha, você acabará no armário com seus outros brinquedos do passado com que já se fartou! É verdade que, às vezes, os homens são ridículos e banais que não se dão conta do ouro que tem ao seu lado (eu!), e vai buscar o cobre longe (ela!!!). Mas que sorte tem... Quero ver o que vai acontecer. E tanto que quero vê-lo!!!

E de fato, o fez. Folhei as páginas e me dou conta de que não me deixou nem por um instante. Página por trás de página. Gin... anotou tudo. Sempre estava aí.

Ontem esteve em Fregene. Estava em Mastino. Passou por ali. Minha mãe, que sonho. Está muito moreno. Gostaria de gritar: "Step, você está de chupar até os dedos!!" Estávamos jogando o pano enquanto essa sonsa da Gervasi estava sentada em um patim, e no início nem sequer se deu conta que ele tinha chegado!!! Mas que imbecil pode chegar a ser!!!

E ele, muito encantador, a fez subir na moto e vendou seus olhos para levar-lhe quem sabe onde... Um rapto de sonho... MEU sonho!!! Meu Deus... roubou meu sonho!!! Devolve, é meu!!

Muito simpática. Silenciosa espectadora. Como posso me esquecer? Aquela vez que fui com Babi para a casa das rochas, a Feniglia, sonhos que se rompem nas rochas do passado. Não quero nem pensar... Quero seguir adiante.

Duas páginas depois.

Não posso acreditar!!! Não posso acreditar!!! E, no entanto, é verdade. Ele me chamou para avisar... eu fui até lá para comprovar. Não quis confiar em ninguém nessa ocasião. E, no entanto, é exatamente assim. Ali, nessa ponte, maravilhosa!

VOCÊ E EU... A TRÊS METROS SOBRE O CÉU! Se um garoto

escrevesse algo assim para mim, como ia deixá-lo escapar? Gervasi, puta que pariu, que sorte que você tem!

E ainda mais, ainda mais...

Veio à festa onde eu estava, mas não pude acreditar! Disfarçaram-se de Tom e Jerry. Meu Deus, estou péssima...

E ainda mais...

Seu amigo Pollo morreu. Eu estive na igreja. Gostaria de poder abraçá-lo. Eu rezei por ele, por seu amor. Mas ele neste momento precisa dela, e não de mim.

E sigo em silêncio entre essas páginas, lendo fragmentos de minha vida. Revisitando-os através de sua escrita, suas notas coloridas, suas frases sublinhadas.

Terminaram! Eu soube que terminaram. Quem me disse foi Silvia, a Serva, a chamam assim por que sempre sabe de tudo e de todos e vive para observar. É verdade! Sinto... Sei que não deveria estar tão contente. Mas como estou, para enlouquecer! Para enlouquecer! Quero te fazer feliz, Step! Quero te fazer com que te sinta amado... Te rogo, dê-me essa possibilidade...

E ainda mais. Ainda mais.

É Natal. Eu saí e fui até sua casa, quer dizer, onde vive agora, a casa de seu irmão. Eu o vi sair na moto com seu irmão Paolo atrás. Estavam abraçados, estavam rindo. Bem, estou feliz. Parece que está melhor. Se quer de verdade uma pessoa tem que pensar em seu bem, no que o faz realmente feliz. Não deve ser egoísta... (minha mãe, estou me convertendo em uma romântica...) De qualquer forma, o fiz fazendo um cavalinho alucinante com seu irmão atrás, gritando! Ri muito. Eu volto para casa. Eu abri os presentes

de meus pais. Me presentearam com um pijama maravilhoso! Step, quando eu o ver, te reclamarei os pulsos! (Que brega que sou!) Depois me meti na cama e abracei minha almofada. Sou estúpida? Beijei como se fosse você, Step. Gosto muito! Dormi sonhando... uma coisa que é também um desejo. Antes ou depois, nos encontraremos.

E ainda mais. Ainda mais. Avanço entre páginas alegres e pedaços de vida que afetam só a ela. Aqui. Fala outra vez de mim.

Estou quebrada. Estou péssima. Eu soube que ele foi embora. Inferno, deve ter sido uma história realmente importante, se tomou essa decisão. Mas me lembro dessa frase que mamãe sempre me diz, é uma coisa maravilhosa: "Pode mudar o céu, mas não pode mudar de estado de ânimo". Servirá ir embora? Só sei que te esperarei, Step...

É certo. Às vezes, não serve estar só sobre outro céu. O que tem que resolver está sempre dentro de ti, esteja onde esteja. E ainda mais. Ainda mais.

Não me importa, ninguém sabe nunca nada de Step! Diabos, não pode ser! Eu decidi que quero conhecer a sua mãe. Ela saberá algo, não?

E ainda mais. Ainda mais. Folheio apenas algumas outras páginas.

Eu consegui. Eu a conheci "por casualidade" no supermercado. Talvez tenha se dado conta... (espero que não!) Conversamos um montão... Gosto dela, mas não sei, é como se estivesse mal por algo, tem uma tristeza, me trata como se fosse mais velha, mas... É forte... É realmente bonita. É igual ao seu filho!

Mamãe tinha se dado conta. Para ela não escapa nada. E ainda mais. Ainda mais.

Estou encantada. Ficamos amigas. Me contou algumas coisas de Step.

Me parece conhecê-lo de toda a vida. É precisamente a pessoa que eu queria conhecer. Estou super contente por que me disse que ele volta na próxima semana!

E ainda mais. Ainda mais.

Que demônios!!! Me equivoquei em tudo... Eu cheguei às oito e meia da manhã... Não tinha entendido que chegava às oito e meia da noite! Como dizem a.m e p.m. Claro que alguém não vai observar esses detalhes quando sabe que Step está chegando!! Não posso acreditar!! Eu fui ao aeroporto, e esperei durante doze horas, e depois não tive coragem de fazer nada!! Quer dizer, é um momento dado, ele voltou e eu me escondi imediatamente atrás de uma coluna, embora talvez tenha me visto! Inferno, se deu conta de que alguém o observava! Mas o que passa? Acaso tem olhos nas costas? É muito encantador. Emagreceu. Cresceu. Há... há!

Não posso acreditar, foi até o aeroporto... E ainda mais. Ainda mais.

Esta noite o pego, tenho certeza. Eu pensei bem em um plano. Pela tarde fui na garagem, e abri o tubo que une o tanque ao motor. (Paolo me explicou tudo perfeitamente. Paolo, é muito, muito fácil!!!) Assim não terá gasolina. Terá que parar de qualquer forma. Eu ouvi na academia o que ia fazer, ou seja, só tem duas possibilidades: ou para no posto de gasolina da Flaminia ou no corso Francia. Mas alguém depois da academia quer correr. Para mim irá mais longe. Tem vontade de vento, um cara como ele, que gosta tanto de motos... Bom, de qualquer forma, ante a dúvida, bloquearei as bombas dos dois postos. Quem se importa! Espero-o na Flaminia e se vejo que não vem, volto atrás até o corso Francia. Um plano perfeito... No final, um teimoso como ele não deixará nunca ser passado para trás... não pelo dinheiro, mas pelos princípios! Um tipo acostumado a foder... não se deixa foder!

Não posso acreditar no que estou lendo. Passo a página. E ainda mais.

Ainda mais.

Eu consegui!!! Eu voltei para casa e fiz como Julia Roberts em Pretty Woman, dar voltas com um lenço junto a minha cara para celebrar o esplêndido plano. Eu o conheci!! Mítica Gin!! Um pouco mais e me joga sobre o capô com um soco em plena cara. Uf! Eu passei por um aperto. Sabia que tinha se escondido, mas o que eu podia fazer? Tinha que fingir que caía na armadilha e, no entanto, foi ele quem caiu!! E que lindo!!! Eu esperei dois anos, além de doze horas no aeroporto. Que cansaço. Mas estou segura de que valerá a pena! Estou segura de que tudo irá muito bem, de sonho.

18 de setembro

Bravo! Fui bem, mas que isso, superbem!! Eu passei no teste da TdV, onde ele trabalha. Que loucura! Nós conseguimos! A verdade é que não esperava. Mas o mais absurdo é que Ele passou também! Oh, nunca tinha superado um teste! Step... e se me traz sorte? De uma coisa estou segura, agora o verei todos os dias. E agora? Aonde vai escapar? Mas assim é muito perfeito... Muito bruto. Muito bonito. Por outro lado, de vez em quando há justiça no mundo! Oh, mas ainda não posso acreditar... De qualquer forma, este poema é para ti!

Step. Sempre tive vontade de você.
Tenho vontade de você.
Mas tudo que imaginei, sonhei, desejei.
Tenho vontade de você.
Pelo que sei e ainda mais pelo que não sei.
Tenho vontade de você.
Por esse beijo que ainda não te dei.
Tenho vontade de você.
Pelo que amor que nunca fiz.
Tenho vontade de você, embora nunca tenha te provado.
Tenho vontade de você, de você inteiro.
De seus erros, de seus êxitos, de seus equívocos, de suas dores, de suas

simples incertezas, dos pensamentos que teve e dos que espero que tenha esquecido, dos pensamentos que ainda não tem.

Tenho vontade de você.

Tenho tanta vontade de você que nada me basta.

Tenho vontade de você e não sei nem sequer por que...

Uf. TENHO VONTADE DE VOCÊ.

Repentinamente ouço um golpe. Me viro em seguida. Gin está na porta de meu quarto. E Paolo está atrás dela.

— Perdoe-me, Step, não pude pará-la. Se meteu em casa como um furacão e...

Levanto a mão. Paolo entende. Se interrompe. Não diz mais nada. Fica com cara de idiota, imóvel na porta, enquanto Gin entra no quarto. Caminha lentamente e me olha, mas parece passar através de mim. É como se seu olhar fosse distante buscando quem sabe o quê. Descoberta em seu verdadeiro amor. Mais além... Tem os olhos tristes. Úmidos. Carentes de qualquer sorriso. Preciosos. E encolhe meu coração. Por que tem uma luz que conheço. Vejo tudo o que viveu, tudo o que passou, tudo o que eu naufraguei.

— Gin... eu...

— Sh — ela me diz. E leva o dedo indicador a boca, como uma garota doce. Fecha os olhos e sacode a cabeça. — Não diga nada, por favor. — Recupera os diários, um atrás do outro, os apoia sobre a mesa e os revisa. Conta-os e os mete em seu bolso. E vai embora assim, sem virar-se, em silêncio.

Setenta e nove

Uma igreja. Nua. Uma centena de pessoas. Alguns em pé, outros sentados, alguns apoiados naquelas grandes colunas antigas, escurecidas pelo tempo passado, pelas muitas orações escutadas, pelos desejos invocados, pelas dores sofridas. As suas, as de muitas pessoas. Dos demais. E depois esta minha dor. Aqui, presente. A dor de não haver sabido ser de todo o protagonista de minha vida, de haver perdido só o tempo... E, além disso, para isto. Julgar. Eu, julgando a minha mãe. Não posso perceber como não me dei conta então. Repentinamente percebo que tudo escapou pelas minhas mãos. Como estive cego por quem sabe que razão, eu corri furioso, cego, e raivoso até quem sabe que justiça... E só agora entendo quanto falhei. Em meu papel mais simples. Não se pedia nada mais, nada, só o silêncio. Não me expressar. Entre outras coisas, por que não tinha títulos, nem papel, nem poder, nem direito... Nada. Nada que me desse essa faculdade: perdoar. Perdoar. Quem sou eu para perdoar? Quem somos nós para perdoar? Quem somos para agenciar-nos esse título? E, no entanto, teimoso, egoísta, cego, eu quis converter-me em juiz. Sem nenhum direito, sem nenhum papel, sem méritos, sem um por quê. Sem... Prosopopéia. Presa de quem sabe o quê, de que voz escutada, fruto dessa burguesia tão insossa... e depois, algo ainda pior. Não só atribuir-se o direito de perdoar, senão não saber se quer fazê-lo. Não perdoar. Isso. Estou aqui, nesta igreja, em silêncio. E estou mal. Não há nada pior do que sentir que a vida escapa entre suas mãos como se fosse a areia que pensava faz um tempo que era sua e que, no entanto, já não te pertence. Como se estivesse de pé, imóvel, por casualidade, em uma fábrica qualquer, escravo do vento e de tudo que ele decidiu para você. Já não tenho nada entre as mãos, já não me fica nada. E me envergonho. Olho ao meu redor. Meu pai, meu irmão, suas acompanhantes. Inclusive Pallina, Lucone, Balestri e meus outros amigos. Falta algum... Sobra também algum.

Mas não me apetece pensar nisso. Hoje não. Além disso, ao meu redor há muitas pessoas de quem não sei sequer o nome. Parentes distantes, primos, tios, amigos da família, pessoas que recordo só por fotos descoloridas, lembranças confusas de festas, de momentos passados, mais ou menos felizes, de sorrisos, de beijos e de outras coisas, que sei eu, de quem sabe quantos anos fazem. Um padre leu um texto. Agora está dizendo algo. Tenta me fazer entender que tudo que aconteceu é bom para nós. É bom para mim. Mas não consigo seguir o fio da meada. Não, não posso. Minha dor é tão grande. Não consigo pensar, entender, aceitar, concordar... Como pode tudo isto ser bom para mim? Como, de que maneira, de que absurda razão? Disse coisas, me contou histórias, me fez promessas... Mas não consegue me convencer. Não. Só estou seguro de uma coisa: minha mãe se foi. Essa é a única coisa que tenho certeza. E isso me basta. Ou melhor dizendo, não basta para nada... Mamãe, sinto sua falta. Sinto falta do tempo que não terei para te ver outra vez, para poder dizer o que agora entendi. E o digo em silêncio. Mas você me ouve. Começa a soar um órgão. No fundo da igreja vejo Gin chegar. Está vestida em tons escuros e caminha em silêncio. Passa sob as arcadas, se mantém fora da vista de muitos, mas não da minha. Depois deposita com doçura uma coroa de flores no pé do altar e me olha. De longe. Em silêncio. Não faz nada mais.

Nem um sorriso, nem uma reprovação. Nada. Um olhar limpo como só o seu pode ser. Por cima de tudo, capaz de não misturar a dor e o respeito com nenhuma outra coisa. Um último olhar. Depois a vejo regressar ao fundo da igreja. Pouco depois, tudo se acaba. Procuro-a na saída, mas já não está. Eu a perdi. Várias pessoas vêm até mim, me abraçam, me dizem coisas, me dão a mão. Mas não posso sentir, entendo... Tento sorrir, agradecer, não chorar. Sim, sobretudo não chorar. Mas não posso. E não me envergonho. Mamãe, sentirei sua falta. Estou chorando. Estou soluçando.

É um desabafo, uma liberação, é o desejo de ser outra vez uma criança, de ser querido, de voltar atrás, de não querer crescer, de necessitar seu amor puro.

Alguém me abraça, me segura pelos ombros, me aperta com força. Mas não é você, mamãe. Não pode ser você. E eu me apoio, me dobro. Escondo

meu rosto e minhas lágrimas. E queria que não fosse tarde demais. *Mamãe, perdoe-me.*

Oitenta

Alguns dias depois, não sei quantos. Essa dor que experimenta, que não consegue entender de onde pode chegar, que não te dá explicações, que te afunda como uma grande onda que não tinha visto, que te pegou de surpresa, que te revolve, te tira a respiração, te faz rodar sobre a areia molhada, sobre esses passos que te pareciam tão certos em sua vida. E, no entanto, não. Não são. Já não. Faz dias que passo pela frente de sua porta. Faz dias que a vejo sair de diferentes formas. Da única forma como ela é. Bonita. Lindíssima. Bagunceira, confusa, elegante, com o cabelo preso, com o cabelo solto, liso, louco, rebelde. Com duas tranças, com um vestido de flores, com uma jardineira meio caída, com um traje com jaqueta perfeito, com uma camisa azul e com o pescoço alto e uma saia azul marinho debaixo. Com uma calça clara, com uma calça pirata, com uns jeans rasgados na costura, que se destacam, que se fazem notar. Como toda sua roupa da Yoox. Os acessórios. As cores. A fantasia de saber se reinventar diariamente. Assim, tal como ela é. Sai sempre desse mesmo portão e sempre de maneira diferente. Mas eu vi algo que é sempre igual: seus olhos, seu rosto. Arrastam os sinais distantes de um desgosto vivido. Como um sonho precioso interrompido por uma persiana levantada com muita fúria.

Como um som insistente de um celular que alguém se esqueceu de desligar e que faz soar outro que errou o número e, ainda pior, alguém que não tem nada o que dizer. Como um alarme soando por causa de um ladrão torpe que já fugiu na noite. Uma vida distraída golpeou com o cotovelo sua felicidade. E foi eu. E não posso me esconder, não posso me justificar. Tão só posso me fazer perdoar de alguma forma. Aí está. A vejo sair, a vejo passar. Está em seu carro. E pela primeira vez depois de tantos dias escondido nas sombras, dou um passo adiante e cruzo com seu olhar. Detenho seus olhos. Os faço meus por um instante. E pelos ternamente nublados, sorrio. Falo e

explico e conto e tento fazer com que não vão embora. Tudo com um olhar. E seus olhos parecem escutar em silêncio, assentir, entender, aceitar isso que espero que estejam dizendo os meus. Depois, esse silêncio feito de mil palavras, mais intenso que nunca, é interrompido. Gin baixa o olhar em busca de algo, de um pouco de força, de um sorriso, de alguma palavra pronunciada em voz alta. Mas não encontra nada, nada. Então volta a me olhar e sacode ligeiramente a cabeça. Sua bochecha faz uma pequena careta, um esboço de um meio sorriso, talvez uma sombra de possibilidade, como dizendo: "Não, ainda não, é muito cedo".

Ao menos isso é o que eu quero ler. E se afasta assim, diretamente para onde não posso saber, até a vida que lhe espera, talvez até um novo sonho, seguramente melhor do que a que eu roubei. E tem razão. Merece. Assim fico ali em silêncio. Acendo um cigarro. Dou algumas tragadas e jogo no chão. Não tenho vontade de nada. Depois entendo que não é verdade. Então tiro algo do porta-malas.

●●●

Distante, muito distante nessa mesma cidade. Carros em movimento, buzinas, guardas atarefados, ajudantes inexperientes treinados só em maldade. Rina, a assistente dos Gervasi, sai do edifício dos Stellari. Cumprimenta o porteiro com seu habitual sorriso excessivo e segue decidida até o contêiner de lixo, acompanhada por um perfume barato que dificilmente esconde o trabalho de toda a jornada. Abre o contêiner empurrando com força a barra de ferro com um pé decidido. Lança a bolsa de lixo descrevendo um arco perfeito, melhor que uma jogadora de vôlei. O contêiner se fecha novamente, como uma guilhotina soltada por um carrasco distraído. Mas não pode acabar seu caminho. Em um canto aparece um pôster enrolado. É a foto ampliada desse garoto e essa garota montados sobre uma moto que "faz uma volta".

O grito rebelde desse momento de felicidade... desse amor já dissolvido no tempo. Tudo já passou. E agora, como acontece muito, acabou no lixo.

●●●

Pallina sai correndo de seu portão. Alegre e decidida, elegante como nunca esteve. Sobe no carro e o beija rindo. Quer voltar a ter as rédeas de sua vida.

— Bom, aonde vamos?

— Aonde você quiser.

Pallina o olha e sorri.

Decidiu tentar outra vez. E ele é a pessoa adequada.

— Decida você: Vamos sem rumo por uma noite.

E Dema não se faz rogar.

Esperava este momento há anos. Coloca a marcha suavemente e se perde suavemente

no tráfego. Depois sobe um pouco o volume do som e sorri.

●●●

Eva, a aeromoça, acaba de chegar em Roma. Deixa a mala no quarto de hotel e em seguida tenta chamá-lo.

Nada, o celular está desligado. Pena, gostaria muito de poder vê-lo. Não tem problema. Pensa um pouco. Depois sorri e marca outro número. Alguém que viaja tanto sempre tem outro número.

●●●

Daniela está sentada em seu quarto. Acaba de saber que será menino. Folheia o livro de nomes, indecisa: Alessandro, Francesco, Giovanni... Busca a origem e o significado de cada um. Tem que ser um nome importante, de um caudilho, ou bem um desses estranhos, especiais, que não se esquecem. E sorri feliz para seus pensamentos. Ao menos isto pode decidir sozinha. Depois se preocupa: E se o nome que escolhe é o mesmo que o de seu pai? Por isso fica perplexa e abandona esse "Fabio" que lhe parecia tão adequado. Quer ir por algo seguro... e não sabe o inútil que é essa sua dúvida. Certamente esse garoto

nunca saberá o nome de seu pai.

●●●

Babi está em seu quarto.

Repassa feliz a lista de convidados. Falta pouco. Uma droga que mamãe quis convidar também os Pentesi, que eu não suporto, e a uns primos que nunca vemos. Mamãe e suas regras. Depois, por um instante, pensa que essa ideia lhe gostaria muitíssimo. Sim, seria uma ideia maravilhosa. Convidar Step para seu casamento.

Seria uma afronta. E ela não percebe o muito que se parece com sua mãe. Melhor dizendo, não, é muito pior.

●●●

Duas senhoras olham ao seu redor. Querem estar seguras de que não há ninguém perto. Depois, tranquilas, abelhudas conspiradoras da fofoca inútil, podem se desafogar finalmente.

— Te asseguro, o vi com uma garota jovem, muito morena...

— Não acredito... Mas você o viu pessoalmente?

— Não, mas uma pessoa de muita confiança me contou.

— Acho que já sei quem te disse: contou também para mim, mas disse que não contasse para ninguém. De qualquer forma, não é morena, é de cor! É brasileira!

— Sério? Que estranho, nunca teria esperado isso dele.

— Por que não? Ela é insuportável.

As duas mulheres riem.

Depois ficam um pouco desgostosas com essas risadas. Talvez estejam se perguntando: Como somos nós com nossos maridos? Acabam então se sentindo culpadas, por não saber dar uma resposta. Talvez, no fim, não são tão diferentes dela. Raffaella está no fundo da sala. Ambas a olham. Ela cruza seu olhar e sorri de longe. Elas também sorriem, cúmplices e um pouco

torpes. Depois se olham outra vez. Nos terá descoberto? Haverá entendido que falávamos sobre ela? E cada uma fica com sua dúvida, enquanto Raffaella já não as olha. Dedica agora toda sua atenção a seu adversário.

— *Et voilá*... se acabou o segundo baralho. E olha... eu fiz também um buraco!

Começa a contar depressa os pontos, contente, sem perder as conversas inúteis.

●●●

— Mas, árbitro, se não era!

Claudio se levanta, com seu chapéu de viseira que quase voa, tanto é o ímpeto de seu entusiasmo, de sua felicidade. Volta a acomodar o chapéu e se senta de novo junto a Francesca.

— Você também viu, Fra, não era?

E ela assente com a cabeça, embora não entenda muito de futebol.

— Não há nada que fazer, sempre o mesmo! Querem que ganhe o Aniene e sempre acaba assim aqui, no Canottieri Lazio! E tudo por que tem mais sócios.

Claudio, satisfeito com sua genial intuição, abraça Francesca dando-lhe inclusive um beijo nos lábios, sem importar-lhe nada nem ninguém. Quem o conhece? Quem poderia vê-lo? Quem poderia julgar? Quem poderia dizer "Mas como pode ser, se ela tem vinte anos a menos que você!" Depois Claudio, voltando a olhar a partida, se dá conta de que um pouco mais a frente estão ninguém menos que Fillipo Accado e sua mulher. Ouviram-no gritar e agora estão olhando-o. Ele os saúda, com um grande sorriso, quase gesticulando:

— Olá Fillipo, olá Marina — e abraça Francesca outra vez, querendo confirmar a todos os efeitos e definitivamente essa excelente escolha sua. Também porque, para ser exato, tinha vinte e quatro anos a menos que ele.

Os Accado esboçam um sorriso, preocupados por terem se convertido em inocentes testemunhas do que, ao menos para eles, até esse momento tinha sido só fofocas. Claudio sabe. E está contente de ter confirmado tudo.

Depois olha para Francesca. Bonita, doce, naturalmente bronzeada, jovem e, sobretudo, sexy! E lhe sorri.

— A verdade é que se eu me chamasse Paolo... seríamos os Paolo e Francesca do terceiro milênio!

E ela, que não entende nada de futebol e nem de muitas outras coisas, assente também desta vez. Claudio compreende que pede muito. É verdade, não se pode ter tudo. E então, para reafirmar quão acertada foi sua escolha, pega um cigarro. Está a ponto de acendê-lo, mas desta vez Francesca sabe o que dizer:

— Claudio, você acabou de fumar um...

— Tem razão, querida.

Sorri, mete de novo o cigarro no pacote e depois volta a olhar a partida. Pelo canto do olho, observa Francesca sem que ela se dê conta. Ela masca um chiclete com a boca aberta, cantarolando uma estranha canção brasileira. Tem o olhar um pouco idiota, perdida em quem sabe que pensamento. Eu fiz bem? É realmente isto que queria? Claudio sente um instante de pânico. Bom... sim, acho que sim. Ao menos até que dure. Depois volta a pensar em sua grande decisão. No grande salto que deu faz apenas uma semana. No fundo, foi Francesca quem me convenceu de tudo. Sim, ela é a mulher que esperava. Devo tudo a ela. É mérito seu que o Z4 azul céu está agora estacionado fora do campo. Então Claudio se dispõe outra vez a olhar a partida, entusiasta e feliz.

— Ânimo, garotos! Empatem! Metam um gol!-– E não sabe que precisamente nesse momento um ladrão da Garbatella levou seu Z4. Com um simples cúter de um euro, se levou quarenta e

dois mil... Euro acima, euro abaixo.

●●●

Paolo e meu pai decidiram ir ao chinês da via Valadier, este aonde todos vão e de onde todos saem cheirando a fritura. Estão sentados em uma mesa. Riem e brincam na companhia de suas namoradas. Pediram um monte de comida. Desde algas fritas até os inevitáveis rolinhos primavera, desde porco agridoce

até pato pequinês, passando pela sopa de barbatana de tubarão, ao porco frito, ao ravióli ao vapor, e outro na chapa, até o prato especial. Provaram tudo. Estão se empanturrando provando os diversos tipos de molhos nessa estranha plataforma giratória que os chineses põem no centro da mesa para que você se sinta um perfeito oriental. Mas quando te chega a conta, embora esteja escrito em chinês e há uma estranha linha final que indica um pseudo-desconto, deveria entender que eles serão sempre e só um ocidental. Paolo e meu pai brigam pela conta. Os chineses ficam ali adiante, se divertem e sorriem enquanto os observam. Eles não se importam... Depois da ridícula pantomima de sempre, acabe como acaba, um dos dois pagará a conta.

●●●

Martina e Thomas estão sentados na escadaria do bloco. Comem um pedaço de pizza. De tomate.

— Que gostosa... onde você comprou?

— Aqui ao lado. Você gosta?

— Muito.

— Sabe? Faz tempo que queria te convidar, mas não sabia se você gostaria.

— É claro que eu gostaria!

E mais, talvez amanhã eu compre e nós vamos merendar aqui. Se estiver bem, sentados na escadaria. Que você acha?

— Super.

Depois, Thomas limpando como pode sua boca com a camiseta, decide contar.

— Sabe, Marti? Faz uns dias estava passeando pela praça quando me aconteceu uma coisa muito estranha.

— O quê?

— Foi precisamente aqui. Estava esperando Marco, que deveria me devolver a bola, e logo parou um cara em uma Honda azul. Um mais velho, de pelo menos vinte anos. Desceu, me deu um soco e depois, sabe o que me

disse?

— Não, o quê?

— "Deixe Michaela em paz". Voltou a subir na moto e foi embora. Você percebeu? Michaela sai com um cara de vinte anos!

É um instante. Martina sorri sem que seu amigo se dê conta. Não pode acreditar: Step. Esse cara está louco. É um desses que não se encontram muito na vida. Mas se acontece, não fica mais que alegrar-se. Mas Thomas não para.

— E sabe com quem se parecia? Você se lembra desse cara com quem você estava conversando faz um tempo? Sim, quando eu estava sentado na corrente e te cumprimentei, e você estava conversando na frente de uma banca... Sabe de quem estou falando?

— Sim, já sei sobre quem está falando, mas está errado. Não é esse cara. Além disso, você acha que alguém assim sairia com Michela? Com Michela sai alguém como você.

— Eu? Mas está louca? Eu fui atrás dela por que ela agenciou meu CD do Simple Plan, sabe? "Still Not Getting Any". Faz um mês que lhe emprestei. Mas ao que parece, quando eu lhe

disse "Se chama Pietrito e volta só", ela entendeu que o CD voltava só!

Martina sorri. Não tanto pela tentativa fracassada de brincadeira, senão por que começa a entender como as coisas estão.

— De qualquer modo, se for esse cara, diga-o: que eu não me importo com Michela.

— Claro, tem medo...

— Como que medo! Se pego este lhe dou uma surra! Bom, quer dizer, talvez dentro de alguns anos... Te juro que entrarei na academia. E mais, não, ainda mais, entrarei no curso de wrestling:

quero ser como John Cena. Talvez até componha um rap. É um cara fortíssimo, sabe quem é?

— Não.

— Mas não conhece ninguém!

— Thomas dá de ombros e dá outra mordida na pizza. — Hmm, que gostosa...

Ao final ele sorri também, esquecendo-se dessa história. E faz bem. Na

vida sempre buscamos explicações.

Perdemos tempo buscando um por quê. Mas, às vezes, não existe. E por triste que pareça, essa é precisamente a explicação. Thomas fala com Martina, riem e brincam sobre outras coisas. Depois se olham. Ela igual como sempre. Ele, talvez como nunca tenha feito. E sorri. Talvez por que ela o tranquilizou sobre esse soco. Talvez simplesmente por que essa garota não está tão mal. Não sabe.

Não importa. Enquanto isso, acaba a pizza. E começa algo.

●●●

Algo mais distante. Outro bloco de apartamentos. Ali onde de um modo ou outro irão parar lodos. Sem escrituras, sem inversões previstas ou golpe de sorte. Onde se é convidado com naturalidade. Sem reuniões de vizinhos, sem um administrador aborrecido ou um vizinho muito ruidoso. Esse lugar onde não importa quanta vontade, se não quanto você foi capaz de dar. O cemitério. No silêncio desses jardins cuidados, tantos nomes ou simples fotos não conseguem contar muito de todas essas vidas. Mas os rostos, os sorrisos, a dor de seus visitantes contam em um momento a beleza de tudo o que foi e sua contínua ausência. É isso. Faz um tempo que Pollo já não está só. Agora há outro pedaço da vida de Step que lhe faz companhia: sua mãe. Os dois têm flores bonitas, ainda frescas de vida e de amor. Esse amor que Step nunca poupou, que nunca teve possibilidade de demonstrar até o fundo. E no silêncio de cada dia, no eco distante da música da vida que continua, um amigo e uma mãe estão conversando. Dele. De tudo que aconteceu, do que as regras da vida não permitiu fazer. Essas palavras que nunca foram ditas, mas que sempre chegaram. Por que o amor nunca se perde.

Quando subo na moto já anoitece. É precisamente nesse momento quando vejo Gin regressar. Conduz veloz, tal como ela é. Acompanha a curva com a cabeça, cantarola a canção que está escutando nesse momento. Talvez saiba qual é. Me parece outra vez alegre. Como sempre. Tal como a havia deixado. Contente de seu sorriso, da vida que leva, dos sonhos que persegue, dos limites que não conhece. Livre. Livre de tudo isso que não lhe interessa e

inclusive ainda mais. E então me afasto assim, vendo-a assombrada, enquanto sorri. E sou feliz. Como faz muito que não era... Culpado só dessa indiscrição, imensa, que ocupa toda a fachada da sua casa. Esplêndida,

direta, bonita. E agora já não tenho dúvidas. Não tenho remorsos, não tenho sombras, não tenho pecado, não tenho passado. Só tenho uma vontade enorme de voltar a começar. E de ser feliz.

Contigo, Gin. Estou seguro. Sim, é sim. Vê? Até está escrito: "Tenho vontade de você".

Fim

Esta obra foi digitalizada/traduzida pela Comunidade Traduções e Digitalizações para proporcionar, de maneira totalmente gratuita, o benefício da leitura àqueles que não podem pagar, ou ler em outras línguas. Dessa forma, a venda deste e-book ou até mesmo a sua troca é totalmente condenável em qualquer circunstância.

Você pode ter em seus arquivos pessoais, mas pedimos **por favor que não hospede o livro em nenhum outro lugar**. Caso queira ter o livro sendo disponibilizado em arquivo público, pedimos que entre em contato com a Equipe Responsável da Comunidade – tradu.digital@gmail.com

Após sua leitura considere seriamente a possibilidade de adquirir o original, pois assim você estará incentivando o autor e a publicação de novas obras.

Traduções e Digitalizações
Orkut - http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=65618057
Blog – http://tradudigital.blogspot.com/
Fórum - http://tradudigital.forumeiros.com/portal.htm
Twitter - http://twitter.com/tradu_digital
Skoob - http://www.skoob.com.br/usuario/mostrar/83127